

# HETERARQUIA URBANA

INTERAÇÕES ESPACIAIS INTERESCALARES  
E CIDADES MÉDIAS

**MÁRCIO JOSÉ CATELAN**

# HETERARQUIA URBANA

CONSELHO EDITORIAL ACADÊMICO  
Responsáveis pela publicação desta obra

**Comissão**

Eda Maria Goes

Margarete Cristiane de Costa Trindade Amorim

**Conselho do Programa de Pós-Graduação em Geografia**

Antonio Cezar Leal (coordenador)

Rosangela Aparecida de Medeiros Hespanhol (vice-coordenadora)

Eda Maria Goes

Eduardo Paulon Girardi

João Osvaldo Rodrigues Nunes

José Tadeu Garcia Tommaselli

Marcelo Dornelis Carvalhal

Maria Encarnação Beltrão Sposito

Jonatas Lima Candido (representante discente)

Lindberg Nascimento Junior (representante discente)

MÁRCIO JOSÉ CATELAN

# HETERARQUIA URBANA

INTERAÇÕES ESPACIAIS  
INTERESCALARES  
E CIDADES MÉDIAS

**CULTURA**  
**ACADÊMICA**   
*Editora*

© 2013 Editora UNESP

**Cultura Acadêmica**

Praça da Sé, 108

01001-900 – São Paulo – SP

Tel.: (0xx11) 3242-7171

Fax: (0xx11) 3242-7172

www.culturaacademica.com.br

feu@editora.unesp.br

CIP – BRASIL. Catalogação na publicação  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

---

C357h

Catelan, Márcio José

Heterarquia urbana: interações espaciais interescalares e cidades  
médias / Márcio José Catelan. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.

Recurso digital

Formato: ePDF

Requisitos do sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7983-460-8 (recurso eletrônico)

1. Economia urbana. 2. Geografia urbana. 3. Geografia – Aspectos  
sociais. 4. Livros eletrônicos. I. Título.

13-07314

CDD: 327

CDU: 327

---

Este livro é publicado pelo Programa de Publicações Digitais da Pró-Reitoria de Pós-Graduação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP)

Editora afiliada:



Asociación de Editoriales Universitarias  
de América Latina y el Caribe



Associação Brasileira de  
Editoras Universitárias

*Aos meus pais e irmãos,  
pelo apoio, amor e carinho.  
À Leticia,  
pela vida que dividimos e  
pelo amor que multiplicamos  
a cada dia.*



## AGRADECIMENTOS

A publicação deste livro não seria possível sem o envolvimento de pessoas e instituições. Uma obra e seu conteúdo chegam ao seu primeiro amadurecimento somente com a interlocução, por isso não podemos deixar de explicitar sinceros agradecimentos aos amigos e às instituições citados a seguir. Assim agradeço aos professores que participaram ativamente de meu processo de formação; aos familiares que torceram por mim; aos sogros Nair e Aparecido, que sempre me apoiaram; a todos meus amigos – Elaine, Zé, Izide, Cinthia, Verônica, Diego, Oséias, Driele, Igor, Maria Angélica e Paula Lindo, Rafael, Raquel e André – que tornaram a vida mais leve; aos professores e amigos Arthur Magon Withacker, Carmen Bellet e Josep María Llop e Mónica Arroyo; a Daniel, Esther e Aaron que me ajudaram durante a estada na Universitat de Lleida; ao grupo de pesquisa “Produção do espaço e redefinições regionais”; à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) e à Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível de Superior (Capes); e ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista.

Por fim, agradeço à professora Maria Encarnação Beltrão Sposito o compromisso, a confiança depositada, a orientação e as muitas

oportunidades de aprendizado que me ofereceu. A amizade que brotou durante os anos de orientação deveu-se ao respeito que sempre tivemos, agora expressa em nosso cotidiano de trabalho. Com muito carinho, obrigado!

*“A epistemologia não é uma forma de estabelecer o modelo, ideal, único e infalível para produzir conhecimento. É um campo de tensões e discussões. [...] Seja como for, parece que cabe à geografia tomar a si a tarefa de discutir o complexo sistema de posições e de localização, tentar desvendar o papel e a importância desse sistema na estrutura dos fenômenos e de demonstrar o valor dessa análise para a compreensão deles.”*

(Gomes, 2009, p.29-30)



# SUMÁRIO

Prefácio	13
Apresentação	17
Introdução	21
1 As interações espaciais interescares como perspectiva analítica: da estruturação às articulações – a hierarquia e a heterarquia na rede urbana	37
2 Bauru, Marília e São José do Rio Preto: as redes e os fluxos regionais	83
3 Os processos de concentração e centralização econômica e espacial nas cidades médias de Bauru, Marília e São José do Rio Preto	127
4 Cidades médias: novos territórios em/da globalização	197
Considerações finais	265
Referências bibliográficas	277



## PREFÁCIO

O livro que apresentamos contém um marco conceitual e metodológico que possibilita entender as mudanças nos papéis e nas funções que cidades médias desempenham em suas interações espaciais multiescalares, num mundo globalizado. Como bem aponta o autor, essas interações sempre ocorreram a partir das cidades médias em escalas diferentes e essa é, de fato, a vocação básica e principal delas: interatuar com e entre diversas escalas. O novo seria: o aumento e a densidade das interações espaciais interescalares; o alcance espacial, segundo o qual elas se produzem, o que pode alcançar a escala internacional; e a intensidade e profundidade das mudanças que decorrem desse processo.

Trata-se, então, como logo verá o leitor, de um exercício inovador que enriquece não somente o estudo das cidades médias, como também o conjunto das pesquisas na Geografia Urbana.

A primeira das inovações trazidas pela investigação científica deste livro fundamenta-se na excelente análise realizada por meio da sobreposição espacial dos fixos territoriais e dos fluxos, o que possibilita entender as cidades não somente na escala local, mas também como nós que articulam fluxos e realizam interações de natureza muito diversa. Para combinar essas duas perspectivas, a da cidade e a da rede, o que não é fácil e o que os estudos urbanos nem

sempre têm feito de forma efetiva, o autor adota como dimensão analítica chave, o movimento, que se mostrou fundamental para entender as transformações socioespaciais atuais na era da unicidade técnica e da integração espacial global.

Por meio da adoção dessa dimensão analítica encontramos a segunda grande inovação contida neste livro. O movimento estimula-nos a pensar os territórios, as regiões e as cidades de forma diferente num mundo dominado e controlado por redes que facilitam as interações e os fluxos. Como dimensão analítica, ele completa e enriquece o tratamento do par clássico de estudo da Geografia – espaço e tempo –, ou seja, possibilita olhar a interação entre cidades no tempo. Trata-se de um espaço cada vez mais caracterizado por ser basicamente relacional. As interações interescolares possibilitam entender as cidades médias não apenas como nós de redes complexas, como também como pontos de intersecção de várias escalas. Trata-se de interações que já não são somente de tipo hierárquico, mas se constituem, cada vez mais, como heterárquicas, e aqui está a terceira inovação teórico-metodológica que é desenvolvida neste livro.

A noção proposta por Márcio José Catelan – heterarquia urbana – não é apresentada como polo oposto à hierarquia, mas como composição de um par que, como tantos outros, revela-se pelas tensões e contradições que lhe constituem. Elas podem ser sentidas, no período atual, entre lógicas espaciais pretéritas que permanecem e novas que a elas se combinam e se articulam, as quais respondem às demandas de tempo atual, em que as tecnologias de informação e comunicação possibilitam interações espaciais que nem sempre são hierárquicas.

Nesses termos, o autor oferece a oportunidade de uma perspectiva teórico-metodológica, que sintetiza fluxos de diferentes tipos e interações espaciais multiescolares, que combina estruturas hierárquicas e relações heterárquicas, por meio de ações verticais, horizontais e transversais que reforçam os papéis regionais das cidades médias e, de outro lado, oferecem a possibilidade, que poderá se realizar ou não, de que elas se articulem nacional e internacionalmente, no âmbito de suas redes urbanas e mesmo com outras.

Tudo isso provoca transformações, tanto quanto nelas tais transformações se revelam, indicando que se trata de um movimento de dupla direção. Elas podem ser observadas nas estruturas espaciais das cidades médias e nas articulações que se realizam a partir dela e até ela com outros locais e territórios. Do ponto de vista teórico, colocar luz no movimento e, portanto, nas interações espaciais oferece condições, assim, para enfocar as cidades médias e realizar os estudos urbanos de forma mais abrangente, ao cruzar o dinâmico e o estático, ao relacionar o olhar sobre o local e o território ao olhar sobre os fluxos.

As interações espaciais são analisadas no livro por meio do estudo dos agentes econômicos, buscando compreender as empresas e as lógicas empresariais que alcançam escalas diferentes, sem que a local e a regional percam importância, mas fazendo que elas sejam redefinidas ou, como escreve o próprio autor, ressignificadas a partir de uma ordem global.

A ideia de heterarquia que já tinha sido apresentada por René Armand Dreifuss, em 2001, com outros objetivos, é desenvolvida neste livro que resulta de uma tese de doutorado defendida no Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista, *campus* de Presidente Prudente, pensada, muito mais, a partir de uma perspectiva econômica, muito embora possam ser valorizadas outras dimensões a partir desta proposta.

Bauru, Marília e São José do Rio Preto são as cidades analisadas. Por meio delas, a ideia de heterarquia é colocada em ação. Os três municípios estão localizados no estado de São Paulo, ocupam situações geográficas e têm tamanhos demográficos diferentes, o que explica porque têm importâncias na rede urbana que se distinguem entre si, embora todos tenham sua origem associada à formação socioespacial constituída pela economia cafeeira. Na consideração das identidades e diferenças entre essas cidades, reside a possibilidade de mostrar como se estabelecem as interações espaciais entre elas e outros municípios, revelando particularidades deste grupo e as singularidades que as distinguem. Foi analisada tanto a influência regional delas, como as interações espaciais que realizam em múl-

tiplas escalas, tomando como referência, sobretudo, os fluxos de importação e exportação.

Como um aspecto adicional para caracterizar esta obra é interessante informar que ela se produziu no âmbito de esforço que vem sendo efetuado por diferentes pesquisadores na direção de oferecer base teórica e metodológica aos estudos de cidades médias. A pesquisa foi realizada no Grupo de Pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Regionais (Gasperr) da Unesp, beneficiou-se do diálogo com a Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias (ReCiMe) e com os pesquisadores que lideram a Cátedra Unesco Ciudades Intermedias y Urbanización Mundial, sediada na Universidad de Lleida, na Espanha, onde o autor realizou estágio durante sua formação doutoral.

Aos leitores, para sintetizar nossos argumentos em favor desta obra, podemos afirmar que este livro oferece, simultaneamente: uma noção conceitual, que é importante como ferramenta teórica e que poderá ser mais desenvolvida pelo autor e por outros pesquisadores; um caminho metodológico para os que se interessam pelos estudos de cidades médias e pela abordagem a partir da perspectiva da escala geográfica; e, por fim, bons conhecimentos para os interessados em compreender as três cidades estudadas no âmbito da rede urbana paulista.

Boa leitura!

*Maria Encarnação Beltrão Sposito*  
Universidade Estadual Paulista (Unesp)

*Maria Carmen Bellet Sanfeliu*  
Universidad de Lleida (UdL)

# APRESENTAÇÃO

Este livro foi elaborado a partir da tese de doutoramento realizada no período de 2009 a 2012, de mesmo título, defendida em agosto de 2009, cujo objetivo foi propor uma leitura do espaço, tomando como referência a urbanização, a rede urbana e as cidades médias, de acordo com a complexidade das interações espaciais no mundo contemporâneo, uma vez que elas articulam escalas geográficas, alterando as lógicas e a produção do espaço que passam a ser resultado, também, dos interesses e dos destinos do capital corporativo.

As cidades médias de Bauru, Marília e São José do Rio Preto, localizadas no estado de São Paulo, passam por esse processo e movimento de transformação das lógicas e, também, de suas condições de estruturação e de articulações na rede urbana em múltiplas escalas. Esse fato implicou a elaboração de uma perspectiva analítica e um caminho metodológico que pudesse centrar as cidades médias estudadas na complexa e múltipla natureza da hierarquia urbana, realidade que nos ajudará a pensar a classificação das funções e dos papéis dessas cidades na rede urbana, bem como centrá-las no movimento do processo de urbanização.

Além disso, trazemos a público a leitura dessas cidades médias e da própria rede urbana por meio da perspectiva analítica da *heterar-*

*quia urbana*.<sup>1</sup> A análise proposta, a partir dessa concepção teórica, não irá contrapor nem desconsiderar os estudos de hierarquização das cidades e das redes. Trata-se, sim, de uma ampliação do enfoque, considerando essa forma de estruturação das redes ainda forte, impulsionado pela consolidação do capital em espaços onde antes não haviam sido realizados investimentos capazes de modificar a articulação dessas cidades médias em múltiplas escalas.

E diante dessa transformação das relações espaciais, ampliam-se, sobremaneira, bem como se complexificam, as funções e os papéis das cidades, como vêm acontecendo com aquelas que consideramos, conforme nosso arcabouço teórico-metodológico, como “médias”. As horizontalidades e as verticalidades encontram-se nessas cidades, fazendo com que suas funções e papéis sejam reconhecidos, tanto na consolidação de uma rede regional como pela interação com as lógicas das escalas nacional e, principalmente, a global.

Assim, as cidades médias são tomadas por suas funções e papéis sem o compromisso de classificá-las em algum nível e/ou patamar da hierarquia urbana. Valorizamos suas funções e seus papéis como resultado das interações espaciais interescolares, quando lógicas de diferentes escalas se encontram. É nosso foco analítico a condição das cidades médias na rede urbana tanto por meio das articulações regionais como nas escalas nacional e global.

É nesse contexto que brotaram os objetivos colocados para a realização deste trabalho: o espaço relacional das redes de cidades (conjuntos de cidades organizadas de acordo com características definidas) e das cidades em redes (o modo como cada cidade é arti-

---

1 O prefixo “hetero” significa o que é diferente ou diverso. A palavra “heterarquia” não pode ser encontrada em dicionário, e, se fosse, por normas de utilização desse prefixo, o correto seria “heteroarquia”, correspondente antônimo do significado de “hierarquia”. Entretanto, não é o caso do conceito “heterarquia” tomado para demonstrar também o diferente e/ou diverso, mas não fazendo oposição à hierarquia encontrada na rede urbana. O conceito de “heterarquia urbana” é mais uma complementação metodológica aos estudos sobre a rede urbana.

culada com outras de mesmas ou diferentes articulações escalares). Dessa dupla concepção analítica verificamos a densidade, o alcance e a intensidade nessas redes de cidades e dessas cidades em rede. Daí a proposição analítica formada pelo par hierarquia-heterarquia para compreendermos nossa dimensão analítica chave – o movimento relacional no espaço.

Já na introdução, numa primeira seção, optamos por tratar do contexto analítico das pesquisas pretéritas e atuais que se dedicaram à temática das cidades médias, e, numa segunda seção, mostraremos um breve histórico de fundação dessas cidades, seguida da estruturação detalhada de cada capítulo. Resumidamente, esses capítulos foram organizados tanto por nossos objetivos de validação da, em primeira instância, ainda ideia de heterarquia urbana, como para demonstrar as lógicas presentes em nossos recortes territoriais – as cidades de Bauru, Marília e São José do Rio Preto. Por isso, no primeiro capítulo, ressalta-se o esforço de consolidação de nossa proposição teórica fundamentada no debate das interações espaciais interescalares e articulação com a ideia de heterarquia urbana para compreendermos as funções e os papéis das cidades médias na rede urbana.

É por considerarmos o espaço em rede que, no segundo capítulo, destaca-se a análise do conceito de rede a ser adotado, bem como a formação da rede regional de influência a partir da centralidade exercida pelas cidades médias em questão. No terceiro capítulo, valorizamos o movimento de concentração econômica e espacial gerado pelos interesses atinentes à reprodução do capital, como também pelos agentes empresariais presentes nessas cidades médias, para, no quarto capítulo, demonstrarmos a inserção dessas cidades médias no mercado global e também como as lógicas da globalização chegam a esses espaços urbanos via empresas e agentes empresariais.

No conjunto, esses capítulos reúnem conteúdos e significados para buscarmos a elaboração de nossa proposição teórico-metodológica de que as cidades médias devem ser observadas por meio de suas funções e de seus papéis em múltiplas escalas e que sua presen-

ça na rede urbana e as interações espaciais interescares presentes nas redes urbanas levam a articulações complexas na organização e estruturação hierárquica da rede de cidades, sendo o espaço em rede explicado, também, pela heterarquia urbana.

# INTRODUÇÃO

A temática deste livro foi escolhida e desenvolvida a partir de estudos pretéritos e atuais que tiveram e têm como objetivo a análise da presença e das características específicas das cidades médias na rede urbana. Por essa razão, optamos por apresentar ao leitor uma introdução em duas partes: uma primeira que versa sobre alguns estudos e perspectivas metodológicos que tiveram como compromisso tais debates, já que a partir deles é que chegamos à elaboração da hipótese e da tese defendida que deu origem a este livro; e uma segunda parte em que exporemos breves considerações sobre nosso recorte territorial articulando-o aos nossos recortes analíticos, a partir dos quais apresentaremos a estrutura e o plano de exposição elaborado para buscarmos a validação de nossa hipótese teórico-metodológica – a heterarquia urbana.

## **Cidades médias: construção metodológica e perspectivas analíticas**

Para debatermos as funções e os papéis das cidades médias na rede urbana, considerando, principalmente, as interações entre as escalas, tomar a relação entre a estruturação e as articulações na

rede de cidades tornou-se indispensável como fundamento teórico-metodológico do conteúdo apresentado neste livro. Em momentos diferentes, vários estudos buscaram compreender o conceito de cidades médias, bem como sua inserção, posição e condição na rede urbana.

Um primeiro para o qual chamamos a atenção do leitor já foi debatido por Sposito (2007, p.9) quando destaca os cuidados que devemos ter ao adotarmos a expressão “cidade média”. A autora esclarece a diferenciação dessa denominação com o que consideramos como “cidade de porte médio”, expressão mais utilizada para referir-se ao tamanho demográfico. Essa diferenciação metodológica indica que a denominação “cidade média” abarca, além da variação e da amplitude no tamanho demográfico delas nas diferentes redes urbanas, as funções e os papéis que elas desempenham em múltiplas escalas, principalmente na escala regional.

À parte diversos esforços, encontra-se, ainda, em construção do conceito “cidade média”, e, para tal, são importantes a caracterização e a apreensão de seus papéis na rede urbana brasileira. Diante de tal desafio, instituições de caráter político-administrativo e também algumas pesquisas acadêmicas, principalmente aquelas realizadas pela geografia urbana, têm se dedicado aos estudos sobre as cidades médias (Sposito, 2001).

Na direção de contribuir para a construção de um conceito capaz de abarcar uma realidade complexa dada por processos e dinâmicas de diferentes naturezas e escalas, nosso estudo sobre as cidades médias parte da análise das atividades, funções e papéis por elas desempenhados, como forma de atualizarmos seu significado no âmbito das redes e do processo de urbanização. Para isso, vale recuperarmos alguns autores entre aqueles que vêm oferecendo aportes para esse debate.

Segundo Amorim Filho (2007, p.69-70), que fez a primeira tese de doutoramento sobre a temática das cidades médias, utilizando a cidade de Formigas (MG) como recorte, “a preocupação com o grupo de cidades chamadas ‘médias’ desenvolveu-se, a partir dos anos 1950 e 1960, na Europa Ocidental e especialmente na

França”, por autores como George (1952), Rochefort e Hautreux (1960), Michel (1970) e outros.

De acordo com Castelo Branco (2006, p.245), “essa importância crescente das cidades intermediárias ocorre também no Brasil [...]”.<sup>1</sup> A partir das pesquisas que foram desenvolvidas tendo como foco a rede urbana, passou-se a reconhecer o peso significativo dessas cidades. Apesar da complexidade que vinha se desenhando no território brasileiro, e de modo mais intenso no estado de São Paulo, muitos estudos levavam ao reconhecimento de uma urbanização ainda caracterizada por forte hierarquia urbana. Porém, com o aumento de pesquisas em âmbito institucional e acadêmico, esses novos nós de articulação, distintos da dinâmica metropolitana, ainda que muito estejam atrelados a ela, ganham relevância como ferramenta metodológica e conteúdo analítico para compreender a estruturação e as articulações no âmbito das redes urbanas.

Nesse contexto de rápidas mudanças e ampliação do nível de complexidade das dinâmicas, diversificam-se as funções urbanas, já que algumas cidades despontam como centros em que a produção industrial e a ampliação do comércio e dos serviços públicos e privados passam a gerar ou reforçar atividades que podem redefinir os papéis das cidades nas redes às quais elas são articuladas.

Segundo Sposito (2001, p.615), no que se refere à realidade brasileira, “no âmbito acadêmico-científico, destaca-se, como trabalho pioneiro preocupado com a compreensão de uma cidade média, a tese de doutorado de Oswaldo Amorim Filho, defendida na Fran-

---

1 Os termos “média” ou “intermediária”, como utilizados por Castelo Branco (2006), ainda estimulam o debate, já que eles indicam quantidade e/ou posição. Sendo assim, veremos adiante que vale o esforço de pesquisas recentes em construí-los como conceitos, atribuindo ao termo “média” um conteúdo teórico-metodológico com significados mais precisos, pelo fato de que tais cidades não são somente espaços de intermediação, já que suas funções e papéis se constroem de acordo com outros conteúdos, como a concentração econômica e espacial, a centralidade regional e a inserção no mercado global, que as colocam numa condição para além da intermediação nas redes urbanas às quais pertencem.

ça, em 1974, que tinha como objeto de estudo a cidade mineira de Formiga”.

Outra grande contribuição aos estudos e às definições dos papéis desempenhados pelas cidades vem da produção científica de Milton Santos. Dentre os muitos textos em que o autor debate o papel de tais cidades na rede urbana brasileira, destaca-se sua análise no então chamado “Terceiro Mundo” (Santos, 1978), na sua obra *Manual de geografia urbana* (Santos, 1981), avançando posteriormente na discussão quando da publicação de seu texto intitulado “Espaço e sociedade no Brasil: a urbanização recente” (Santos, 1988). Sua contribuição foi importante sobretudo se considerarmos o debate sobre a adjetivação e a conceituação “média” e/ou “intermediária”, termos que fomentam o debate em torno das atividades e das funções urbanas para pensarmos seu papel na rede de cidades. Como ressaltou o autor, já no período em que publicara o texto, “as cidades intermediárias, são também chamadas de ‘cidades médias’, a que então chamávamos de ‘centros regionais’ [...]” (Santos, 1988, p.89).

Entretanto, é com a obra *A urbanização brasileira*, cuja primeira edição foi publicada em 1993, que as cidades médias são tomadas tanto por seu tamanho populacional como por seus papéis na rede urbana regional e nacional. Santos (2008, p.79) lembra, oportunamente, a fragilidade de considerar cidades médias apenas por seu tamanho demográfico, pois, para o autor:

Um dos problemas que se apresentam nas ciências humanas é o uso e a interpretação das séries estatísticas, pois o número, em momentos distintos, possui significado diferente. Nesse sentido, as séries estatísticas são miragens. O que chamávamos de cidade média em 1940/1950, naturalmente não é a cidade média dos anos 1970/1980. No primeiro momento, uma cidade média com mais de 20 mil habitantes poderia ser classificada como média, mas, hoje, para ser média, uma aglomeração deve ter população em torno dos 100 mil habitantes... Isto não invalida o uso de quadros estatísticos, mas sugere cautela em sua interpretação.

Nas pesquisas mais recentes no Brasil,<sup>2</sup> o adjetivo “média” é mais resultado de análise qualitativa do que, simplesmente, de quantificação demográfica, porque, quando utilizado, consideram-se as atividades, as funções e os papéis para compreendermos as dinâmicas dessas cidades, que dizem mais que a verificação exclusiva de seu tamanho. São as atividades, as funções e os papéis que as colocam em posições diferentes no âmbito das redes urbanas, o que depende de fatores diversos, decorrentes de suas interações espaciais em múltiplas escalas.

Corrêa (2007, p.33) perguntou se, na cidade média, temos “uma situação transitória, que evoluirá a *status* de grande cidade ou se estabilizará? Nesse caso, o que significa a estabilidade?”. A questão levantada pelo autor foi relevante para o debate realizado aqui, porque trata exatamente do enfoque teórico-metodológico a partir do qual vemos não somente o arranjo da rede urbana, mas, sobretudo, como se dão as interações espaciais entre os agentes e as empresas que participam do processo de constituição das redes urbanas em múltiplas escalas.

O esforço das pesquisas recentes que se dedicam a pensar as funções e os papéis das cidades médias não é o de classificá-las em ordem de tamanho, mas, sim, oferecer recursos metodológicos que poderão, ao longo do movimento da sociedade e das transformações no espaço, pensá-las por meio de tais processos.

Santos e Silveira (2001) publicaram o livro *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*, no qual, ao analisarem as atividades e as funções urbanas, as escalas são postas em análise juntamente com a proposta de estudo dos papéis desempenhados pelas cidades, considerando-se o consumo e a atuação de empresas sob a ordem da globalização. Os recursos metodológicos presentes nessa obra oferecem caminhos para se chegar ao debate de como as funções das cidades nas redes são importantes elementos, já que delas dependem a interação entre as escalas geográficas.

---

2 Entre elas, as pesquisas que vêm sendo desenvolvidas no âmbito da Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias – ReCiMe (2010-2011).

Pesquisas vêm sendo realizadas, também, por instituições oficiais, como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que elaborou estudos para efetuar a classificação dos centros urbanos em níveis hierárquicos, diferenciando-os segundo suas áreas de influência, o que implicou apreender a sua atuação escalar por meio das atividades econômicas e político-administrativas. Entre esses estudos, destacam-se as versões das pesquisas que deram origem ao trabalho intitulado *Regiões de influência das cidades*, publicados em 1978, 1993 e 2008 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2008). São estudos que tiveram como objetivo compreender o arranjo espacial da rede urbana, a partir de seus polos e suas respectivas áreas de influência.

Na última década, no que respeita ao ambiente acadêmico, destacamos o texto intitulado “As cidades médias e os contextos econômicos contemporâneos”, no qual Sposito (2001) oferece referências para refletir sobre esse conceito ou, pelo menos, efetuar a caracterização das cidades médias, além de propor a realização de pesquisas que contribuam para a discussão teórico-metodológica, no âmbito da rede urbana brasileira contemporânea, sobre os papéis desempenhados por tais cidades. Nesse texto, há elementos para a caracterização das atividades, das funções e dos papéis reunidos e desempenhados por uma cidade média, em detrimento da valorização do tamanho demográfico como fator explicativo para compreendê-la.

A autora, sem esgotar o debate, expõe os níveis decorrentes “do contexto de relações de cada cidade média”: no mercado regional, compreendido pela área de influência dessas cidades, polarizando aquelas de menor porte, em decorrência da busca de bens e serviços; e nas relações estabelecidas com cidades de maiores e mesmas características na rede urbana. Sobre este último ponto, valorizam-se as atividades industriais, o abastecimento e a distribuição dos mercados local, regional, nacional e internacional (ibidem, p.636). A autora identifica o quadro contemporâneo em que podemos visualizar o movimento socioespacial das interações das cidades médias na rede urbana.

A perspectiva atual dessas pesquisas, a nosso ver, tem como principal foco a verificação das atividades e das funções como qualificativas do papel que cada cidade média analisada irá desempenhar na rede urbana. Para isso, devemos valorizar o debate das interações espaciais entre agentes que se articulam em mais de uma escala. Esse cenário deve-se, sem dúvida, ao crescente processo de globalização que não homogeneiza completamente o espaço, mas altera o modo como as interações espaciais acontecem.

Para Bellet Sanfeliu e Sposito (2009, p.11, tradução nossa):

[...] o processo que denominamos “globalização” altera as tradicionais redes hierárquicas, estabelecendo novos contextos espaciais nos quais os fluxos que articulam entre si as cidades de uma mesma rede urbana serão menos hierárquicos. A extensão das relações econômicas em grande escala altera os papéis que desempenham as cidades de diferentes tamanhos e diferentes níveis de participação na complexa divisão do trabalho em escala global. Por sua vez, essa extensão das relações e a reordenação de funções acarretam a definição dos vínculos que se estabelecem em escalas local, regional e nacional. A globalização abarca, pois, a transformação não somente das características de cidade-nó, como também das relações que esta estabelece por meio das diferentes redes na qual participa e de sua posição sobre as demais.

Na perspectiva apresentada por elas, podemos perceber uma valorização da análise das funções urbanas como meio, no contexto da globalização, para se chegar a um debate que analisa as cidades mais pela complexidade, segundo a qual as escalas geográficas articulam-se. Nesse cenário, a hierarquização dos espaços urbanos deve ser repensada, bem como se estabelece um contexto que não pode ser explicado pelas visões que consideram como recursos metodológicos apenas as lógicas das escalas local e regional para pensar as cidades com dinâmicas diferentes daquelas metropolitanas.

A perspectiva apresentadas pelas autoras advém de duas redes de estudos acadêmico-científicas às quais nossa pesquisa está ar-

ticulada, cujo arcabouço teórico-metodológico influenciou nossas perspectivas analíticas. Trata-se da Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias (ReCiMe) que reúne pesquisadores do Brasil, da Argentina e do Chile, e também da rede de Estudos Urbanos da Universitat de Lleida, na Catalunha (Espanha), junto à Cátedra da Unesco intitulada “Ciudades Intermedias. Urbanización y Desarrollo”, que reúne pesquisadores de mais de 100 cidades médias no mundo para estudos comparativos.

É partir do conjunto metodológico dessas pesquisas, alguns dos esforços mais recentes de estudos sobre a temática das cidades médias, que a contribuição à construção desse conceito é também compromisso metodológico nesta obra. Este debate dar-se-á conforme haja capacidade de considerar as dinâmicas e os processos que as caracterizam como cidades num contexto mais amplo que o da escala regional, pois nos apoiamos na perspectiva de que elas ganham força, conformando rede de influências regionais, quanto mais se ampliam as interações espaciais por meio de agentes e empresas que atuam na escala nacional e internacional. Referimo-nos a uma concepção teórico-metodológica que contempla uma gama de procedimentos para compreender a natureza das cidades, que não se restringe, apenas, a uma escala geográfica ou a uma posição na hierarquia urbana, mas que considera com relevância articulações explicadas de acordo com as interações espaciais interescolares que a partir delas e até elas se estabelecem.

Nesses contextos analíticos, é que propomos pensar as cidades médias de Bauru, Marília e São José do Rio Preto conforme funções e papéis desempenhados nas redes às quais elas estão articuladas. O modo de como considerá-las no âmbito da rede – posição e situação geográficas – valoriza a estruturação e as articulações que envolvem as cidades médias em múltiplas escalas.

Assim, elas foram avaliadas de acordo com o complexo cenário das interações espaciais interescolares que articulam as cidades e as redes por meio das funções e dos papéis desempenhados. Nesse complexo cenário, a hierarquia torna-se um resultado e um ponto de partida para buscarmos a validação de que, nas redes de cidades,

há outro modo de pensarmos as articulações entre tais nós, proposto por nós sob a ideia de “heterarquia urbana”, representada pela condição das cidades médias na rede urbana como pontos-nós de encontro e articulação de múltiplas escalas.

### **Bauru, Marília e São José do Rio Preto: cidades médias do estado de São Paulo – recortes territoriais e analíticos**

Segundo a perspectiva metodológica exposta, serão analisadas as cidades de Bauru, Marília e São José do Rio Preto. Partimos da ideia de que essas cidades médias não resultam apenas do processo de desconcentração espacial e econômica das metrópoles. No que se refere ao estado de São Paulo, se o processo de desconcentração econômica da metrópole ampliou os investimentos em cidades como as estudadas por nós, sobretudo a partir da década de 1970, hoje elas contribuem com dinâmicas consolidadas e características em suas funções, inclusive com (re)valorização de processos de concentração econômica e espacial.

Não podemos deixar de considerar que o movimento de ampliação e diversificação das atividades e das funções dessas cidades na rede dependeu também, e hoje são ainda fortes, dos arranjos e interesses de agentes locais. Foi e é por meio deles que essas cidades têm se tornado espaços mais bem dotados dos meios materiais e dos recursos humanos necessários à expansão e diversificação de suas atividades econômicas, ampliando a atuação do capital corporativo, de atuação multiescalar, em seus espaços.

Como podemos observar no Mapa 1, os municípios de Bauru (335.888 habitantes),<sup>3</sup> Marília (214.742 habitantes) e São José do

---

3 A contagem demográfica utilizada, sempre que nos referirmos a alguma cidade, considera os resultados do censo demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010, da população dos municípios, ou seja, incluindo a população residente na área rural.

Rio Preto (406.220 habitantes) estão localizados no estado de São Paulo. O desenvolvimento das três cidades, que são sedes desses municípios, resulta da ocupação do território paulista no final do século XIX e princípio do XX, da expansão da produção cafeeira e da implantação de estradas de ferro em direção ao oeste do estado para viabilizar a expansão dessa agricultura.

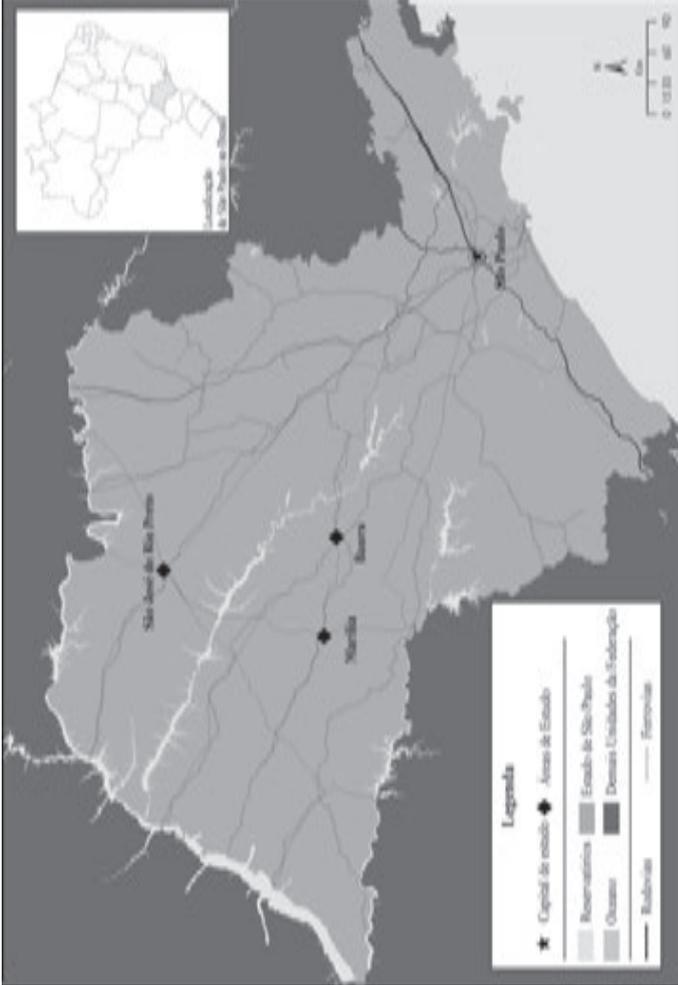
A cidade de São José do Rio Preto foi fundada no ano de 1852, e a ferrovia foi instalada quando já havia o povoado: “A Estrada de Ferro instalada em 1912 transformou a cidade em ponto terminal do transporte ferroviário pelo qual se escoava a produção agrícola deste e dos poucos municípios vizinhos [...]” (Bolçone, 2009, p.8).

Bauru foi fundada em 1896, igualmente, antes da expansão da linha férrea em direção ao centro-oeste do estado de São Paulo, e, na primeira década do século XX, essa cidade passou a ser um entroncamento ferroviário:

Em 1905, foi implantada a estrada de ferro Sorocabana (ligando Bauru a São Paulo), em 1906, foi implantada a Noroeste do Brasil (o primeiro trecho ligava Bauru à cidade de Avaí, localizada a oeste) e, em 1910, a Companhia Paulista de Estradas de Ferro. (Catelan, 2008, p.51)

Já a cidade de Marília foi fundada em 1928, já associada à expansão da ferrovia, ou seja, o nucleamento urbano tomou como referência uma das estações da estrada de ferro em implantação. Marília, Bauru e toda a região da Alta Paulista

[...] tiveram sua ocupação inicial profundamente influenciada pelas atividades econômicas preponderantes no período, tais como, a expansão da cultura do café e a comercialização das terras “virgens” do Oeste Paulista. O avanço da lavoura cafeeira, assim como a intensificação da comercialização das terras, impulsionaram a chegada da ferrovia, o que acentuou ainda mais a ocupação, o crescimento e o desenvolvimento econômico da região. (Zandonadi, 2008, p.39)



Mapa 1 – Bauru, Marília e São José do Rio Preto: localização no estado de São Paulo – 2012

Fonte: Regic, 2008. Organização dos dados: Márcio José Catelan e Rafael Catão. Elaboração do mapa: Rafael Catão.

Como podemos perceber, essas cidades surgem em contexto de crescimento agrícola do estado e do país, inicialmente voltado para a produção cafeeira e, posteriormente, de algodão, com princípios de uma industrialização. É interessante que a função de produtor agrícola nesses municípios sempre esteve articulada à condição de economia agroexportadora que o país já vivia.

Os fluxos, desde a escala regional até a internacional, já faziam parte das intenções político-econômicas dos grupos locais que dominavam essas cidades, fator que explica a expansão da ferrovia como meio de desenvolver essas economias. Assim, essas cidades sempre foram articuladas em uma economia de múltiplas escalas, seja por intenções políticas da elite local, seja por programas de desenvolvimento econômico dessa frente de expansão agrícola implementados pelo governo estadual ou federal. Obviamente, a rede urbana ainda se caracterizava por uma teia de menor complexidade, mas que já evidenciava, logo nas primeiras décadas, sinais de ampliação das interações espaciais entre essas cidades e, também em outras escalas, considerando a forte relação de dependência econômica com a capital paulista.

Segundo Oliveira (1982), nas três primeiras décadas do século XX, consolida-se, nas cidades, a atuação do capital comercial com o controle da produção cafeeira, cujos fluxos tinham como fim a exportação desse produto. As primeiras construções e a fundação dos municípios de Bauru, Marília e São José do Rio Preto foram num contexto em que o Brasil contava com apenas 6,8% da população nas áreas urbanas. Era muito mais uma implantação de núcleos com uma vida urbana insipiente e de economia agrária (Santos, 1993).

A partir da década de 1940, com a presença das ferrovias, impulsionou-se a produção algodoeira, ambas, representadas pelo domínio na época das indústrias Anderson Clayton e Sanbra, iniciando, nessas cidades, a implantação da industrialização (ibidem). Segundo Oliveira (1982), o Estado passou a regular de um modo mais forte as relações sociais de produção no Brasil, assim como a divisão social do trabalho, que também passou a ser guiada pelo processo de industrialização.

As funções e os papéis dessas cidades sempre foram atrelados tanto a uma forte presença regional como pelas interações com as escalas nacional e internacional, já que essa presença regional, a partir das décadas de 1950 e 1960, e com mais força das décadas de 1970 em diante, ampliou-se à soma de capital fixo e produtivo em seus espaços intraurbanos (Santos, 1993). Esse fato foi preponderante no processo de inserção dessas cidades em múltiplas escalas.

Entretanto, se elas sempre estiveram presentes na rede urbana já com funções e papéis, tanto em escala regional como na nacional e na internacional, o que há de novo em suas articulações que as diferenciam de sua condição na rede urbana de outrora? Esse é um questionamento que deverá ser analisado no decorrer de nosso debate, dado que o “novo” que consideramos em nossa perspectiva metodológica se refere a um conjunto de lógicas reconhecidas por uma maior interação entre as escalas geográficas nessas cidades e na rede urbana.

E como forma de chegarmos a uma análise da condição atual dessas cidades, e das funções e dos papéis que elas vêm desempenhando nas redes das quais participam, articularemos, em nossa análise, algumas perspectivas analíticas, tais como: as redes regionais que se formam a partir de suas atividades e funções, bem como aquelas atividades e fluxos que mais contribuem para consolidação de sua centralidade regional; os crescentes processos de concentração econômica e espacial, crucial para compreendermos o momento atual dessas cidades e as interações espaciais que delas partem e a elas chegam; e, por fim, o movimento de inserção delas na escala global e, principalmente, como as lógicas dessa escala, via agentes econômicos, apontam a necessidade de pensá-las mais pelas interações espaciais interescalares que delas resultam que em sua posição hierárquica.

Por isso, no Capítulo 1, propomos como perspectiva metodológica a adoção do conceito de interações espaciais interescalares. A partir dessa perspectiva, preocupados em estabelecer uma análise de acordo com a complexa teia de interações espaciais interescalares, oferecemos uma leitura da rede urbana por meio da ideia de hete-

rarquia urbana, que não vai contra a estruturação hierárquica ainda presente na rede urbana, mas vem complementar a análise, incluindo-a. A adoção da ideia de heterarquia urbana, explicada de acordo com o contexto de interações no espaço entre lógicas escalares, tem como objetivo compreender as cidades médias de Bauru, Marília e São José do Rio Preto não apenas pelas suas posições na rede urbana, mas também pelas funções e papéis que elas desempenham na rede regional e naqueles que estabelecem em outras escalas.

Por isso, adequamos a hipótese defendida ao contexto da rede, explorado no Capítulo 2. Nele, aprofundamos a adoção da rede não somente como plano em que ocorrem os fluxos, mas, principalmente, como dimensão analítica, no qual as cidades existem de fato e as inter-relações entre elas podem gerar, além de um padrão hierárquico, uma possibilidade de complementação, dadas as diferenças funcionais que as distinguem. É também nosso objetivo nesse capítulo adentrar nos conteúdos da centralidade exercida pelas cidades de Bauru, Marília e São José do Rio Preto que resulta na construção de uma “rede de influência regional”, denominação que utilizaremos em substituição à expressão “região de influência” ou “área de influência”, mais comumente utilizadas e de acordo com os estudos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2008), porque acreditamos que, uma vez adotado como perspectiva analítica o padrão em rede, o termo “área” transpareceria mais uma delimitação territorial e menos a complexidade que veremos no recorte territorial em que se constitui a rede regional de influência de cada uma das cidades médias em questão.

Essas considerações serão explicadas nesse capítulo conforme trabalharmos os mapas temáticos das cidades estudadas e suas respectivas redes regionais de influência, em que a centralidade e também as funções e os papéis exercidos por elas são explicados pela interação com as cidades de menor densidade de atividades econômicas, mas que também possuem função e papel relevantes na rede urbana.

As cidades médias de Bauru, Marília e São José do Rio Preto passam por um alargamento de suas funções e papéis na rede urba-

na, quais sejam, há uma ampliação das escalas de suas inserções e articulações, muito explicado pelo processo de concentração econômica e espacial, o que será evidenciado no Capítulo 3. O processo de concentração espacial, em função das atividades econômicas, é valorizado porque ele retrata tanto a abertura ao capital nacional e global como a adoção, por parte de agentes locais e regionais, das lógicas e padrões impostos pela globalização. Nesse capítulo, trataremos tanto das funções e dos papéis reconhecidos na escala regional como daqueles que atingem as lógicas, os padrões e a própria escala global.

O Capítulo 3 é desenvolvido sobretudo pela relevância que o processo de concentração espacial e econômica tem na definição das funções e dos papéis dessas cidades médias, pois é, a partir deles, que os agentes empresariais de toda escala interagem. Tal perspectiva ajuda a explicar não somente a consolidação da rede de influência regional dessas cidades médias, como também a abertura delas às lógicas das escalas globais, determinadas pelos padrões do capital corporativo.

Assim, chegaremos ao Capítulo 4 para demonstrar, de fato, sua articulação com a escala global. Os dados utilizados são aqueles que apontam o montante negociado na balança comercial dessas cidades por meio dos principais produtos. Ficam evidentes as atividades econômicas e os ramos de maior destaque nas cidades de Bauru, Marília e São José do Rio Preto, mostrando os produtos e as principais empresas que despontam nessas cidades. As lógicas de estruturação e articulação da rede urbana voltam-se ao processo de globalização como perspectiva analítica.

Assim, apresentamos com este livro uma análise das funções e dos papéis das cidades médias na rede em múltiplas escalas. Com essa perspectiva, organizamos um rol de elementos e conteúdos a fim de evidenciar a importância dessas cidades médias como nós de articulações na rede urbana que retratam uma nova condição, ainda com uma forte hierarquização de algumas atividades econômicas, mas também com ampla complexidade no movimento de interações espaciais interescares que nos levou a propor a ideia de heterarquia urbana para compreendê-la.



# 1

## AS INTERAÇÕES ESPACIAIS INTERESCALARES COMO PERSPECTIVA ANALÍTICA: DA ESTRUTURAÇÃO ÀS ARTICULAÇÕES – A HIERARQUIA E A HETERARQUIA NA REDE URBANA

### Metodologia e perspectivas analíticas

Com este capítulo buscamos apresentar nossa perspectiva teórica apoiada no conceito de interações espaciais interescalares para compreendermos o movimento da sociedade no espaço e no tempo.

No mundo contemporâneo, as interações espaciais decorrem desse arranjo espacial complexo, no que respeita ao modo como os processos e as dinâmicas urbanas são desenvolvidos pelos agentes econômicos.

Para tal proposta, exploraremos o conteúdo construído no que se refere às interações, como conceito, por autores como Ullman (1980), Cheptulin (1982), Camagni (1993) e Corrêa (1997). Resaltamos que não é extensa a lista de autores que se dedicaram a desenvolver o conceito de interações ou a trabalhar com ele, sendo mais comum sua aplicação aos estudos de caso, adotando-o como meio para explicar, exclusivamente, os fluxos territoriais, e menos frequente que as interações espaciais sejam tomadas como uma perspectiva metodológica para a construção de uma teoria espacial de articulações entre escalas.

Consideramos que esses autores são referências importantes para nossa análise e, por isso, apresentaremos a forma como cada

um deles compreende o conceito de interações espaciais, bem como o contexto em que o tomaram como forma de buscarmos a validação de nossa hipótese.

Um desses contextos que adotamos são as redes urbanas, tendo em vista que é nelas que as interações espaciais ganham forma e sentido. Nelas, também ocorrem as articulações que reúnem o local e o global, não necessariamente com essa direção vetorial, que podem ser compreendidas pelos fluxos que interligam as cidades e as redes.

Tomadas como uma perspectiva metodológica, as interações espaciais interescolares são o caminho para uma interpretação do espaço, em que os processos e as lógicas se estruturam e se articulam de uma forma mais imbricada. Assim, a expressão máxima desse movimento – as cidades – é pensada, sempre, no contexto das redes, tanto a partir dos padrões de estruturação hierárquica, ainda preponderante para as compreendermos, como também das articulações interescolares de outras direções e sentidos para pensarmos a rede urbana e os diferentes papéis que as cidades possuem nessa trama.

Com este capítulo, não pretendemos somente iniciar um debate para sustentar o arcabouço teórico-metodológico envolvido, mas sim, mais especificamente, trabalhar a hipótese de que a complexidade existente nas interações espaciais interescolares pede novas interpretações sobre o modo como as cidades podem ser alocadas da rede urbana em múltiplas escalas.

Assim, nosso compromisso metodológico aqui se traduz na valorização da expressão “heterarquia urbana” como meio de trazermos ao debate da estruturação e das articulações em rede uma compreensão teórica ao espaço em rede. De princípio, podemos dizer que a heterarquia urbana representa o que é a rede de fato, quais são suas propriedades, como elas se articulam e quais seus atributos que são, dentre outros conteúdos, o espaço, as escalas geográficas, os agentes econômicos e o capital. Iniciamos nosso debate com a proposição de que as cidades médias são caracterizadas na rede urbana, no momento atual, pelo par hierarquia-heterarquia, tendo em vista que as interações espaciais interescolares ampliam sua onipresença regional, quanto maior sua interação com outras escalas.

## Interações: espaço, tempo e movimento

As transformações e as inter-relações entre os elementos que constituem a realidade espacial podem ser lidas por meio das interações espaciais urbanas. Podemos vincular o conceito de interações aos processos de transformação da realidade espacial, que resultam das articulações entre os agentes que produzem o espaço. Nesse contexto, não estamos tratando somente dos processos que se estabelecem no espaço, como também daqueles que produzem e são o espaço. Isso pressupõe valorizar a natureza intrínseca das interações e da produção espacial, evitando tratar, de um lado, o movimento – as interações – e, de outro, o espaço como materialidade apenas.

O espaço é visto como a realidade em que os processos decorrem das interações entre os elementos que o constituem, e, tal como Milton Santos (1988, p.10) observou, ele não é apenas um objeto, mas sim uma “realidade relacional”.

No mundo contemporâneo, no qual os processos são cada vez mais imbricados e os ritmos com que ocorrem os eventos tornam-se mais rápidos, para olharmos as novas significações espaciais, devemos partir, segundo Milton Santos (1988), das categorias que poderão nos auxiliar a compreender as dimensões de análises, tais como o espaço, o tempo e o movimento, principalmente porque nelas se inscrevem as relações sociais.

Harvey (1998, p.225) aponta nessa mesma direção quando ressalta a importância das categorias espaço e tempo como condição básica para a existência da humanidade. Entretanto, tal como ressalta o autor, “tendemos a concebê-las e outorgá-las com determinações de sentido comum ou de autoevidência” (ibidem, tradução nossa), considerando as atividades práticas e óbvias da vida cotidiana, em que a base material, em sua complementação quantitativa-qualitativa, também pode expressar os conteúdos espaciais.

O espaço, o tempo e o movimento são categorias de análise que possibilitam apreender a reprodução social. Essas categorias

ganham *status* epistemológico<sup>1</sup> por sua natureza inter-relacional tomadas em suas dimensões de análises e, portanto, também cumprem o papel de canais interpretativos das transformações que decorrem da interação entre elas. As interações espaciais urbanas dependem dessas categorias para acontecerem no espaço, tanto nas cidades como nas redes.

Por conta dessa natureza epistemológica atribuída ao conceito de interações espaciais, a nosso ver, é necessário dedicarmo-nos, primeiramente, a apresentar uma discussão que possa oferecer elementos da articulação entre o espaço, o tempo e o movimento.

## **O movimento da sociedade: a construção das interações espaço-temporais**

As interações espaciais expressam o movimento dado entre o espaço e o tempo. É a partir do “movimento”, como uma categoria analítica, que podemos chegar a uma maior compreensão das relações entre elementos espaciais e temporais, por meio da interação entre os agentes e as dinâmicas capazes de transformar o arranjo espacial. Santos (1988, p.12) já apontara nessa direção, quando propôs de maneira imperativa que “o espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável do qual participam, de um lado, um certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais e, de outro lado, a vida que os anima ou aquilo que lhes dá

---

1 O termo é utilizado em seu sentido estritamente científico. Assim como adverte Gomes (2009, p.14), deve ser tomado com cuidado, pois diz respeito “aos métodos, aos objetos e às finalidades de um conhecimento científico”. Segundo o autor, “trata-se, sobretudo, de demonstrar que a maneira de fazer ciência é também um produto histórico e contextual, mais importante ainda, trata-se de demonstrar que a cada momento as respostas são múltiplas e que essa pluralidade crítica é a razão mesmo da existência da ciência” (ibidem, p.15). Assim, com a adoção do termo epistemologia, tomamos as interações espaciais como uma perspectiva analítica adequada à leitura de uma sociedade em movimento, em que o espaço e as redes são estruturados e articulados sob múltiplos vieses.

vida. Isto é o movimento”. O autor considera, de uma forma muito clara e precisa, a importância da categoria movimento à geografia, sobretudo porque o espaço não pode ser compreendido sem considerá-lo, pois se “constitui na realidade, uma modalidade de transformação de uma multiplicidade [...]” (ibidem, p.16).

O movimento, considerando a perspectiva do autor, pode ser tomado como uma categoria geográfica, já que a partir dele efetivam-se as interações no espaço, por meio do qual decorrem as transformações tanto em sua base material como nas articulações que nele se estabelecem. Como destacou Milton Santos (1988), é por meio da inter-relação dada entre o movimento da sociedade e o objeto geográfico (o espaço), em qualquer que seja o período da história, que a realidade espacial passa por transformações.

Esse fato geográfico não passa despercebido no âmbito da geografia, tendo em vista que dele depende a renovação do pensamento quanto às categorias e às teorias que buscam explicar essa realidade. A articulação entre o movimento da sociedade e o espaço, dado por meio de interações espaciais, que vai muito além de deslocamentos territoriais, exige-nos novas formas de pensamento. A análise das interações espaciais articulada ao movimento, como uma categoria, pede a validação de dois aspectos que dão significação ao espaço, que são: 1. a concretização de uma base territorial diferenciada, conforme os aspectos que a constitui; 2. e a funcionalidade com a qual as relações espaciais ocorrem.

Numa perspectiva epistemológica, a primeira pergunta que nos fazemos é:

- Qual seria o papel do movimento e como ele pode ser conceituado no âmbito da Geografia, como mais uma categoria explicativa da capacidade dinâmica que os processos advindos da inter-relação entre os agentes possuem de transformar o espaço?

Podemos buscar algumas repostas iniciais a esse debate a partir da perspectiva analítica de alguns autores que dedicaram parte de seus debates a pensar o “movimento” para além de sua caracterís-

tica linear e progressiva, confundido-o com o tempo, muitas vezes (Cheptulin, 1982).

Buscamos em Cheptulin (1982) uma compreensão sumária em torno desse conceito. Esse autor apresentou-nos um debate em torno dessa categoria, a partir do materialismo dialético<sup>2</sup> por meio das relações dadas no espaço e no tempo. É com a filosofia materialista, conforme ressalta Cheptulin (1982), que a categoria “movimento” aproxima-se do que se compreendia como espaço. Segundo o autor, já se configurava como um ponto importante na história da ciência e da geografia que o movimento fosse entendido como o deslocamento dos corpos no espaço, em que a ação física tinha mais importância, mas sem deixar de considerar, também, o espaço para compreender as interações que se davam. Nesse contexto, a matéria aparecia como protagonista, mas era inerte.

Com o materialismo dialético, as interações passam a ser identificadas nas análises, não num debate direto, dedicado a compreendê-las como um conceito, tarefa que fora realizada mais tarde, conforme veremos adiante, mas como um elemento que aparece no modo pelo qual o método é aproximado da realidade e, aos poucos, vai se percebendo um dinamismo nas inter-relações, primeiro da matéria, e depois nela, de uma forma mais dinâmica (ibidem).

No que respeita ao materialismo dialético, há a ideia de passagem da matéria de uma realidade compreendida como inerte para uma realidade dinâmica, em que à matéria é atribuído um movimento em si – o movimento da sociedade no espaço. Os elementos estarão,

---

2 Cheptulin (1982, p.1) dedicou a obra em questão “à análise das principais categorias e leis da dialética materialista. Colocando em evidência o conteúdo das categorias e das leis da dialética [...]”, expondo assim, como afirma, “a essência do materialismo dialético, enquanto teoria filosófica particular”. Para o autor, “o materialismo dialético estuda as formas gerais do ser, os aspectos e os laços gerais da realidade, as leis do reflexo desta última na consciência dos homens. As formas essenciais da interpretação filosófica, do reflexo das propriedades e das conexões universais da realidade e das leis do funcionamento e do desenvolvimento do conhecimento são as categorias e as leis da dialética. Como elementos necessários da teoria filosófica, elas têm uma função ideológica, gnoseológica e metodológica” (ibidem).

nesse sentido, em um movimento dialético, em que e como se compreendem as inter-relações dadas entre a sociedade e o espaço. Tais inter-relações, somando-se à valorização do movimento dinâmico da matéria, configuram um arcabouço teórico-metodológico capaz de oferecer elementos ao entendimento de como o movimento, que promove a interação, poderia ser um aspecto explicativo das transformações geradas a partir do modo como a sociedade – agentes, empresas, cidades, regiões e países – interage.

Devemos explicar, antes de continuar, que tais mudanças, considerando o modo como se concebiam as relações e como isso é assumido a partir do materialismo dialético, configuram-se como um contexto em que a geografia e, como consequência, o espaço tomam novos sentidos. Trata-se de alteração nas bases epistemológicas, pois com o materialismo dialético passamos a ter um novo modo de conceber a relação entre o que é inerte e o que é dinâmico, resultando num espaço relacional – o espaço da sociedade.

Lefebvre (1999, p.20) expressa essa mudança quando, ao destacar as transformações no modo de pensar a partir do materialismo dialético, afirma o seguinte:

Todas as contradições do mundo (em que o todo se manifesta como polarizado, contraditório e movediço, posto que o pensamento aceita a contradição ao invés de excluí-la), todos os seres, portanto, e todas as afirmações, com suas relações, interdependências, interações, são capturados no movimento total do conteúdo; cada um em seu lugar, em seu momento.

Estabelecem-se novos enfoques no conteúdo das relações espaciais, que vão explicando, também, o porquê de o materialismo dialético ter sido a perspectiva analítica que possibilitou considerar as relações espaciais por uma olhar menos estático e linear, ou seja, mais dinâmico. Como ressalta Cheptulin (1982, p.171):

No mundo, todos os fenômenos estão, ao mesmo tempo, ligados e isolados. Eles estão ligados sob certas relações e não o estão sob

outras; neles são produzidas tanto mudanças que supõem outras correspondentes em outros fenômenos, como mudanças que não implicam absolutamente em correspondentes.

Com as mudanças no conteúdo das relações espaciais, fortalece-se também a inter-relação entre o movimento presente no pensamento e as transformações no espaço. Com o método materialista dialético, estrutura-se a ideia de movimento relacional não somente entre o pensamento e o mundo, mas também entre os processos e as lógicas que dão origem às mudanças verificadas no âmbito da sociedade (Lefebvre, 1999, p.23). Ainda, segundo Lefebvre (1999, p.23), “todo o movimento é contraditório, já que sem contradição imanente nada se move. O movimento é em si mesmo uma contradição, e a contradição impulsiona o movimento”. A contradição ganha importância como mais um elemento explicativo do modo como decorrem as interações espaciais.

Nesse momento, “se o espaço e o tempo são propriedades fundamentais da matéria, formas de sua existência, é totalmente normal e necessário que eles estejam em ligação orgânica com a matéria”, como ressalta Cheptulin (1982, p.183). Salvaguardamos as possíveis associações que podem ser feitas, a partir do termo “orgânico”, pois, no contexto em que o autor trabalha, refere-se a uma ligação natural e intrínseca que decorre da materialidade do espaço.<sup>3</sup> Para Cheptulin (1982, p.186), “a dependência do espaço e do tempo, com relação à matéria, sua determinação pelas formas concretas de existência da matéria decorrem necessariamente do fato de que o espaço e o tempo estão organicamente ligados ao movimento”.

A noção de espaço e a de tempo estão associadas à “noção filosófica de natureza como conjunto de todas as coisas [...]”, como bem ressalta Santos (1988, p.11). Para ele, esse conjunto coerente

---

3 Cheptulin (1982, p.184) ressalta o seguinte: “A tese de ligação orgânica do espaço com a matéria foi igualmente sustentada por outros filósofos e, em particular, por Spinoza (Holanda, século XVII), segundo o qual o espaço é um atributo da matéria, e pelo filósofo inglês John Locke (1632-1704), que identificava o espaço à grandeza dos corpos, à sua ‘extensão’”.

de coisas decorre de um “processo de totalização permanente pelo qual uma totalidade evolui para tornar-se outra” (ibidem). O autor completa afirmando que “o princípio da totalidade é básico para a elaboração de uma filosofia do espaço do homem” (ibidem). Envolve-se, aqui, a noção de tempo, e isso nos permite reconhecer a unidade do movimento, responsável pela heterogeneidade com que as coisas se apresentam diante de nós.

Harvey (1998, p.228) também vai além quando considera o espaço e o tempo como categorias comuns à existência humana. Isso, a nosso ver, valoriza o movimento como um canal por meio do qual podemos compreender as transformações espaciais, já que a reprodução social não é estática, portanto a sociedade, o espaço e o tempo podem acontecer, somente, por meio desse processo interativo.

Além disso, Harvey (ibidem, p.228, tradução nossa) observa que seria importante construirmos um único sentido comum para tempo e espaço, já que “do ponto de vista materialista, podemos, pois, sustentar que as concepções objetivas de tempo e espaço têm-se criado necessariamente por meio das práticas e dos processos materiais que servem para reproduzir a vida social”. Isso nos permitiria afirmar que tempo e espaço prescindem do movimento no qual a sociedade é produzida, ou seja, as forças econômicas, políticas, culturais, artísticas que a animam.

Com essa ideia teríamos o movimento como categoria, advinda da articulação entre tempo, espaço e sociedade. O movimento seria o canal por onde se articulam tais dimensões de análise da realidade, e, assim, seria ele que conduziria às interações espaciais.

Como perspectiva de método e metodológica, as interações espaciais foram tomadas, e ainda o são, aquém desse canal interpretativo. Além disso, com frequência, são limitadas aos deslocamentos territoriais, escapando, assim, a complexidade da qual esse conceito depende para que sejam compreendidas a condição relacional no espaço e suas resultantes como as redes urbanas.

Passamos, então, a observar como ele foi trabalhado por autores que se dedicaram especificamente à sua conceituação, compreen-

dendo-o a partir de inter-relações territoriais e econômicas, mas principalmente a partir de transformações na estruturação e nas articulações ocorridas no espaço por meio dos agentes e das redes que nele se formam.

## **Interações espaciais: perspectivas analíticas conceituais para um espaço em redes**

O conceito de interações espaciais vem sendo, ao longo do tempo, tomado como referência para explicar as inter-relações espaciais. No mundo contemporâneo, as interações espaciais ganham maior sentido como perspectiva analítica, porque as instituições, os agentes, as pessoas e tudo o que produz espaço estão de fato ou potencialmente conectados em redes.

Muitos são os autores, as obras e as perspectivas analíticas que vêm adotando as interações espaciais como conceito-chave. Trata-se de um aspecto positivo que enriquece o processo de amadurecimento do conceito no âmbito da geografia, ciência em que esse conceito tem seu significado espacial reconhecido.

Entretanto, o aspecto que ressalta quando adotamos um conceito como elemento articulador do conjunto teórico-empírico de nossas pesquisas é o modo e os objetivos para os quais o tomamos. O conceito de interações pode se referir tanto ao territorial, aos fluxos que conectam um ponto ao outro, como também pode ser tomado no âmbito de uma perspectiva analítica mais ampla do espaço em redes e da sociedade em movimento. A segunda perspectiva parece-nos mais adequada à história do conceito, como veremos ao analisarmos os autores a seguir, mesmo porque abarca a primeira.

No que tange à primeira perspectiva, o conceito de interações espaciais é tomado para: 1. avaliar os fluxos de pessoas e mercadorias; 2. verificar o arranjo e o funcionamento dos meios de transportes; 3. observar a intensidade com a qual as áreas, as regiões ou as cidades podem se conectar territorialmente com outras; 4. medir a densidade infraestrutural dos territórios; bem como outros

aspectos que perpassam mais por uma análise quantitativa do movimento espacial. Embora essas análises sejam também componentes para compreendermos a segunda perspectiva, por meio desses pontos tende-se a atribuir uma visão mais objetiva ao conceito de interações espaciais.

Por esse motivo, optamos por selecionar para o debate alguns autores que se dedicaram diretamente a desenvolver o conceito de interações espaciais como perspectiva analítica, conceitual e metodológica para os estudos espaciais.

## **As dimensões espacial, territorial e em rede do conceito de interações espaciais**

A primeira perspectiva relevante para iniciarmos esta análise encontra-se na obra de Ullman (1980), pioneiro nesse debate. Seu enfoque passa pela articulação de um conjunto de elementos pautada nas relações territoriais. Ullman (1980) toma um caminho segundo o qual as interações espaciais são, na verdade, em sua avaliação, a geografia.

Destaca a crítica à visão estática adotada na geografia para compreender a realidade, quando na verdade trata-se de uma ciência do movimento, em que as dinâmicas, os processos, as inter-relações entre os agentes decorrem do movimento da sociedade, que, ao longo do tempo, gera transformações e mudanças na realidade. O autor parte dessa ideia para justificar, logo de início, que o conceito de interação pode propiciar uma análise mais dinâmica para interpretar as relações e o movimento entre os fenômenos espaciais.

Ullman (1980, p.14) destacou que os trabalhos realizados, até o momento de sua análise, referiam-se ao conceito de interações espaciais de um modo operacional, buscando medir e classificar interações territoriais como os fluxos de pessoas e mercadorias entre cidades ou regiões.

Em *Geography as spatial interaction*, Ullman (1980) tomou como referência, para compreender as interações espaciais, a di-

ferenciação de áreas, ou seja, como cada área, salvaguardadas as escalas geográficas presentes nelas, adquire especificidades, num movimento que as diferencia de outras áreas, devido às funções e atividades desempenhadas pelos agentes que nelas operam. Assim, o autor relaciona-as buscando discutir como podemos observar as interações espaciais à medida que a diferenciação vai aumentando ou diminuindo entre essas áreas. A partir disso, ele oferece uma visão relevante quando se propõe a pensar, por meio da diferenciação entre áreas, como as interações espaciais ocorreriam dentro e fora delas.

O autor oferece-nos uma contribuição deveras importante, pois, por meio da ideia de diferenciação de áreas, considera que uma área, ao receber empresas especializadas em determinada função, pode ampliar suas interações em pequena escala. O conceito de interações espaciais, construída por Ullman (1980), é uma proposta dedicada a observar os fluxos territoriais, valorizando a distância como um aspecto a ser considerado na intensidade com que irão ocorrer as inter-relações entre essas áreas, porém limita a análise espacial a tais fluxos territoriais.

Utiliza-se, também, do conceito de “situação” que é definido e validado por Ullman (1980) por meio do processo de “interação espacial”, caracterizando-o, assim, como um conceito mais positivo e dinâmico. O conceito de “situação” demonstra como a base territorial é importante para compreender como o movimento espacial acontece, segundo a análise do autor.

Outro aspecto relevante na sua proposição é que ele trabalha com a ideia de complementaridade entre as áreas de características diferentes. Talvez essa ideia seja aquela que mais contribui para uma visão menos elementar do conceito de interação espacial na perspectiva de Ullman (1980), pois, por meio dela, o autor observa as interações de uma forma mais ampla, aproximando-se do processo de produção espacial como um movimento que não somente tem reflexos no espaço, mas também o redefine e o transforma.

Além da perspectiva da complementaridade entre áreas, Ullman (1980) destaca o fato de o conceito de interações espaciais ser

estudado em comparação com o modelo gravitacional. Mesmo não o tomando como perspectiva em seu trabalho, esse autor comenta, rapidamente, a possibilidade de construir o conceito de interação espacial por meio dos preceitos teóricos com significados articulados ao modelo gravitacional, visão que Camagni (1993)<sup>4</sup> trabalhou mais tarde para compreender o caráter articulativo das redes, principalmente da empresarial e da urbana.

Ullman (1980) também considera as características temporais e do ambiente como fatores que vão predeterminar a densidade de interações espaciais. Segundo o autor, o aspecto temporal não pode ser deixado de lado para compreendermos o modo como ocorrem as interações espaciais. Além dessa característica temporal, o autor ainda ressalta outras três relevantes para pensarmos esse conceito, que são: a complementaridade (como já destacamos), a oportunidade de intervenção e a distância. Já havíamos comentado sobre a “distância” como uma característica considerada pelo autor como constituinte do conceito de interações espaciais, mas agora acrescentam-se a ela o tempo e as características do ambiente, de importância semelhante. Com base nisso, o autor propõe olhar a própria Geografia por meio do conceito de interação espacial, tal como intitula o capítulo da obra supracitada.

Devemos considerar que a passagem pela dimensão territorial ao longo de sua análise apoia-se mais no ponto de vista metodológico. O autor não deixa clara a distinção entre o que considera como territorial e o que considera como espacial. Assim, a nosso ver, sua proposição teórica em relação ao conceito de interações espaciais possui maior relevância se considerarmos sua vinculação com o movimento sobre o espaço, ou seja, aquele que acontece em decorrência da articulação territorial entre os agentes. Seu estudo foi dedicado aos fluxos territoriais, à inter-relação entre as áreas com diferentes aspectos, por isso, podemos afirmar que o conceito de interação para Ullman (1980) é estruturado sobre fundamen-

---

4 Ao apresentarmos adiante a perspectiva de Camagni (1993), trataremos melhor das relações entre interações espaciais e o “modelo gravitacional”.

to teórico que considera o espaço como a base territorial, onde se processam os fluxos territoriais.

No que se refere à proposta de que a Geografia deveria ser compreendida por meio do conceito de interação espacial, o autor deixa explícitos seus objetivos, bastante coerentes, tendo em vista o fato de ela ser a ciência não somente do espaço, mas também do movimento.

Outra perspectiva para debater o conceito de interações espaciais fora discutida por Cheptulin (1982) que centrou a ideia de interações no âmbito do materialismo dialético, não somente atribuídas ao espaço, mas às relações sociais, também como uma categoria filosófica.

Cheptulin (1982) tomou a análise das interações espaciais na perspectiva da dialética materialista, organizando e debatendo, ao longo da obra *A dialética materialista: categorias e leis da dialética*, uma série de conceitos e categorias referentes à perspectiva analítica do materialismo dialético, tais como: o movimento, a interação, a relação, o espaço e o tempo. Para Cheptulin (1982, p.19):

As formações materiais do mundo objetivo simplesmente existem e nada mais. Elas encontram-se em contínua interação. Nesse processo de interação manifestam-se suas propriedades, que as caracterizam como corpos isolados, determinados, fenômenos em que, em certas circunstâncias, passam uns pelos outros. O resultado disso é que todos os fenômenos da realidade se encontram em um estado de correlação e de interdependência universais. Mas, nesse caso, os conceitos, pelos quais o homem reflete, em sua consciência, a realidade ambiente, devem ser igualmente interdependentes, ligados uns aos outros, móveis e, em determinadas circunstâncias, passar uns pelos outros e transformar-se em seus contrários, porque é somente dessa maneira que eles podem refletir a situação real das coisas.

O autor demonstra com essa passagem a perspectiva analítica adotada para compreender o mundo e o modo como os elementos

se inter-relacionam. O conceito de interação é tomado como uma força sempre presente, tanto na formação material do mundo, segundo o autor o “mundo objetivo”, como na compreensão que temos da materialidade em nossa consciência. Esse processo relacional entre a materialidade e seu significado em nossa consciência, que gera a produção do conceito que atribuímos às coisas – o movimento do pensamento e o movimento do e no espaço –, a nosso ver, justifica-se pelo “estado de correlação e interdependência universais”, destacado pelo autor, no excerto apresentado, como resultado da inter-relação entre as propriedades da matéria e dos fenômenos.

Fica claro, nessa passagem do texto, que as categorias “movimento” e “relação” são fundamentais para explicar as interações no mundo, além de facilmente correlacionarmos-las com a ideia de rede. O movimento, como já discutimos anteriormente, pode ser explicado por ser uma força presente no espaço devido às articulações dadas na sociedade e aos seus elementos com o tempo, em que a base material passa por mudanças em razão dos processos que dão novos significados ao espaço.

No que se refere à relação, baseado nos estudos de Cheptulin (1982), observá-la é o modo a partir do qual podemos encontrar os atributos da interação. Para explicá-la, o autor se utiliza da ideia de silogismo, segundo a qual uma categoria é articulada a outra formando uma terceira, que é resultante das primeiras, porém com conteúdos diferentes. No processo relacional de formação da terceira categoria, além da geração de novos elementos, também permanecem características das primeiras (Cheptulin, 1982). Se considerarmos essa ideia, temos uma explicação plausível para compreender a análise das interações espaciais por meio de um movimento que gera a produção do espaço e é por ela gerado. Esse fato não admite uma realidade ou mesmo uma materialidade inerte cujas análises são comprometidas por compreensões que deixam de articular categorias intrínsecas ao processo de produção do espaço.

Para Cheptulin (1982), outra categoria importante é a “substância”. Segundo ele, “por intermédio da categoria de substância, a ideia de relação manifesta-se com a ideia de substancialidade”

(ibidem, p.39). Essa substancialidade passa pela relação entre as categorias de “qualidade” e de “quantidade”. Separadamente, essas categorias são designativas de modelos e padrões diferenciados, tendo em vista que cada uma é estruturada segundo pensamentos e relações singulares. Algumas categorias, tais como a “qualidade” e a “quantidade”, são tomadas em suas singularidades, e, quando aplicadas fora da complementaridade advinda da relação desse par, geram-se interpretações parciais da realidade espacial. Cheptulin (1982, p.208) propõe uma definição para essas categorias: “a qualidade como o conjunto das propriedades que indicam o que uma coisa dada representa, o que ela é, e a quantidade como o conjunto das propriedades que exprimem suas dimensões, sua grandeza. Conforme o autor, ambas dão conta do “geral (a semelhança)” e também do “particular (a diferença)”.

Além disso, o mundo material é expresso pelo movimento dado tanto em relação ao fundamento da dimensão material como no modo como é processado em nossa consciência. Como adverte Cheptulin (1982, p.30), é a relação da “dialética real do fundamento e do estabelecido que observamos no mundo exterior e no conhecimento”.

Na realidade, um aspecto dado de uma formação material torna-se um fundamento unicamente na medida em que ele começa a influir de maneira sensível sobre seus outros aspectos, a determinar a orientação de suas transformações e a condicionar, dessa maneira, a formação de uma nova qualidade. (Cheptulin, 1982, p.30)

A relação entre a formação material e a construção de uma nova qualidade espacial, ou seja, um modo mais articulado de observarmos-la é, a nosso ver, a relação que podemos designar como o primeiro passo para compreendermos a *interação*.

No entanto, para entendê-las em sua totalidade, as interações espaciais, ao mesmo tempo, devem ser vistas como ação e reflexo da inter-relação entre agentes, dinâmicas e processos que produzem o espaço. Nesse sentido Cheptulin (1982, p.80) afirma:

Na realidade objetiva, não há ações puras, orientadas unilateralmente. Cada ação está necessariamente ligada a uma reação. Cada formação material representa um sistema de movimento relativamente estável, é ativa por sua natureza e, por isso, ela é não apenas um objeto submetido à ação de outras formações materiais que lhe estão ligadas, mas igualmente ela própria é um agente sobre estas últimas.

Mais uma vez o cenário descrito nos parece o da rede. A interpretação de que as interações poderiam ocorrer unilateralmente acarretaria um resultado parcial, já que o espaço não é homogêneo nem em sua constituição material, nem em sua natureza conceitual. Assim, as interações espaciais não representam um ou outro fenômeno ou processo, mas são o movimento pelo qual estes se inter-relacionam com a base material do espaço. As interações são reflexos das inter-relações e transformações no espaço, no entanto “o reflexo está ligado à interação, representa um resultado desta última, mas não é idêntico a ela”<sup>5</sup> (ibidem, p.81).

Cheptulin (1982) contribui para pensarmos o conceito de interações espaciais, pois sua proposta, dedicada à análise das categorias dialéticas, oferece uma construção epistemológica do movimento no espaço e na constituição das redes. E a articulação entre o movimento, o espaço e as redes fora interesse de Camagni (1993) que buscou articular os fluxos no espaço destacando entre muitos pontos as interações espaciais.

Elas foram trabalhadas por Camagni (1993) com o objetivo de interpretar e medir os fluxos territoriais no âmbito das redes de cidades. Sua escolha metodológica foi adotar elementos do modelo gravitacional, desenvolvido na física clássica, para chegar ao debate estruturado na realidade da economia urbana.

---

5 De acordo com Cheptulin (1982, p.82): “A modificação do objeto em decorrência de interações exteriores ou interiores representa não o reflexo, mas o movimento”. Esse autor faz uma discussão interessante em torno da relação entre movimento no espaço e conceito de “reflexo” (cf. Cheptulin, 1982, p.78-85).

O autor observa que essas interações têm como característica principal o arranjo por meio de redes e se materializam a partir de relações bidirecionais e em múltiplos níveis (Camagni, 1993, p.78). Embora também valorize a perspectiva territorial, Camagni (1993, p.80, tradução nossa) oferece uma contribuição importante para pensarmos as interações espaciais, que é a perspectiva segundo a qual as inter-relações territoriais, dadas pelos agentes sociais, econômicos, políticos e culturais, ocorrem por meio das conexões, atrações e reações efetivadas no âmbito das redes: “O modelo por meio do qual o princípio de interação espacial pode ser traduzido em termos analíticos e operatórios é o modelo ‘gravitacional’, assim chamado precisamente por analogia com o modelo newtoniano de gravitação universal”.

O autor toma esse modelo como meio para compreender as interações espaciais e o utiliza a seu favor para dois objetivos: 1. medir os fluxos e a intensidade de interação entre pares localizados no espaço e 2. medir o que ele chama de “acessibilidade generalizada”<sup>6</sup> de cada ponto no espaço.

É a partir desses objetivos que ele constrói sua perspectiva em torno das interações espaciais. O espaço físico – o territorial – é tomado como base, na qual acontecem os processos por meio do movimento entre agentes que constituem uma ou mais redes. Há, segundo o autor, por analogia à teoria gravitacional, um atrito dado pelo movimento dos elementos sobre a base territorial, quando ocorre o deslocamento desses agentes. A esse movimento o autor chama de “fricção espacial”. O movimento entre os elementos e os agentes que produzem o espaço promove as interações espaciais, e a intensidade destas pode ser medida por meio de forças de atração. Assim, deve-se considerar, sempre, uma constante de proporcionalidade do fenômeno analisado, já que esta depende da unidade de medida que se adotará (ibidem).

---

6 Trata-se de “uma característica que provém da posição relativa de um lugar no espaço geográfico no qual estão localizadas ‘n’ massas com as quais este lugar entra em uma relação de interação” (Camagni, 1993, p.83, tradução nossa)

Para o autor, “toda atividade localizada sobre o espaço físico, seja esta uma unidade de produção, uma unidade demográfica ou uma cidade, desenvolve com o meio que a rodeia uma complexa rede de relações bidirecionais que tem lugar em múltiplos níveis” (ibidem, p.79, tradução nossa). A bilateralidade dessa rede de relações caracteriza-se num “campo de forças”, no qual há forças atuantes – de irradiação, repulsão e cooperação –, sobre o espaço físico ou sistema territorial, segundo a análise do autor. Aqui o espaço, diferentemente da concepção de Ullman (1980), já se divide em uma dimensão física e outra conceitual. A partir de um centro gravitacional, o sistema desenvolve-se por meio de inter-relações dependentes da dimensão com as quais as atividades localizadas se desenvolvem e, também, da distância entre os pontos dependentes em relação ao centro gravitacional.

Segundo Camagni (1993, p.83, tradução nossa), quando ocorrem interações espaciais, “cada ponto do espaço parece receber (e exercitar) de fato uma influência que depende, de forma proporcional, da entidade das massas em jogo e de uma forma inversamente proporcional da distância que o separa de todos os demais pontos do espaço”. Essa perspectiva contribui para a ideia de um espaço hierarquizado.

Camagni (1993, p.84) articula ao modelo gravitacional os conceitos de “entropia” e de “potencial”. O primeiro fundamenta-se na ideia de equilíbrio, já que, segundo o autor, “o princípio de entropia, permite, de fato, em uma situação de informação imperfeita, determinar a condição tendencialmente mais provável de sistema, correspondente à sua condição de equilíbrio (ou de máxima entropia)” (ibidem, p.86, tradução nossa). A partir desse princípio, o autor consegue estabelecer uma medição empírica do princípio de interação espacial.

No que se refere ao conceito de “potencial”, segundo Camagni (1993, p.83), a interpretação econômica mais geral relaciona esse conceito com o conceito de acessibilidade ou interação generalizada. O autor reconhece que, em economia espacial, o conceito de potencial pode ser tomado como um indicador de “fluxos potenciais”

e de “posição”. A partir da posição relativa de determinado ponto, surgem interações com outros pontos no espaço ao redor do primeiro, assim, a posição de cada ponto passa a ter um valor, que, no caso da obra analisada, é um valor econômico. É o que ele denomina de “energia potencial de localização”.

O conceito de “energia potencial de localização” é comparado com o “potencial econômico-espacial” quando o próprio autor reconhece que eleva ao máximo sua proposição analítica das interações espaciais aos modelos teóricos desenvolvidos na física clássica. Sua aplicação é bastante objetiva e, segundo Camagni (1993, p.84, tradução nossa), pode contribuir para:

- i) explicar uma decisão locacional (orientada ao local com maior potencial de localização);
- ii) explicar o conjunto de fluxos que nascem a partir da dita localização (e portanto a demanda de mobilidade: demanda de transportes, demanda de contratos);
- iii) explicar o valor que se pode atribuir à dita localização graças à sua “acessibilidade generalizada”.

Com base nessa citação, podemos observar que Camagni (1993) volta-se a verificar e a medir os deslocamentos no espaço. Alguns elementos como a localização, a distância, a força de atração e impulso, os limites territoriais e econômicos, e a intensidade das interações territoriais são valorizados como aspectos pelos quais, ao tomar o modelo gravitacional, o autor busca chegar à compreensão da estruturação e das articulações em rede.

Na perspectiva que Camagni (1993, p.79, tradução nossa) adota,

[...] todas as atividades localizadas no entorno exercem, por sua vez, influência sobre o primeiro centro, por meio dos canais mais diversos: relações comerciais de importação e de exportação de bens e, sobretudo, de serviços; movimentos de fatores de produção, em particular movimentos diários casa-trabalho ou migratórios de população; difusão de *know-how* e de informação; interação por

meio das redes de comunicação e de transporte; relações de colaboração e cooperação, todos exemplos dos tipos de relação que se podem instaurar no território entre entidades mais ou menos complexas.

Assim, podemos observar que, mesmo adotando um modelo de medição da intensidade com que as interações territoriais ocorrem, o autor chega a uma configuração em rede.

Os elementos que ressaltam com a adoção do modelo gravitacional permitem que ele verifique a intensidade com que ocorrem os processos. Mas sua construção teórica dedicada ao movimento, utilizando-se das interações espaciais, garante a legitimidade de sua proposição que analisa os deslocamentos territoriais para chegar à complexidade do movimento espacial encontrado nas redes de cidades.

Esse também é o contexto em que Corrêa (1997) se propôs a trabalhar e a aplicar, de fato, o conceito de “interações espaciais” à realidade do movimento espacial das redes de cidades no Brasil.

Além disso, Corrêa (1997) trabalhou com uma visão mais espacial, no sentido de que considera as interações para além dos fluxos territoriais, buscando sempre apontar elementos que possam contribuir para as enxergarmos de um modo que supere o topológico, responsável por influenciar uma forma demasiadamente vertical e hierarquizante de compreender as cidades, as redes, as funções urbanas, bem como outros conteúdos do processo de urbanização e de produção do espaço.

Dentre os autores que se dedicaram ao conceito de interação no Brasil, Corrêa (1997), em seu texto “Interações espaciais”, é o que mais avançou na análise da realidade espacial. Segundo sua proposição, a interação é uma propriedade, o que a qualifica como um conceito espacial, cujo movimento decorre da inter-relação entre os agentes que a produzem e transformam o espaço.

Para esse autor, as interações espaciais se complexificam em decorrência de transformações no mundo em que vivemos e “devem ser vistas como parte integrante da existência (e reprodução) e do

processo de transformação social e não puros e simples deslocamentos de pessoas, mercadorias, capital e informação no espaço” (ibidem, p.280).

Embora os autores já apresentados tenham perspectivas originais no que respeita ao conceito de interações, nas quais Corrêa (1997) busca elementos para pensar esse conceito, no caso de Ullman (1980), o espaço e seu movimento foram aproximados de um modo mais concreto e amplo, quando são observados de acordo com duas perspectivas: primeiramente, estabelece relação com o *desenvolvimento do capitalismo*, mostrando como, a partir desse modo de produção, ampliam-se e se complexificam as interações espaciais; além de se dedicar aos *padrões de interações espaciais* que, para ele, podem explicar as consequências dos resultados gerados pelo aumento e pelo modo como essas interações ocorrem no espaço.

No que se refere à proposta do autor de compreender as interações a partir do desenvolvimento e, também, das transformações decorrentes desse modo de produção, o primeiro aspecto relevante é quando ele valoriza a “existência e a reprodução social”, pois, segundo Corrêa (1997, p.280), é quando

As interações refletem as diferenças de lugares face às necessidades historicamente identificadas. No que concerne às transformações, as interações espaciais caracterizam-se, preponderantemente, por uma assimetria, isto é, por relações que tendem a favorecer um lugar em detrimento do outro, ampliando as diferenças já existentes, isso é, transformando os lugares.

Outro ponto a ser ressaltado refere-se à análise histórica das interações que implica a compreensão das transformações de ordem econômica no mundo contemporâneo. Sobretudo a partir da Primeira Revolução Industrial, essas transformações geraram a construção de um contexto no qual as interações passaram a ocorrer no âmbito das diversas escalas geográficas. A partir desse acontecimento, por conta da reprodução do capitalismo, ampliam-se os fluxos de pessoas e mercadorias, e, mais que isso, amplia-se a

conexão econômica e financeira entre os territórios, tanto daqueles que detêm meios para que tal conexão ocorra, como a inclusão de territórios que outrora não faziam parte do processo de reprodução social do capitalismo de modo tão intenso.

Corrêa (1997) traz um rol de alterações que, ainda, estão acontecendo e atribuindo novos conteúdos à espacialidade e ao seu movimento. Essas alterações, segundo Corrêa (1997, p.281, grifo nosso), decorrem do aumento:

- i) da massa de mercadorias, pessoas, recursos financeiros e informações em circulação;
- ii) da frequência com que as interações passaram a se verificar;
- iii) dos meios de circulação e comunicação;
- iv) dos propósitos com que são realizadas;
- v) da velocidade, através da qual se verifica a progressiva superação do espaço pelo tempo;
- vi) dos horizontes espaciais, rompendo limitadas distâncias e, adicionalmente, tornando-as multidirecionadas;
- vii) *das redes geográficas, que se tornaram progressivamente mais complexas e abrangentes, envolvendo um número crescente de nós, vias e fluxos, assim como dos mais diversos agentes sociais;*
- viii) e de sua importância na vida econômica, social, cultural e política.

Como podemos observar, o primeiro aspecto que ressalta das colocações do autor é a ampla dimensão do quadro que está posto para compreender as transformações na espacialidade e em seu movimento e as redes que são e expressam a transformação. São elementos que estruturam um contexto em que

Intensificam-se e ampliam-se as interações espaciais que, adicionalmente, tornaram-se mais rápidas e mais complexas. Rompem-se as amarras de horizontes espaciais limitados e fortemente fechados, submetidos a uma economia preponderantemente autárquica. (Corrêa, 1997, p.282)

Amplia-se, ainda, segundo o autor, a divisão territorial do trabalho, assim como há uma crescente articulação na rede de cidades, nas quais se densificam áreas, cidades e regiões cada vez mais conectadas a dinâmicas características da escala global. A inter-relação das forças atuantes nesse processo amplia a interdependência entre cidades e redes de cidades, razão pela qual verificamos, por exemplo, papéis e funções diferentes entre as cidades, debate que retomaremos adiante.

Além da rede de cidades, as redes técnicas que se estruturam irão se processar de maneira expressiva, alimentando-se do processo de articulação das relações urbanas, ao mesmo tempo que o alimentam.

Outro ponto abordado por Corrêa (1997) refere-se aos padrões espaciais que resultam das interações. Para Corrêa (1997, p.295), “diferentes fluxos que articulam os fixos socialmente criados são caracterizados por lógicas que lhes conferem regularidades espaço-temporais que se reportam à organização social e a seu desigual movimento de transformação”.

Segundo o autor, as interações espaciais se processam de duas formas: pela *variabilidade espaçotemporal dos padrões de interação* e pelas *redes geográficas*. De acordo com essas duas formas interpretativas do movimento das interações, somam-se, como destaca Corrêa (1997, p.300), “uma mais significativa divisão do trabalho e uma posição geográfica distinta daquela dos lugares centrais”. O autor, assim como Camagni (1993), acerta em observar o movimento espacial por meio das redes geográficas, pois são elas o meio e a perspectiva de reprodução do capital e do movimento que Cheptulin (1982) buscou.

Esses elementos, entretanto, dependem da variabilidade temporal das interações espaciais que, para Corrêa (1997, p.304),

[...] resulta, de um lado, das transformações que alteraram substancialmente a organização espacial, como aquelas introduzidas a partir da Revolução Industrial, extinguindo algumas interações e criando outras. De outro, deriva do caráter cíclico de determinadas ofertas e demandas, assim como de eventos culturais.

De acordo com o que apresentamos no início deste capítulo, o tempo é tão importante quanto o espaço para compreender o movimento dos agentes e das forças que atuam na produção do espaço e para caracterizar as interações espaciais como conceito e perspectiva metodológica à estruturação e às articulações na rede urbana, visto que esses agentes e forças produzem múltiplas temporalidades e espacialidades.

Essas perspectivas analíticas, mesmo aquelas que se aproximam de propostas de modelização, são revisitadas, na medida em que consideramos, no contexto atual, que as interações espaciais, embora sejam representadas próximas à estruturação de relações hierárquicas das atividades urbanas, produzem-se em cenários nos quais os agentes econômicos se articulam por meio de interações entre as escalas geográficas – *são as interações espaciais interescales*. Esse processo altera os papéis das cidades, exigindo análises que levem em consideração a interconexão das lógicas de múltiplas escalas.

## **O contexto espacial urbano das interações espaciais**

O *processo de urbanização* e a *rede urbana* são tanto o contexto espaçotemporal, como a perspectiva teórico-metodológica, segundo a qual se configuram as interações espaciais urbanas.

Nesses contextos, podemos pensar alguns pontos explicativos das interações espaciais, tais como: a continuidade espacial, a descontinuidade territorial, a homogeneização do processo de produção espacial, a heterogeneização do papel e das funções das cidades na rede urbana, a interconexão de escalas geográficas e a ampliação da mobilidade do capital.

As “interações espaciais” compõem-se em um conceito que, em sua construção histórica, possibilita agregar muitos elementos do processo de urbanização e das dinâmicas do modo capitalista de produção. Entre os autores já apontados que valorizaram esse conceito, destacamos os pontos mais relevantes de suas proposições e que servem de embasamento para pensá-lo. Em suas obras,

destacam-se: a diferenciação da base territorial (Ullman, 1980); a articulação entre pares dialéticos para compreender o movimento espacial no qual ocorrem as interações (Cheptulin, 1982); a articulação dos processos e das dinâmicas por meio de redes (Carmagni, 1993); e as interações como reflexos da reprodução social, promovendo aumento na interconexão entre as cidades e as redes (Corrêa, 1997).

Em todas as perspectivas, aparecem como eixo da perspectiva analítica das interações espaciais as transformações espaciais por sua realidade relacional (Santos, 1988; Lefebvre, 1999). A valorização da perspectiva relacional é importante em função do movimento dos agentes que articulam o modo capitalista de produção e o processo de urbanização, cujo movimento de espacialização é expresso com diferenças significativas a cada parcela do espaço, porém articuladas com estímulos da reprodução do capital em múltiplas escalas.

Nesse amplo campo analítico, as interações espaciais podem ser vistas, a nosso ver, a partir de dimensões relacionadas aos aspectos teórico-metodológicos que atribuímos a elas. Sendo assim, propomos que pensemos sempre em *interações territoriais urbanas* e *interações espaciais urbanas*. A segunda compreende a primeira, no entanto são diferentes em seus aspectos metodológicos, pois se referem a enfoques analíticos diferentes.

As *interações territoriais urbanas* são os fluxos e os meios materiais como as cidades se inter-relacionam no âmbito das redes, devido às ações de seus agentes. São aquelas interações que reforçam a constituição de uma base territorial, mais bem observadas nas escalas local e regional, mas que estão com força, também, nas escalas nacional e global. As *interações espaciais urbanas* também se referem às primeiras, mas, além disso, são o movimento pelo qual o processo de urbanização é produzido, determinado pelos interesses dos agentes e das forças capitalistas especializados. Resultam desse processo as cidades e as redes urbanas.

Podemos falar, então, em interações sociais, econômicas, políticas e culturais, às quais se atrela um conteúdo espacial, já que, em

qualquer uma dessas dimensões, está presente o espaço – a dimensão da vida e do movimento da sociedade.

No plano econômico, as interações garantem a reprodução do capital, ao mesmo tempo que são reflexos dela, uma característica essencial para compreendermos a produção do espaço, tendo em vista que as relações econômicas são aquelas que mais o explicam no mundo contemporâneo.

São muitos os tipos e a natureza de interações espaciais que se configuram: interações espaciais intraurbanas e interurbanas; interações intrarrede e entre redes de cidades; todas intrínsecas às interações espaciais entre as escalas geográficas etc. Dessas interações, aquela que mais merece a atenção do leitor é a inter-relação numa cidade, por exemplo, de elementos cujas características advêm de múltiplas escalas que pode gerar novas perspectivas analíticas quanto às funções e aos papéis que cada cidade desempenha na rede urbana.

Corrêa (1997) ofereceu uma contribuição metodológica de destaque para esse conceito, que se expressa, resumidamente, nos seguintes pontos: a dimensão quantitativa; a frequência com que ocorrem os processos e as dinâmicas; a estrutura física e socioeconômica das cidades; a intencionalidade dos agentes públicos e privados em múltiplas escalas; a velocidade com que os fluxos ocorrem; as distâncias territoriais e estratégicas; os limites territoriais e socioeconômicos; a densidade e a amplitude das redes geográficas; e o contexto em que elas se processam.

Dois, portanto, são os contextos em que se estrutura a perspectiva analítica das interações espaciais que são as redes urbanas e a própria urbanização. Do mesmo modo, as interações espaciais interescares ajudam a explicar as articulações que se dão nas redes de cidades e também no processo de urbanização.

Antes de avançarmos para a proposição analítica central deste livro, valorizando as perspectivas destacadas com os autores trabalhados anteriormente, convém articularmos de forma mais clara como as interações espaciais interescares se expressam em tais contextos, e quais perspectivas melhor se encaixam em nossa leitura das funções e dos papéis das cidades médias paulistas em múltiplas escalas.

## As interações espaciais e a urbanização

O conceito de interações espaciais pode ser (re)significado ante as transformações decorrentes do movimento da urbanização contemporânea.

Para Carlos (2008b, p.184, grifo nosso), o processo de urbanização atinge um *status* de modo de vida, à medida que se expande

[...] espacial e socialmente pelo planeta, produzindo um espaço que lhe é próprio e um modo de vida marcado por relações que tendem a superpor-se às relações tradicionais ora transformando-as radicalmente, ora permitindo que se mantenham *como fundamento de novas interações*.

A urbanização e a reprodução social são movimentos que se articulam e que passaram a ter ainda maior importância “para o desenvolvimento político, cultural e industrial do século XIX” (Harvey, 2005, p.166). Além disso, esses movimentos se ampliaram sem precedentes no decorrer do século XX. Nos dias atuais, a urbanização passou a ser o processo no âmbito do qual se disseminam as transformações, com vinculação e velocidade articuladas à reprodução do capitalismo.

Harvey (2005) destaca como já fomos capazes de desvincular a urbanização de processos importantes que poderiam, sem prejuízos, nos mostrar muitos elementos explicativos das realidades analisadas. Segundo Harvey (2005, p.166), com frequência

[...] o estudo da urbanização se separa do estudo da mudança social e do desenvolvimento econômico, como se o estudo da urbanização pudesse, de algum modo, ser considerado um assunto secundário ou produto secundário passivo em relação a mudanças sociais mais importantes e fundamentais.

Nesse contexto, podemos afirmar que, se separássemos a urbanização das mudanças sociais, do desenvolvimento econômico, das

formas de expressão cultural, das transformações do mundo rural, das interações espaciais e das escalas geográficas, ou dos interesses de reprodução do capital, estaríamos fechando as possibilidades de interpretação.

Assim, a urbanização pode ser compreendida como um processo expresso pelas realidades de cada espaço urbano que dela resulta e também com um processo que redefine as lógicas de produção nesses espaços. Isto é, a urbanização é um movimento cujas características são encontradas em sua expressão – a cidade, no mundo contemporâneo, tomada a partir de seus elementos e conteúdos resultantes de práticas atinentes ao modo capitalista de produção, sejam eles históricos ou atuais. Esse processo diversifica a natureza da urbanização quanto mais o capital se reproduz em espaços que não apenas as metrópoles (Sposito, 2005).

Resultantes dessa dinâmica, temos dois pontos importantes intrínsecos às interações espaciais: 1. a diferenciação das funções e dos papéis das cidades e a criação de padrões hierárquicos com diferentes tipologias; 2. e o movimento do modo de produção capitalista que dissemina pelos territórios processos como a industrialização, a globalização e a financeirização das relações econômicas, construindo, conforme Santos (2001, 2008), uma urbanização corporativa, fruto da territorialização das empresas no mundo.<sup>7</sup>

As interações espaciais passam, então, a ser um conceito sob o qual devemos pensá-lo em novos aspectos, a partir desses dois principais pontos, pois apontam como as cidades são inseridas nesse processo de reprodução do capital em múltiplas escalas e de redes articuladas. Diante disso, adotamos como perspectiva analítica a ideia de que a urbanização deve ser compreendida como um processo fomentado e que fomenta a reprodução do capital e do espaço, sobretudo do capital corporativo.

---

7 Como já observamos detalhadamente, Corrêa (1997) concluiu que tanto o desenvolvimento do capitalismo como os padrões espaciais são importantes para compreendermos o movimento do processo de urbanização no que tange às interações espaciais.

A urbanização contemporânea é um processo que se expressa em territórios de diferentes configurações e conteúdos históricos, estes como resultados do processo de reprodução do capital. Os diferentes territórios aos quais nos referimos, observados sob a ótica das escalas geográficas, são centros que, no arranjo hierárquico das atividades urbanas, dão sentido às noções de metrópoles, cidades médias, cidades locais etc. Aqui o modo de organização reflete a visão hierárquica, dispomos das cidades de funções mais diversificadas para a de menor diversificação na rede urbana.

Um primeiro ensaio refere-se ao fato de a urbanização contemporânea ser indissociável do processo de globalização, em todas as dimensões da vida, e isso faz com que “o processo de globalização introduza uma dinâmica territorial que combina a dispersão com a concentração urbana [...]” (Bellet Sanfeliu; Sposito, 2009, p.28, tradução nossa). Tal processo fortalece a articulação e a valorização do conceito de interações espaciais para que possamos compreender as resultantes desse processo, que combina arranjos hierárquicos com articulações heterárquicas, gerando o impasse, quando na verdade são complementares, exigindo de nossas pesquisas debates que busquem compreender esse processo de forma mais articulada, no que diz respeito a considerar em que medida estão presentes numa cidade *as interações espaciais interescalares*.

Aqui surge outro aspecto de mesma importância:

- Como superar essa visão hierárquica para compreendermos as cidades médias em múltiplas escalas, sem deixar de considerar que, em muitas atividades, há, sim, um arranjo hierárquico?

Não se trata de uma questão pontual, e, por isso, um primeiro debate ocorrerá conforme o leitor avançar na leitura desta obra, quanto mais adentrarmos a realidade do espaço em rede analisado.

## As interações espaciais e a rede urbana

Para começarmos a tratar das transformações por que passam as cidades médias no âmbito da rede urbana, por meio da perspectiva

analítica das interações espaciais, destacamos três alterações que vêm ocorrendo na rede urbana, identificadas por Corrêa (2001, p.364), que são: “a crescente complexidade funcional dos centros urbanos, a crescente articulação entre os centros, rompendo com o padrão eminentemente regional das interações e a crescente complexidade do padrão espacial da rede urbana”. Essas alterações ainda em curso levam a uma maior divisão territorial do trabalho, como destaca o autor, e, a nosso ver, também ampliam a complexidade das e nas redes urbanas, à medida que as interações espaciais dão-se de forma mais articulada e difusa.

Essa crescente complexidade nas interações espaciais responde às funções e aos papéis das cidades, bem como aos padrões espaciais com que elas se articulam às redes em múltiplas escalas. Isto é, analisar as funções e os papéis por meio dos quais se define uma cidade é analisar as articulações e as interações no âmbito da rede urbana e das redes técnicas em uma combinação de tempos, em uma determinada estruturação espacial.

No âmbito da rede urbana, as funções e os papéis das cidades são definidos num vaivém de lógicas, interesses e dinâmicas intrínsecas à reprodução do capital, cujo movimento advém do processo de articulação das escalas. Geram interações espaciais interescolares que explodem na estrutura hierárquica da rede, aparecendo pontos no espaço que mostram maior complexidade que se pensados sob seus níveis hierárquicos. São escalas, principalmente a regional, que não somente sobrevivem, mas se transformam em essência diante de movimentos como o avanço de agentes econômicos globais. É a rede se complexificando, os tempos se sobrepondo, os espaços se (re)significando e as interações espaciais se densificando.

Esse cenário pode ser ilustrado pela colocação de Arroyo (2006, p.81) quando a autora apresenta o seguinte argumento elucidativo:

É na encruzilhada da circulação, das redes, dos fluxos que as cidades crescem ou se estancam. É, através de sua capacidade para criar condições de fluidez e porosidade territorial, que elas conseguem ser ponto de confluência de diversos circuitos produtivos. É

todo esse movimento, por sua vez, que lhes outorga uma vida de relações intensa.

As considerações da autora vão ao encontro do que já afirmamos anteriormente, pois os fluxos nas redes põem as cidades no processo de reprodução do capital em múltiplas escalas. Nesse sentido, as redes – circuitos abertos, dinâmicos e complexos – são o eixo estruturador para compreendermos as funções e os papéis das cidades. Também são a possibilidade de pensarmos as cidades em suas articulações pelas diferenciações e complementaridades de suas funções e papéis, e não pela relação de importância que põe uma em detrimento de outra.

A realidade espacial observada pela rede traz consigo uma série de conceitos e fatos que nos ajudam a compreender as articulações entre os processos e elementos espaciais. *Os fluxos* revelam e determinam *a fluidez, a porosidade, a centralidade e a concentração espacial e econômica, e as interações espaciais* são elementos importantes que, em análise, podem mostrar a complexidade existente nas redes geográficas, para além da estrutura rígida dos níveis hierárquicos.

A rede urbana, todavia, existe de fato no momento em que se dão os fluxos, movimento que só é compreendido no tempo e no espaço, que interconecta os fixos e os agentes participantes desse processo e que configura a estruturação e as articulações delas, dando sentido às funções e aos papéis que atribuímos a cada cidade ou conjunto delas.

Há um caráter inter-relacional que constitui as relações em redes expressas não somente numa perspectiva para compreender as interações espaciais, como também supera a ideia de um espaço palco. É o movimento relacional intrínseco na estruturação da rede que a põe como um conteúdo central para compreender as interações espaciais interescales das e nas cidades.

A rede é, conforme Domènech (2003, p.vi, tradução nossa), “a resposta aos sistemas urbanos e às necessidades de dinamismo e flexibilidade na atividade econômica e na implementação de políticas, num contexto de mudanças contínuas e de globalização”. O

mesmo autor ainda define um contexto adequado para pensarmos a existência da rede:

A hipótese que aparece na rede de cidades é que as externalidades não se criam, exclusivamente, no interior dos grandes estabelecimentos produtivos e das cidades, associadas à concentração da população e da atividade, mas também, na rede de cidades, associadas à interação entre unidades urbanas, e onde a concentração espacial não é requerida. Essas economias recebem o nome de “economias de rede” e se associam, fundamentalmente, à organização da produção no espaço-território, ao efeito de massa que conseguem essas cidades ao interagirem, à morfologia e intensidade de uso da rede e aos processos de *feedback* derivados de intercâmbios materiais e de conhecimento. (Domènech, 2003, p.vii, tradução nossa)

As cidades estão inseridas em redes de múltiplas escalas que sustentam o arcabouço teórico-metodológico estruturado em torno das interações espaciais interescalares e da complementação entre o padrão hierárquico e a necessidade de pensarmos a rede também para além dessa estruturação.

São, realmente, os fluxos o ponto alto para compreendermos tanto o espaço como o movimento que o diferencia e o conecta no processo de reprodução do capital. São eles também que apontam a definição das escalas geográficas no espaço e o modo como podemos observar as mudanças que vêm ocorrendo em cada uma delas.

A expressão “rede de cidades” é explicitada por Domènech (2003, p.v, tradução nossa) ao modo como a economia urbana a define: “espaços nos quais os nós são as cidades, conectadas por vínculos de natureza socioeconômica (articulações), por meio dos quais se intercambiam fluxos de distinta natureza, sustentados sobre infraestruturas de transportes e comunicações”. A colocação do autor expressa claramente a forte e importante relação entre a estruturação e as articulações que formam as redes no espaço, em que os fluxos ressaltam como elementos para as compreendermos. Mas

também, de igual forma, são os fluxos fruto do acúmulo de tempos na rede urbana.

Como já afirmou Dematteis (2002, p.163, tradução nossa), vivemos “em um mundo dominado e controlado por redes de interações e fluxos globais”, e isso “nos estimula a pensar os territórios, as regiões e as cidades de modos relativamente novos”.

E se as redes urbanas podem ser compreendidas por meio de sua estruturação e de suas articulações em múltiplas escalas, vale nos utilizarmos da proposição analítica de Santos (2008) quando expôs as ideias de horizontalidade e verticalidade como uma forma de compreender a própria rede e os fluxos.

Esse autor considera que haveria “dois arranjos e duas segmentações” para compreendermos o modo como no espaço definem-se as redes, tanto em estruturação como em articulações. Santos (2008), ao intitular um subtópico da obra *A natureza do espaço*, utilizou a frase “dois arranjos e duas segmentações” para tomar a relação continuidade-descontinuidade territorial, elaborando um par explicativo da diferenciação do arranjo espacial, e a diferenciação de ocorrência dos fluxos, que são as horizontalidades e as verticalidades. Esse par ajuda a compreender os arranjos e as articulações constitutivos das redes urbanas, bem como outras que estão na base de sua formação.

A rede urbana pode ser vista por meio das horizontalidades e das verticalidades, conforme o autor pressupõe a ocorrência de interações espaciais entre as escalas que explicam a relação entre a definição funcional das cidades na rede e também de seu caráter territorial e escalar. Como ressalta claramente Santos (2008, p.284), sua proposição teórica busca “categorias analíticas simples que deem conta da inseparabilidade do ‘funcional’ e do ‘territorial’”. Diante da proposta de buscar categorias analíticas, o autor vai diferenciar os conceitos de horizontalidade e verticalidade. Para Santo (2008, p.284, grifos do autor):

Hoje, ao lado dessas manchas, ou por sobre essas manchas, há, também, constelações de pontos descontínuos, mas interligados,

que definem um espaço de fluxos reguladores. As segmentações e partições presentes no espaço sugerem, pelo menos, que se admitam dois recortes. De um lado, há extensões formadas de pontos que se agregam sem descontinuidade, como na definição tradicional de região. São as *horizontalidades*. De outro lado, há pontos no espaço que, separados uns dos outros, asseguram o funcionamento global da sociedade e da economia. São as *verticalidades*. O espaço se compõe de uns e de outros desses recortes, inseparavelmente. É a partir dessas novas subdivisões que devemos pensar novas categorias analíticas.

Segundo a perspectiva do autor, as horizontalidades estão mais atinentes ao plano territorial, ao passo que as verticalidades referem-se mais às articulações entre as lógicas que são articuladas a partir das cidades na rede. O territorial é um descontínuo de pontos, ora mais, ora menos interligados, dependendo dos interesses dos agentes que conformam o “espaço banal” que, no dizer de Milton Santos (2008, p.284), é o “espaço de todas as pessoas, de todas as empresas e de todas as instituições”.

Complementando nossa observação, considerando que as interações espaciais interescares compõem nossa perspectiva de método, tomamos também a proposta de Sobarzo (2009) que chama a atenção para a relação entre as horizontalidades e as verticalidades nas cidades médias como meio para refletir sobre os papéis desempenhados na rede urbana. A combinação de lógicas caracterizadas pela interação entre as escalas aproxima-se da ideia de “encruzilhada entre verticalidades e horizontalidades” (Santos, 2008; Sobarzo, 2009).

A ideia de encruzilhada é mais adequada também para pensarmos as funções e os papéis das cidades médias na rede urbana, em quais sejam as escalas e, principalmente, quando nos referimos às interações que se dão entre elas. Ambas se definem conforme a interação entre lógicas e agentes que atuam desde as escalas local e regional até as escalas nacional e internacional.

Por isso, Sobarzo (2009, p.151) afirma que

[...] as cidades médias, na atualidade, caracterizam-se pela função de intermediação na rede urbana, que responde a uma combinação de verticalidades e horizontalidades num jogo de forças globais e locais. Esses vetores e forças se articulam e/ou se contrapõem e definem um espaço de geometria variável, ou seja, não se trata somente de intermediação entre um nível e outro da rede urbana ou entre a cidade e o campo, numa concepção hierárquica rígida, mas trata-se de relações seletivas que conectam pontos específicos, segundo interesses também específicos e instáveis que obedecem a demandas e requerimentos externos.

A contribuição de Sobarzo (2009) traz ao debate a caracterização das funções e dos papéis das cidades médias na rede urbana, que vai além de uma visão hierárquica rígida. Considera que as horizontalidades “estão presentes nos serviços que a cidade média presta ao seu entorno e que significam deslocamentos periódicos da população: saúde, educação, comércio especializado, serviços públicos, serviços bancários, entre outros”; ao mesmo tempo que

[...] as verticalidades nas cidades médias representam os fluxos externos, hegemônicos, produzidos a longa distância, que interferem na dinâmica da cidade, conectando partes dela com o âmbito global, num processo que responde aos interesses e aos requerimentos da fluidez e da reprodução do capital. (Sobarzo, 2009, p.150)

Santos (2008, p.284) reconhece que “o espaço se compõe de uns e de outros desses recortes, inseparavelmente”. Sendo assim, as cidades médias, densamente constituídas por horizontalidades, são articuladas, também, segundo os vetores das verticalidades, pois elas também participam do processo de “funcionamento global da sociedade e da economia” (ibidem).

Esse arranjo de ideias oferece elemento para compreendermos a estruturação e as articulações do e no espaço em rede. As interações

espaciais interescalares não se limitam somente a uma ou a outra, mas decorrem do movimento relacional entre elas.

Articular o movimento espacial às perspectivas analíticas das interações espaciais interescalares gerou uma proposta metodológica incompleta, considerando que a hierarquia urbana como modo de observar a estruturação da rede urbana não somente não contempla a complexidade das articulações, como também a enrijece. Os espaços das cidades médias em questão cabem dentro dos níveis da hierarquia urbana a elas atribuídos e também os extrapolam. A partir delas, em razão do número e da intensidade de agentes e instituições, bem como de suas lógicas de atuação nas múltiplas escalas, podemos perceber que as interações espaciais interescalares, por tratar-se de uma perspectiva metodológica, merecem ser visitadas segundo enfoque que dê conta daquelas articulações que estão para todas as escalas geográficas, porque são estruturadas a partir de lógicas advindas da interação delas, comumente chamadas de não hierárquicas.<sup>8</sup>

Optamos por apresentar, com base no que já foi desenvolvido anteriormente, a ideia de que as articulações na rede de cidades revelam a *heterarquia urbana*. Trata-se não somente de denominar aquelas articulações que extrapolam a estruturação hierárquica da rede urbana em que estão envolvidas as cidades médias que estuda-

---

8 Convencionou-se chamar o que é novo a partir do preexistente e do consolidado, mas sabemos que, no âmbito científico e acadêmico, tomando os devidos cuidados, cabe buscarmos as denominações adequadas ao processo ou qual seja o objeto avaliado. Quando nos referimos àquilo que se distingue de hierárquico como “não hierárquico”, dos espaços metropolitanos como “não metropolitano”, por exemplo, distinguimo-los do preexistente em primeira análise, mas isso significa considerá-los a partir de seus conteúdos e de suas heranças já consolidados, gerando uma interpretação do novo atrelado ao conjunto teórico-empírico baseado no já existente. Isso não seria nenhum problema não fosse, no caso da estruturação da rede urbana, uma herança que não foi adequada ao movimento de articulações contemporâneas. Dar nome aos processos e/ou aos objetos científicos que ainda nos parecem novos não é apenas uma tentativa de denominação, mas de avaliarmos as diferenciações e quais atributos o novo adquiriu.

mos, mas, sobretudo, de chamar a atenção, no plano metodológico, para essas articulações que explicam a construção das funções e dos papéis de tais cidades médias na rede urbana em múltiplas escalas.

Nesse sentido, a “encruzilhada” é percebida como uma possibilidade teórico-metodológica, pois sintetiza as interações espaciais escalares e é tomada, por nós, como elementos estruturantes da noção de que há uma organização heterárquica na rede de cidades que complementa as lacunas da estruturação hierarquizada.

À medida que se valorizam as verticalidades nas cidades médias estudadas, fortalece-se a heterarquia urbana, na qual as articulações que antes eram lidas de uma forma mais encaixada nos níveis hierárquicos que as classificavam como centros regionais não mais se limitam às lógicas da estruturação regional e/ou às horizontalidades.

Antes de avançarmos em outros elementos e conteúdos elencados para observarmos as funções e os papéis das cidades médias em questão, exporemos o que entendemos por heterarquia urbana, e como essa ideia poderá levar adiante nossa hipótese.

## **Heterarquia urbana: uma perspectiva metodológica para análise das interações espaciais interescalares das cidades médias na rede urbana**

Falar das interações espaciais interescalares na rede urbana é tratar de articulações densas e complexas que se refletem em mudanças na funcionalização das cidades, conseqüentemente exigindo novos sentidos tanto no que se refere à posição quanto à condição delas na hierarquia da rede urbana.

Na última década, a introdução de novas tecnologias e alterações nas redes técnicas, o aprofundamento da globalização da economia brasileira e o avanço da fronteira de ocupação imprimiram modificações marcantes no território [...]. (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2008, p.9)

E, por isso, o

[...] avanço da divisão técnica e territorial do trabalho e as transformações decorrentes das novas formas de comunicação ampliaram a organização em rede – de produção e distribuição, de prestação de serviços, de gestão política e econômica – cujos nós são constituídos pelas cidades. (ibidem)

Nesse contexto, dois termos ajudam a compreendermos tais mudanças na condição espacial das cidades médias e o modo como de fato enxergamos as interações espaciais a partir delas, que são a *projeção* e a *atuação* na rede urbana. Partimos de um contexto complexo, no que tange à diversificação das funções das cidades na rede urbana, em que a relação entre projeção e atuação dependerá dos agentes econômicos, e também políticos, presentes em cada uma das cidades pesquisadas.

Além disso, a complexidade crescente na diversificação das funções das cidades na rede urbana é que ajuda a explicar esse processo.

Especialmente em um país como o Brasil, marcado por profundas desigualdades de renda e de acesso a mercados consumidores, a rede urbana divide-se entre uma arquitetura clássica desenhada pelos fluxos materiais – muitas vezes limitada aos níveis hierárquicos mais elementares para parcela significativa da população (Corrêa, 1996) – e os pontos inseridos nas redes globais, mais dinâmicos economicamente. Camagni e Salone (1993) propõem complementar a tradicional teia de hierarquização dos centros da rede urbana com uma visão da rede de cidades definida por um sistema de relações horizontais não-hierárquicas, de complementaridade e cooperação. (ibidem)

O próprio Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2008) reconhece que, na rede urbana, dada sua complexidade, há uma relação entre sua trama hierarquizada e articulações que não podem ser vistas apenas como tal. A rede urbana é dinâmica e complexa e,

por isso, tanto deve ser reconhecida sua estruturação hierárquica, pela existência de cidades com diferenças funcionais, como também deve ser reconhecido que qualquer uma delas pode participar das interações espaciais interescolares, dependendo dos interesses articulados entre agentes econômicos tanto do local e do regional como nas escalas mais amplas, sobretudo a global.

É o caso das cidades médias que vimos estudando, pois há nelas articulações em múltiplas escalas, pois, a partir da observação das funções e dos papéis que elas desempenham, podemos identificar a coexistência da estruturação hierárquica e das articulações heterárquicas. É mais claro, para nós, a existência de um arranjo hierárquico estruturado nas redes urbanas, inclusive porque, segundo ele, as funções e os papéis das cidades ficam mais evidentes, conforme podemos observar nos estudos realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2008, p.9) para definir os níveis hierárquicos e delimitar as regiões de influências das cidades brasileiras em 1966, 1978, 1993 e 2008, sobretudo no que diz respeito ao grau de dependência e subordinação de um centro em relação a outros. Já os arranjos dados de modos não hierárquicos, tanto entre os centros urbanos como entre as redes, nos parecem menos claros, de maior dificuldade para investigá-los: “as cidades, contudo, mantêm também relações horizontais, de complementaridade, que podem ser definidas pela especialização produtiva, pela divisão funcional de atividades, e pela oferta diferencial de serviços” (ibidem). Isso pode ocorrer, inclusive, entre centros de mesmas funções e papéis e em múltiplas escalas.

São as atividades econômicas as principais responsáveis pela hierarquização nas cidades médias pesquisadas. Isso decorre da natureza das atividades comerciais, industriais e de serviços presentes nelas, do nível de especialização técnica e profissional, e, sobretudo, das interações decorrentes das negociações para reprodução do capital das empresas envolvidas. Sendo assim, a classificação das cidades no arranjo da rede urbana e suas funções e papéis dependem das atividades que nelas se instalam e da abrangência escalar na qual os agentes econômicos atuam.

Martin Lu (1984) tem uma importante contribuição para nossa proposta analítica das articulações heterárquicas na rede urbana. Interessado em tratar especificamente do planejamento urbano na teoria espacial, Lu (1984, p.22, grifos do autor) destacou que,

[...] no planejamento enquanto processo, o poder explicativo não pode se limitar apenas à incorporação da dimensão *funcional*, isto é, operar-se dentro de espaços matemáticos ou abstratos, sem introduzir, de forma explícita e direta, a *dimensão espacial*.

O autor ainda afirma que um processo de planejamento pleno deve resultar de uma combinação de “enfoques setoriais, fatoriais, funcionais e espaciais [...]” (ibidem).

É claro o envolvimento de elementos e conteúdos metodológicos comuns à nossa proposição analítica da existência da heterarquia urbana na proposta de Martin Lu (1984). Na rede urbana, o entendimento da condição das cidades médias, de suas funções e papéis, dadas as interações espaciais interescares, depende de uma leitura capaz de apreender as articulações no espaço.

Santos (2008, p.191) valorizou o enfoque analítico do economista regional Martin Lu (1984) sobre as noções de integração funcional e integração territorial:

A integração funcional resulta dos processos produtivos, cujos fluxos percorrem o espaço hierarquicamente. [...] A integração territorial é resultado dos processos de consumo, que hierarquizam o espaço segundo as potencialidades de demanda e de oferta.

Para Santos (2008, p.191-2), Martin Lu (1984) trata da “diferenciação entre uma hierarquia funcional (ou setorial) e uma hierarquia espacial (ou territorial)”, ideias que foram utilizadas por Santos para a elaboração do par horizontalidades e verticalidades.

A conclusão de Santos (2008) em torno dessas diferenciações é que existem interdependências tanto no que tange à hierarquia funcional e espacial como do ponto de vista das horizontalidades e das verticalidades. Para Santos (2008, p.193):

Essas interdependências tendem a ser hierárquicas e seu papel de ordenamento transporta um comando. A hierarquia se realiza através de ordens técnicas, financeiras, políticas, condição de funcionamento do sistema. A informação, sobretudo ao serviço das forças econômicas hegemônicas e aos serviços do Estado, é o grande regedor das ações que definem as novas realidades espaciais. Um incessante processo de entropia desfaz e refaz contornos e conteúdos dos subespaços, a partir das forças dominantes, impondo novos mapas ao mesmo território. É o crescente processo de homogeneização se dá através de um processo de hierarquização crescente. A homogeneização exige uma integração dependente, referida a um ponto do espaço, dentro ou fora do mesmo país. Nos outros lugares, a incorporação desses nexos e normas externas tem um efeito desintegrador das solidariedades locais então vigentes, com a perda correlativa da capacidade de gestão da vida local.

De fato, o autor tem razão quando extrai da obra de Martin Lu (1984) as interdependências como explicativas da estruturação hierárquica na rede urbana, que realiza com a ordem da reprodução do capital. Entretanto, o movimento espacial das articulações em múltiplas escalas, aquele das verticalidades, acaba por produzir, também, um espaço onde tudo decorre da articulação. É essa a perspectiva da heterarquia urbana, em que as articulações entre agentes, empresas e lógicas empresariais advêm de escalas diferentes e as escalas local e a regional não desaparecem, mas são resignificadas com os novos conteúdos da ordem global.

A heterarquia urbana é, assim, a possibilidade de compreensão dos interstícios gerados na estruturação hierárquica da rede urbana e na complexa trama de interações espaciais urbanas interescolares. No que se refere às cidades médias, a heterarquia urbana corresponde ao momento em que as horizontalidades e as verticalidades encontram-se, quando o local/regional é articulado definitivamente à reprodução do capital e às redes que passam a coexistir em múltiplas escalas.

Se, no processo de hierarquização das cidades, constituem-se centros de comando, amplia-se, no que tange às atividades eco-

nômicas, a complexidade de centros que outrora eram considerados patamares hierárquicos de menor complexidade técnica e econômica.

Com esse contexto, propomos a validação da expressão “heterarquia urbana”<sup>9</sup> que valoriza a estruturação hierárquica da rede no que se refere à sua funcionalidade, mas que reconhece, nesse processo, que as funções e os papéis das cidades médias na rede urbana são fruto do processo de articulação entre as escalas geográficas. Sendo assim, a hierarquia urbana não explica as articulações econômicas, mas apenas resulta delas. Atribuir determinado nível de participação às cidades mostra parte da perspectiva relacional da rede urbana.

A noção de “heterarquia” está vinculada à concepção de que o mundo é regido por interações complexas que ocorrem ao mesmo tempo, sempre, por meio de uma condição de interdependência entre níveis de atuação desses agentes e forças (Barragán, 2007).

Barragán (ibidem) ainda destaca quatro pontos importantes para entendermos a noção do termo “heterarquia” em uma condição conceitual, bem como a consideração dele em sua relação com a hierarquia. Segundo Barragán (ibidem, p.8), os conceitos de hierarquia e heterarquia podem ser compreendidos conjuntamente: 1. a partir de um mundo organizado em níveis; 2. por uma determinação de níveis hierárquicos mais complexos em contraposição àqueles de menor complexidade técnica e espacial; 3. pela importância que cada nível hierárquico possui, e neles a natureza aberta, multidimensional e contraditória que o conceito de heterarquia pode revelar; e, de nossa parte, 4. pelas interações que se dão entre

---

9 Segundo Dreifuss (2001), a hierarquia do arranjo da “comunidade política planetária” direcionada por um “conjunto de potências” pode ser repensada a partir de uma organização heterárquica. Embora o autor tenha uma perspectiva menos voltada para o econômico, considera que há um processo de rearticulação espacial, em que todas as dimensões da vida passam por profundas transformações, nas quais surgem pontos articulados no espaço que se reproduzem de acordo com uma mesma lógica e importância, cada um com suas funções.

os níveis hierárquicos, em que se destacam outros nós, intervalos e redes no processo de constituição e diferenciação das funções e dos papéis das cidades na rede urbana.

É nesse contexto que a expressão heterarquia urbana aparece como proposta para pensarmos o arranjo hierarquizado que merece ser revisitado ao considerarmos uma complexa rede de centros urbanos cujas interações espaciais e territoriais se dão entre centros de mesmos níveis e entre centros de níveis diferentes.

Valorizamos aqui a diferenciação das funções e dos papéis desempenhados pelas cidades. O padrão hierárquico continua a existir, no entanto torna-se insuficiente para explicar os conteúdos advindos do aumento das interações espaciais sob a égide da globalização. Os nós das redes ampliam-se não somente em quantidade, como também em complexidade técnica, territorial e econômica, ocorrendo maior sinergia entre os papéis de cada cidade na rede urbana, em cada escala geográfica e na interação entre elas.

Domènech (2002, p.269, tradução nossa) oferece-nos apoio metodológico quando destaca que, das muitas características que a rede de cidades possui, a de maior relevância é quando acontece a coexistência de estruturas hierárquicas e não hierárquicas, explicadas pela “cooperação entre cidades e [pela] geração de aberturas associadas à organização da estrutura urbana e à interação entre seus nós”.

Por conta dessa perspectiva, Domènech (2002, p.269, tradução nossa) afirma também que

As “redes verticais e hierárquicas” são aquelas que se estabelecem entre os nós (municípios) de diferente classificação, quando alguns dos nós dominam outros no intercâmbio. As “redes horizontais ou heterárquicas” se estabelecem normalmente entre municípios de mesma classificação, onde não existe domínio. Adicionalmente, as redes horizontais também podem estabelecer-se entre municípios de diferente classificação, sempre que não exista relação de domínio.

O autor utiliza a noção de heterarquia para compreender a rede de cidades. Segundo Domènech (2002), a heterarquia (ou relações horizontais) na rede decorreria das articulações entre centros urbanos de mesma tipologia e variavelmente entre aqueles de diferentes funções e papéis, desde que não haja subordinação de um em relação ao outro. De nossa parte, acreditamos que a heterarquia urbana advém das interações espaciais interescolares na rede urbana e poderá ser posta à prova para além das tipologias das cidades. As funções e os papéis que elas exercem na rede dependem, em grande parte, das articulações que vão da lógica local até a global, e, quando se atinge a última escala, a complexidade acontece. Elas tanto atingem a escala global, como as lógicas da escala global as atingem, e isso faz diferença na análise.

Em suas histórias, como centros produtivos, essas cidades médias sempre tiveram alguma articulação com o mercado exterior e com suas redes regionais de influência. Ocorre que, agora, as lógicas da escala global as atingem via agentes econômicos que instalam em seus territórios não somente capitais fixos, mas também lógicas suficientes para modificar as articulações delas na rede urbana. É nesse sentido que podemos considerá-las como novos nós na rede urbana, e, portanto, a heterarquia urbana revela, também, as relações verticais na rede de cidades.

Com bem ressaltou Sposito (2012, p.25):

Os vetores globais teriam expressão nas cidades médias, tanto do ponto de vista dos interesses econômicos, como da redefinição das práticas socioespaciais, sem que interações espaciais estabelecidas, materiais e imateriais tenham que, necessariamente, passar pelas metrópoles nacionais, tornando mais amplas as escalas de codeterminação e mais intensos e complexos os movimentos que constituem a armadura do sistema urbano, aqui compreendido como redes de redes urbanas.

Com essa afirmação fica clara a complexidade encontrada nas interações espaciais entre as cidades e entre as redes em múltiplas

escalas. Essa complexidade confunde a elaboração de modelos que buscam colocar cada uma delas em um nível hierárquico. Os processos que as envolvem, bem como as forças e os agentes econômicos integrados na densificação desse cenário, verticalizam-nas, ao mesmo tempo que as horizontalizam na rede urbana. E o fato de as interações entre agentes de escalas diferentes não passarem necessariamente pelas metrópoles fortalece a ideia de que, para além da hierarquia urbana e nela própria, há uma perspectiva analítica heterárquica.

Assim, para uma leitura do movimento das interações espaciais interescolares no espaço, a heterarquia urbana é proposta não por acaso, mas com embasamento metodológico e analítico num espaço em rede visto pelo conteúdo epistemológico das interações espaciais, no qual as cidades médias não são apenas pontos, mas também encontro de escalas, o que resulta numa requalificação tanto em sua estruturação como em suas articulações.

As cidades médias que tomamos como recorte territorial e analítico expressam esse conteúdo epistemológico à medida que seus territórios vão sendo articulados na rede urbana, seja no âmbito regional, comumente reconhecida, seja nas escalas nacional e global. A análise que buscará aclarar o porquê de adotarmos a concepção heterárquica para compreender, além da posição, a condição dessas cidades médias na rede tem como objetivo mostrar como isso se reflete em suas funções e seus papéis desempenhados.

## 2

# BAURU, MARÍLIA E SÃO JOSÉ DO RIO PRETO: AS REDES E OS FLUXOS REGIONAIS

### **Metodologia e perspectivas analíticas**

As cidades médias de Bauru, Marília e São José do Rio Preto não poderiam ser compreendidas neste livro, e em nenhum outro estudo, fora da rede regional que se constitui a partir de suas funções e de seus papéis que vão se definindo conforme as interações territoriais e espaciais que delas partem e que a elas chegam – os fluxos. Mais que uma escala, temos a conformação de um espaço regional articulado a partir da centralidade econômica delas.

A rede regional conformada em torno dessas cidades médias não expressa apenas as horizontalidades atinentes à sua centralidade, mas também as colocam no curso das verticalidades – das interações com as macroescalas. Neste capítulo, focamos nossa análise para demonstrar como as redes de influência regional, articuladas a partir das cidades de Bauru, Marília e São José do Rio Preto, fundamentam suas características não somente como centros regionais, mas também como nós de articulação de espaços mais amplos e complexos.

Como centros regionais, elas são vinculadas, do ponto de vista analítico, aos níveis hierárquicos, já como nós de articulação na rede regional buscamos observá-las pela complementaridade exis-

tente na construção de suas funções e de seus papéis por meio das interações com as cidades por elas polarizadas que podem se interligar, ao mesmo tempo, com mais de uma cidade média, inclusive de menor centralidade, dependendo das atividades buscadas. Assim, para nós, convencionou-se denominar os resultados da centralidade dessas cidades médias como “rede de influência regional”, uma concepção mais aberta e dinâmica e, por isso, mais adequada à perspectiva das interações espaciais interescalares, tendo em vista que o termo “área” de influência carrega um significado territorial e, muitas vezes, limitado, como já declaramos no início.

Ao colocarmos em debate a rede regional dessas cidades médias, trazemos a ideia de “duração, extensão, escalas e superposição” para a qual Santos (2008, p.184) já chamou a atenção ao tratar dos eventos espaciais. Trata-se de atributos que não somente explicam as interações espaciais, como também nos levam à “rede” vista a partir da situação geográfica – horizontalidades e verticalidades –, pois é possível observar que, também na escala regional, a hierarquia e a heterarquia são perspectivas complementares para compreendê-las.

Estão presentes, em suas redes regionais, cidades de funções e papéis diferenciados que, em primeira análise, expressam um espaço caracterizado pela hierarquia entre as cidades. Entretanto, a diferenciação de papéis entre as cidades das redes regionais confirmam nossa tese de que, nas interações espaciais, encontramos relações heterárquicas, levando em consideração que as funções e os papéis das cidades médias são construídos num processo de conformação regional, dado que os investimentos efetuados nelas consideraram a escala regional como fato e condição.

Na conformação da rede de influência regional das cidades médias de Bauru, Marília e São José do Rio Preto, as cidades polarizadas participam dessa centralidade como centros geradores de fluxos, já que tais cidades vão reforçando sua centralidade com a ampliação de seu raio de influência.

A centralidade das cidades médias, portanto, condição destacada neste capítulo, também é fruto dessa conformação regional que produz conjuntamente uma escala e um espaço que se fortalecem a partir delas e também das outras cidades presentes em sua rede regional.

No que se refere aos procedimentos metodológicos valorizados para esta análise, destacam-se os mapas temáticos que mostram os recortes territoriais das regiões administrativas (RAs), criadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que dividem o estado de São Paulo em 15 regiões para fins estatísticos,<sup>1</sup> e das regiões de influência de cidades (Regic), também organizadas pelo IBGE para os estudos das inter-relações na rede urbana. O primeiro recorte foi eleito por ser referência em estudos de instituições e empresas que investem nas cidades médias em questão, tomando as RAs como territórios consumidores. Com a Regic, complementamos a análise, tendo em vista que é um estudo que tem como base os fluxos em direção às principais cidades brasileiras, entre elas as estudadas por nós, principalmente pela capacidade de atração delas em relação às outras cidades que compõem ambos os recortes territoriais aqui adotados.

No que se refere aos fluxos – como, em que direção e em que quantidade eles ocorrem –, buscamos os dados na plataforma do Departamento de Estradas e Rodagem (DER), os quais são apresentados segundo as principais rodovias que interligam as redes regionais das cidades médias de Bauru, Marília e São José do Rio Preto. Os dados que mostram os fluxos de veículos foram cruzados com os dados presentes na Regic (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2008) por meio do *software* ARCGis, com os quais elencamos aquelas rodovias e trechos presentes em cada uma das RAs e Regics que têm como sede as cidades médias em questão. Por meio do mesmo *software*, foram gerados os mapas temáticos anali-

---

1 As 15 regiões e seus respectivos municípios estão disponíveis em: <<http://www.seade.gov.br/produtos/divpolitica/>>. Acesso em: abril 2012.

sados neste capítulo com o intuito de verificarmos as articulações no âmbito da rede de influência regional de Bauru, Marília e São José do Rio Preto.

Desse modo, as redes urbanas, em que estão inseridas essas cidades, é o cenário pelo qual a duração, a extensão, as interações espaciais e territoriais nas escalas local e regional e a superposição e/ou combinação entre agentes e empresas de abrangência multiescalar vêm definindo as funções e fortalecendo seus papéis nessas escalas. O protagonismo das articulações em rede é tomado conforme esses elementos, responsáveis, também, por tornar as cidades médias em questão em nós que reúnem lógicas de múltiplas escalas, fortalecendo, sobremaneira, a dimensão regional.

### **O espaço regional em redes: estruturação e articulações**

Embora o espaço seja uma dimensão em que os objetos e as ações, de múltiplas naturezas, acontecem de modo imbricado, sempre se atrelam a ela perspectivas que tomam o espaço de uma forma compartimentada e hierarquizada, segundo delimitações que se configuram como escalas. Por consequência, o mesmo ocorre com as redes que o entrelaçam. Por mais que reconheçamos seu caráter complexo, o movimento do capital que gera tais redes o produz deste modo, compartimentado e hierarquizado.

Entretanto, como já mencionado por Santos (2008), as redes possuem um caráter diacrônico. Isso ocorre porque “as redes são formadas por troços, instalados em diversos momentos, diferentemente datados, muitos dos quais já não estão presentes na configuração atual e cuja substituição no território também se deu em momentos diversos” (ibidem, p.263). Nesse excerto, o autor explicita a complexidade à qual nos referimos que é a sobreposição e o acúmulo de tempos no espaço, em que as regiões, os territórios, as cidades, as empresas etc. são construídos, cujo resultado são as redes urbanas. Tais redes são vistas, muitas vezes, de uma forma

compartimentada e hierarquizada, porém com uma história que lhes atribui complementaridade, dado que elas sempre se compõem de cidades com funções e papéis diferenciados.

Na rede urbana, mesmo em escala regional, convivem tanto forças homogeneizadoras como forças dialéticas que atribuem ao espaço, aos territórios e às cidades diferenciação, embora o contexto da globalização evidencie-se mais como força homogeneizante. A própria globalização é detentora de ambas as faces, pois tanto homogeneiza, produzindo espaços adequados à reprodução do capital, como diversifica quando produz territórios diferenciados e, muitas vezes, especializados, dotados conforme os interesses do capital empresarial produtivo e configurados como territórios do consumo.

Entretanto, é na diferenciação que a complexidade da rede urbana se constrói mais solidamente, tendo em vista que esse processo promove a consolidação de nós na rede caracterizados por diferenças funcionais a cada cidade ou grupo delas. É por conta disso que as redes geográficas, assim como a de cidades, são diversificadas. No processo de globalização, elas se tornaram o meio pelo qual se dá a transmissão e a interação das lógicas e das articulações com as quais esse processo se retroalimenta.

Atualmente, podemos falar de um padrão geográfico para entendermos esses movimentos de diferenciação e interação no âmbito das diversas funcionalidades com que se formam as redes. Para Santos (2008, p.268), “o próprio padrão geográfico é definido pela circulação, já que esta, mais numerosa, mais densa, mais extensa, detém o comando das mudanças de valor no espaço”. Esse padrão é explicado pela ampliação das interações espaciais interescolares que, de um lado, reproduzem a estruturação hierárquica preexistente entre as cidades e, de outro, geram articulações heterárquicas.

Falamos de coisas diferentes que, portanto, não podem ser interpretadas sob os mesmos conteúdos ou lidas com os mesmos recursos metodológicos. As redes urbanas caracterizam-se por sua estrutura e pelas articulações que nelas se dão. A primeira – a estrutura – consolida-se por meio de um padrão hierárquico aceitável, em que o arranjo dos objetos geográficos e, também, dos fluxos é

compreendido pela densidade das condições gerais de produção. Segundo essa perspectiva, aqueles territórios de maior complexidade técnica se mantêm no topo da hierarquia urbana.

Numa segunda perspectiva – a da rede urbana –, há as articulações que decorrem de um cenário que extrapola a hierarquia entre as cidades. Tais articulações e/ou as interações espaciais não rompem com o padrão estrutural hierárquico da rede, mas atingem uma maior complexidade ao fomentarem a inserção de territórios – cidades e regiões – de um modo mais interativo e articulado. Esse é o caso, o perfil e as condições das redes de influência regional centralizadas pelas cidades médias de Bauru, Marília e São José do Rio Preto, que lhes são parte constituinte.

Como bem destacou Melazzo (2012, p.273), ao expor a condição de “médica” da cidade de Marília, que, a nosso ver, também se aplica a Bauru e São José do Rio Preto, “ao mesmo tempo em que se integram a fluxos e a lógicas mais gerais, as cidades médias seriam espaços de produção de tais fluxos e lógicas”. Esse fato complementa a ideia de Domènech (2003) de que as cidades são os nós de intensas articulações no espaço. Tanto no primeiro autor como neste, a ideia implícita e relevante, para este momento de nosso debate, reside no fato de as cidades médias, assim como as metrópoles, também serem geradoras de fluxos e lógicas na medida em que suas funções e papéis ganham importância em múltiplas escalas e se fundamentam na escala regional.

Com o advento das cidades médias paulistas e da competência que elas adquirem na rede urbana como produtoras de fluxos e lógicas, significados em seus próprios territórios de abrangência, assistimos, portanto, a um processo de requalificação de suas funções e de seus papéis, principalmente no modo como eles são definidos no que diz respeito à escala regional não como meio apenas, mas também como condição de “cidade média”.

Convém, então, expormos a arquitetura das redes urbanas regionais em que elas estão inseridas e que, ao mesmo tempo, acabam por definir as interações espaciais nelas geradas. Em suas redes regionais, valorizamos dois aspectos importantes que são os fluxos

e a diferenciação funcional entre as cidades articuladas com as cidades médias de Bauru, Marília e São José do Rio Preto, que serão trabalhadas nas seções seguintes.

## **A conformação das redes regionais das cidades médias de Bauru, Marília e São José do Rio Preto**

As cidades de Bauru, Marília e São José do Rio Preto podem ser interpretadas a partir das articulações que se dão entre as múltiplas escalas geográficas, e isso se reflete na conformação de uma rede de influência regional por elas articuladas. São cidades que somente podem ser compreendidas por meio desse movimento de articulação, pois nelas estão reunidas as lógicas de reprodução de seus espaços e atuação de seus agentes.

Defendemos a ideia de que essas cidades médias já participam de uma forma bastante relevante da produção e do consumo em amplas escalas, mas é nas escalas local e regional que elas são reconhecidas como espaços de polarização. Diante dessa duplicidade gerada pela relação entre a estruturação e as articulações dessas redes regionais que impactam com força na definição das funções e dos papéis, consideramo-la como fruto, também, das interações em escala mais amplas.

As cidades de Bauru, Marília e São José do Rio Preto estão em um estágio de reprodução de suas condições gerais de produção que resultou da formação de amplas regiões em seus entornos, bem como as tornam possíveis e as reproduz. As redes regionais, como é o caso dos recortes que serão apresentados nos mapas seguintes, são expressas pelos fluxos regionais, que também são fruto das fortes interações entre agentes atuantes em escalas mais amplas.

Como podemos observar no Mapa 2,<sup>2</sup> a cidade de Bauru tem uma ampla rede de influência regional, na qual possui centralidade

---

2 Nos mapas que se seguem, utilizaremos o termo “área” para se referir ao que vimos considerando como redes de influência regionais das cidades médias

devido ao aumento e à complexidade de suas atividades econômicas (comércio, serviços e produção industrial, agropecuária etc.). É possível observar sobreposição entre a RA e a Regic, já que apenas as cidades de Getulina (10.688 habitantes) e Guaimbê (5.425 habitantes), presentes na RA de Bauru, estabelecem maiores fluxos na rede de influência regional de Marília, como veremos no Mapa 3. A rede de influência regional de Bauru também se expande em direção à RA da cidade Campinas (1.024.912 habitantes), com fluxos gerados a partir das cidades de Brotas (21.491 habitantes) e Torrinha (9.330 habitantes).

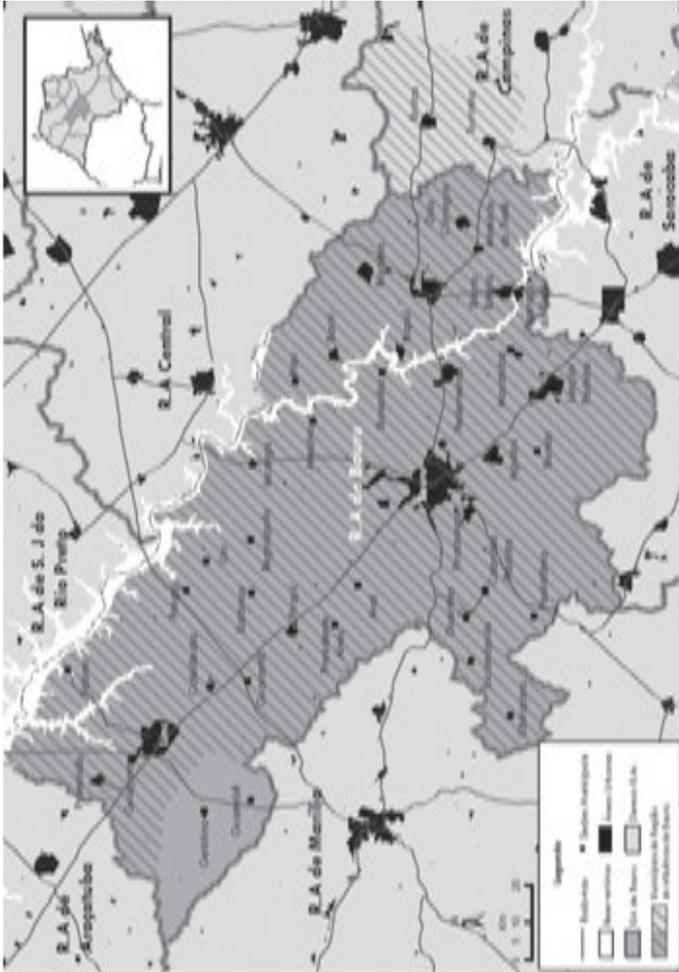
Entre as cidades que estão em sua rede de influência regional, destacam-se Jaú (131.068 habitantes) e Lins (71.325 habitantes). A primeira tem sua economia impulsionada por meio da produção industrial calçadista, e a segunda destaca-se mais pela quantidade de serviços, principalmente em educação e saúde. Como podemos perceber no Mapa 2, ambas se destacam como subcentros na rede de influência regional de Bauru.

Além disso, frisamos que a centralidade exercida pela cidade de Araçatuba (178.927 habitantes) atrai algumas cidades da rede de influência regional de Bauru, como Promissão (35.467 habitantes), Guaiçara (10.662 habitantes), Sabino (5.181 habitantes) e até mesmo Lins.

De acordo com os estudos das Regic (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2008), podemos perceber que fora identificado uma hierarquia definida por meio dos fluxos entre as cidades. No Mapa 3, fica claro o destaque das cidades de Jaú e Lins concentrando os fluxos das cidades ao redor delas. Entretanto, destacamos que esses fluxos dependem do tipo e da complexidade do comércio, dos serviços e da produção industrial presentes nessas cidades.

---

em questão, já que os dados que deram origem a eles tratam da delimitação de uma área de influência. Entretanto, em nossa análise, percebemos que não há uma delimitação rígida, pois, nessas áreas, podem estar presentes interações que extrapolam tais delimitações.



Mapa 2 – Bauri: região administrativa e área de influência regional – 2012  
 Fonte: Regic, 2008. Organização dos dados: Márcio José Catelan e Rafael Catão. Elaboração do mapa: Rafael Catão.



Mapa 3 – Bauru: ligações entre os centros na área de influência – 2012

Fonte: Regic, 2008. Organização dos dados: Márcio José Catelan e Rafael Catão. Elaboração do mapa: Rafael Catão.

Quanto a esse aspecto, a cidade de Bauru acaba por concentrar os fluxos diretamente, sem que estes passem por cidades como Jaú e Lins.

A conformação de uma área de influência regional a partir de uma cidade média como Bauru e, sobretudo, a hierarquia que observamos no Mapa 3 dependerão então dos tipos funcionais que atribuímos às cidades que compõem sua rede regional, bem como das atividades econômicas que geraram esses fluxos.

No Mapa 3, podemos observar que os fluxos na rede de influência regional de Bauru, ilustrados principalmente por meio das rodovias de maior importância, ampliam-se nos trechos que levam à cidade ou passam por ela. Destacam-se os trechos entre Jaú e Bauru, e entre Lins e Bauru, considerando que as cidades localizadas nessa rede buscam as rodovias de maior qualidade infraestrutural para chegar até essa cidade média, como é o caso da Rodovia Marechal Cândido Rondon (SP-300) que liga Bauru à cidade de São Paulo pela conexão com a Rodovia Presidente Castelo Branco (SP-280) e, a oeste, ao Mato Grosso do Sul, passando, também, pela cidade de Lins.

Destaca-se, no Mapa 4, a forte relação entre as cidades médias de Bauru e Marília por meio da Rodovia Comandante João Ribeiro de Barros (SP-294) e também entre as cidades que estão nos limites de suas redes de influência regional, sobretudo a partir de investimentos realizados nessa rodovia na década de 1990 e na primeira década do século XXI, devido aos fluxos já consolidados entre elas.

Atualmente, tem se intensificado em ambas as cidades a implantação, principalmente nas saídas por essa rodovia, de distritos industriais, transportadoras e distribuidoras, que vêm ampliando os fluxos entre elas. Ademais, em suas redes de influência regional, embora sejam precisamente delimitadas pelos estudos do IBGE, acaba por haver sobreposição de uma em relação à outra, já que tanto entre as cidades que estão em suas áreas de influência como entre Bauru e Marília, os fluxos de pessoas e mercadorias têm se intensificado.

Podemos perceber esse fato no Mapa 5, no qual ilustramos a RA e a Regic de Marília. No que se refere à Regic de Marília, além da forte relação com a rede de influência de Bauru, há também relações com a rede de influência da cidade de Presidente Prudente a oeste e com a cidade de Araçatuba ao norte da região de Marília.

No Mapa 5, podemos observar que a sobreposição com a rede de influência de Presidente Prudente dá-se, principalmente, por parte de cidades como Adamantina (33.792 habitantes), Lucélia (19.833 habitantes), Pacaembu (13.237 habitantes), Flórida Paulista (12.845 habitantes), Mariápolis (3.911 habitantes) e Pراcinha (2.863 habitantes), que estão após um intervalo causado pela forte relação da cidade de Oswaldo Cruz (30.912 habitantes), entre Lucélia e Parapuã (10.844 habitantes), com a cidade de Presidente Prudente.

Algumas cidades presentes em sua RA como Ourinhos (102.302 habitantes), Santa Cruz do Rio Pardo (43.812 habitantes), São Pedro do Turvo (7.184 habitantes) e outras ao redor possuem forte relação com a cidade de Bauru, além da forte presença da rede de influência regional articulada pela centralidade da cidade de Sorocaba (570.434 habitantes).

Na rede de influência de Marília, estão presentes cidades que, embora possuam menor quantidade e complexidade de atividades econômicas, desempenham certa centralidade em relação às cidades de menor porte e capacidades econômicas, como é o caso de Assis (94.659 habitantes), Tupã (63.484 habitantes) e Adamantina (33.792 habitantes), como podemos observar no Mapa 5.

Como já ressaltamos em relação à rede de influência de Bauru, também na de Marília, dependendo do tipo de atividade econômica e do nível tecnológico a ela empregado, variam os fluxos entre as cidades de menor porte, diretamente ligados a ela sem passar pelas cidades de centralidade mais fraca.

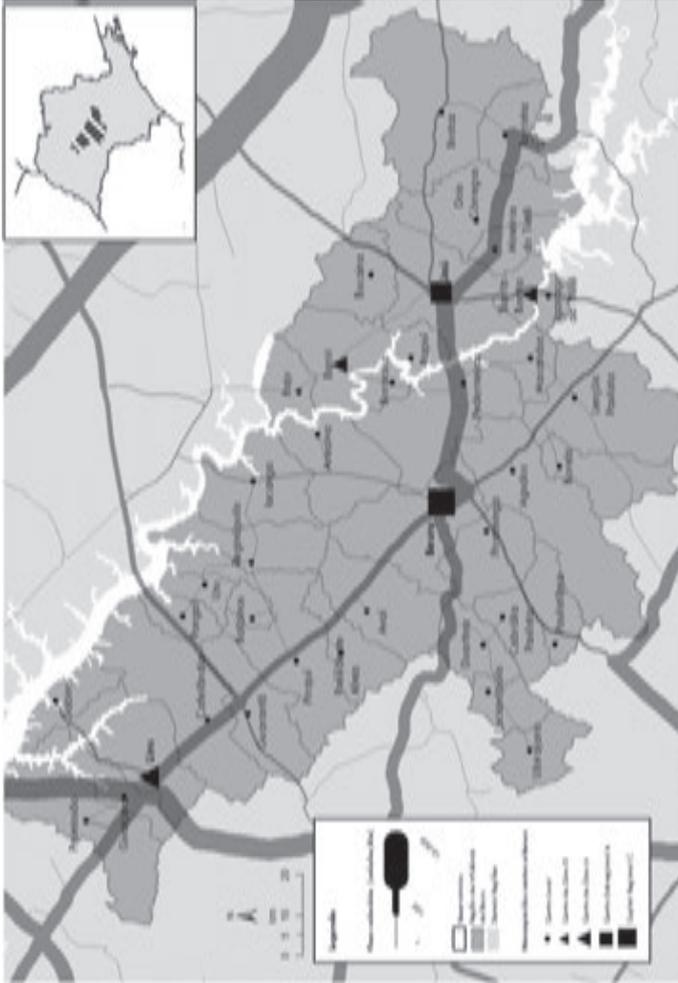
Os fluxos em direção a Marília também são representados por meio das principais rodovias. No Mapa 6, é possível observar que a cidade de Marília concentra fluxos de cidades que possuem sub-

centralidade em relação a ela, tais como Araçatuba e Ourinhos, o que é explicado, em parte, pelos fluxos da Rodovia Transbasiiana (BR-153) que passa pela cidade de Marília em direção ao norte do estado e do país, e também pelas interações com a cidade de Adamantina, que estão polarizadas, juntamente com Lucélia e Parapuã, pela centralidade exercida pela cidade de Presidente Prudente, assim como as outras cidades que estão ao longo do trecho da Rodovia Comandante João Ribeiro de Barros (SP-294).

No Mapa 7, destaca-se a forte ligação com a cidade de Bauru que se localiza, igualmente, ao longo da Rodovia Comandante João Ribeiro de Barros (SP-294) que interliga ambas as cidades e, também, a de Paraguaçu Paulista (42.232 habitantes) que, assim como Garça (43.092 habitantes), possui uma subcentralidade na rede de influência regional de Marília devido à presença de comércio e serviços básicos. Além dessas, destaca-se a cidade de Tupã com comércio e serviços básicos e, principalmente, pela quantidade de leitos em hospitais especializados em tratamentos psiquiátricos.

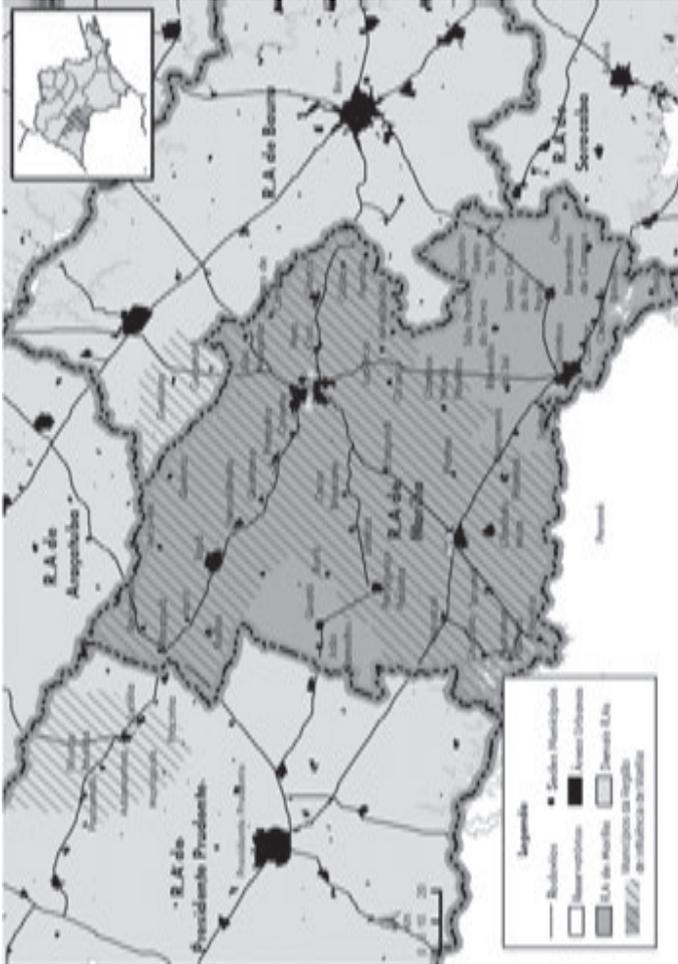
No Mapa 8, podemos observar a RA e a Regic organizadas a partir da cidade de São José do Rio Preto. A centralidade dessa cidade gera uma rede de influência regional que abarca inclusive a RA de Araçatuba e Birigui (108.479 habitantes) e suas respectivas redes de influência regional.

Como é possível perceber a partir do Mapa 8, a rede de influência regional de São José do Rio Preto é extensa, fato explicado pela diversificação e também especialização dessa cidade em algumas atividades do comércio, de serviços como de educação e saúde, bem como na produção industrial, que serão analisadas nos próximos capítulos. Nesse mapa, podemos perceber também que a área de influência de São José do Rio Preto tem seus limites ao sul com as áreas de influência de Bauru, Marília e Presidente Prudente, e a leste com área de influência da cidade de Ribeirão Preto (583.842 habitantes) que possui forte centralidade no estado de São Paulo.



Mapa 4 – Bauri: fluxos rodoviários na área de influência regional – 2012

Fonte: Regic, 2008. Organização dos dados: Márcio José Catelan e Rafael Catão. Elaboração do mapa: Rafael Catão.



Mapa 5 – Marília: região administrativa e área de influência regional – 2012

Fonte: Regic, 2008. Organização dos dados: Márcio José Catelan e Rafael Catão. Elaboração do mapa: Rafael Catão.



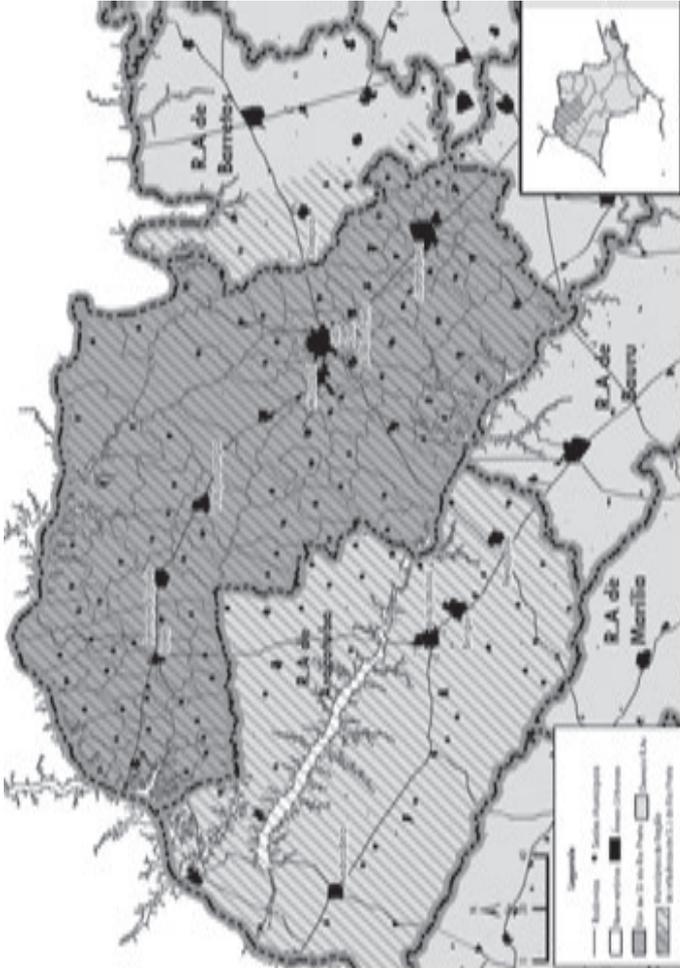
Mapa 6 – Marília: ligações entre os centros na área de influência – 2012

Fonte: Regic, 2008. Organização dos dados: Márcio José Catelan e Rafael Catão. Elaboração do mapa: Rafael Catão.



Mapa 7 – Marília: fluxos rodoviários na área de influência regional – 2012

Fonte: Regic, 2008. Organização dos dados: Márcio José Cotelan e Rafael Catão. Elaboração do mapa: Rafael Catão.



Mapa 8 – São José do Rio Preto: região administrativa e área de influência regional – 2012

Fonte: Regic, 2008. Organização dos dados: Márcio José Catelan e Rafael Catão. Elaboração do mapa: Rafael Catão.

É interessante notar que há um conjunto de cidades com centralidade de subcentros em relação à forte centralidade de São José do Rio Preto: Araçatuba (178.927 habitantes), Birigui (108.479 habitantes), Catanduva (112.143 habitantes), Votuporanga (84.667 habitantes), Fernandópolis (64.325 habitantes), Andradina (55.099 habitantes), Penápolis (58.278 habitantes), Mirassol (52.743 habitantes), Jales (47.007 habitantes), Santa Fé do Sul (29.182 habitantes) e Ilha Solteira (24.969 habitantes).

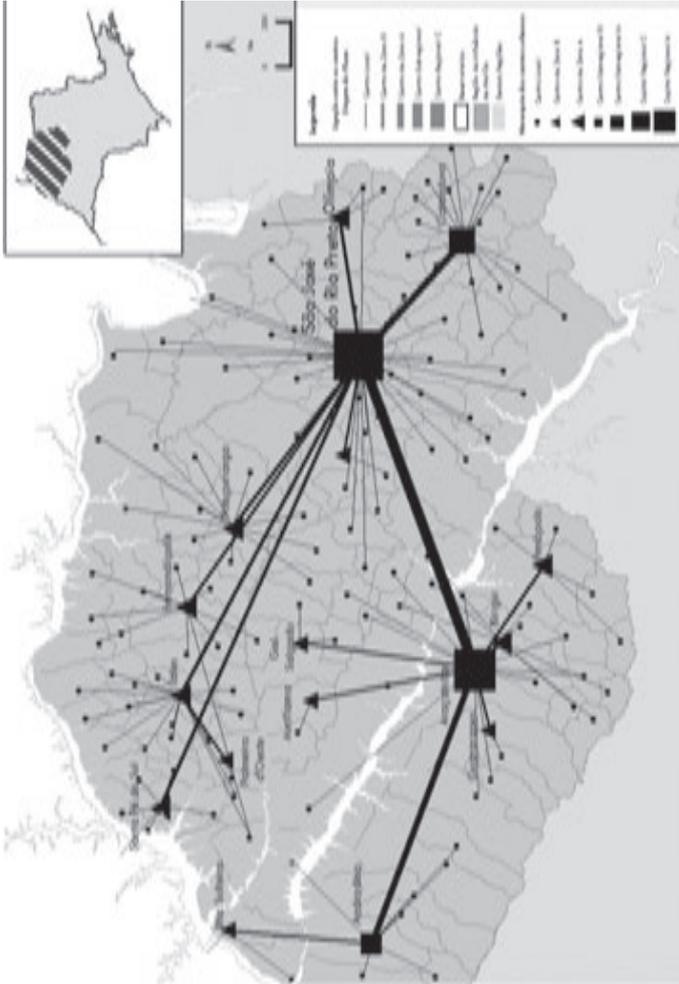
No Mapa 9, podemos perceber que os fluxos das cidades de menor diversidade e complexidade nas atividades econômicas são configurados de acordo com a subcentralidade dessas cidades em relação a São José do Rio Preto. Entretanto, assim como afirmamos em relação à centralidade de Bauru e Marília e às suas respectivas redes de influência regional, também para São José do Rio Preto a direção dos fluxos dependerá do tipo de atividades econômicas buscadas. Quando os fluxos se referem a atividades com tecnologias específicas e/ou são ditados pelos processos de globalização, a interação das cidades de menor porte com a cidade média de São José do Rio Preto configura-se num mapa diferente do Mapa 9, com a centralidade dessa cidade média aparecendo com mais força, sem passar necessariamente por essas cidades consideradas subcentros em relação a ela.

Assim, como nas redes de influência regional de Bauru e Marília, os fluxos estão direcionados segundo as principais rodovias. Dentre as cidades que adquiriram alguma centralidade, mesmo estando na rede de influência de São José do Rio Preto, cinco delas localizam-se ao longo da Rodovia Washington Luiz (SP-310), como é possível observar no Mapa 9, desde Catanduva até Santa Fé do Sul, limite com o estado do Mato Grosso do Sul. Além dessa rodovia, ainda se destacam como canais que ampliam as interações territoriais na rede de influência de São José do Rio Preto as rodovias Transbasiiana (BR-153), já citada porque também cruza a rede de influência de Marília, e Assis Chateaubriand (SP-265), que interliga a cidade, ao norte, com o estado de Minas Gerais e, ao sul, com o estado do Paraná.

No Mapa 10, é possível perceber também que os fluxos ocorrem nas principais rodovias de maior infraestrutura, assim como nas redes de influência regional de Bauru e Marília, em parte pela circulação nessas rodovias, mas também pelos fluxos das cidades que compõem a rede regional de São José do Rio Preto que é bastante extensa e densa. Além disso, o número de cidades com funções básicas em sua rede regional é expressivo, formando uma teia de cidades explicada pela estratificação de cidades com carência nas funções básicas de produção e de consumo, passando por aquelas que já têm em sua estrutura urbana comércio e serviços utilizados no dia a dia da população e chegando a cidades com estruturação e à articulação funcional como São José do Rio Preto.

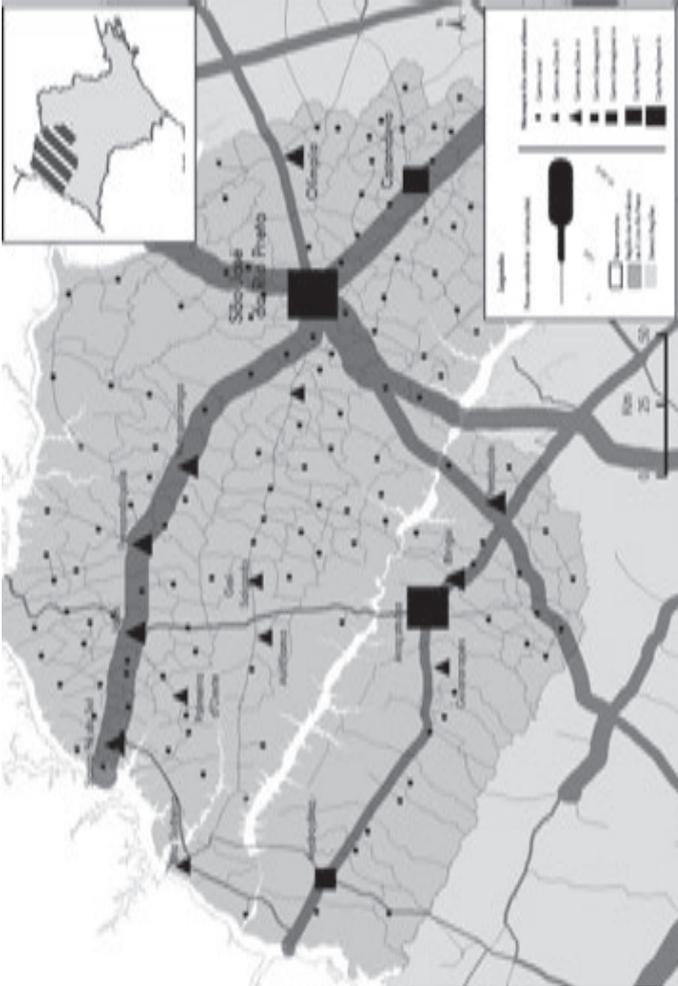
Nessa mesma estratificação, dada a diferenciação funcional entre os tipos de cidade e por causa da importância que cada uma tem na rede regional para pensarmos o papel das cidades médias, observamos a presença de articulações heterárquicas, segundo a qual cada ponto/nó da rede urbana regional possui importância, conforme as funções e os papéis por elas desempenhados.

Seguindo nossa perspectiva metodológica de que, nas cidades médias, constituem-se suas horizontalidades e suas verticalidades quanto mais se ampliam suas interações espaciais interescares e se densificam atividades econômicas diversas, convém contextualizarmos algumas das atividades econômicas que sustentam a centralidade regional das cidades de Bauru, Marília e São José do Rio Preto. Além disso, deve-se analisar a conformação das redes de influência regional dessas cidades.



Mapa 9 – São José do Rio Preto: ligações entre os centros na área de influência – 2012

Fonte: Regic, 2008. Organização dos dados: Márcio José Catelan e Rafael Catão. Elaboração do mapa: Rafael Catão.



Mapa 10 – São José do Rio Preto: fluxos rodoviários na área de influência regional – 2012

Fonte: Regic, 2008. Organização dos dados: Márcio José Catelan e Rafael Catão. Elaboração do mapa: Rafael Catão.

## Os conteúdos da centralidade regional de Bauru, Marília e São José do Rio Preto

A condição de centralidade regional das cidades estudadas articula-se às atividades dos setores industrial, comercial e de serviços, donde podemos explicar a diversificação das funções e dos papéis articulados no âmbito da rede regional. Como já ressaltamos, a rede regional, dada a articulação entre as cidades que podemos observar com o apoio dos mapas apresentados, é condição metodológica para chegarmos às funções e aos papéis que as cidades médias adquirem e desempenham na rede urbana em múltiplas escalas.

Elencamos entre as atividades industrial, comercial e de serviços, por serem de grande relevância na consolidação da rede regional: 1. o aumento do número e o perfil dos *shopping centers* como centros comerciais e de serviços; 2. o número de agências e créditos bancários, expressão máxima do capital financeiro que se amplia com o capital produtivo; 3. o número de matrículas em cursos de graduação em instituições públicas e privadas; 4. e o número de leitos em hospitais públicos e privados. Essas variáveis escolhidas para aferir as atividades desenvolvidas nas cidades contribuem, inclusive, para a aproximação do par horizontalidades-verticalidades, dado que as interações espaciais interescolares são o principal motor dessas iniciativas.

Os *shopping centers* são tomados como canais de circulação em que se articulam diferentes escalas geográficas, da local à internacional.<sup>3</sup> Nesses espaços de comércio e serviços, percebemos alguns

---

3 Não são os *shopping centers* alvo de nossa análise, ou seja, não os estudaremos numa perspectiva analítica que possa dizer da importância desses espaços para explicar o comportamento do mercado ou mesmo da sociedade em relação a esse empreendimento e a forma de consumo que enseja. Vamos, aqui, somente tomá-los como meio de interação entre as escalas geográficas nas cidades pesquisadas, com base no levantamento dos dados e das informações que realizamos com os trabalhos de campo e a pesquisa nos sítios eletrônicos desses empreendimentos, em torno da abrangência escalar das lojas que estão nos *shopping centers* de Bauru, Marília e São José Rio Preto. Ademais, vale lembrar que existem outros centros comerciais e que apenas selecionamos os de maior expressão na cidade até o momento dos trabalhos de campo realizados em 2010.

pontos interessantes do comportamento desses setores, como elementos explicativos das interações espaciais entre as cidades, principalmente da rede regional de influência dessas cidades médias. Nessa rede, a localização desses empreendimentos, pelo menos no que se refere ao tamanho e à complexidade de comércios e serviços, é exclusividade das cidades médias. Entretanto, em razão do sucesso desses empreendimentos, a análise deve ser estendida ao âmbito da rede regional. Desde a implantação até as estratégias de vendas, considera-se a rede de influência dessas cidades médias. Os *shopping centers* são um dos conteúdos da centralidade, da influência e da constituição das funções e dos papéis na escala regional.

Os gráficos de 1 a 6 apresentam as atividades e os produtos oferecidos em cada um dos principais *shopping centers* de Bauru, Marília e São José do Rio Preto. Por meio desse gráficos, é possível comparar a abrangência escalar das interações estabelecidas pelas empresas presentes nesses espaços.<sup>4</sup>

Um primeiro aspecto que reforça nossa perspectiva analítica é que as interações espaciais variam conforme a natureza das atividades e o(s) setor(es) destas. Os *shopping centers* são espaços de consumo, e o principal objetivo na estruturação desses espaços é reunir não somente uma grande quantidade de estabelecimentos comerciais e de serviços, como também buscar diversificação deles no que concerne à abrangência escalar que vai das escalas local/regional à internacional.<sup>5</sup> Com base na análise dos principais *shopping centers* de Bauru, Marília e São José do Rio Preto, percebemos que essa abrangência escalar dependerá tanto do tipo de atividade como das estratégias de ação dos grupos ou das empresas que administram esses empreendimentos.

No Bauru Shopping, o mais tradicional da cidade, há um total de 179 lojas, com um fluxo de pessoas que chega a 750 mil por mês,

---

4 A divisão dos setores apresentados nos gráficos foi extraída tal como apresentado nos sítios eletrônicos dos *shopping centers* de cada uma das três cidades, para facilitar a quantificação e a organização dos dados.

5 Essa informação foi extraída das entrevistas realizadas com os responsáveis pela administração desses *shopping centers*.

atraindo frequentadores num raio de 100 km, o que é explicado pela articulação e centralidade da cidade de Bauru com a sua rede regional de influência. No que tange às atividades comerciais, conforme podemos observar no Gráfico 1, destacam-se em quantidade os setores de confecção, alimentação e calçados, nesta ordem de grandeza, com destaque para o primeiro ramo, no qual a abrangência das lojas presentes equipara-se com aquelas de atuação local/regional e as de atuação nacional. Na maior parte das lojas que comercializam alimentação e calçados, há predomínio daquelas que atuam em escala nacional em relação àquelas cujos capitais são das escalas local/regional, assim como as lojas de perfumaria. Esse predomínio pode ser explicado pela quantidade de empresas que adotam o sistema de franquias para atingir novos centros urbanos de consumo. No geral, as empresas que operam com esse sistema privilegiam as escolhas locais em *shopping centers*, já que esses espaços são organizados com direcionamento determinado ao tipo de público que buscam atrair.

No setor de calçados, há presença de franquias como Carmen Steffens, Democrata e Doctor Shoes, as três marcas nascidas no polo calçadista da cidade de Franca (SP), localizada na rede regional de influência da cidade de Ribeirão Preto. Também se verificou que contam com o abastecimento da produção de calçados femininos da cidade de Jaú (SP), localizada na rede regional de influência da cidade de Bauru, bem como do polo calçadista, principalmente infantil, da cidade de Birigui, localizada na rede regional de influência da cidade de Araçatuba, ambas influenciadas pela centralidade de São José do Rio Preto, como apontamos nos mapas já trabalhados.

As lojas de abrangência internacional aparecem nos setores de alimentação, calçados, joalheria, perfumaria, lojas de departamento e telefonia móvel. As lojas de departamento caracterizam-se pela atuação das grandes redes como C&A, de capital estadunidense, e Americanas e Renner, de capital nacional. As redes de telefonia móvel dividem-se entre as empresas Oi de capital e abrangência nacional, Vivo de capital nacional, porém adquirida no ano de 2012 pelo grupo espanhol Telefônica, e as empresas Tim, de capital italiano, e Claro, de capital mexicano, ambas pertencentes a grupos de abrangência internacional.

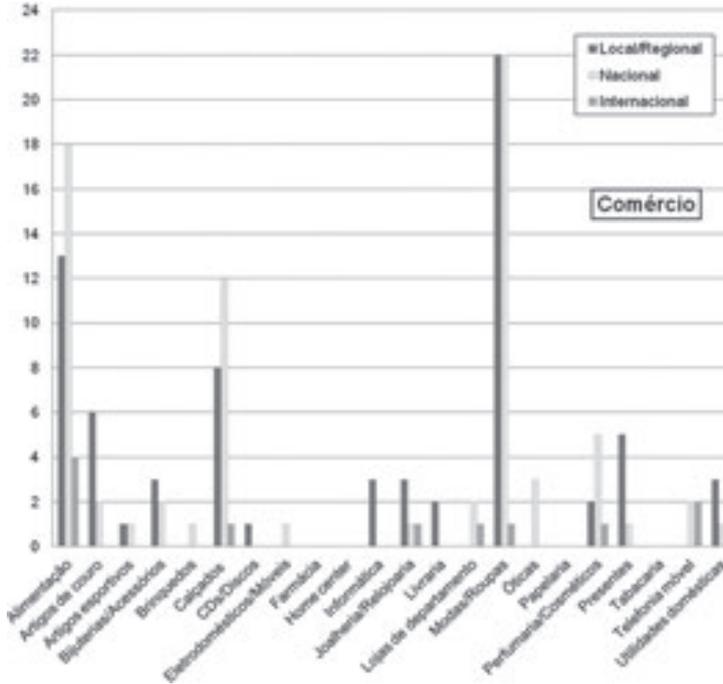


Gráfico 1 – Bauru: abrangência escalar dos capitais que operam no setor de comércio no Bauru Shopping – 2011

Fonte: Trabalho de campo, 2010. Sítios eletrônicos dos empreendimentos, 2011. Organização dos dados: Márcio José Catelan. Elaboração dos gráficos: André Felipe Vilas de Castro e Márcio José Catelan.

No que se refere às atividades de serviços, o destaque é para a atuação dos bancos, sejam como agências pequenas ou por meio da implantação dos caixas eletrônicos. Nesse ramo, conforme observamos no Gráfico 2, há atuação dos bancos de capital nacional e internacional, o principal setor oferecido no Bauru Shopping.

Além dos serviços bancários, outros três ramos que se destacam na abrangência em escala nacional são as companhias de viagem, as salas de cinema e as casas de câmbio. São três setores que têm apresentado crescimento nos últimos anos, sobretudo os cinemas, com implantação de melhorias nesse *shopping center*, tendo em vista que é o serviço que atrai um grande número de pessoas da cidade de Bauru e de outras cidades presentes em sua rede de influência. Há

também serviços básicos como chaveiros, serviços de fotografia, salão de beleza e estética, entre outros que podemos observar no Gráfico 2, cujos capitais têm origem nas escalas local/regional, ramos considerados pelas administrações dos *shopping centers* como meio de atração das pessoas a esses espaços.

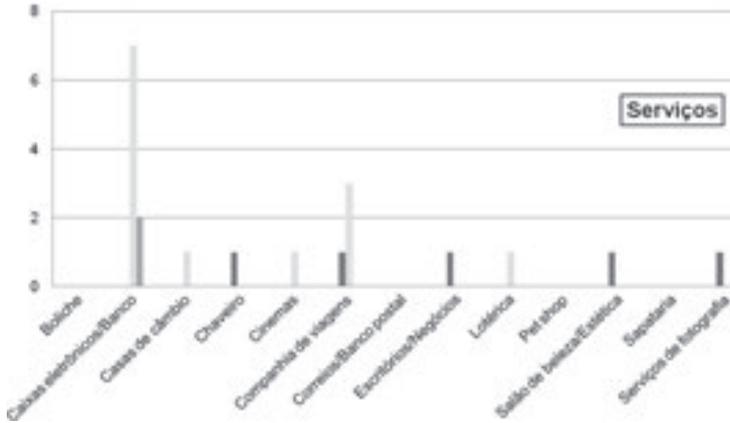


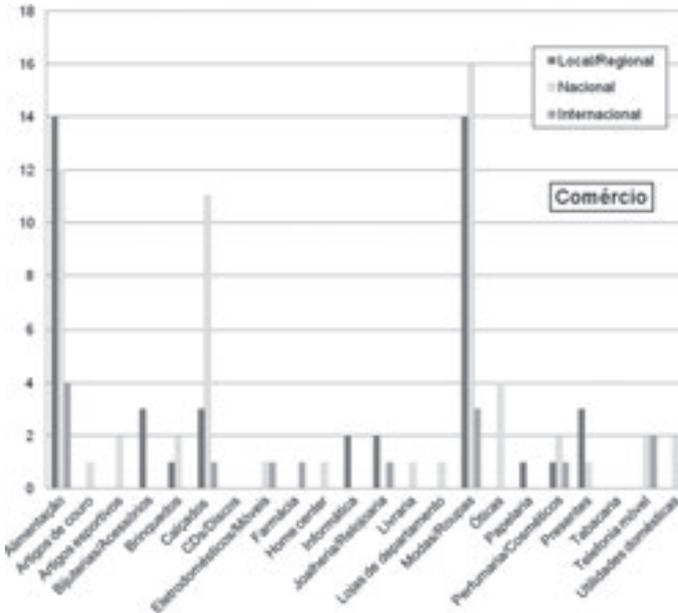
Gráfico 2 – Bauru: abrangência escalar dos capitais que operam no setor de serviços no Bauru Shopping – 2011

Fonte: Trabalho de campo, 2010. Sítios eletrônicos dos empreendimentos, 2011. Organização dos dados: Márcio José Catelan. Elaboração dos gráficos: André Felipe Vilas de Castro e Márcio José Catelan.

Nos gráficos 3 e 4, apresentamos as informações relativas ao Marília Shopping, na cidade de Marília, que possui 170 lojas, com fluxo de 1,2 milhão de pessoas, abrangendo um raio de atração de frequentadores de 120 km na rede regional de influência dessa cidade.

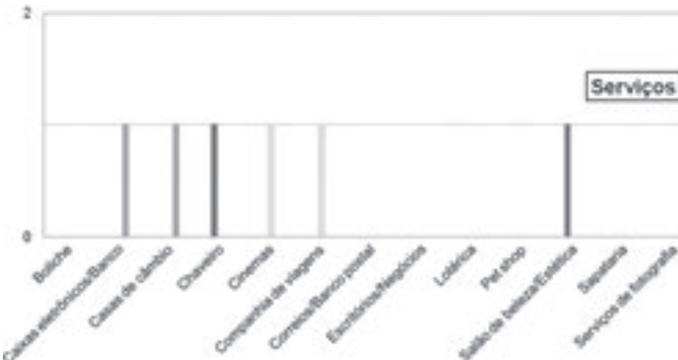
Assim como no Bauru Shopping, no Marília Shopping, também há predomínio de lojas comerciais nos ramos de confecção, alimentação e calçados.

Há, no entanto, um número menor de lojas, cuja abrangência geográfica da atuação da rede, franqueada ou não, é da escala internacional, com destaque para as lojas pertencentes a empresas ou grupos desse ramo que operam com abrangência nacional. No que se refere ao setor de alimentação do Marília Shopping, a maior parte das lojas desse ramo é de atuação local/regional, aproximando-se do número de lojas pertencentes a redes desse mesmo ramo que



Gráficos 3 – Marília: abrangência escalar dos capitais que operam no setor de comércio, no Marília Shopping – 2011

Fonte: Trabalho de campo, 2010. Sítios eletrônicos dos empreendimentos, 2011. Organização dos dados: Márcio José Catelan. Elaboração dos gráficos: André Felipe Vilas de Castro e Márcio José Catelan.



Gráficos 4 – Marília: abrangência escalar dos capitais que operam no setor de serviços, no Marília Shopping – 2011

Fonte: Trabalho de campo, 2010. Sítios eletrônicos dos empreendimentos, 2011. Organização dos dados: Márcio José Catelan. Elaboração dos gráficos: André Felipe Vilas de Castro e Márcio José Catelan.

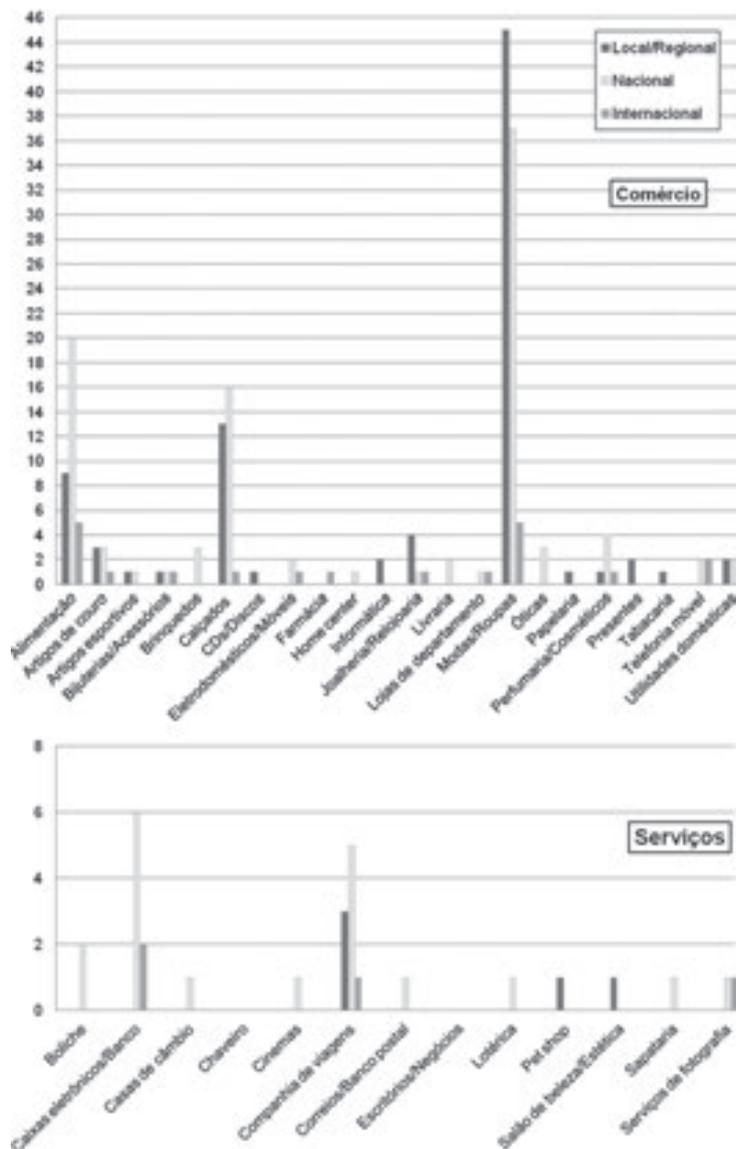
atuam em escala nacional que são as grandes redes de *fast-food*, com destaque para as franqueadas.

Já as lojas de calçados são em grande parte de abrangência nacional, com marcas como a Lessô, rede de franquias que nasceu na cidade de São José do Rio Preto e tem mercado nacional, e da rede franqueada Capodarte, que nasceu na cidade de São Paulo e hoje também atua em grande parte do território brasileiro. Assim como no Bauru Shopping, também há presença de franquias ligadas a marcas dos polos calçadistas citados anteriormente.

No que tange à escala internacional, há, no Marília Shopping, lojas dos ramos de alimentação e confecção, como já ressaltamos, e também, ainda que de maneira menos expressiva, de calçados, eletrodomésticos, farmácia e joalheria. As lojas de telefonia móvel são as mesmas daquelas presentes no *shopping* da cidade de Bauru, também dividindo-se entre os grupos de capital e abrangência nacional (Oi) e outras três de capital e abrangência internacional (Tim de capital italiano, Claro de capital mexicano e Vivo de capital espanhol).

O *shopping* de Marília investe menos na diversificação de serviços, entretanto também tem agências bancárias e/ou caixas eletrônicos, companhias de viagem pertencentes a redes de abrangência nacional e casas de câmbio associadas a empresas que operam com abrangência internacional. Não há, no entanto, diversificação dos serviços básicos, como é possível observar no Gráfico 4.

Os gráficos 5 e 6 demonstram o perfil do Rio Preto Shopping, na cidade de São José do Rio Preto, também em relação à abrangência escalar das empresas comerciais e de serviços que estão presentes nesse espaço. É um *shopping center* de grande diversificação comercial e de serviços, com 300 lojas, atendendo a um fluxo que chega a 1,5 milhão de pessoas ao mês. Possui um perfil parecido com os *shopping centers* de Bauru e Marília, no que se refere à presença de lojas comerciais e de serviços que atuam nas escalas local/regional, nacional e internacional. O destaque, igualmente, está na quantidade de lojas de confecção, alimentação e calçados, porém superando o número de lojas dos *shopping centers* de Bauru e Marília, já que se trata de um empreendimento maior.



Gráficos 5 e 6 – São José do Rio Preto: abrangência escalar dos capitais que operam no setor de serviços, no Rio Preto Shopping – 2011

Trabalho de campo, 2010. Sítios eletrônicos dos empreendimentos, 2011. Organização dos dados: Márcio José Catelan. Elaboração dos gráficos: André Felipe Vilas de Castro e Márcio José Catelan.

Há um predomínio das lojas de confecção de abrangência local/regional, fato explicado por ser São José do Rio Preto um polo de produção nesse ramo, inclusive com a organização de feiras e eventos para sua promoção em âmbito regional e nacional. É crescente, também, aquelas que atuam em âmbito nacional, aparecendo no Gráfico 5 em número aproximado às primeiras, fato impulsionado pela adoção do sistema de franquias nessas grandes redes.

No setor de alimentação, também é, principalmente, o sistema de franquias, sobretudo de *fast-food*, que faz aumentar o crescimento de lojas desse ramo nas duas praças de alimentação desse *shopping*. Destacam-se as lojas pertencentes às redes de franquias de abrangência nacional, e, entre estas, uma menor parte atua em abrangência internacional.

No que se refere ao setor de calçados, há uma equiparação aproximada entre estabelecimentos pertencentes a empresas de abrangência local/regional e aquelas que atuam em âmbito nacional. Assim como nos *shopping centers* de Marília e Bauru, também há forte representatividade das marcas que advêm dos polos calçadistas de Birigui, Franca e Jaú, no estado de São Paulo. Entretanto, é importante frisar que as marcas oriundas desses polos estão nesses *shopping centers* porque se tornaram grifes de atuação nacional, o que lhes atribui um *status* entre as lojas que estão nesse ambiente. O mesmo também ocorre com as lojas de telefonia móvel, com atuação das quatro operadoras que dominam o mercado nesse ramo, já citadas.

No que se refere aos serviços, o Rio Preto Shopping apresenta diversificação e tem como maior número as agências bancárias e os caixas eletrônicos, as companhias de viagens e as casas de câmbio, a maior parte de abrangência nacional.

No caso do Rio Preto Shopping, já aparecem redes de serviços básicos que atuam em escala nacional, por meio de franquias, como é o caso da Sapataria do Futuro, além da unidade de serviços de fotografia que também funciona com lojas, cuja origem advém de empresas que operam com abrangência nacional e internacional.

Com esta análise, buscamos trazer ao debate a importância que empreendimentos como os *shopping centers* possuem no processo

de consolidação da rede regional de influência e, também, das interações espaciais interescares das e nas cidades médias, pois, como foi possível perceber nos gráficos de 1 a 6, há atividades comerciais e de serviços que funcionam como conteúdos da centralidade dessas cidades em âmbito regional e, ao mesmo tempo, são fomentadas pelas lógicas das escalas nacional e global que são crescentes, como veremos nos capítulos seguintes.

É difícil efetuar levantamento para precisar a origem do capital produtivo das mercadorias, mas podemos afirmar que, mesmo aquelas lojas comerciais e de serviços que atuam nesses empreendimentos que reconhecemos como de abrangência local/regional, a maior parte dos produtos comercializados advém de empresas cujos capitais e operações são referentes às escalas nacional e internacional.

A crescente atuação no setor comercial tem se dado também com a implantação de super e hipermercados, empreendimentos que, assim como os *shopping centers*, operam segundo lógicas de interação espacial multiescalar a partir das cidades médias, com a implantação de filiais de grandes empresas ou mesmo a ampliação daquelas que antes atuavam na escala local e que também são responsáveis pelo fortalecimento da centralidade dessas cidades na rede regional de influência.

Para analisarmos esses empreendimentos no âmbito do contexto que vimos trabalhando neste livro, é necessário expor dois modos de atuação dos grupos corporativos nesse ramo: um primeiro resulta de ação de empresários que iniciaram seus negócios em cidades médias, antes mesmo de elas poderem ser denominadas assim, pois ainda não exerciam papéis tão fortes de centralidade interurbana regional e, hoje, entram no processo de expansão de seu capital, ampliando tanto a quantidade de lojas como buscando adequá-las aos padrões das grandes redes de abrangência nacional e internacional, fator que acaba por atrair ainda mais consumidores que buscam um mercado articulado com as lógicas globais; o segundo refere-se a essas grandes redes de atuação em macroescalas, que, ao se implantarem nessas cidades, como Bauru, Marília e São José do Rio Preto, ampliam as lógicas de competitividade, embora a maior parte das empresas locais não possua capital necessário para competir, fato

que acaba, muitas vezes, com domínio dessas grandes redes em detrimento das empresas de atuação local/regional.

Esses dois movimentos juntos reforçam a ideia de que as cidades médias são espaços tanto de forte interação territorial, com formação de uma rede regional de influência que define a importância cada vez maior de centro regional e territorial (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2008), como de interações espaciais que as colocam em fortes inter-relações com os processos atuantes nas escalas nacional e internacional.

Além desse processo de diversificação e ampliação no comércio, outros setores também vêm apresentando crescimento como o setor bancário, cujo crescimento está associado ao desempenho de atividades comerciais, industriais e de serviços. Esse desempenho, sem dúvida, depende das condições econômicas do país, da região em que cada cidade está inserida, além do modo como se dá a relação entre grupos que atuam em escala local/regional e aqueles que atuam em escalas nacional e internacional.

Como podemos observar na Tabela 1, o número de agências bancárias aumentou, nas três cidades em questão, com uma variação, se compararmos o crescimento entre elas. Entre 2001 e 2010, houve um significativo aumento de agências: 20 em São José do Rio Preto, 16 em Bauru e 13 em Marília. Esse aumento foi acompanhado pelo crescimento no total de créditos bancários, como podemos observar na Tabela 2, com destaque para São José do Rio Preto, onde o montante de créditos bancários foi de US\$ 3.108,1 milhões (74%), seguido de US\$ 1.488,5 milhão (66%) em Bauru e US\$ 657,3 (60%) em Marília.

Tabela 1 – Número de agências bancárias – 2001-2007

Cidade/ano	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
<b>S. José do Rio Preto</b>	54	58	56	58	59	64	69	73	75	74
<b>Bauru</b>	41	43	44	44	46	47	49	53	57	57
<b>Marília</b>	23	24	24	24	24	25	29	31	35	36

Fonte: Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados – Seade (2011).

Tabela 2 – Total em bilhões de reais de créditos bancários – 2001-2009

Cidade/ ano	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
<b>Sao José do Rio Preto</b>	1.088,6	872,0	1.027,8	1.636,7	2.009,5	2.435,6	2.891,0	3.049,5	4.197,4
<b>Bauru</b>	764,0	591,5	725,6	1.029,5	1.240,0	1.643,6	1.778,3	1.572,6	2.252,5
<b>Marília</b>	421,1	275,4	287,4	392,3	506,4	663,3	795,4	792,8	1.078,4

Fonte: Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados – Seade (2011).

Reichstul e Lima (2006) observam que o desenvolvimento financeiro também contribui para o crescimento das atividades econômicas e afirmam que essa relação se dá por “causalidade e retroalimentação”. Segundo os autores, o número de agências bancárias cresceu em todo o estado de São Paulo e foi seguido do aumento no valor dos créditos bancários.

No que se refere aos serviços, destacam-se também, como conteúdos da centralidade das cidades médias de Bauru, Marília e São José do Rio Preto, em suas redes regionais de influências, os serviços de educação superior. Ao mesmo tempo que reforçam a centralização e a concentração espacial nessas cidades em âmbito regional, por meio de interações territoriais, essas instituições respondem ao processo de especialização das atividades comerciais, industriais e de serviços. Os cursos de graduação oferecidos, por exemplo, sobretudo por instituições de caráter privado, acompanham o perfil dos ramos da economia que têm maior destaque e campo de trabalho ampliado nessas redes regionais.

As tabelas 3 a 5 mostram o número de matrículas em cursos de graduação presenciais nas cidades de Bauru, Marília e São José do Rio Preto. De modo geral, chama a atenção um processo que tem se dado no Brasil, nos últimos anos, que é o crescente surgimento e a expansão de instituições privadas de ensino. Nas tabelas apresentadas a seguir, pode-se perceber que o crescimento no número de matrículas em cursos de graduação nessas instituições é sempre maior em relação ao das universidades estaduais presentes nessas cidades.

Tabela 3 – Bauru: número de matrículas nos cursos de graduação presenciais – 2011

	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Rede de ensino federal	–	–	–	–	–	–	–
Rede de ensino estadual	4.078	4.294	4.436	4.624	4.666	4.915	4.902
Rede de ensino municipal	–	–	–	–	–	–	–
Rede de ensino particular	3.606	8.484	8.874	9.126	10.360	11.154	12.210
Rede de ensino comunitário/ confessional/ filantrópico	9.463	5.703	5.591	4.811	4.755	5.184	4.583

Fonte: Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados – Seade (2011).

Tabela 4 – Marília: número de matrículas nos cursos de graduação presenciais – 2011

	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Rede de ensino federal	–	–	–	–	–	–	–
Rede de ensino estadual	1.954	1.900	1.642	2.251	2.698	2.567	2.761
Rede de ensino municipal	–	–	–	–	–	–	–
Rede de ensino particular	10.680	9.777	9.450	8.783	8.267	7.867	7.984
Rede de ensino comunitário/ confessional/filantrópico	2.589	2.927	2.921	3.211	3.930	4.316	4.136

Fonte: Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados – Seade (2011).

Tabela 5 – São José do Rio Preto: número de matrículas nos cursos de graduação presenciais – 2011

	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Rede de ensino federal	–	–	–	–	–	–	–
Rede de ensino estadual	2.018	2.019	2.688	2.390	2.415	2.581	2.673
Rede de ensino municipal	–	–	–	–	–	–	–
Rede de ensino particular	13.920	14.400	14.160	15.924	16.900	22.418	20.154
Rede de ensino comunitário/ confessional/filantrópico	–	–	965	865	678	600	542

Fonte: Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados – Seade (2011).

Mesmo quando apresentam decréscimo como é o caso de Marília, onde o número de matrículas diminui em 25%, tal fato é explicado por um aumento de 37% no número de matrículas na rede de ensino comunitário/confessional/filantrópico,<sup>6</sup> nessa cidade representada pelo Centro Universitário Eurípedes de Marília.

Observamos um crescimento acentuado da rede privada de ensino em Bauru, que chega a 70%, considerando que, na rede pública de ensino, representada pelos câmpus da Universidade Estadual Paulista (Unesp) e Universidade de São Paulo (USP), houve acréscimo de apenas 17% no número de matrículas em cursos de graduação.

Em Marília e São José do Rio Preto, o número de matrículas em cursos de graduação na rede de ensino pública, nessas cidades representados pelo câmpus da Universidade Estadual Paulista (Unesp), cresceu, respectivamente, 29% e 24,5%, um crescimento maior que na cidade de Bauru.

No que se refere às instituições privadas de ensino, vamos incluir as consideradas de caráter comunitário/confessional/filantrópico, já que a maior parte das matrículas é paga integralmente. Em Bauru e São José do Rio Preto, há um decréscimo na participação dessas instituições, respectivamente de 51% e 44%. Em São José do Rio Preto, há maior proximidade no crescimento percentual do número de matrículas comparados entre o ensino privado (31%) e o público (24,5%).

A variação no número de matrículas em cursos de graduação influencia diretamente as interações territoriais na área de polarização dessas cidades, tendo em vista que elas concentram a maior parte das vagas de ensino nas respectivas regiões e que parte significativa dos alunos dessas universidades é moradora das cidades pequenas por elas polarizadas e se desloca diária ou semanalmente para os estudos.

No que se refere à aproximação entre a especialização dos cursos e os ramos em destaque na economia dessas cidades, verificamos que a maior parte deles são classificados como “tecnólogos”,

---

6 De acordo com o Ministério da Previdência, as instituições que possuem esse *status* devem disponibilizar 20% de sua renda bruta a fim de garantir a inserção de alunos carentes por meio de bolsas de estudos.

pois têm curta duração (de dois a três anos). No caso de Bauru, destacam-se, nessas instituições, cursos na área de Ciências Aeronáuticas, Logística e Pequenas e Médias Empresas; em Marília, Engenharia e Tecnologia em Alimentos, e Produção e Manutenção Industrial; e em São José do Rio Preto, os da área de Negócios Imobiliários, Produção Joalheira e Moveleira. Esses cursos refletem as “frentes” de atuação da economia atual dessas cidades, como ficará mais claro nos próximos capítulos.

É destacável o crescimento de Bauru como centro urbano logístico, tanto pelo aumento do setor comercial de atacado, principalmente de hipermercados, como veremos no capítulo seguinte, como pela opção dos agentes públicos e privados em transformá-la, no estado de São Paulo, em um entroncamento aero-rodoviar-ferroportuário devido à sua localização.

No que se refere à cidade de Marília, sua destacada condição na produção industrial de alimentos tem gerado a criação dos cursos já citados com especialização que envolve esse ramo.

Em São José do Rio Preto, o movimento caminha em direção ao *boom* imobiliário, sobretudo na área de consultoria e intermediação imobiliária. Outros cursos também são destaque, como produção joalheira, moveleira e de modas, todos representando ramos importantes na economia da cidade.

Nas três cidades, destaca-se a criação de cursos de curta duração nas áreas de agroindústria, agronegócio, sucroalcooleira e biocombustíveis, ciência da computação, comércio exterior e hotelaria. Todos eles reforçam as interações espaciais na rede de influência regional.

Outro importante elemento para analisarmos o duplo processo de fortalecimento da rede regional e a inserção nas escalas nacional e internacional é o papel que essas cidades desempenham na área da saúde. Nesse caso, os fluxos de maior destaque têm sido, do ponto de vista das interações em escala regional, o aumento na quantidade de leitos em hospitais de grande complexidade tecnológica e, do ponto de vista das interações em escalas nacional e internacional, as áreas de especialização médica com desenvolvimento acadêmico-científico. Como podemos observar na Tabela 6, as três cidades em

questão destacam-se como centros onde estão os maiores números de leitos hospitalares. Entretanto, no que tange à interação entre as escalas geográficas, para analisarmos esse serviço, faz-se necessário olharmos para o grupo de cidades que estão em suas respectivas áreas de influências, apresentadas nos mapas anteriores, além de levarmos em consideração as relações entre essas cidades e aquelas que estão presentes para além da delimitação das referidas áreas.

As três possuem, em seus respectivos departamentos regionais de saúde (DRSs),<sup>7</sup> cidades que se destacam pelo número de leitos hospitalares como no DRS de Bauru, em que está a cidade de Jaú com 848 leitos, porém voltados mais ao atendimento no tratamento de oncologia; Botucatu que divide com Bauru a função de centro de saúde por conta das atividades do Hospital das Clínicas da Universidade Estadual Paulista com 685 leitos; e Lins com 524 leitos.

Tabela 6 – Bauru, Marília e São José do Rio Preto: cidades com maior número de leitos hospitalares por departamento regional de saúde (DRS) – 2009

DRS 6 Bauru	2009	DRS 9 Marília	2009	DRS 15 São José do Rio Preto	2009
Barra Bonita	112	Paraguaçu Paulista	97	Jales	123
Pirajuí	153	Santa Cruz do Rio Pardo	112	Novo Horizonte	124
Lins	524	Ourinhos	296	Nhandeara	124
Botucatu	685	Assis	300	Santa Rita d'Oeste	126
Jaú	848	Garça	463	Fernandópolis	172
<b>Bauru</b>	<b>1.423</b>	Tupã	881	Jaci	176
		<b>Marília</b>	<b>1.020</b>	Nova Granada	222
				Votuporanga	285
				Santa Rita do Passa Quatro	299
				Catanduva	585
				<b>São José do Rio Preto</b>	<b>1.680</b>

Fonte: Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados – Seade (2011).

7 São 16 DRS distribuídos no estado de São Paulo, criados pela Secretaria Estadual de Saúde. Bauru é a sede do DRS-6, Marília, do DRS-9, e São José do Rio Preto, do DRS-15.

Quanto ao DRS de Marília, a função de centro de atendimento é administrativamente organizada a partir dos leitos presentes em Assis que somam 300, porque o hospital nessa cidade possui capacidade técnica aproximada dos hospitais presentes em Marília, embora os hospitais desta cidade tenham maior diversidade nas especializações médicas. Além desses hospitais, fazem parte dessa divisão regional cidades como Garça que possui 463 leitos e Tupã com 881<sup>8</sup> leitos.

O DRS de São José do Rio Preto divide os atendimentos de saúde com Catanduva que possui 585 leitos, Votuporanga, com 285, e Jales, com 123, embora haja cidades com mais leitos, como é o caso de Santa Rita do Passa Quatro com 299, bem como outras dispostas na Tabela 6.

Os leitos disponíveis nas cidades que compõem as regiões dos DRSs das cidades médias pesquisadas auxiliam nos casos cujo tratamento médico não exige equipamentos de alta tecnologia. Com exceção de Botucatu, que possui um hospital universitário com alta capacidade técnica, de Jaú que possui hospital cuja especialização é voltada ao tratamento oncológico, e de Tupã na qual a maior parte dos leitos refere-se ao tratamento psiquiátrico, as outras cidades atuam nos casos de saúde mais simples, com atendimentos de primeiros socorros e encaminhamentos médicos aos hospitais de Bauru, Marília e São José do Rio Preto.<sup>9</sup>

Ao mesmo tempo que esse modo de gestão da saúde, sobretudo do setor público, amplia a centralidade das cidades como Bauru, Marília e São José do Rio Preto em suas redes de influência regional,

---

8 O número elevado de leitos na cidade de Tupã é explicado pela presença de quatro hospitais psiquiátricos que somam mais de 80% dos leitos nessa cidade.

9 Esse fato gera, inclusive, um problema de gestão, dado que os hospitais nessas cidades médias atendem a uma ampla área de abrangência dos DRSs que correspondem aproximadamente às RAs e/ou às Regics. Há a necessidade de investigar a possibilidade de ações consorciadas entre as cidades que compõem a rede regional dessas cidades médias, tendo em vista que a quantidade e a qualidade nos atendimentos e dos leitos não correspondem à quantidade de população das respectivas redes regionais, quando muito dos seus espaços intraurbanos, o que gera problemas na gestão do setor da saúde.

também há um movimento crescente de saturação no atendimento no que se refere à relação “número de vagas-pessoas atendidas” nessas cidades médias.

Quanto ao crescimento e fomento da especialização médica com desenvolvimento acadêmico-científico, fator que contribui para inserção dessas cidades em escalas nacional e internacional, e ao fortalecimento do papel delas em escala regional, há hospitais de grande complexidade tecnológica e científica.

No caso de Bauru, destaca-se o Hospital o Hospital de Reabilitação de Anomalias Craniofaciais da Universidade de São Paulo, reconhecido pelos ministérios da Saúde e Educação como hospital universitário de ensino por desenvolver pesquisas na área de especialização e atuar no atendimento em escalas nacional e internacional. Destaca-se ainda o Hospital Estadual Bauru, cuja gestão é de responsabilidade da equipe que coordena o Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Botucatu da Universidade Estadual Paulista (Unesp), câmpus de Botucatu, onde está um dos principais cursos de medicina do país.

Na cidade de São José do Rio Preto, destaca-se o Instituto do Coração (Incor Rio Preto), cuja especialização ocorre com apoio acadêmico-científico dado pela Faculdade de Medicina de Rio Preto (Famerp). Essa mesma instituição tem como hospital de ensino o Hospital de Base com mais de 50 especialidades médicas, reforçando a polarização regional dessa cidade, lembrando que a região que abrange o DRS de São José do Rio Preto possui 101 municípios, somando, aproximadamente 1,4 milhão de pessoas.

A cidade de Marília possui, igualmente, um hospital cuja função é atendimento à saúde e ao ensino. Trata-se do Hospital das Clínicas que possui duas unidades na cidade (unidades clínico-cirúrgica e materno-infantil) articuladas à Faculdade de Medicina de Marília. Além deste, também possui importância a Associação Beneficente Hospital Universitário (Abhu), da Universidade de Marília, do setor privado. A Abhu, assim como o Hospital das Clínicas, atende o público em geral. Marília possui dois cursos de medicina.

Dentre os hospitais citados, alguns elementos reforçam seus níveis de especialização, bem como ampliam suas capacidades tecnológicas, reforçando ainda mais seus papéis como centros de atração que reforçam a centralidade por meio desse setor, com a complementação de unidades especializadas em cirurgias, oncologia, radioterapia e quimioterapia, bancos de sangue, ressonância magnética, terapia intensidade (UTIs) etc.

Como pudemos observar, nesta seção, a rede de influência regional das cidades médias de Bauru, Marília e São José do Rio Preto ganha sentido por conta dessas atividades, bem como de outras que não analisamos aqui. Essas atividades são conteúdos que definem o grau de centralidade e os atributos das funções e dos papéis dessas cidades médias na escala da rede regional.

### **A centralidade das cidades médias: a rede regional como meio, condição e princípio às suas funções e aos seus papéis**

As cidades médias de Bauru, Marília e São José do Rio Preto são, de fato, espaços de articulações regionais, cuja centralidade torna-se o fator definidor não somente da extensão do raio de influência das interações territoriais, mas também de uma rede de influência regional. A conformação dessa rede de influência regional a partir dessas cidades médias fica evidente, como apontamos ao longo deste capítulo, e são elas a base metodológica para pensarmos as funções e os papéis das cidades médias, assim como suas articulações com as escalas nacional e global.

Tais cidades médias são nós da rede urbana paulista, principalmente por sua consolidação como centros regionais. Essa condição influi também na definição de suas funções e de seus papéis adquiridos em outras escalas, sobretudo a global, assim como o caminho contrário desse processo vem se construindo. Assim, Bauru, Marília e São José do Rio Preto estão no cenário de diversas redes em múltiplas escalas. Ademais, a articulação entre as escalas para

explicar suas funções e seus papéis caracteriza-se pela diferenciação entre uma estruturação hierárquica e articulações heterárquicas que são construídas, de fato, na trama das redes que compõem a rede urbana.

As cidades médias, principalmente pelo adjetivo “média”, passam uma ideia de nó na rede em que ocorre a intermediação, sobretudo entre os agentes econômicos. Embora essa interpretação seja verdadeira, a nosso ver, é de maior relevância considerarmos que seus papéis de intermediação decorrem da possibilidade de interação entre lógicas e agentes de escalas diferentes, tornando a intermediação uma condição às articulações que se materializam na rede regional, transformam-se nela e voltam-se às articulações nas escalas nacional e global com conteúdos, agora, mais característicos às agendas da globalização.

Bellet Sanfeliu e Llop Torné (2004) e Bellet Sanfeliu (2009, p.30) apresentam pontos que evidenciam a condição de intermediação mais por suas articulações que por sua posição na rede: 1. a capacidade de criar relações e configurar uma rede conforme suas próprias características; 2. aspectos mais dinâmicos e estratégicos como um fortalecimento da cidade-região e abertura e consolidação de relações com as escalas nacional e internacional; 3. e a substituição de interpretações que as observam por meio de modelos estáticos e hierarquizantes, por uma ideia mais dinâmica e interativa (Dematteis, 1993). A reunião desses pontos constrói um ambiente favorável à intermediação escalar, na qual as cidades médias ora desempenham papéis em escala regional, ora para a escala global, com função de espaços produtivos e de consumo consolidados, e sempre articulando lógicas de uma e outra escalas.

Por isso, as redes são um dos cenários mais adequados para compreendermos suas funções e seus papéis, porque são formadas por uma mescla de cidades diferenciadas, tanto em posição como em condição, econômica, política, cultural, financeira, de gestão ou qual seja a dimensão de análise. Como já ressaltamos, a estruturação hierárquica no arranjo entre as cidades possui um limite na interpretação de suas funções e papéis. Não negamos a la-

tente possibilidade de a expressão “cidade média” recair sobre uma metodologia estruturada mais pela posição delas que pela condição funcional na rede urbana. Entretanto, também é claro para nós que as cidades médias, mesmo com a conformação de suas redes de influência regional, são evidenciadas pelas interações espaciais interescalares que oferecem recursos metodológicos mais apropriados para verificarmos sua condição de “média”, parecendo-nos mais relevantes que sua posição intermediária. Elas não são caminhos, mas nós de interações espaciais na rede urbana, independentemente das escalas.

Diante disso, dada a centralidade e a conformação de uma rede de influência regional gerada a partir das cidades médias de Bauru, Marília e São José do Rio Preto, convém olharmos ainda para alguns processos que reforçam as funções e os papéis delas como espaços de interação espacial interescalar que são: a concentração espacial e econômica, e a inserção delas no âmbito da globalização. Ambos os movimentos são responsáveis pelo fomento tanto da conformação da rede regional de influência dessas cidades como das interações espaciais interescalares e da consolidação das articulações heterárquicas na rede urbana multiescalar.



### 3

## OS PROCESSOS DE CONCENTRAÇÃO E CENTRALIZAÇÃO ECONÔMICA E ESPACIAL NAS CIDADES MÉDIAS DE BAURU, MARÍLIA E SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

### Metodologia e perspectivas analíticas

A abordagem dos processos de concentração e centralização econômica e espacial busca reforçar a análise sobre a condição das cidades médias estudadas, bem como de suas funções e de seus papéis exercidos e desempenhados na rede urbana. Trata-se de verificar o claro aumento das relações empresariais em seus espaços, a partir das interações espaciais interescolares nas redes em que elas estão inseridas e com as quais se articulam.

Compreendemos as cidades de Bauru, Marília e São José do Rio Preto, neste capítulo, a partir das atividades comerciais, industriais e de serviços. Os processos de concentração/desconcentração e centralização econômica e espacial se consolidam quanto mais se ampliam e se diversificam tais atividades. Por esse motivo, verificamos que esses processos induzem e refletem as funções e os papéis dessas cidades médias na rede urbana, quanto mais se implantam, ampliam-se e modernizam-se empresas que atuam nessas três cidades.

O conteúdo deste capítulo, principalmente no que se refere ao conceito de concentração espacial, tem como objetivo demonstrar como esse processo é crescente nas e a partir das cidades médias

estudadas, considerando-o, inclusive, como resultado da sociedade em movimento no espaço e no tempo, e de interações em múltiplas escalas. Diante disto, já adiantamos que nossa perspectiva analítica não é a de que o processo de corporativização nessas cidades avança ou se difunde unicamente a partir das metrópoles. Trata-se de considerar que a reprodução do capital fixo e produtivo busca, sim, novos mercados após ter se consolidado nas metrópoles, mas não sem estabelecer articulações com os agentes já presentes nas escalas local e regional dessas cidades médias.

O processo de concentração espacial e econômica atual em suas relações com essas cidades médias e o crescente papel produtivo que elas vêm tendo estão associados com a metrópole de São Paulo no que tange à diversificação e, sobretudo, à diferenciação funcional dessas cidades na rede urbana. Mas um olhar univertorial e hierarquizado sobre esse espaço de complexas articulações apenas reproduz tipologias baseadas na importância de uma cidade em relação à outra sem que se qualifiquem, de fato, suas funções e seus papéis mediante as interações interescares atuais.

A metodologia aqui aplicada, bem como os procedimentos trabalhados para explicar esse movimento, parte do debate valorizado para elaboração desta obra. Tomamos como recursos metodológicos o tratamento dos dados buscados na Pesquisa de Investimentos Anunciados no Estado de São Paulo (Piesp), realizada pela Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade), organizados segundo aquelas empresas que anunciaram investimentos na implantação, na ampliação e na modernização de seus capitais fixo e produtivo.

Além desses dados que evidenciam o empírico, dialogamos neste livro com autores como Selingardi-Sampaio (2009), Sposito (2005) e Santos (2001, 2008) que se dedicaram a mostrar, como no estado de São Paulo, em função de grande potencial produtivo, os processos de concentração econômica e espacial têm direções e perspectivas diversas.

Assim, há certamente um contexto teórico a ser ressignificado sempre que colocamos em debate os conteúdos de estruturação e de articulações da e na rede urbana. Os processos de concentração e

centralização econômica e espacial não apenas ganham sentidos diferentes nas interações espaciais interescares das cidades médias na rede urbana, como são eles o meio pelos quais as funções e os papéis dessas cidades podem ser analisados.

## **A concentração e a centralização econômicas e espaciais no estado de São Paulo**

Tomamos como referência as ideias de Sposito (2005, p.222-3), quando a autora, com base sobretudo em Smith (1988), afirma que a concentração espacial associa-se à localização dos capitais e da infraestrutura, ao passo que a centralização espacial refere-se ao capital fixo e ao capital produtivo espacialmente centralizados. Essa relação, como ressalta Sposito (2005, p.223, grifos da autora), é fruto da diferença de conteúdo desses processos:

Do ponto de vista espacial, a *concentração e a centralização do capital*, propiciaram movimentos de *concentração, desconcentração e reconcentração* espacial dos capitais fixos no conjunto do Estado de São Paulo, e *centralização espacial dos capitais produtivos e financeiros* na metrópole paulista [...].

O contexto apresentado pela autora reflete-se na ideia de interações espaciais, por meio das quais um processo como o de concentração espacial não ocorre apenas pela difusão, mas também acaba por gerar territórios com capacidades de atração. Isso ocorre porque, para haver concentração, centralização, desconcentração e reconcentração, tem que haver agentes que põem o espaço num movimento interescares. Esse movimento possui caráter central na compreensão desses processos, pois a interação interescares garante a reprodução dos papéis dos nós da rede urbana articulados desde a escala regional até a global. Com as escalas inter-relacionadas é que os agentes buscam diferentes territórios e podem se concentrar e se reconcentrar neles, conforme lhes pareçam mais vantajoso.

No estado de São Paulo, as relações entre os processos de concentração e centralização do capital e entre os processos de desconcentração e reconcentração espaciais somente podem ser observadas à luz do conjunto da rede urbana contemporânea, considerando o quanto, ao longo do tempo, as cidades nesse estado, além da cidade de São Paulo, foram sendo inseridas no processo de acumulação e reprodução do capital (ibidem).

Esse estado possui uma complexidade produtiva determinante na constituição de sua rede urbana e, também, das redes técnicas que a ela se associam. São muitas as cidades médias, ou de porte médio, que aparecem no cenário da rede urbana que se constituiu nesse território, como espaço de intensos fluxos e inserção do capital produtivo, tanto de abrangência local e regional como nacional e internacional (ibidem).

As cidades médias paulistas são territórios que se consolidam na rede urbana à medida que se amplia a presença de agentes que reproduzem seus capitais em múltiplas escalas. Não são, definitivamente, *apenas* territórios receptores das dinâmicas advindas dos centros urbanos de maior complexidade técnica e produtiva como a metrópole São Paulo. São, *também*, territórios de onde emanam iniciativas e vetores, tanto de articulação dos agentes locais e regionais como os que alcançam escalas geográficas nacionais e internacionais.

Conforme destacou Selingardi-Sampaio (2009, p.79) em função da dinâmica de valorização do capital, a concentração e a centralização são duas tendências que ajudam a definir o capitalismo:

- i) A de concentração do capital, visando à expansão dos meios de produção, na tentativa de manter condições produtivas competitivas, principalmente na atual fase de capitalismo oligopolista;
- ii) A de centralização do capital, tendência que se manifesta por intermédio de uma constante reorganização na distribuição da propriedade dos capitais, a qual, genericamente, implica a convergência de capital para as mãos dos que já detêm suas maiores concentrações, sendo eliminados os concorrentes mais fracos.

A autora trata da possibilidade de manutenção das condições competitivas que nas cidades médias decorrem, também, da interação entre os agentes que atuam em diferentes escalas. Quando Selingardi-Sampaio (2009) fala sobre a centralização do capital, o aspecto mais relevante se refere à “reorganização na distribuição da propriedade dos capitais”, tanto daqueles que já o possuem como daqueles que se beneficiam desse período de reorganização do capital e do aumento da densidade técnica-informacional, que é crescente nas cidades médias.

Além da necessidade de avanço do capitalismo sobre o espaço, ao consolidar sua reprodução, dissemina um arranjo caracterizado por uma possível organização territorial que pode ser explicada pela concentração e pela centralização de capitais. Johnston et al. (1994) tratam desses processos articulados à espacialização deles. Para os autores, “A concentração e a centralização espaciais são associadas à tendência de organizar a atividade econômica em unidades de tamanho crescente dentro de uma estrutura organizacional hierarquizada (ibidem, p.85). Isso decorre do fato de que muitas atividades comerciais, industriais ou de serviços se estruturam por meio de arranjos hierárquicos que culminam na diversificação das atividades econômicas em diferentes cidades.

Corrêa (1997, p.17) também observou a relação entre a reprodução do capital e a hierarquização da rede urbana: “A emergência de uma rede hierarquizada e integrada nacionalmente de centros de distribuição varejista e de serviços, isto é, localidades centrais, se verifica com o capitalismo, com o domínio de um modo de produção onde o capital penetra na esfera da produção”.

Essa relação tem como aspecto principal a interação entre as cidades numa rede urbana com maior ou menor densidade, tendo em vista que a presença do comércio, da indústria e dos serviços, a diversificação dos transportes e das redes técnicas que os consolidam, a diversificação dos segmentos sociais, a seletividade espacial comandada pelas empresas e a interação seguida de um conjunto de interesses entre os setores públicos e privados são transformações advindas de uma maior divisão social e territorial do trabalho, com

maior especialização do trabalho e maior amplitude espacial de atuação de seus agentes. Nas redes de cidades, tais atributos reforçam nossa hipótese de consolidação de uma estruturação hierárquica explicada por articulações heterárquicas. Trata-se, por assim dizer, de uma rede urbana caracterizada pela profusão de “lugares centrais”, aqueles nos moldes christallerianos, porém com maior complexidade, onde cada cidade ganha importância por suas funções e papéis, independentemente das escalas de atuação (Domènech, 2003).

Dentre os pontos destacados anteriormente, o processo de seletividade espacial impacta sobremaneira ao considerarmos quando e por que a concentração e a centralização econômicas e espaciais ocorrem. Para Santos (2007, p.126), primeiro

[...] esta seletividade espacial, que se manifesta tanto no plano econômico como no social, detém a chave da elaboração de uma teoria do espaço. Segundo, se considere a produção ou o consumo, a seletividade espacial pode ser interpretada de duas formas. A produção, especialmente aquela que requer um alto nível de tecnologia, tende a se concentrar em pontos específicos. O consumo responde a forças de dispersão, mas a seletividade social age como um freio sobre essa dispersão porque a capacidade de consumir varia qualitativa e quantitativamente através do espacial.

Alguns pontos destacados por Selingardi-Sampaio (2009, p.79) ajudam-nos a explicar como a seletividade espacial passa a ocorrer no estado de São Paulo ante esses processos de concentração e centralização do capital no espaço:

- Estabelecem-se a partir de 1950, devido aos avanços simultâneos nos setores tecnológicos, meios de transporte e de comunicação, principalmente, os novos espaços considerados como pontos de instalação do capital fixo, produtivo e financeiro de empresas.
- Essa seletividade decorre do fato de que muitos países que antes não participavam como espaços produtivos passaram a fazer parte desse processo.

- Houve o desenvolvimento de estratégias múltiplas em escala local a fim de atrair capital e/ou conservá-lo, gerando a “guerra fiscal” e a “guerra dos lugares”.
- Criaram-se normas e convenções, como pacotes fiscais, para estabelecimentos de negociações entre as empresas e os espaços que passaram a recebê-las.
- As leis gerais do movimento do capital não foram revogadas, fator que manteve as taxas de lucro desiguais entre os espaços.

A diversificação e a diferenciação das funções e dos papéis na rede urbana, em grande parte, por conta dos pontos ressaltados pela autora, são os dois aspectos que mais impactam na estruturação hierárquica e nas articulações heterárquicas entre as cidades. É um contexto cada vez mais complexo ditado pelas empresas, diante da reconhecida seletividade espacial, endereçada aos territórios e às cidades.

As empresas, aliás, são as instituições que mais se beneficiam desse contexto. Como destacou Fisher (2008, p.62):

[...] a passagem do “espaço” ao território, a incidência de novas exigências de funcionamento dos estabelecimentos, a complexidade das relações tecnologia-força de trabalho dão uma importância relativamente nova à resposta dada pela firma à pergunta “onde”? (que definem sua estratégia geográfica). E está claro que essa resposta é condicionada e condiciona por sua vez as respostas que a empresa dá às outras questões estratégicas às quais ela tem que responder: o que produzir (mercado), em qual quantidade (escala), como (estratégia tecnológica – estratégia social)?

A afirmação do autor contribui para a visualização do cenário em que se articulam as lógicas que propiciam a seletividade espacial e que fomentam a concentração e a centralização econômica e espacial.

Seria desnecessário afirmar que regiões metropolitanas como as de São Paulo e Campinas dispararam em números de empresas, de

produtos, de diversidade de atividades econômicas etc. Entretanto, a preferência dos agentes econômicos, ao escolherem seus espaços de produção e consumo, deixou de ser apenas as metrópoles para ser também outras cidades que possibilitassem a reprodução ampliada do capital – as cidades médias –, onde os investimentos empresariais são crescentes, expressos tanto na quantidade de empresas como na diversidade das atividades econômicas de produção e consumo.

Com o recente processo de concentração econômica e espacial nas cidades médias, mudou também a distribuição entre aqueles produtos que são produzidos pela metrópole e por sua região metropolitana, e aqueles produzidos nessas cidades médias, como também nas locais, como é caso da produção agropecuária.

Conforme ressaltou Lencioni (2003, p.467):

As indústrias produtoras de bens de consumo não-duráveis, que caracterizavam a industrialização do interior, perderam posição relativa diante do crescimento das indústrias predominantemente produtoras de bens intermediários e das predominantemente produtoras de bens de capital e de consumo durável. Por assim dizer, a uma industrialização tradicional do interior baseada em fábricas de bebidas, alimentos, fiação e tecelagem, por exemplo, se incorpora a uma nova indústria na qual se fazem presentes refinarias, indústrias produtoras de máquinas, de produtos farmacêuticos e indústrias químicas, entre outras, até então quase que exclusivamente presentes na região metropolitana.

Essas transformações e a incorporação de outras atividades econômicas na rede de cidades, sendo muitas delas em cidades médias como é o caso de Bauru, Marília e São José do Rio Preto, demonstram que o fenômeno denominado metropolização tem limites territoriais em seu avanço. O fato de territórios como as cidades médias darem suporte à produção de bens antes somente produzidos na metrópole e em sua região metropolitana reforça a caracterização dessas cidades como espaços de avanço do capital que quer

se reproduzir a partir da metrópole, mas também como decorrência da atuação de agentes locais e regionais já presentes nessas cidades.

O processo de desconcentração da atividade produtiva metropolitana de São Paulo reside no fato de os agentes empresariais se beneficiarem de fatores de localização relativos a outros espaços e potencializarem-nos, num período em que as condições de circulação, tanto de transportes como comunicação, ampliam-se e são mais eficazes. Além disso, preços mais baixos do solo urbano e isenções de impostos e outros recursos utilizados como atração de investimentos por parte dos agentes políticos dessas cidades médias ajudam a explicar tal processo. A desconcentração é também fomentada por forças como a globalização, cujo movimento pode ser definido nas palavras de Benko (2002, p.59): “hoje, a espontaneidade aparente dos agentes em suas iniciativas concorrenciais parece ter a primeira e a última palavra, e essa grande inversão talvez seja a chave da nova economia urbana”. O autor ainda afirma que duas ideias estão nas pautas dos trabalhos atuais: “desintegração vertical” e “divisão social do trabalho”.

Os nós em movimento mencionados anteriormente ajudam-nos a entender esse processo quando insistimos que, de fato, o estado de São Paulo e outros estados e regiões convivem com uma explosão de pontos no espaço, cuja importância decorre da diferenciação de suas funções e de seus papéis nas redes em que se articulam, tanto as urbanas como as redes técnicas que a estruturam e a fomentam, desde a escala local até a internacional.

Com base em Massey (2008), o espaço é fruto das inter-relações e das interações que dele decorrem. Diante disso, a concentração econômica e espacial é um movimento justificado pela reprodução do capital que não somente avança sobre os territórios, como também neles se apoia. Tais processos, no contexto das interações espaciais, mostram-nos que o próprio termo “avanço” deve ser problematizado quando olhamos para a rede urbana. As empresas e os agentes não avançam sobre os territórios, trata-se de um encontro de forças entre aquelas de interesses do capital de abrangência nacional e internacional e aqueles interesses de abrangência local

e regional, ainda que o poder político e econômico dos primeiros possa ser maior.

Embora, no momento presente, a concentração de capital tenha como protagonista as lógicas dirigidas pelos agentes e pelas empresas globais, ela também se estrutura no local e no regional, a partir de ações e interesses construídos por agentes atuantes nessas escalas. Esse fato explica a participação dos agentes presentes nas cidades médias como propulsores dessas cidades como espaços produtivos não somente em escalas local e regional, como veremos no próximo capítulo.

Ademais, se afirmamos que o processo não é somente de concentração econômica, mas também espacial, isso quer dizer que há articulação entre horizontalidades e verticalidades na rede urbana. O que temos é a construção de redes heterárquicas, cujos pontos surgem pela interação espacial de lógicas em múltiplas escalas.

Se concordarmos que o movimento de concentração econômica é protagonista, tendo em vista que as ações políticas, sociais ou mesmo culturais têm forte influência das econômicas, então concebemos o espaço também como um nível de determinação. Assim, nas cidades médias e nas redes com as quais e nas quais elas se articulam, podemos falar de interações entre as escalas geográficas, dado o volume e a intensidade com que agentes econômicos de abrangência multiescalar se relacionam promovendo a reprodução do capital nesses nós da rede urbana.

A reconcentração espacial que vem se configurando e que em suas lógicas inclui essas cidades médias, embora não seja um processo novo, amplia-se porque, agora, as iniciativas empresariais, as agendas de produção e distribuição da produção, os meios pelos quais essa agenda é inscrita, a possibilidade de concorrência nas redes em que elas se articulam e, principalmente, o adensamento das interações espaciais interescales permitem que, nessas cidades, esse processo tenha maior importância.

Para compreender esse processo, é importante distinguir desconcentração de descentralização, pois, embora o primeiro processo esteja ocorrendo, ele não se dá com o segundo. Para Lencioni

(2003, p.467), não houve descentralização industrial nem econômica no estado de São Paulo:

Não há descentralização industrial porque, em primeiro lugar, a cidade de São Paulo, bem como a região metropolitana, constitui o principal centro industrial não só do Estado, mas também do país. Em segundo lugar, porque a ideia de descentralização supõe a existência de pelo menos dois centros: o primeiro, relativo ao que perdeu posição de centro e, o segundo, ao que ganhou posição de centro.

Essa afirmação pode ser observada, também, a partir do enfoque da diferenciação das funções e dos papéis dos nós que compõem a rede urbana, com base em sua relação com a metrópole paulista, pois outros centros de produção e consumo têm sua importância ampliada. Concordamos com a autora que, de fato, não há descentralização industrial no sentido capital-interior, assim como não é de primeira importância o “cabo de guerra” de quem perdeu posição para quem ganhou. A metrópole São Paulo não perde posição, nem as cidades médias ganham posição na rede urbana em comparação com essa metrópole, mas, sim, os papéis dessas cidades se redefinem, porque as relações que revelam as complementaridades entre elas se alteram

Assim, a desconcentração não pode expressar a ideia de que há um território que vai se esvaziando e outro em que vai se adensando, pois não é esse o cenário que se apresenta. Trata-se de redefinição contínua, na rede urbana, de cidades com funções e papéis articulados em conteúdos e atribuições diferentes. A metrópole São Paulo se consolida como centro financeiro global, enquanto as cidades médias paulistas ampliam papéis e funções de espaços de produção e consumo dirigido, em parte, por esse capital financeiro, que, por sua vez, também acaba por se expandir nessas cidades, realizando-se nelas de modo diverso daquele observado na metrópole de São Paulo.

Ao olharmos para a rede de cidades no estado de São Paulo, fica claro que, em quantidade e qualidade, o capital se concentra nessas cidades, como veremos nos dados presentes nas tabelas contidas

neste capítulo, mas que não se rarefaz na metrópole. O capital que se concentra nessas cidades médias tanto chega, como surge e se refaz nelas, à medida que se criam condições técnicas, científicas e informacionais propícias à sua reprodução.

## **Os processos de concentração e centralização econômica e espacial em Bauru, Marília e São José do Rio Preto: interações territoriais e espaciais**

As ações empreendidas pelos agentes representantes de instituições públicas e privadas em Bauru, Marília e São José do Rio Preto visam fomentar a concentração de capital, comercial, industrial e de serviços, como atrativo e meio de ampliar as capacidades de remuneração do capital fixo e produtivo dessas cidades.

A busca é a ampliação e a diversificação das atividades que culminam na diversificação das funções e dos papéis desempenhados em âmbito regional, o que reforça a importância em suas áreas de influências já constituídas historicamente e articula relações para que participem no processo de reprodução do capital em escalas nacional e internacional, movimento que extrapola a área de influência e gera uma rede de influência regional reconhecidamente caracterizada pela escala regional e articulada a partir da presença nessas cidades médias de instituições, empresas e agentes que atuam por meio de lógicas definidas pelas interações com o capital de abrangência nacional e internacional.

O reforço da atuação das cidades médias como centros regionais e a ampliação de suas relações em escalas geográficas mais amplas ocorrem concomitantemente com a ampliação da diversificação de atividades e funções de conteúdos encontrados somente na lógica das macroescalas. Hiper e supermercados, centros de compras com diversificação de lojas, hospitais, universidades, estabelecimentos industriais e todas as atividades que levam ao processo de concentração econômica e espacial fortalecem sobremaneira a atuação dessas cidades, tornando-as centros com forças de atração (Sposito, 2009).

As interações territoriais regionais no âmbito da rede urbana são fortalecidas, com essas cidades e a partir delas, quanto mais são dinamizadas suas atividades comerciais, industriais e de serviços. É uma redistribuição das localizações que leva à desconcentração e reconcentração espacial que não se destaca apenas pela implantação de empresas, mas também pela ampliação e modernização do capital fixo e das lógicas de produção e participação no mercado nacional e global.

O processo de concentração das atividades produtivas contribui para a ampliação da centralização espacial em relação às cidades locais, que, em parte, ocorre nas cidades médias, articulado pelos agentes que atuam nas escalas local e regional, o que demonstra que esses processos necessitam de arranjos institucionais, econômicos, políticos e espaciais para que se tornem realidades nessas cidades. Instituições como o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequena Empresas (Sebrae), por exemplo, prestam serviços a pedido do poder público e/ou das empresas, na fase de análise do mercado consumidor da empresa que pretende se instalar, a fim de avaliar o número de consumidores nas áreas de influência dessas cidades. Esse número atinge patamares considerados suficientes para a instalação de uma empresa, conforme as interações territoriais que dali e para ali emanam, a partir do deslocamento de pessoas das cidades com menor diversidade comercial e de serviços em direção às cidades como Bauru, Marília e São José do Rio Preto. Esse movimento reforça-se com o crescimento no número de estabelecimentos, como vemos nas tabelas 7 a 9, fator que reforça as interações territoriais e espaciais regionais nessas cidades.

O setor comercial, atividade que se destaca na dinâmica econômica das cidades médias analisadas, ampliou-se consideravelmente na última década, sendo ele o responsável pela definição e estruturação de grande parte de suas funções e de seus papéis na rede urbana, principalmente em âmbito regional, reforçando nelas o processo de concentração econômica e espacial e as interações territoriais em suas áreas de influência, articulações que já pudemos observar no capítulo anterior. Os serviços também sobressaíram por ser uma

atividade que contribui para a diversificação das funções e dos papéis delas, reforçando igualmente suas abrangências regionais.

A atividade industrial conheceu evolução no período analisado, no que concerne à quantidade de estabelecimentos. Mesmo esse crescimento sendo menor que o observado nos setores comercial e de serviços, a natureza do setor secundário, além de contribuir para a inserção e o predomínio dessas cidades em escalas regional, também impulsiona as importações e as exportações da produção nessas cidades, gerando e/ou ampliando funções e papéis nas escalas macro, como veremos no Capítulo 4.

Tabela 7 – Bauru: números de estabelecimentos comerciais, industriais e de serviços – de 2001 a 2009

Atividade/ ano	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
<b>Comércio</b>	2.939	3.069	3.116	3.281	3.368	3.579	3.669	3.878	3.981
<b>Serviços</b>	2.321	2.382	2.378	2.365	2.429	2.542	2.664	2.776	2.977
<b>Indústria</b>	552	580	598	601	605	596	586	607	626

Fonte: Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados – Seade (2011).

Tabela 8 – Marília: números de estabelecimentos comerciais, industriais e de serviços – de 2001 a 2009

Atividade/ ano	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
<b>Comércio</b>	1.857	1.920	1.978	2.103	2.219	2.231	2.326	2.463	2.503
<b>Serviços</b>	1.524	1.597	1.616	1.639	1.677	1.687	1.762	1.841	1.974
<b>Indústria</b>	392	396	413	429	446	444	445	490	497

Fonte: Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados – Seade (2011).

Tabela 9 – São José do Rio Preto: números de estabelecimentos comerciais, industriais e de serviços – de 2001 a 2009

Atividade/ ano	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
<b>Comércio</b>	4.001	4.292	4.476	4.799	5.059	5.165	5.340	5.667	5.871
<b>Serviços</b>	2.932	3.165	3.225	3.416	3.515	3.696	3.958	4.172	4.522
<b>Indústria</b>	1.052	1.101	1.114	1.169	1.204	1.284	1.289	1.372	1.418

Fonte: Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados – Seade (2011).

Pode-se melhor observar o crescimento no número de estabelecimentos comerciais, de serviços e industriais a partir dos dados da Tabela 10, os quais apontam que o comércio é a atividade que mais cresceu em Bauru e Marília, acompanhado de um crescimento aproximado no número de estabelecimentos de serviços.

Tabela 10 – Bauru, Marília e São José do Rio Preto: percentual de crescimento de estabelecimentos comerciais, de serviços e industriais – 2001-2009

Cidade/atividade	Comércio	Serviços	Indústria
<b>Bauru</b>	26,17	22,03	11,80
<b>Marília</b>	25,80	22,07	21,12
<b>São José do Rio Preto</b>	31,85	35,10	25,80

Fonte: Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados – Seade (2011).

No que se a refere à cidade de São José do Rio Preto, a atividade que mais cresceu em número de estabelecimentos foi a de serviços, aproximando-se do número de estabelecimentos comerciais nas cidades analisadas, porém com uma taxa bem acima do crescimento no número de estabelecimentos de Bauru e Marília. As atividades industriais também apresentam evolução bem aproximada do observado no que concerne às atividades comerciais e de serviços nas cidades de Marília e São do Rio Preto, apresentando um índice baixo em Bauru.

A evolução que visualizamos a partir das tabelas 7 a 10 pode ser mais bem compreendida com a análise dos dados que se seguem, correspondentes aos investimentos empresariais anunciados nos setores comercial, de serviços e industrial nas cidades de Bauru, Marília e São José do Rio Preto, na primeira década deste século.<sup>1</sup>

1 O contato, obtido por meio da pesquisa de campo, com agentes públicos e privados dessas cidades demonstrou que, apesar de a mudança das funções e dos papéis delas no âmbito da interação espacial interescalares ter se iniciado, sobretudo na década de 1990, é na primeira década do século XXI que elas começam a ser destaques como centros que estabelecem relações espaciais importantes além da sua rede de influência regional, bem como se reforçou a atuação delas nessa escala.

Eles demonstram um crescente processo de concentração e centralização econômica e espacial, já concretizado na metrópole São Paulo e em seu entorno, e que nessas cidades médias vem se ampliando, com um movimento propulsor gerado a partir de interesses dos agentes locais e regionais, públicos e privados.

As empresas listadas nas tabelas a serem apresentadas adiante atuam em escalas geográficas e atividades econômicas diversas da economia. A concentração econômica e, conseqüentemente, a espacial ocorrem a partir da implantação, ampliação e modernização das empresas dos diferentes setores em Bauru, Marília e São José do Rio Preto. Tratamos, portanto, não somente de uma concentração de capital que envolve a ampliação das condições gerais de produção nessas cidades, mas também de um movimento de concentração espacial que leva à ampliação das interações entre as escalas, bem como à (re)valorização das escalas local e regional nas quais estão inseridas essas cidades.

### **Investimentos comerciais anunciados: implantação, ampliação e modernização do capital de abrangência interescalar**

Em Bauru, ao observarmos a Tabela 11, podemos perceber tanto o número de empresas que anunciaram no período analisado como a diversidade de ramos do comércio em que se observou tal dinâmica. Destacam-se os anúncios de implantação dos *shopping centers* como os empreendimentos de maiores investimentos. Nessa cidade, justifica-se a tendência predominante pelas intenções político-econômicas de agentes locais em transformá-la em um centro comercial logístico, intenções apoiadas no discurso dos agentes locais que valorizam a localização central da cidade no estado de São Paulo. Segundo eles, tal fato ampliaria as interações com outras cidades médias, como Marília e São José do Rio Preto.

Tabela 11 – Bauru: empresas do comércio que anunciaram investimentos em implantação – de 2000 a 2010

<b>Empresa</b>	<b>Valor (US\$ milhões)</b>	<b>Período de investimento</b>
<b>Varejo</b>		
<i>Shopping centers</i>		
Buriti Shopping Bauru	41,53	2010-2012
Mega Shopping Bauru	6,47	2003-2004
Avenida Shopping	1,47	2002-2002
<b>Total</b>	<b>49,47</b>	
<b>Super e hipermercados</b>		
Supermercados Confiança	3,26	2005-2007
Supermercados Confiança	1,02	2007-2008
Supermercados Confiança	0,88	2005-2007
<b>Total</b>	<b>5,16</b>	
<b>Lojas de departamento</b>		
Lojas Renner	2,66	2008-2008
Lojas Americanas	1,20	2007-2007
<b>Total</b>	<b>3,86</b>	
<b>Alimentação</b>		
Cacau Show	0,37	2007-2007
Giraffa's	0,24	2008-2008
Habib's	0,24	2003-2003
Vivenda do Camarão	0,19	2008-2008
Vivenda do Camarão	0,14	2006-2007
Uno & Due	0,13	2007-2008
Montana Grill Express	0,12	2007-2007
Galpão Nelore	0,10	2003-2003
Cone Pizza	0,09	2007-2007
Empório Chiappetta	0,09	2005-2006
Rei do Mate	0,09	2007-2008
Jin Jin	0,03	2003-2003
Nutty Bavarian	0,03	2007-2007
<b>Total</b>	<b>1,86</b>	

Continua

Tabela 11 – *Continuação*

<b>Empresa</b>	<b>Valor (US\$ milhões)</b>	<b>Período de investimento</b>
<b>Varejo</b>		
<b>Móveis e eletrodomésticos</b>		
Tok & Stok	0,43	2003-2003
Lojas Cem	0,37	2002-2002
Ponto Frio	0,37	2006-2006
Elgin Cuisine	0,13	2004-2006
Giroflex	0,13	2005-2005
Dudony	0,11	2006-2007
Giroflex	0,1	2004-2004
Sierra Móveis	0,08	2003-2003
<b>Total</b>	<b>1,72</b>	
<b>Automóveis, caminhões, tratores e máquinas</b>		
Grupo Marka	1,10	2002-2002
Normandie	0,38	2001-2001
Lumière/Citroën	0,15	2003-2003
<b>Total</b>	<b>1,63</b>	
<b>Farmácias e medicamentos</b>		
Farmácias Iporanga	0,54	2002-2002
Unimed Farmácia	0,20	2002-2002
<b>Total</b>	<b>0,56</b>	
<b>Modas/roupas</b>		
Scala	0,16	2007-2010
Gasoline	0,07	2003-2005
Dazzle	0,06	2007-2007
Strutura	0,05	2003-2003
Colcci	0,03	2003-2004
Anticorpus Jeanswear	0,01	2004-2004
Antídoto	0,01	2002-2002
<b>Total</b>	<b>0,39</b>	
<b>Combustíveis e gás</b>		
BR Distribuidora/Makro	0,16	2001-2002
Kidgas	0,07	2003-2004
Air BP- Top Aviation	0,06	2002-2006
Ale Combustíveis/Santos Carrilho	0,05	2000-2000
Ale Combustíveis/K-9	0,03	2000-2000

*Continua*

Tabela 11 – *Continuação*

<b>Empresa</b>	<b>Valor (US\$ milhões)</b>	<b>Período de investimento</b>
<b>Varejo</b>		
<i>Total</i>	<b>0,37</b>	
<b>Perfumaria e cosméticos</b>		
L'Occitane	0,11	2009-2009
Contém 1g	0,03	2000-2001
Aromas Naturais	0,02	2003-2005
W. S. Italy	0,02	2002-2002
<i>Total</i>	<b>0,18</b>	
<b>Livraria</b>		
Livraria Siciliano	0,12	2002-2004
<i>Total</i>	<b>0,12</b>	
<b>Bijuterias e acessórios</b>		
Morana/Grupo Ornatus	0,09	2007-2007
<i>Total</i>	<b>0,09</b>	
<b>Calçados</b>		
Via Uno	0,10	2007-2007
Blackwood	0,05	2007-2007
Arezzo	0,01	1997-2003
<i>Total</i>	<b>0,07</b>	
<b>Bebidas</b>		
Adega Comprando	0,04	2008-2009
<i>Total</i>	<b>0,04</b>	
<b>Portões e equipamentos de segurança residencial e comercial</b>		
PPA	0,04	2003-2004
<i>Total</i>	<b>0,04</b>	
<b>Atacado</b>		
<b>Hipermercados</b>		
Walmart	10,12	2009-2010
<i>Total</i>	<b>10,12</b>	
<b>Produtos de escritório, gráficos e informática</b>		
Kalunga	0,12	2004-2004
<i>Total</i>	<b>0,12</b>	

Fonte: Adaptada de Pesquisa de Investimentos Anunciado do Estado de São Paulo – Piesp/Seade (2011).

Os investimentos anunciados para a implantação desses espaços possuem relação com o aumento destacável, observado na Tabela 11, das franquias, quando se somam aqueles de pequenos montantes, mas em grande número de ramos comerciais. A maior parte delas é composta de grupos nacionais, principalmente em atividades como alimentação e modas/roupas. O sistema de franquias é tendência importante no fortalecimento do comércio, além de ser observado à luz das interações espaciais interescolares, haja vista que essas empresas franqueadas possuem abrangência nas escalas nacional e internacional, e, ao mesmo tempo, fortalecem as funções e os papéis dessas cidades médias nas escalas local e regional, ao se associarem com capitais menores que nelas atuam.

Nessa mesma direção, no que se refere à maior presença de empresas de grande capital, observamos, na Tabela 11, a intensificação no número de anúncios de implantação de hiper e supermercados de redes atuantes em escalas nacional e internacional, cujos investimentos também foram altos nos ramos varejista e atacadista. *Shopping centers*, super e hipermercados, e lojas de departamentos são empreendimentos que contribuem para a redefinição do processo de concentração e centralização econômica e espacial. Além disso, também em alguns hipermercados, assim como nos *shopping centers*, vem se intensificando a implantação de marcas franqueadas. No caso de Bauru, no período ao qual se refere a Tabela 11, foi o Grupo Confiança, de capital local, que mais anunciou investimentos nesse ramo.

Somente na última década, ocorreram importantes inversões oriundas de redes de super e hipermercados de abrangência nacional e internacional por meio da implantação de lojas do Grupo Pão de Açúcar, que atua na cidade de Bauru com as bandeiras Pão de Açúcar, Extra e Assaí, este último do setor atacadista. O Grupo Walmart já contava com um supermercado nas proximidades do Bauru Shopping, tido como loja âncora por ambas as administrações, apesar de não estar anexo à edificação desse *shopping*; atualmente implantou um hipermercado atacadista com a bandeira Big Mart, com investimento anunciado em 10,12 milhões de dólares (Piesp/Seade, 2009), fortalecendo esse ramo que já contava com uma loja da rede Makro, presente na cidade desde os anos 1980. Em

2010, implantou-se em Bauru outra loja do Grupo Tenda Atacado, fortalecendo o processo crescente nessa cidade no ramo atacadista.

O Grupo Confiança de abrangência local/regional, atuante desde a década de 1980 como supermercado, é um dos exemplos de iniciativas locais que não somente resistem à abertura desse ramo aos capitais de abrangência nacional e internacional, mas que também vêm incorporando as mesmas lógicas de gestão e de formato do espaço físico das lojas dessas grandes redes. Esse grupo possui sete lojas em Bauru e investe na combinação, numa mesma loja, de venda de varejo e atacado, além de se expandir, regionalmente, com a implantação de uma loja na cidade de Marília.

Muito embora os outros ramos observados na Tabela 11 anunciem investimentos de capital inferiores aos frisados, lembramos que, além da concentração e da centralização espacial, por meio da especialização em cada uma das cidades analisadas, ramos como alimentação, modas/roupas, móveis e outros apresentados nessa tabela têm extrema importância na definição das funções e dos papéis desempenhados pela cidade de Bauru no âmbito da rede urbana, em múltiplas escalas. Isso se deve ao fato de essas atividades densificarem a função e o papel dessa cidade, colocando-a na condição de “polo” – leia-se “nó” –, onde as atividades e as funções básicas destinadas ao consumo ampliam as interações territoriais, principalmente em âmbito regional, assim como as espaciais, na medida em que as conectam em múltiplas escalas.

Essas empresas, lojas de pequeno porte, de abrangência local/regional, como franquias e redes de abrangência nacional e internacional, também reforçam a diversificação funcional do setor comercial dessas cidades. Por conta disso, são também importantes na análise, se considerarmos que as cidades que compõem as áreas de influências das cidades médias geralmente possuem pouca diversidade no setor comercial. Esse fato gera uma atração às cidades médias, no que tange ao consumo, desde os produtos comuns necessários no dia a dia até os produtos encontrados somente em lojas especializadas, como produtos de informática, eletrônica, materiais de construção para acabamentos mais sofisticados etc.

No que se refere aos investimentos anunciados para ampliação do capital fixo, na cidade de Bauru, podemos observar que não foram tantas empresas a efetuarlos, se compararmos com o número daquelas que anunciaram implantação. Entretanto, para Bauru, e também para Marília e São José do Rio Preto, os dados referentes aos anúncios para ampliação e modernização apontam, dentre os pontos que vimos chamando a atenção, para as diferenças em termos de temporalidades, quando se observam os ritmos das mudanças em suas relações com as escalas delas, no que tange à incorporação e ascensão das cidades médias aos circuitos econômicos mais fortes. Elas vivem movimento de consolidação no qual as empresas, de abrangência nacional e internacional, vêm se implantando recentemente. É o período da diversificação da economia e abertura aos grandes capitais e à globalização.

Como é possível observar na Tabela 12, destacam-se os anúncios para ampliação do capital produtivo das empresas que comercializam combustíveis e gás; e com menor importância, estão os ramos de comercialização de móveis e eletrodomésticos, automóveis, caminhões, tratores e máquinas.

Tabela 12 – Bauru: empresas do comércio que anunciaram investimentos em ampliação – de 2000 a 2010

Empresa	Valor (US\$ milhões)	Período de investimento
<b>Varejo</b>		
<b>Combustíveis e gás</b>		
Ultragaz	2,87	2007-2007
Garbras Autoposto	0,12	2006-2007
<b>Total</b>	<b>2,99</b>	
<b>Móveis e eletrodomésticos</b>		
Lojas Cem	0,38	2006-2010
<b>Total</b>	<b>0,38</b>	
<b>Automóveis, caminhões, tratores e máquinas</b>		
Baurucar Automóveis/ Aspen Veículos	0,2	2002-2003
Primo Fiat	0,14	2007-2007
<b>Total</b>	<b>0,34</b>	

Fonte: Adaptada de Pesquisa de Investimentos Anunciado do Estado de São Paulo – Piesp/Seade (2011).

Também é baixo o número de empresas que anunciaram investimentos na modernização de seu capital fixo. Como vemos na Tabela 13, somente a empresa Lacoste, do ramo de modas/roupas, anunciou investimentos de modernização, em contraponto com o diversificado número de empresas desse ramo que anunciaram implantação na cidade de Bauru. Embora seja um número bastante inexpressivo no universo da produção e do consumo em uma cidade média como Bauru, é destacável o fato de que ela esteja vivendo com intensidade a concentração econômica e espacial em um estágio de atração de capital comercial, principalmente no que se refere às franquias e redes de abrangência nacional e internacional.

Tabela 13 – Bauru: empresas do comércio que anunciaram investimentos em modernização – de 2000 a 2010

Empresa	Valor (US\$ milhões)	Período de investimento
<b>Varejo</b>		
<b>Modas/roupas</b>		
Lacoste	0,05	2003-2004
<b>Total</b>	<b>0,05</b>	

Fonte: Adaptada de Pesquisa de Investimentos Anunciado do Estado de São Paulo – Piesp/Seade (2011).

Na Tabela 14, observamos os dados em relação à cidade de Marília. Nela não foram anunciados investimentos em *shopping centers* tal como em Bauru, fator explicado, segundo responsáveis pelas associações comerciais de Bauru e Marília, pela preferência de empresários desse ramo à primeira. Vale lembrar que elas estão a apenas 100 quilômetros uma da outra, portanto com fortes interações territoriais entre e em suas redes de influência, tal como já observamos no capítulo anterior. Embora haja certa competitividade na rede urbana formada por suas redes de influências, também há sobreposição no que tange à busca por algumas atividades comerciais e de serviços, principalmente, levando-nos a considerar a possibilidade de formação de uma rede de influência regional gerada pela forte presença delas.<sup>2</sup>

2 Não há de fato uma sobreposição do recorte territorial, mas, sim, do ponto de vista das interações territoriais urbanas entre as cidades que compõem as respectivas redes de influência regionais. Essa é uma frente de análise que ainda precisa ser explorada por meio de uma pesquisa.

Tabela 14 – Marília: empresas do comércio que anunciaram investimentos em implantação – de 2000 a 2010

Empresa	Valor (US\$ milhões)	Período de investimento
<b>Varejo</b>		
<b>Super e hipermercados</b>		
Walmart	16,99	2009-2009
Supermercados Confiança	5,18	2007-2008
Supermercados Kawakami	3,41	2009-2009
Supermercado BR	0,17	2003-2004
Supermercado Bom D+	0,03	2003-2003
<b>Total</b>	<b>25,78</b>	
<b>Automóveis, caminhões, tratores e máquinas</b>		
Concessionária Mirai Motors/Freire	0,92	2005-2005
Freire Motos/Freire	0,92	2003-2003
Normandie	0,66	2007-2008
Freire Veículos/Freire	0,34	2004-2004
Javep	0,34	2003-2003
Tratormaç	0,09	2002-2002
Saison	0,04	2008-2008
Japa Veículos	0,03	2008-2008
<b>Total</b>	<b>3,34</b>	
<b>Lojas de departamento</b>		
Lojas Americanas	2,39	2007-2007
<b>Total</b>	<b>2,39</b>	
<b>Móveis e eletrodomésticos</b>		
Lojas Cem	0,89	2003-2003
Dudony	0,11	2006-2007
Sierra Móveis	0,08	2003-2003
Móveis Zappin	0,04	2006-2006
Sertã	0,02	2003-2004
<b>Total</b>	<b>1,14</b>	
<b>Combustíveis e gás</b>		
Air BP-Top Aviation	0,8	2002-2006
<b>Total</b>	<b>0,8</b>	

Continua

Tabela 14 – *Continuação*

<b>Empresa</b>	<b>Valor (US\$ milhões)</b>	<b>Período de investimento</b>
<b>Varejo</b>		
<b>Modas/roupas</b>		
Auditorium	0,13	2008-2008
Provence Lingerie	0,13	2006-2008
Casa Carvalho	0,11	2009-2009
Andréia Santana	0,09	2009-2009
Esporte Line/E2W	0,09	2007-2008
Loja Vetorial	0,07	2003-2004
Lupo	0,03	2000-2003
Olhos Verdes Botique	0,01	2003-2004
Anticorpus Jeanswear	0,01	2004-2004
Jabuticaba	0,01	2008-2008
<b>Total</b>	<b>0,68</b>	
<b>Alimentação</b>		
Giraffa's	0,16	2006-2006
O Forno	0,14	2008-2008
Uno & Due	0,13	2007-2008
Pampas Grill	0,08	2008-2008
Restaurante Cupim	0,04	2001-2001
Cantinho dos Pães	0,03	2007-2007
China in Box	0,03	2001-2001
Roasted Potato	0,01	2003-2003
<b>Total</b>	<b>0,62</b>	
<b>Bijuterias e acessórios</b>		
Morana/Grupo Ornatus	0,09	2007-2007
<b>Total</b>	<b>0,09</b>	
<b>Materiais de construção – acabamento</b>		
Portobello Shop	0,05	2005-2006
Constrular	0,02	2004-2004
<b>Total</b>	<b>0,07</b>	
<b>Perfumaria e cosméticos</b>		
Aromas Naturais	0,02	2003-2005
Contém 1g	0,02	2000-2001
W. S. Italy	0,01	2002-2003
<b>Total</b>	<b>0,05</b>	

*Continua*

Tabela 14 – *Continuação*

Empresa	Valor (US\$ milhões)	Período de investimento
<b>Varejo</b>		
<b>Produtos de escritório, gráficos e informática</b>		
Tilimar	0,02	2003-2003
Tecnoplus	0,02	2005-2006
<b>Total</b>	<b>0,04</b>	
<b>Calçados</b>		
Arezzo	0,01	1997-2003
<b>Total</b>	<b>0,01</b>	
<b>Lojas de CDs</b>		
Magic Music	0,01	2004-2004
<b>Total</b>	<b>0,01</b>	
<b>Atacado</b>		
<b>Hipermercados</b>		
Walmart	11,16	2009-2009
<b>Total</b>	<b>11,16</b>	
<b>Ferramentas e máquinas</b>		
Rimag Ferramentas e Máquinas	0,12	2001-2001
<b>Total</b>	<b>0,12</b>	
<b>Embalagens</b>		
Jotinha Food e Lenice Embalagens	0,06	2004-2004
<b>Total</b>	<b>0,06</b>	
<b>Ar-condicionado</b>		
Multi-Ar	0,02	2003-2003
<b>Total</b>	<b>0,02</b>	

Fonte: Adaptada de Pesquisa de Investimentos Anunciado do Estado de São Paulo – Piesp/Seade (2011).

Isso fica bastante claro no caso da expansão de redes de super e hipermercados em ambas as cidades, além de verificarmos uma forte presença das lógicas articuladas à seletividade espacial, no que respeita às relações empresariais com as escalas nacional e internacional. Bauru vem se tornando um polo de vendas de atacado, dado o número de hipermercados dessa natureza na cidade nos últimos dez anos, como já apontamos anteriormente.

Conforme podemos ver na Tabela 14, o Grupo Walmart foi a rede de super e hipermercados que mais investiu, e, além dele, há os investimentos de três grupos locais em expansão, e também do Grupo Confiança da cidade Bauru. O protagonismo ainda de redes de atuação local/regional em Marília também se dá por meio do Grupo Tauste que possui três lojas nessa cidade e uma implantada em Bauru, no ano de 2008, em resposta à implantação daquela loja do Grupo Confiança no mesmo ano. A outra rede que atua na cidade e na região é a Kawakami, com três lojas em Marília e duas na cidade de Tupã, que compõem sua rede de influência regional. A chegada das redes de abrangência nacional e internacional ainda se inicia, pois é recente a implantação de grupos como o Walmart que investiram no período destacado na Tabela 14 o montante de 16,99 milhões de dólares, além de uma loja da bandeira Maxx Atacado, com investimentos de 11,16 milhões de dólares (Piesp/Seade, 2011).

Nessas cidades, também houve altos investimentos de grupos que atuam na implantação de lojas de departamento, móveis e eletrodomésticos, bem como de outros listados na Tabela 14. A cidade de Marília experimenta uma diversificação de suas atividades e funções que as cidades de Bauru e São José do Rio Preto já vêm experimentando desde a década de 1990. Alguns ramos, como super e hipermercado das redes Walmart e Makro, somente agora foram implantados em Marília, o que destaca que essas cidades médias são compreendidas não somente em suas diferenciações espaciais, mas também na diferenciação temporal – em ambas as dimensões guiadas pelo movimento do capital.

Assim como em Bauru, em Marília destacam-se com força as franquias de marcas nacionais e internacionais nos ramos de alimentação e modas/roupas. É de grande relevância valorizarmos esses números, ainda que os investimentos anunciados não sejam de grande monta, dado que há diversificação e aumento consideráveis da competitividade não somente entre as marcas representadas, mas também entre as cidades, principalmente, considerando que estas competem por causa da condição de cidades médias e da proximidade territorial que existe entre elas. Há ainda empresas de ramos diversos que vem se instalando nessa cidade, como podemos observar na Tabela 14.

No que respeita àquelas empresas que anunciaram investimentos em ampliação de seu capital fixo, como é possível observar na Tabela 15, no caso de Marília a listagem de empresas no período analisado é mais expressiva que em Bauru, aparecendo com destaque os super e hipermercados. As empresas de móveis e eletrodomésticos e as concessionárias também aparecem, além de uma empresa local nos ramos de modas/roupas.

Assim como em Bauru, na cidade de Marília foram irrisórios os anúncios em investimentos para modernização das empresas, feitos apenas pela rede local de supermercados Comper, que realizou investimentos para modernização de seu capital fixo, com podemos observar na Tabela 16.

No que respeita à cidade de São José do Rio Preto, ao observarmos a Tabela 17, podemos perceber que os ramos de maior destaque correspondem àqueles da cidade de Bauru e, em parte, também da cidade de Marília. As cifras anunciadas na implantação de *shopping centers* e super e hipermercados são bem superiores em relação a essas duas cidades, entretanto a lógica de concentração e centralização do capital corporativo que vimos destacando ao longo deste capítulo, que ajuda a definir as funções agregadas às cidades, é a mesma para as três.

Os *shopping centers* deixaram de ser apenas uma tendência e já representam uma das frentes que sustentam o discurso de desenvolvimento econômico dessas cidades, como fica claro, também para São José do Rio Preto, na Tabela 17.

Nessa cidade, o predomínio é dos grupos de abrangência nacional e internacional. Estão presentes, na cidade, o Grupo Carrefour, loja âncora do Rio Preto Shopping, o Grupo Walmart e o Pão de Açúcar, com a bandeira Pão de Açúcar e a bandeira Extra de hipermercados. Dois grupos locais atuam na cidade: Supermercados Atlantis e Shampion.<sup>3</sup> No ramo de atacado, estão presentes também os grupos Makro e Carrefour, com a bandeira Atacadão.

---

3 Essas empresas constam na lista da Associação Comercial e Empresarial de Rio Preto (Acirp) e foram citadas como empresas locais de importância na economia da cidade.

Tabela 15 – Marília: empresas do comércio que anunciaram investimentos em ampliação – de 2000 a 2010

Empresa	Valor (US\$ milhões)	Período de investimento
<b>Varejo</b>		
<b>Super e hipermercados</b>		
Supermercado Pão de Açúcar/Pão de Açúcar	3,89	2007-2007
Supermercados Kawakami	0,75	2008-2009
Walmart	0,08	2009-2009
<b>Total</b>	<b>4,72</b>	
<b>Móveis e eletrodomésticos</b>		
Lojas Cem	0,38	2006-2010
J. Mahfuz	0,15	2007-2007
Ambiente & Cozinha	0,03	2003-2003
<b>Total</b>	<b>0,53</b>	
<b>Automóveis, caminhões, tratores e máquinas</b>		
Dinamar Centro Automotivo	0,1	2003-2003
Di Lori	0,02	2001-2001
Freire Caminhões e Ônibus/Freire	0,02	2001-2001
<b>Total</b>	<b>0,14</b>	
<b>Modas/roupas</b>		
Viccium	0,02	2009-2009
<b>Total</b>	<b>0,02</b>	

Fonte: Adaptada de Pesquisa de Investimentos Anunciado do Estado de São Paulo – Piesp/Seade (2011).

Tabela 16 – Marília: empresas do comércio que anunciaram investimentos em modernização – de 2000 a 2010

Empresa	Valor (US\$ milhões)	Período de investimento
<b>Varejo</b>		
<b>Super e hipermercados</b>		
Supermercado Comper	0,03	2002-2002
<b>Total</b>	<b>0,03</b>	

Fonte: Adaptada de Pesquisa de Investimentos Anunciado do Estado de São Paulo – Piesp/Seade (2011).

Tabela 17 – São José do Rio Preto: empresas do comércio que anunciaram investimentos em ampliação – de 2000 a 2010

Empresa	Valor (US\$ milhões)	Período de investimento
<b>Varejo</b>		
<i>Shopping centers</i>		
Shopping Iguatemi Rio Preto	77,2	2010-2014
Royal Plaza Shopping	10,56	1996-2006
Plaza Avenida Shopping	6,85	2006-2007
Atlantis Boulevard	1,45	2005-2007
Plaza Avenida Shopping	0,85	2007-2007
Shopping HB	0,67	2006-2007
<b>Total</b>	<b>97,58</b>	
<b>Hiper e supermercados</b>		
Extra Perto/Pão de Açúcar	7,97	2007-2007
Golden Tulip Paulista Plaza II	2,43	2002-2004
Supermercado Atlantis	1,45	2007-2008
Supermercados Champion	0,99	2001-2001
Hipermercado Extra/Pão de Açúcar	0,93	2006-2006
Supermercados Tome Leve	0,45	2004-2004
Supersacola	0,03	2006-2007
<b>Total</b>	<b>14,25</b>	
<b>Automóveis, caminhões, tratores e máquinas</b>		
Concessionária Hyundai/Grupo Santa Emília	1,05	2007-2008
Lumière/Citroën	1	2001-2001
Confiance Seminovos/Lumière/Citroën	0,94	2007-2007
Benicar Rio Preto	0,55	2005-2005
Ford Caminhões	0,37	2003-2004
Concessionária Nissan	0,14	2003-2003
Ville Nissan	0,09	2006-2006
<b>Total</b>	<b>4,14</b>	
<b>Lojas de departamento</b>		
Lojas Americanas	1,20	2007-2007
Lojas Americanas	1,17	2006-2006
Lojas Americanas	0,94	2006-2006
<b>Total</b>	<b>3,31</b>	

Tabela 17 – *Continuação*

<b>Empresa</b>	<b>Valor (US\$ milhões)</b>	<b>Período de investimento</b>
<b>Varejo</b>		
<b>Alimentação</b>		
Pizza Hut	0,38	2009-2009
Mirai Restaurante	0,21	2007-2007
Bella Capri Pizzaria	0,19	2009-2009
Uno & Due	0,13	2007-2008
Burgão	0,12	2004-2005
Ice Mellow	0,10	2009-2009
Lig-Lig	0,10	2009-2009
Empório Chiappetta	0,09	2005-2006
Montana Grill Express	0,09	2007-2007
Casa do Pão de Queijo	0,08	2007-2007
Red Angus Beef	0,07	2004-2004
Bar e Chopperia St. Fé	0,05	2003-2003
Café Donuts/Nobel	0,05	2007-2007
Jin Jin/Grupo Vivace	0,04	2000-2001
Andaló Chopp	0,03	2003-2003
Montana Grill Express	0,02	2007-2007
<b>Total</b>	<b>1,75</b>	
<b>Móveis e eletrodomésticos</b>		
Tok & Stok	0,43	2003-2003
Ponto Frio	0,37	2006-2006
Kitchens	0,28	2002-2003
Elgin Cuisine	0,13	2004-2006
Dell Anno	0,11	2008-2008
Marelli	0,09	2003-2003
Ponto Frio	0,09	2006-2006
Sierra Móveis	0,08	2003-2003
Marelli	0,06	2004-2004
<b>Total</b>	<b>1,64</b>	
<b>Modas/roupas</b>		
Centauro Esportes	0,84	2002-2004
Brooksfield Jr.	0,14	2003-2003
Provence Lingerie	0,13	2006-2008

*Continua*

Tabela 17 – *Continuação*

<b>Empresa</b>	<b>Valor (US\$ milhões)</b>	<b>Período de investimento</b>
<b>Varejo</b>		
<b>Modas/roupas</b>		
Lupo	0,12	2008-2008
Gasoline	0,07	2003-2005
Lilica & Tigor	0,07	2003-2003
Garota.Com	0,05	2006-2006
Lupo	0,03	2000-2003
Anticorpus Jeanswear	0,03	2004-2004
<b>Total</b>	<b>1,48</b>	
<b>Farmácia</b>		
Farmacias Iporanga	0,54	2002-2002
Droga Raia	0,28	2006-2006
Drogaria São Paulo	0,28	2008-2008
Farmais	0,10	2007-2007
<b>Total</b>	<b>1,20</b>	
<b>Livraria</b>		
Saraiva Mega Store	0,92	2008-2008
Livraria Siciliano	0,12	2002-2004
Livraria Nobel	0,08	2007-2007
<b>Total</b>	<b>1,12</b>	
<b>Combustíveis e gás</b>		
Viadiesel Transportes e Comércio de Combustíveis	0,40	2003-2003
BR Distribuidora/Makro	0,16	2001-2002
Air BP-Top Aviation	0,12	2002-2006
Kidgas	0,07	2003-2004
Ale Combustíveis/Avenida México	0,04	2001-2001
<b>Total</b>	<b>0,79</b>	
<b>Calçados</b>		
Capodarte	0,43	2008-2010
Via Uno	0,19	2005-2006
Calçados Mr. Cat	0,06	2001-2001
Arezzo	0,05	2004-2004
Arezzo	0,02	1997-2003
<b>Total</b>	<b>0,75</b>	

*Continua*

Tabela 17 – *Continuação*

Empresa	Valor (US\$ milhões)	Período de investimento
<b>Varejo</b>		
<b>Utilidades domésticas</b>		
Multicoisas	0,25	2007-2008
Multicoisas	0,12	2003-2004
<b>Total</b>	<b>0,37</b>	
<b>Perfumaria e cosméticos</b>		
A Perfumista	0,06	2004-2004
Contém 1g	0,02	2000-2001
Contém 1g	0,02	2001-2001
Aromas Naturais	0,02	2003-2005
<b>Total</b>	<b>0,12</b>	
<b>Aparelhos auditivos</b>		
Centro Auditivo Telex	0,09	2007-2008
<b>Total</b>	<b>0,09</b>	
<b>Bijuterias e acessórios</b>		
Morana/Grupo Ornatus	0,09	2007-2007
<b>Total</b>	<b>0,09</b>	
<b>Acessórios automotivos</b>		
Doca Som	0,08	2001-2001
<b>Total</b>	<b>0,08</b>	
<b>Máquinas e equipamentos para costura</b>		
Makcontrol	0,04	2006-2006
<b>Total</b>	<b>0,04</b>	
<b>Atacado</b>		
<b>Modas/roupas</b>		
Fashion Center	0,8	2005-2007
<b>Total</b>	<b>0,8</b>	
<b>Móveis de aço – comercial e industrial</b>		
Italbras	0,11	2001-2002
<b>Total</b>	<b>0,11</b>	
<b>Materiais técnicos para engenharia</b>		
Veram Comercial	0,03	2000-2000
<b>Total</b>	<b>0,03</b>	

Fonte: Adaptada de Pesquisa de Investimentos Anunciado do Estado de São Paulo – Piesp/Seade (2011).

Outros dois ramos que vêm se destacando nessas cidades são a comercialização e a reparação de veículos automotores, e o varejo e distribuição de combustíveis. No primeiro, são as concessionárias de veículos que se destacam com os anúncios de investimentos em lojas do varejo de marcas como a Hyundai, Citroën e Nissan, que apresentam investimentos consideráveis nas cidades médias em questão. O segundo ramo, a comercialização de combustíveis, cresce nessas cidades em decorrência das empresas que investem também na distribuição, como é o caso da BR Makro Distribuidora, implantada em Bauru e São José do Rio Preto entre 2001 e 2002. A implantação do Grupo BP, representado pela empresa Air BP-Top Aviation, de capital inglês, de 2002 a 2006, em Bauru, Marília e São José do Rio Preto, inaugura um novo ramo de investimentos nessas cidades na comercialização de combustíveis para aviões, bem como expressam as ações e iniciativas de incluí-las no circuito não apenas regional, mas também nacional da aviação, para diminuir a tendência de forte concentração dos nós desse sistema de transportes nas metrópoles, sobretudo São Paulo, como bem apontou Pereira (2010).

Na Tabela 17, são evidentes os investimentos anunciados para implantação de estabelecimentos comerciais como as lojas de departamento, representados integralmente pela rede Americanas de capital e abrangência nacional; de alimentação, representados em grande parte, assim como em Bauru e Marília, pelas franquias de alimentação rápida; e de móveis e eletrodomésticos, de modas/roupas, de farmácias e livraria, também representados principalmente por redes e franquias de capital e abrangência nacional.

No que se refere às empresas que anunciaram investimentos em ampliação de seu capital fixo, destacam-se, conforme a Tabela 18, as empresas que comercializam automóveis, caminhões, tratores e máquinas em geral, principalmente agrícolas. Também aparecem, tanto no varejo como no atacado, os super e hipermercados, assim como outras empresas de ramos variados, diversificando o comércio em São José do Rio Preto.

Tabela 18 – São José do Rio Preto: empresas do comércio que anunciaram investimentos em ampliação – de 2000 a 2010

Empresa	Valor (US\$ milhões)	Período de investimento
<b>Varejo</b>		
<b>Automóveis, caminhões, tratores e máquinas</b>		
Rodobens Caminhões Cirasa/ Grupo Verdi	2,44	2005-2006
Ville Renault	0,28	2006-2006
Concessionária Alpínia	0,21	2008-2008
Rodoar Equipamentos Rodoviários	0,07	2004-2005
<b>Total</b>	<b>3,00</b>	
<b>Super e hipermercados</b>		
Carrefour	2,22	2005-2005
<b>Total</b>	<b>2,22</b>	
<b>Móveis e eletrodomésticos</b>		
Lojas Cem	0,38	2006-2010
Jackie Móveis	0,23	2006-2007
<b>Total</b>	<b>0,61</b>	
<b>Livraria</b>		
Livraria Planalto	0,09	2000-2001
<b>Total</b>	<b>0,09</b>	
<b>Brinquedos</b>		
Balão Mágico Brinquedos	0,05	2006-2006
<b>Total</b>	<b>0,05</b>	
<b>Moda/roupas</b>		
Rêmolli	0,04	2006-2006
<b>Total</b>	<b>0,04</b>	
<b>Atacado</b>		
<b>Super e hipermercados</b>		
Makro	1,01	2003-2003
<b>Total</b>	<b>1,01</b>	
<b>Máquinas e ferramentas em geral</b>		
Ferramentas Gerais	0,31	2004-2004
<b>Total</b>	<b>0,31</b>	

Fonte: Adaptada de Pesquisa de Investimentos Anunciado do Estado de São Paulo – Piesp/Seade (2011).

Assim como em Bauru e Marília, em São José do Rio Preto foi baixo o número de empresas que anunciaram investimentos em modernização de seu capital, como podemos observar na Tabela 19. Uma empresa que comercializa automóveis, caminhões, tratores e máquinas, seguindo a tendência daquelas que se ampliaram, e outra do setor do vestuário são de destaque para modernização.

Tabela 19 – São José do Rio Preto: empresas do comércio que anunciaram investimentos em modernização – de 2000 a 2010

<b>Empresa</b>	<b>Valor (US\$ milhões)</b>	<b>Período de investimento</b>
<b>Varejo</b>		
<b>Automóveis, caminhões, tratores e máquinas</b>		
Bavária Motors/Eurobike	0,27	2003-2003
<b>Total</b>	<b>0,27</b>	
<b>Moda/roupas</b>		
Lacoste	0,05	2003-2004
<b>Total</b>	<b>0,05</b>	

Fonte: Adaptada de Pesquisa de Investimentos Anunciado do Estado de São Paulo – Piesp/Seade (2011).

No setor comercial, é evidente, tal como apontado nas tabelas, a importância do sistema de franquias e da atuação em rede dos grupos empresariais, principalmente de grupos nacionais. É clara a relevância do setor comercial na definição das funções e dos papéis dessas cidades, principalmente em escala regional, mas também em escalas nacional e internacional, com fortes articulações de agentes investidores.

Isso também se reflete nas empresas que já estão implantadas e que, por conta dessas transformações e rearranjo de lógicas interescalares, passam a buscar permanência no mercado competitivo. A ampliação de seu capital fixo e das condições técnicas é uma das principais medidas, tendo em vista que estas permitem uma maior capacidade produtiva e de articulação com o capital de abrangência nacional e internacional. No que se refere ao comércio, essas cidades vivem o momento de expansão do mercado, seja pela entrada de empresas de abrangência nacional e internacional, seja pela adequação daquelas de abrangência local e regional ante as lógicas impostas pelas primeiras.

## Investimentos de serviços anunciados: implantação, ampliação e modernização do capital de abrangência interescalar

Em relação aos serviços, também há expansão e concentração de capital nessas cidades. Em comparação com o comércio e a indústria, os serviços, tanto público como privado, também vêm tendo grande destaque na definição das funções e dos papéis dessas cidades médias na rede urbana, em quais sejam as escalas de atuação. Os investimentos na implantação de empreendimentos que atuam no setor de serviços foram grandes na última década tanto em Bauru, como em Marília e São José do Rio Preto.

No caso de Bauru, a Tabela 20 demonstra que os anúncios de investimentos apontam para a consolidação na cidade também dos serviços. As atividades imobiliárias se destacaram na cidade de Bauru, entre 2000 e 2010, com altos investimentos feitos, em grande parte, por iniciativa de grupos que atuam em escala nacional, mas também com a participação de grupos locais que tornaram a empresa capaz de competir no processo de concentração e centralização do capital corporativo próprio das escalas geográficas mais amplas.

Tabela 20 – Bauru: empresas de serviços que anunciaram investimentos em implantação – de 2000 a 2010

Empresa	Valor (US\$ milhões)	Período de investimento
<b>Atividades imobiliárias</b>		
E.J.B./Pátio Brasil/Branchs Brazil	15,00	2002-2003
Assuã Construções	7,01	2004-2006
Century 21 Golden Liberty	0,15	2009-2009
<b>Total</b>	<b>22,16</b>	
<b>Recreação</b>		
Alameda Quality Center	9,22	2005-2006
Multiplex	2,39	2006-2008
Contours Express	0,11	2009-2009
Monkey	0,08	2001-2003
Doctor Feet	0,07	2005-2005
Survivor	0,04	2003-2003

*Continua*

Tabela 20 – *continuação*

<b>Empresa</b>	<b>Valor (US\$ milhões)</b>	<b>Período de investimento</b>
Preve Objetivo	0,02	2003-2003
Montana Country	0,02	2003-2003
<b>Total</b>	<b>11,95</b>	
<b>Alojamento</b>		
Arco Hotel	4,18	2005-2007
Intercontinental/Holiday Inn	3,67	2006-2008
Atlantica/Quality Suites Garden	2,59	1998-2000
<b>Total</b>	<b>10,44</b>	
<b>Educação</b>		
Universidade Paulista (Unip)	4,03	1997-1997
Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai)	1,72	2002-2002
Serviço Social do Transporte (Sest)/Senat	1,66	2002-2004
Serviço Social da Indústria (Sesi)	1,39	2003-2003
Grupo Fênix	0,22	2001-2001
Assoc. dos Trab. do Com., Ind. e Serviços (Atcis)	0,03	2003-2005
Centro Cultural Americano Idiomas	0,03	2005-2005
<b>Total</b>	<b>9,08</b>	
<b>Saúde</b>		
Unimed Bauru	2,93	2009-2011
Serviço de Hemodiálise Luiz Toledo Martins	0,44	1996-2001
Hemonúcleo de Bauru	0,41	2002-2002
<b>Total</b>	<b>3,78</b>	
<b>Intermediação financeira</b>		
Banco Rural	0,51	2001-2001
Banco do Brasil	0,33	2003-2003
Caixa Econômica Federal	0,27	2004-2004
Banco do Brasil	0,20	2004-2005
Banco Panamericano	0,13	2000-2001
Banco do Brasil	0,10	2002-2002
Caixa Econômica Federal	0,06	2007-2008
Renova Câmbio	0,03	2006-2007
Banco do Brasil	0,02	2005-2005
<b>Total</b>	<b>1,65</b>	

*Continua*

Tabela 20 – *continuação*

<b>Empresa</b>	<b>Valor (US\$ milhões)</b>	<b>Período de investimento</b>
<b>Centros empresariais e de eventos</b>		
Centro Empresarial das Américas/Assuã	1,36	2001-2003
Mariné Bauru Eventos	0,40	2000-2000
<b>Total</b>	<b>1,40</b>	
<b>Transporte terrestre</b>		
Transportadora Americana	0,64	2002-2004
SPP-Nemo	0,11	2001-2002
SPP-Nemo	0,08	2003-2003
<b>Total</b>	<b>0,83</b>	
<b>Pesquisa e desenvolvimento</b>		
Instituto P-I Branemark	0,68	2004-2005
Fotoptica	0,12	2002-2002
<b>Total</b>	<b>0,80</b>	
<b>Atividades associativas</b>		
Assoc. dos Funcionários Públicos Est. SP (Afpesp)	0,42	2004-2005
Apeoesp	0,08	2008-2008
Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ)	0,03	2005-2005
<b>Total</b>	<b>0,53</b>	
<b>Telecomunicações</b>		
TV Tem	0,35	2003-2003
<b>Total</b>	<b>0,35</b>	
<b>Atividades auxiliares de transportes e agências de viagens</b>		
Cipagem	0,20	2002-2002
<b>Total</b>	<b>0,20</b>	
<b>Aluguel de equipamentos para construção civil</b>		
Casa do Construtor	0,17	2007-2008
<b>Total</b>	<b>0,17</b>	
<b>Seguro e previdência privada</b>		
Icatu Hartford	0,06	2003-2003
<b>Total</b>	<b>0,06</b>	
<b>Transporte aéreo</b>		
Air Minas	0,02	2006-2006
<b>Total</b>	<b>0,02</b>	

Fonte: Adaptada de Pesquisa de Investimentos Anunciado do Estado de São Paulo – Piesp/Seade (2011).

O Grupo Assuã, que atua na área de engenharia e construções de empreendimentos, foi um dos grandes responsáveis pela implantação dos empreendimentos como o Centro Empresarial das Américas, um complexo de apoio a negócios que tem como objetivo fomentar a função de Bauru como uma cidade de gestão de negócios empresariais. Os agentes públicos e privados dessa cidade garantem que, nos últimos anos, há um esforço conjunto para que a cidade adquira capacidades infraestruturais, sobretudo por meio do transporte aéreo, para atrair a atenção do capital corporativo também para a instalação de unidades de gestão empresarial, o que, segundo esses agentes, traria *status* à cidade, ampliando seu crescimento econômico e social.

Outros dois ramos vêm crescendo conjuntamente: os espaços de recreação e de alojamento. Quanto aos espaços de recreação, destaca-se a implantação do Alameda Quality Center, ambiente com serviços de restaurante, cinemas, lojas e, sobretudo, espaços de eventos que privilegiam apresentações internacionais. Como podemos perceber, por meio dos dados da Tabela 20, grupos do ramo hoteleiro que atuam em escala nacional e internacional têm anunciado investimentos em Bauru, tais como: o Hotel Atlantica/Quality Suites Garden, que está sob a administração da Atlantica Hotels, uma empresa administradora de multimarcas do ramo na América do Sul; o Hotel Holiday Inn, pertencente à rede inglesa de hotéis Inter InterContinental Hotels Group; e o Hotel Arco, do Grupo Arco Hotel presente em mais sete cidades do estado de São Paulo.

Entre os investimentos anunciados mais expressivos, estão aqueles voltados à educação superior, com destaque para as universidades pertencentes a grupos, como a Universidade Paulista (Unip). O setor privado também anunciou investimentos na área de saúde como o Grupo Unimed, que possui não somente hospitais, como também atua no setor de seguros de saúde.

Nesse período, também houve significativos investimentos anunciados de outras instituições, sobretudo do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), do Serviço Social do Transporte (Senat) e do Serviço Social da Indústria (Sesi). Os investimentos anunciados dessas instituições justificam-se, certamente, pela am-

pliação no mercado de trabalho tanto no comércio como nos serviços e na indústria. A importância dessas iniciativas está na formação de jovens e adultos para o mercado de trabalho, bem como na promoção social dessa formação. Instituições como o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac) (embora não tenha anunciado investimentos nesse período) e o Senai estão totalmente integradas aos investimentos e ao processo de especialização pelo qual as cidades passam. No caso de Bauru, o investimento no setor logístico tem levado à criação de cursos por parte dessas instituições à medida que essas iniciativas avançam. Os responsáveis por instituições como o Senac preveem também o incentivo à formação de mão de obra, com o propósito de atender ao processo de implantação de empresas com tecnologia mais avançada, como informatização, máquinas industriais de alta complexidade tecnológica e atividades de serviços.

Ainda que tenham anunciados menores investimentos, ressaltamos a importância, para a definição das funções e dos papéis de uma cidade média como Bauru, dos investimentos nas áreas de intermediação bancária e financeira, sobretudo bancos e financeiras; centros empresariais, que articulam hotel com salas destinadas a escritórios empresariais; espaços de eventos; e transporte terrestre. Este último, representado por transportadoras, como a SPP-Nemo que atua na distribuição de papéis e produtos gráficos, um dos ramos industriais de destaque nessa cidade.

Na cidade de Bauru, destacam-se os anúncios em investimentos para a implantação de empresas ligadas ao setor logístico. A SPP-KSR, no Brasil denominada SPP-Nemo, é uma das maiores distribuidoras de papéis e produtos gráficos da América do Sul, que se instalou em Bauru devido ao tradicional setor gráfico comandado pela empresa Tilibra, de capital local até 2004, quando passa a ter como maior acionista o grupo estadunidense Meadwestvaco (MWV).<sup>4</sup> Essa articulação aponta para uma relação bastante íntima entre as empresas de comércio, indústria e serviços, gerando inter-relações

---

4 No próximo capítulo, apresentaremos com mais detalhes essa empresa, tendo em vista seu papel de importância nas interações em escala macro.

e especializações em determinadas atividades, como ainda vamos observar adiante nas cidades em questão. Além dos investimentos anunciados pela SPP-Nemo, as atividades associadas à logística têm se destacado também pela atuação da TNT-Mercurio, presente em Bauru e Marília, do Grupo Mercúrio, que, em 2007, foi adquirida pelo capital da multinacional do ramo chamada TNT-Express.<sup>5</sup>

Os investimentos anunciados para a ampliação das empresas de serviços já instaladas também são bastante significativos para avaliarmos o processo de concentração econômica e espacial na cidade de Bauru. Na Tabela 21, destacam-se a Infraero, por conta da implantação do aeroporto Moussa Nkhal Tobias, cuja proposta é construir um entreposto internacional de carga e descargas de mercadorias, e a América Latina Logística (ALL), que opera no transporte ferroviário de mercadoria, principalmente combustíveis. A implantação do aeroporto também contou com investimentos por parte do Departamento Aeroviário do Estado de São Paulo (Daesp), responsável por sua administração.

Tabela 21 – Bauru: empresas de serviços que anunciaram investimentos em ampliação – de 2000 a 2010

Empresa	Valor (US\$ milhões)	Período de investimento
<b>Transporte rodo, ferro e aeroviário</b>		
Infraero/Aeroporto de Bauru	27,91	2006-2007
América Latina Logística (ALL)	25,77	2007-2008
Translovato Transportadora	1,13	2008-2008
Departamento Aeroviário do Estado de São Paulo (Daesp)	0,6	2008-2009
Departamento Aeroviário do Estado de São Paulo (Daesp)	0,52	2008-2009
<b>Total</b>	<b>55,93</b>	

*Continua*

5 A expansão do Grupo TNT-Express no Brasil completa o projeto que a empresa possui chamado “Rede Rodoviária Sul-americana”, que integra os serviços no continente e com muitos dos países em que esse grupo atua. Mais informações estão disponíveis em: <<http://www.tnt.com/express>>. Acesso em: 23 abr. 2011.

Tabela 21 – *Continuação*

<b>Empresa</b>	<b>Valor (US\$ milhões)</b>	<b>Período de investimento</b>
<b>Captação, tratamento e distribuição de Água</b>		
Departamento de Água e Esgoto (DAE)	43,32	2009-2011
Departamento de Água e Esgoto de Bauru (DAE)	0,67	2009-2009
Departamento de Água e Esgoto de Bauru (DAE)	0,03	2008-2008
<b>Total</b>	<b>44,02</b>	
<b>Educação</b>		
Serviço Social da Indústria (Sesi)	6,48	2009-2010
Anhanguera Educacional	4,6	2008-2010
Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai)	4,12	2006-2006
Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai)	1,74	2003-2004
Faculdade Fênix	1,33	2004-2005
Faculdades Integradas de Bauru	0,34	2003-2005
Intel/Unesp	0,1	2000-2002
<b>Total</b>	<b>18, 71</b>	
<b>Shopping centers</b>		
Bauru Shopping	8,89	2007-2009
Bauru Shopping	0,9	2005-2006
<b>Total</b>	<b>9,79</b>	
<b>Atividades recreativas, culturais e desportivas</b>		
Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (EBCT)	2,01	2002-2002
Serviço Social da Indústria (Sesi)	1,0	2004-2004
94 FM	0,35	2003-2004
Bauru Tênis Clube (BTC)	0,17	2010-2010
Liga Bauruense de Futebol Amador	0,01	2003-2003
<b>Total</b>	<b>3,54</b>	
<b>Saúde e serviço social</b>		
Unimed / Hospital Bauru	1,82	2005-2006
Hospital Unimed	1,21	2008-2009
Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae)	0,08	2009-2009
Sorri Bauru	0,08	2008-2009
<b>Total</b>	<b>3,19</b>	

*Continua*

Tabela 21 – *Continuação*

<b>Empresa</b>	<b>Valor (US\$ milhões)</b>	<b>Período de investimento</b>
<b>Atividades financeiras</b>		
Banco do Brasil	0,14	2005-2005
Banco do Brasil	0,14	2002-2002
<b>Total</b>	<b>0,28</b>	

Fonte: Adaptada de Pesquisa de Investimentos Anunciado do Estado de São Paulo – Piesp/Seade (2011).

O Departamento de Água e Esgoto (DAE), empresa que é uma autarquia pública ligada à Prefeitura Municipal de Bauru, responsável pela captação, pelo tratamento e pela distribuição de água na cidade, anunciou altos investimentos.

Outros dados expressivos, no que se refere à ampliação das empresas, ocorreram no setor de educação, com expansão, principalmente, de estabelecimentos de ensino ligados a instituições como o Sesi e Senai, que oferecem cursos profissionalizantes tanto para os moradores da cidade como de sua região de abrangência. Esses investimentos anunciados mostram a expansão na atividade industrial, tendo em vista que os cursos são estruturados conforme o demanda de mão de obra especializada nos ramos que mais se desenvolvem. Entre as instituições educacionais que aparecem na Tabela 21, estão também universidades privadas como a Anhaguera Educacional, grupo que se expandiu a partir da incorporação de sociedades educacionais nas cidades de Leme e Pirassununga no estado de São Paulo, e a Faculdade Fênix, que surgiu na cidade Bauru por iniciativas de empresários locais.

Também são expressivos os investimentos anunciados para a ampliação do Bauru Shopping, lógicas que já foram avaliadas quando analisamos aqueles destinados à implantação e ampliação de empresas comerciais que estão presentes nesse empreendimento.

Na Tabela 21, são expressivos também os investimentos anunciados para os serviços recreativos, culturais e desportivos, a partir das empresas e instituições de saúde e serviço social, desde aquelas de abrangência nacional, como a Empresa Brasileira de Correios e

Telégrafos (EBCT), de capital federal, e a Unimed, que possui um hospital nessa cidade, até empresas e instituições de capital local como rádio (94 FM) e a Liga Bauruense de Futebol Amador. Não podemos deixar de considerar os investimentos anunciados para ampliação do capital fixo das atividades financeiras, ainda que seja menor o valor investido, pois essas empresas, no caso o Banco do Brasil, representam o aumento nas relações empresariais tanto no comércio como na indústria e nos serviços.

Na Tabela 22, podemos observar que, assim como no comércio, são menores os investimentos anunciados para a modernização das empresas. Aparecem dois importantes setores: as telecomunicações, setor representado pela TV Tem, afiliada da Rede Globo, que vem se expandindo em cidades e regiões do estado de São Paulo, contando com duas centrais em Bauru e Marília, e, novamente, a educação, com o Senai, confirmando a demanda de cursos profissionalizantes gerada com o aumento da quantidade de empresas, setores e da produção industriais.

Tabela 22 – Bauru: empresas de serviços que anunciaram investimentos em modernização – de 2000 a 2010

Empresa	Valor (US\$ milhões)	Período de investimento
<b>Telecomunicações</b>		
TV Tem	0,15	2006-2006
<b>Total</b>	<b>0,15</b>	
<b>Educação</b>		
Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai)	0,13	2002-2002
S.O.S. Computadores	0,01	2002-2002
<b>Total</b>	<b>0,14</b>	

Fonte: Adaptada de Pesquisa de Investimentos Anunciado do Estado de São Paulo – Piesp/Seade (2011).

Na Tabela 23, que representa os investimentos anunciados por empresas de serviços implantadas em Marília, chama a atenção a importância do setor privado na área de saúde, característica dessa

cidade, atuando, sobretudo, em sua rede de influência regional, tanto nesse ramo como no da educação com cursos de medicina, enfermagem, radiologia etc. Também se destacam os investimentos anunciados para a área da educação no ensino superior privado, não necessariamente os associados à saúde, por meio de instituições de ensino superior de grupos locais, como o Centro de Ensino Superior de Marília e o Centro Universitário Eurípedes de Marília.

Tabela 23 – Marília: empresas de serviços que anunciaram investimentos em implantação – de 2000 a 2010

<b>Empresa</b>	<b>Valor (US\$ milhões)</b>	<b>Período de investimento</b>
<b>Saúde</b>		
Hospital Universitário da Universidade de Marília	9,64	1997-2000
Instituto Vida	0,06	2002-2003
Saúde Animal	0,03	2003-2010
<b>Total</b>	<b>9,73</b>	
<b>Educação</b>		
Centro de Ensino Superior de Marília	3,44	2003-2008
Colégio Integração	0,81	1999-2002
CNA	0,11	2002-2002
Serviço Social do Transporte (Sest)/Senat	0,1	2003-2004
Cultural Norte Americano (CNA)	0,07	2006-2006
CNA	0,06	2007-2008
Colégio Compacto	0,06	2002-2002
Jacto/Univem	0,04	2004-2005
<b>Total</b>	<b>4,69</b>	
<b>Alojamento</b>		
Accor/Ibis Marília	3,67	2005-2007
<b>Total</b>	<b>3,67</b>	
<b>Atividades imobiliárias</b>		
Avante Altos do Palmital	1,68	2002-2004
Villa Flora Residencial	1,05	2004-2005
<b>Total</b>	<b>2,73</b>	

*Continua*

Tabela 23 – *Continuação*

<b>Empresa</b>	<b>Valor (US\$ milhões)</b>	<b>Período de investimento</b>
<b>Recreação</b>		
Parque Aquático Marília	0,54	1999-2001
Rede Cinemas	0,40	2004-2004
Ordem dos Advogados do Brasil (OAB)	0,14	2005-2007
<b>Total</b>	<b>0,72</b>	
<b>Intermediação financeira</b>		
Caixa Econômica Federal	0,27	2004-2004
Bank Boston	0,13	2005-2005
Banco Panamericano	0,10	2001-2002
Renova Câmbio	0,02	2006-2007
<b>Total</b>	<b>0,52</b>	
<b>Atividades associativas</b>		
Associação Comercial e Industrial de Marília (Acim)	0,28	2006-2007
<b>Total</b>	<b>0,28</b>	
<b>Aluguel de equipamentos para construção civil</b>		
Casa do Construtor	0,17	2007-2008
<b>Total</b>	<b>0,17</b>	
<b>Aluguel de equipamentos e objetos em geral</b>		
100% Vídeo	0,08	2005-2005
<b>Total</b>	<b>0,08</b>	
<b>Centros empresariais e de eventos</b>		
Organize Eventos	0,03	2010-2012
<b>Total</b>	<b>0,03</b>	
<b>Informática</b>		
Contmatic Phoenix	0,03	2002-2002
<b>Total</b>	<b>0,03</b>	

Fonte: Adaptada de Pesquisa de Investimentos Anunciado do Estado de São Paulo – Piesp/Seade (2011).

As atividades imobiliárias aparecem também em Marília, reforçando a hipótese de que as cidades médias são espaços cujo movimento do capital imobiliário tem sido intenso.

A rede Accor anunciou investimentos para implantação do Hotel Ibis, visando ao aumento da demanda por hospedagem decorrente do crescimento de setores como o empresarial e educacional, principalmente. Outras áreas, como a recreação, com a criação de espaços como parques aquáticos, e a intermediação financeira por parte de bancos e casas de câmbio também aparecem como investimentos expressivos nessa cidade.

Assim como essas atividades, outras que aparecem na Tabela 23 com investimentos menores anunciados contribuem igualmente para o crescente processo de concentração e centralização do capital, promovendo fortes interações, sobretudo na rede de influência regional de Marília, processo que se verifica também em Bauru. Apesar de serem investimentos de menor monta, eles ampliam o leque de atividades existente na cidade.

Na Tabela 24, podemos observar os investimentos anunciados por aquelas empresas que buscaram a ampliação de seu capital fixo no período analisado. É clara a expansão dos *shopping centers* já existentes, como o Aquarius Shopping, principalmente, e o Shopping Cafezal, confirmando o momento de ascensão desses empreendimentos nas cidades analisadas. Na área da saúde, os investimentos anunciados pelo hospital Santa Casa de Marília, principalmente, e também pelo Hospital Universitário da Universidade de Marília e Maternidade Gota de Leite confirmam o aumento de suas funções em âmbito regional e como polo de saúde em diversas especialidades.

Tabela 24 – Marília: empresas de serviços que anunciaram investimentos em ampliação – de 2000 a 2010

Empresa	Valor (US\$ milhões)	Período de investimento
<i>Shopping centers</i>		
Aquarius Shopping	4,07	2007-2007
Aquarius Shopping	0,6	2004-2004
Shopping Alto Cafezal	0,35	2004-2005
Aquarius Shopping	0,27	2002-2003
<b>Total</b>	<b>5,29</b>	

*Continua*

Tabela 24 – Continuação

<b>Empresa</b>	<b>Valor (US\$ milhões)</b>	<b>Período de investimento</b>
<b>Serviço social e de saúde</b>		
Santa Casa de Marília	1,04	2009-2010
Santa Casa de Marília	0,58	2007-2008
Santa Casa de Marília	0,39	2009-2009
Hospital Universitário da Universidade de Marília	0,07	2004-2004
Santa Casa de Marília	0,03	2008-2008
Santa Casa de Marília	0,03	2004-2004
Santa Casa de Marília	0,03	2004-2004
Santa Casa de Marília	0,02	2003-2003
Maternidade Gota de Leite	0,02	2003-2003
<b>Total</b>	<b>2,21</b>	
<b>Educação</b>		
Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai)	1,03	2002-2002
Centro Universitário Eurípides de Marília (Univem)	0,97	2001-2003
Colégio Compacto	0,03	2003-2004
Diretriz Educacional	0,02	2005-2006
Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai)	0,02	2006-2006
Centro Universitário Eurípides de Marília (Univem)	0,02	2010-2010
<b>Total</b>	<b>2,09</b>	
<b>Transporte rodo, ferro e aeroviário</b>		
Empresa de Ônibus Circular	0,81	2002-2002
Departamento Aeroviário do Estado de São Paulo (Daesp)	0,06	2009-2009
Pantanal Linhas Aéreas	0,01	2003-2003
<b>Total</b>	<b>0,88</b>	
<b>Atividades financeiras</b>		
Banco do Brasil	0,42	2005-2005
Comauto/Comasa	0,11	2009-2010
Nossa Caixa	0,01	2003-2003
<b>Total</b>	<b>0,54</b>	

Continua

Tabela 24 – *Continuação*

<b>Empresa</b>	<b>Valor (US\$ milhões)</b>	<b>Período de investimento</b>
<b>Fotografia</b>		
Foto Uma Hora	0,22	2005-2006
<b>Total</b>	<b>0,22</b>	
<b>Alimentação</b>		
Serviço Social da Indústria (Sesi)	0,03	2002-2002
Cia. dos Espetinhos	0,03	2009-2009
Kieza	0,01	2008-2008
Casa do Pastel	0,01	2006-2007
<b>Total</b>	<b>0,08</b>	
<b>Aluguel de veículos</b>		
Yes Rent a Car	0,07	2002-2003
<b>Total</b>	<b>0,07</b>	
<b>Telecomunicações</b>		
Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (EBCT)	0,01	2008-2008
<b>Total</b>	<b>0,01</b>	

Fonte: Adaptada de Pesquisa de Investimentos Anunciado do Estado de São Paulo – Piesp/Seade (2011).

Na educação, os investimentos anunciados na ampliação do capital das empresas já instaladas, assim como em Bauru, foram por conta das instituições ligadas à indústria como o Senai e das universidades privadas como o Centro Universitário Eurípides de Marília (Univem), importante centro de ensino superior da cidade, dirigidas por grupos locais. Outros dois investimentos merecem destaque, ainda que o montante não seja alto, que são o transporte aéreo, tanto pela ampliação da empresa Daesp como pela expansão da Companhia Pantanal Linhas Aéreas, e também das atividades financeiras, pois demonstram aumento nas relações empresariais tanto nessas como em outras atividades do comércio, da indústria e dos serviços.

Na Tabela 25, aparecem aquelas empresas de serviços que investiram em modernização: o Senai, em serviços de educação, e a TV Tem, que atua no ramo das telecomunicações.

Tabela 25 – Marília: empresas de serviços que anunciaram investimentos em modernização – de 2000 a 2010

Empresa	Valor (US\$ milhões)	Período de investimento
<b>Educação</b>		
Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai)	0,36	2002-2002
<b>Total</b>	<b>0,36</b>	
<b>Telecomunicações</b>		
TV Tem	0,05	2006-2006
<b>Total</b>	<b>0,05</b>	
<b>Atividades recreativas, culturais e desportivas</b>		
Rádio Dirceu AM/Diário FM	0,01	2007-2007
<b>Total</b>	<b>0,01</b>	

Fonte: Adaptada de Pesquisa de Investimentos Anunciado do Estado de São Paulo – Piesp/Seade (2011).

Na Tabela 26, observamos os investimentos anunciados no setor de serviços de São José do Rio Preto. Como podemos notar, os ramos que mais se destacam foram os relativos à implantação de centros empresariais e de eventos, *shopping centers* e educação, todos com recursos do setor privado.

Assim como em Bauru, os investimentos anunciados em espaços empresariais e de eventos e em *shopping centers* destacam-se pelas altas cifras. Estão associados aos esforços que os agentes econômicos dessas cidades vêm fazendo para integrá-las no rol de cidades preparadas para receber práticas empresariais, articuladas também aos ramos da indústria que são destaque nelas, já que quanto maior a especialização e as interações espaciais interescales, maiores são as promoções de eventos voltados a incentivar os ramos que mais se destacam nessas cidades.

Tabela 26 – São José do Rio Preto: empresas de serviços que anunciaram investimentos em implantação – de 2000 a 2010

<b>Empresa</b>	<b>Valor (US\$ milhões)</b>	<b>Período de investimento</b>
<b>Centros empresariais e de eventos</b>		
Convention & Visitors Bureau	20,00	2002-2005
Koblitz	0,93	2005-2007
<b>Total</b>	<b>20,93</b>	
<b>Shopping centers</b>		
Saphyr	20,06	2005-2006
<b>Total</b>	<b>20,06</b>	
<b>Educação</b>		
Serviço Social da Indústria (Sesi)	10,84	2009-2010
Wall Street Institute	0,12	2003-2004
Kumon	0,02	2009-2009
S.O.S. Computadores	0,02	2004-2004
Mult Idiomas	0,01	2006-2007
<b>Total</b>	<b>11,01</b>	
<b>Recreação</b>		
Serviço Social da Indústria (Sesi)	5,42	2009-2009
Rede Brasil Fitness	0,7	2005-2006
Phoenix	0,17	2001-2001
Mega Park	0,11	2003-2003
Monkey	0,08	2001-2003
Chute Inicial	0,01	2001-2003
<b>Total</b>	<b>6,49</b>	
<b>Intermediação financeira</b>		
Banco do Brasil	1,21	2004-2005
Caixa Econômica Federal	0,55	2004-2004
Banco do Brasil	0,24	2003-2003
Banco Itaú	0,17	2003-2004
Banco Panamericano	0,13	1998-1999
Credicitrus/Coopercitrus	0,02	2004-2004
Banco BMC	0,02	2004-2004
<b>Total</b>	<b>2,34</b>	

Continua

Tabela 26 – Continuação

<b>Empresa</b>	<b>Valor (US\$ milhões)</b>	<b>Período de investimento</b>
<b>Atividades imobiliárias</b>		
Construtora Tamelini	1,81	2010-2013
<b>Total</b>	<b>1,81</b>	
<b>Pesquisa e desenvolvimento</b>		
Centro Tecnológico de Rio Preto/Apeti	1,61	2003-2005
Fotoptica	0,06	2002-2002
<b>Total</b>	<b>1,67</b>	
<b>Saúde</b>		
Oximed	0,38	2004-2010
Med-Lar	0,10	2001-2002
<b>Total</b>	<b>0,48</b>	
<b>Arquitetura e urbanismo</b>		
Pallacius	0,33	2003-2004
<b>Total</b>	<b>0,33</b>	
<b>Telecomunicações</b>		
TV Tem	0,32	2003-2003
<b>Total</b>	<b>0,32</b>	
<b>Aluguel de equipamentos para construção civil</b>		
Casa do Construtor	0,17	2006-2007
<b>Total</b>	<b>0,17</b>	
<b>Atividades associativas</b>		
Associação dos Amigos da Criança com Câncer	0,15	2002-2003
<b>Total</b>	<b>0,15</b>	
<b>Informática</b>		
Contmatic Phoenix	0,03	2002-2002
<b>Total</b>	<b>0,03</b>	
<b>Transporte aéreo</b>		
Gollog	0,02	2006-2007
<b>Total</b>	<b>0,02</b>	

Fonte: Adaptada de Pesquisa de Investimentos Anunciado do Estado de São Paulo – Piesp/Seade (2011).

Em São José do Rio Preto, como pudemos observar no contato direto com agentes públicos e privados, o propósito das ações empresariais é articular as funções comerciais, de serviços e industriais.

Na educação, assim como em Bauru e Marília, é o setor privado que mais se expande, com destaque para o Sesi,<sup>6</sup> que também em São José do Rio Preto anunciou investimentos nesse ramo. Embora essa instituição seja especificamente de caráter privado, já que é mantida por um percentual das empresas industriais, é também associativa. Como podemos observar na Tabela 26, essa organização anunciou investimentos também no setor de recreação, para implantação de espaços de realização de eventos. Tais investimentos expressam o crescimento econômico da atividade industrial, que leva à exigência na melhoria do nível escolar de jovens e adultos que estão no mercado de trabalho ou irão se inserir nele. Os ramos de intermediação financeira, atividades imobiliárias, pesquisa e desenvolvimento, e os demais expressos na Tabela 26 anunciaram investimentos consideráveis, mostrando a diversificação do oferecimento dos serviços nessa cidade.

No que se refere àquelas empresas de serviços que anunciaram investimentos em ampliação de seus espaços, podemos observar, na Tabela 27, altos valores por parte da empresa Serviço Municipal Autônomo de Água e Esgoto (Sema), que presta serviços de captação, tratamento e distribuição de água para a prefeitura de São José do Rio Preto. A Companhia Paulista de Força e Luz (CPFL) foi outra empresa prestadora de serviços à cidade e região que anunciou investimentos em ampliação, aplicados na expansão da rede urbana de eletricidade.

---

6 Essa instituição não possui um caráter exclusivamente privado, já que se mantém de contribuições da indústria, e as mensalidades de suas escolas são taxas mais inferiores que outras de caráter exclusivamente privado.

Tabela 27 – São José do Rio Preto: empresas de serviços que anunciaram investimentos em ampliação: de 2000 a 2010

<b>Empresa</b>	<b>Valor (US\$ milhões)</b>	<b>Período de investimento</b>
<b>Captação, tratamento e distribuição de água</b>		
Serviço Municipal Autônomo de Água e Esgoto (Semae)	61,31	2008-2009
<b>Total</b>	<b>61,31</b>	
<b>Eletricidade, gás e água quente</b>		
Companhia Paulista de Força e Luz (CPFL)	10,6	2007-2012
Companhia Paulista de Força e Luz (CPFL)	8,08	2007-2012
Companhia Paulista de Força e Luz (CPFL)	0,48	2008-2009
<b>Total</b>	<b>19,16</b>	
<b>Serviço social e de saúde</b>		
Hospital Infante Dom Henrique	10,00	2001-2003
Hospital de Base	4,14	2002-2003
Hospital Austa	1,13	2007-2008
Jardim da Paz	0,59	2007-2008
Instituto de Moléstias Cardiovasculares (IMC)	0,51	2009-2009
Hospital de Base	0,48	2003-2004
Hospital e Instituto de Moléstias Oculares (Himo)	0,42	2003-2004
Hospital do Coração (IMC)	0,39	2000-2005
Hospital Austa	0,23	2006-2006
Hospital de Base	0,11	2008-2008
Instituto Espírita Nosso Lar	0,04	2004-2005
Hospital Ielar	0,03	2007-2007
Santa Casa de Misericórdia de São José do Rio Preto	0,03	2003-2003
<b>Total</b>	<b>18,10</b>	
<b>Shopping centers</b>		
Rio Preto Shopping	3,72	2006-2008
Rio Preto Shopping	2,07	2005-2005
Praça Shopping	0,16	2004-2005
<b>Total</b>	<b>5,95</b>	

Continua

Tabela 27 – *Continuação*

<b>Empresa</b>	<b>Valor (US\$ milhões)</b>	<b>Período de investimento</b>
<b>Educação</b>		
Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac)	3,05	2002-2005
Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai)	0,72	2006-2006
<b>Total</b>	<b>3,77</b>	
<b>Transporte rodo, ferro e aeroviário</b>		
Estação Aduaneira do Interior Rio Preto (Eadi)	0,57	2008-2009
Departamento Aeroviário do Estado de São Paulo (Daesp)	0,41	2008-2009
Passaredo	0,03	2006-2006
<b>Total</b>	<b>1,01</b>	
<b>Atividades associativas</b>		
Associação Comercial e Industrial de Rio Preto (Acirp)	0,06	2004-2004
<b>Total</b>	<b>0,06</b>	
<b>Intermediação financeira</b>		
Banco do Brasil	0,02	2005-2005
Banco do Brasil	0,03	2004-2004
<b>Total</b>	<b>0,05</b>	
<b>Alimentação</b>		
Zappa's	0,05	2000-2000
<b>Total</b>	<b>0,05</b>	
<b>Atividades recreativas, culturais e desportivas</b>		
Rio Preto Esporte Clube	0,02	2003-2003
<b>Total</b>	<b>0,02</b>	

Fonte: Adaptada de Pesquisa de Investimentos Anunciado do Estado de São Paulo – Piesp/Seade (2011).

Destacam-se também os investimentos anunciados para a expansão na área da saúde, principalmente de hospitais privados. De 11 empresas que atuam no serviço social e de saúde aquelas, nove

anunciaram valores destinados à ampliação de seus ambientes e de sua infraestrutura. Destacam-se o Hospital Infante Dom Henrique, que é privado, e o Hospital de Base, uma autarquia estadual administrada pela Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto que também funciona como fundação filantrópica. Chamam a atenção o Instituto de Moléstias Cardiovasculares e o Hospital do Coração, especialidade que vem se desenvolvendo em São José do Rio Preto, tanto nos serviços como no comércio, e com bastante ênfase na indústria, como veremos no capítulo seguinte.

Assim como em Bauru e Marília, os investimentos anunciados para ampliação de *shopping centers* em São José do Rio Preto aparecem como aqueles de maior destaque, como podemos observar na Tabela 27. Na educação, destacam-se novamente as instituições ligadas à indústria e ao comércio que atuam na formação técnica por meio de cursos profissionalizantes voltados à demanda gerada a partir das especialidades desses dois setores.

Nos transportes, destacam-se os investimentos anunciados na implantação de uma estação aduaneira para atender a uma parte da região de abrangência de São José do Rio Preto, além de investimentos de ampliação por parte do Departamento Aeroviário do Estado de São Paulo e também da Companhia Aérea Passaredo. Outros valores de menor quantia podem ser observados na Tabela 27.

Os investimentos anunciados para a modernização das empresas tiveram como principais ramos a educação e as telecomunicações, assim como ocorreu em Bauru e Marília. Não foram grandes quantias, mas significaram para São José do Rio Preto melhores condições tecnológicas, por exemplo, nas telecomunicações televisivas, aqui representada pela TV Tem, afiliada da Rede Globo, como podemos observar na Tabela 28.

Aparecem ainda outros ramos já destacados em tabelas anteriores, como as atividades associativas e os transportes, principalmente rodovias e aeroviário para passageiros e ferroviário apenas para o transporte de mercadorias.

Tabela 28 – São José Rio Preto: empresas de serviços que anunciaram investimentos em modernização – de 2000 a 2010

<b>Empresa</b>	<b>Valor (US\$ milhões)</b>	<b>Período de investimento</b>
<b>Educação</b>		
Microlins	0,18	2005-2006
<b>Total</b>	<b>0,18</b>	
<b>Telecomunicações</b>		
TV Tem	0,08	2006-2006
<b>Total</b>	<b>0,08</b>	
<b>Atividades associativas</b>		
Basílica Menor Nossa Senhora Aparecida	0,02	2003-2003
<b>Total</b>	<b>0,02</b>	
<b>Transporte rodo, ferro e aeroviário</b>		
Viação Cometa	0,01	2000-2000
<b>Total</b>	<b>0,01</b>	

Fonte: Adaptada de Pesquisa de Investimentos Anunciado do Estado de São Paulo – Piesp/Seade (2011).

## **Investimentos industriais anunciados: implantação, ampliação e modernização do capital de abrangência interescalar**

A atividade industrial, nas cidades médias em análise, passa por um processo de especialização com destaque em poucos ramos em cada cidade. Em Bauru, como podemos observar na Tabela 29, há empresas de destaque no que se refere à atuação em escalas macro, como o Grupo Abengoa, de capital espanhol, mas que atua no Brasil desde 2001, em consórcios na produção energética por meio das hidroelétricas.

Outro anúncio de grande investimento ocorreu com a implantação de uma nova unidade fabril das indústrias Takano-Luky, de capital local/regional, que se dedica à produção de cosméticos e produtos de higiene pessoal. No ramo de bebidas, destaca-se a Spaipa, de capital brasileiro, nascida no estado do Paraná, represen-

tante na produção da Coca-Cola, no Brasil, já instalada em Marília. A Spaipa, considerada uma das maiores produtoras no país, anunciou investimentos consideráveis em Bauru. Atualmente essa empresa produz e comercializa, além da Coca-Cola, sucos das marcas Kapo, Del Valle e Minute Maid Mais.

Outros ramos como produtos químicos, metalurgia básica e produtos farmacêuticos também anunciaram investimentos na implantação de empresas, ainda que não sejam grandes montantes como os anteriormente citados.

Tabela 29 – Bauru: empresas industriais que anunciaram investimentos em implantação – de 2000 a 2010

<b>Empresa</b>	<b>Valor (US\$ milhões)</b>	<b>Período de investimento</b>
<b>Eletricidade, gás e água quente</b>		
Abengoa	20,31	2004-2005
AES Tietê	0,88	2007-2007
<b>Total</b>	<b>21,19</b>	
<b>Higiene pessoal</b>		
Takano/Luky	19,00	2004-2006
<b>Total</b>	<b>19,00</b>	
<b>Alimentos</b>		
Spaipa	2,63	1999-2002
<b>Total</b>	<b>2,63</b>	
<b>Produtos químicos</b>		
Linde Gás	1,26	2008-2008
Itemp Somefor	0,18	2000-2001
<b>Total</b>	<b>1,44</b>	
<b>Metalurgia básica</b>		
Belgo/Cia. Siderúrgica Belgo Mineira	0,72	2000-2001
<b>Total</b>	<b>0,72</b>	
<b>Produtos farmacêuticos</b>		
Fundação para o Remédio Popular (Furp)	0,23	2003-2004
<b>Total</b>	<b>0,23</b>	

Fonte: Adaptada de Pesquisa de Investimentos Anunciado do Estado de São Paulo – Piesp/Seade (2011).

No que se refere aos investimentos anunciados para ampliação do capital produtivo industrial na cidade de Bauru (Tabela 30), no período analisado, foram as indústrias de alimentos que mais se destacaram, como a Adams (Cadbury Brazil), antiga Sukest, e também a Chapecó Companhia Industrial de Alimentos. Citam-se ainda a Ebara (do ramo metalúrgico) e a Spaipa (produtora de bebidas), que aparecem com os investimentos anunciados mais expressivos.

Tabela 30 – Bauru: empresas industriais que se ampliaram segundo os investimentos realizados – de 2000 a 2010

<b>Empresa</b>	<b>Valor (US\$ milhões)</b>	<b>Período de investimento</b>
<b>Alimentos</b>		
Adams	20,3	2002-2003
Sukest	5,0	2005-2007
Sukest	1,77	2002-2003
Sukest	1,5	2001-2002
Chapecó	0,18	2001-2001
<b>Total</b>	<b>28,75</b>	
<b>Metalurgia</b>		
Ebara	2,80	2006-2007
<b>Total</b>	<b>2,80</b>	
<b>Bebidas</b>		
Spaipa	2,34	2007-2007
<b>Total</b>	<b>2,34</b>	
<b>Móveis</b>		
Stalo	0,15	2002-2003
<b>Total</b>	<b>0,15</b>	
<b>Edição, impressão e gravações</b>		
Tilibra	0,09	2006-2006
<b>Total</b>	<b>0,09</b>	

Fonte: Adaptada de Pesquisa de Investimentos Anunciado do Estado de São Paulo – Piesp/Seade (2011).

Na Tabela 30, ainda é possível observar outros dois ramos – móveis e gráfico – cujas empresas anunciaram investimentos em ampliação do capital fixo.

No que se refere àquelas que anunciaram investimentos em modernização de seu capital fixo, na Tabela 31, destacam-se a Plasútil, que produz recipientes de plástico para uso doméstico (veremos no próximo capítulo que ela também aparece entre aquelas que mais exportam e importam), a Bionnovation, que atua em pesquisa e produção de equipamentos médicos, ópticos, de automação e precisão, a Bunge Alimentos, que deixou a cidade no ano de 2006, e a Tilibra, do setor gráfico.

Tabela 31 – Bauru: empresas industriais que anunciaram investimentos em modernização – 2000 a 2010

Empresa	Valor (US\$ milhões)	Período de investimento
<b>Borracha e plástico</b>		
Plasútil	1,02	2000-2000
<b>Total</b>	<b>1,02</b>	
<b>Equipamentos médicos, ópticos, de automação e precisão</b>		
Bionnovation	0,98	2007-2008
<b>Total</b>	<b>0,98</b>	
<b>Alimentos</b>		
Bunge Alimentos	0,5	2002-2002
<b>Total</b>	<b>0,5</b>	
<b>Edição, impressão e gravações</b>		
Tilibra	0,09	2003-2003
<b>Total</b>	<b>0,09</b>	

Fonte: Adaptada de Pesquisa de Investimentos Anunciado do Estado de São Paulo – Piesp/Seade (2011).

Em Marília, como podemos ver nos investimentos anunciados na Tabela 32, fica clara a especialização a partir de empresas que atuam no ramo alimentício. Marília é referência nesse ramo pro-

duto, e o processo de concentração e centralização econômica e espacial promove, cada vez mais, a especialização produtiva nessa cidade.

Tabela 32 – Marília: empresas industriais anunciaram investimentos em implantação – de 2000 a 2010

Empresa	Valor (US\$ milhões)	Período de investimento
<b>Alimentos</b>		
Hikari	0,56	2003-2003
Dori	1,42	2001-2002
Yoki	1,85	2003-2003
Bel Produtos Alimentícios	2,78	2003-2005
Yoki	6,96	2003-2009
<b>Total</b>	<b>14,17</b>	
<b>Mineral não metálico</b>		
Lajes Tamoyo	0,87	2005-2007
<b>Total</b>	<b>0,87</b>	
<b>Tratamento de couro</b>		
Bovimex	0,53	2004-2007
<b>Total</b>	<b>0,53</b>	
<b>Edição, impressão e gravações</b>		
Romarq Brindes	0,28	2005-2006
<b>Total</b>	<b>0,28</b>	
<b>Automotiva</b>		
Mega Remi	0,24	2005-2007
<b>Total</b>	<b>0,24</b>	
<b>Produtos químicos</b>		
Tsuru do Brasil	0,12	2001-2001
Natuphitus	0,03	2002-2002
<b>Total</b>	<b>0,15</b>	
<b>Construção civil</b>		
Maxen Engenharia	0,06	2005-2007
Transorocabana	0,01	2008-2009
<b>Total</b>	<b>0,07</b>	

Fonte: Adaptada de Pesquisa de Investimentos Anunciado do Estado de São Paulo – Piesp/Seade (2011).

Os outros ramos, conforme a Tabela 32, anunciaram investimentos muito menores que o de alimentos. No que tange à atividade industrial, em função dessa especialização, a diversificação entre os ramos é menor quando comparada com os setores comercial e de serviços.

Conforme podemos observar na Tabela 33, embora o setor industrial alimentício seja o mais expressivo na cidade, no período analisado, os investimentos anunciados para a ampliação do capital das empresas vieram de empresas que produzem bebidas, com destaque para a Spaipa. No setor de alimentação, também foram anunciados investimentos em ampliação de empresas de maior destaque, como Nestlé, Marilan e Dori Alimentos – as últimas duas de capital local aparecerão como empresas importadoras e exportadoras no próximo capítulo.

A indústria latina Brunnschweiler, implantada em Marília, em 1996, produtora de sistemas aerotérmicos para a indústria de papel, também aparece com investimentos anunciados para ampliação, juntamente com a Marcon Indústria Metalúrgica, ambas no ramo da metalurgia.

Tabela 33 – Marília: empresas industriais que anunciaram investimentos em ampliação – de 2000 a 2010

Empresa	Valor (US\$ milhões)	Período de investimento
<b>Bebidas</b>		
Spaipa	58,72	2009-2009
Spaipa	19,29	2006-2006
Spaipa	9,31	2008-2009
Spaipa	2,56	2004-2006
Spaipa	0,84	2005-2005
<b>Total</b>	<b>90,72</b>	
<b>Alimentação</b>		
Nestlé	12,53	2002-2005
Marilan	5,96	2005-2005
Marilan	3,65	2001-2001

*Continua*

Tabela 33 – *Continuação*

Empresa	Valor (US\$ milhões)	Período de investimento
<b>Alimentação</b>		
Marilan	1,74	2002-2002
Dori Alimentos	0,18	2002-2002
<b>Total</b>	<b>24,06</b>	
<b>Máquinas e equipamentos</b>		
Brunnschweiler	1,0	2001-2002
Marcon Indústria Metalúrgica	0,7	2002-2002
<b>Total</b>	<b>1,7</b>	
<b>Borracha e Plástico</b>		
Hidrossol	0,11	2001-2002
<b>Total</b>	<b>0,11</b>	

Fonte: Adaptada de Pesquisa de Investimentos Anunciado do Estado de São Paulo – Piesp/Seade (2011).

Quanto àquelas que anunciaram investimentos em modernização de seu capital fixo, somente a Dori Alimentos aparece com um montante investido (Tabela 34).

Tabela 34 – Marília: empresas industriais que anunciaram investimentos em modernização – de 2000 a 2010

Empresa	Valor (US\$ milhões)	Período de investimento
<b>Alimentos</b>		
Dori Alimentos	0,42	2003-2004
<b>Total</b>	<b>0,42</b>	

Fonte: Adaptada de Pesquisa de Investimentos Anunciado do Estado de São Paulo – Piesp/Seade (2011).

No que se refere à cidade de São José do Rio Preto, conforme podemos ver na Tabela 35, o ramo de produtos farmacêuticos destaca-se no montante de investimentos anunciados no período analisado, um dado bastante importante, se considerarmos que esse ramo industrial ainda se concentra nas regiões metropolitanas de São Paulo e Campinas.

Tabela 35 – São José do Rio Preto: empresas industriais que anunciaram investimentos em implantação – de 2000 a 2010

Empresa	Valor (US\$ milhões)	Período de investimento
<b>Produtos farmacêuticos</b>		
Associação dos Municípios da Araraquarense (AMA)/Farma	7,29	2003-2003
Associação dos Municípios da Araraquarense (AMA)/Farma	4,86	2003-2004
Embravest	1,28	2004-2007
Soquimica	0,26	2002-2004
<b>Total</b>	<b>13,69</b>	
<b>Equipamentos médicos, ópticos, de automação e precisão</b>		
Abzil 3M	8,29	2007-2008
<b>Total</b>	<b>8,29</b>	
<b>Bebidas</b>		
Schincariol	1,14	2006-2006
<b>Total</b>	<b>1,14</b>	
<b>Eletricidade, gás e água quente</b>		
Companhia Paulista de Força e Luz (CPFL)	0,50	2003-2003
<b>Total</b>	<b>0,50</b>	
<b>Máquinas, aparelhos e materiais elétricos</b>		
Hidroveda	0,48	2003-2004
<b>Total</b>	<b>0,48</b>	
<b>Móveis e indústrias diversas</b>		
American Flex	0,23	2003-2003
CRB Móveis	0,03	2004-2005
<b>Total</b>	<b>0,26</b>	
<b>Alimentos</b>		
Frigwest	0,25	2008-2008
<b>Total</b>	<b>0,25</b>	
<b>Vestuário e acessórios</b>		
Desi Roupas	0,05	2002-2002
Fremer Jeans Wear	0,05	2002-2002
<b>Total</b>	<b>0,10</b>	
<b>Produtos de metal (máquinas e equipamentos)</b>		
Zinco Rio Zincagem	0,07	2002-2003
<b>Total</b>	<b>0,07</b>	

Fonte: Adaptada de Pesquisa de Investimentos Anunciado do Estado de São Paulo – Piesp/Seade (2011).

Em São José do Rio Preto, a produção de equipamentos médicos, ópticos, de automação e precisão é representada pela Abzil 3M, cuja unidade produz materiais odontológicos, sendo uma das empresas mais atuantes na balança comercial dessa cidade, como veremos no próximo capítulo. A 3M, grupo que atua em âmbito global, adquiriu a empresa Abzil, cujo investimento anunciado para implantação dos padrões do capital fixo desse grupo foi um dos grandes destaques na cidade, na última década. Podemos observar ainda valores de investimentos anunciados nos ramos de alimentos, bebidas, eletricidade, gás e água quente, máquinas, aparelhos e materiais elétricos, bem como outros valores anunciados de menor monta.

Houve, no período analisado, investimentos anunciados por empresas já instaladas que se ampliaram, tal como é possível observar na Tabela 36. A produção de máquinas e equipamentos, equipamentos médicos, ópticos, de automação e precisão, e alimentos foram os ramos de maior destaque em anúncios de investimentos no período analisado.

Tabela 36 – São José Rio Preto: empresas industriais que anunciaram investimentos em ampliação – de 2000 a 2010

Empresa	Valor (US\$ milhões)	Período de investimento
<b>Máquinas e equipamentos</b>		
Metalgráfica Iguaçú	2,0	2003-2005
<i>Total</i>	<b>2,0</b>	
<b>Equipamentos médicos, ópticos, de automação e precisão</b>		
Ventura Biomédica	1,61	2006-2009
<i>Total</i>	<b>1,61</b>	
<b>Alimentos</b>		
Kodilar	1,0	2004-2005
<i>Total</i>	<b>1,0</b>	
<b>Produtos farmacêuticos</b>		
Bionatus	0,24	2001-2001
Oligoflora Indústria Farmacêutica	0,04	2004-2005
<i>Total</i>	<b>0,28</b>	

*Continua*

Tabela 36 – *Continuação*

<b>Empresa</b>	<b>Valor (US\$ milhões)</b>	<b>Período de investimento</b>
<b>Papel e celulose</b>		
Cartoalves Embalagens	0,08	2004-2005
<b>Total</b>	<b>0,08</b>	
<b>Reciclagem</b>		
Solaplas Plásticos	0,08	2004-2004
<b>Total</b>	<b>0,08</b>	
<b>Borracha e plástico</b>		
Milênio Pneus	0,07	2004-2004
<b>Total</b>	<b>0,07</b>	

Fonte: Adaptada de Pesquisa de Investimentos Anunciado do Estado de São Paulo – Piesp/Seade (2011).

Também ressaltamos os valores anunciados na produção do ramo farmacêutico, que vem aparecendo, ainda que embrionariamente, nessa cidade. Outros ramos, como a produção de papel e celulose, reciclagem de produtos, borracha e plástico, também merecem destaque ainda que os investimentos anunciados não tenham sido altos como os primeiros.

Assim como em Bauru e Marília, em São José do Rio Preto, os investimentos anunciados em modernização das empresas não foram muito expressivos, como demonstra a Tabela 37. O ramo de maior destaque foi a produção farmacêutica por meio da empresa Bionatus Laboratório Botânico. A confecção de roupas também aparece na Tabela 37, já que esse ramo vem crescendo na cidade, sobretudo no comércio, com medidas de inserção no mercado global da moda, por meio da realização de feiras e eventos com divulgação nacional e internacional.

Reflexos e respostas da concentração espacial e econômica em Bauru, Marília e São José do Rio Preto, e na rede urbana paulista

Quando comparamos os dados das tabelas apresentadas neste capítulo, constatamos um mesmo perfil nos investimentos anunciados em Bauru, Marília e São José do Rio Preto. Esse perfil não se justifica apenas pela quantidade dos ramos existentes, mas também

Tabela 37 – São José do Rio Preto: empresas industriais que anunciaram investimentos em modernização – de 2000 a 2010

Empresa	Valor (US\$ milhões)	Período de investimento
<b>Produtos farmacêuticos</b>		
Bionatus Laboratório Botânico	1,16	2004-2006
<b>Total</b>	<b>1,16</b>	
<b>Moda/roupas</b>		
Jack Bandolo	0,04	2002-2002
<b>Total</b>	<b>0,04</b>	

Fonte: Adaptada de Pesquisa de Investimentos Anunciado do Estado de São Paulo – Piesp/Seade (2011).

e principalmente pela qualidade e natureza deles. Ao observarmos essas tabelas, podemos perceber não somente a significativa concentração de capital e a crescente posição dessas cidades médias no movimento relacional das interações espaciais interescolares, como também o aumento na diversificação dos ramos que têm investido nelas.

Os processos de concentração e centralização econômica e espacial nas cidades médias estudadas são essenciais para avaliarmos as funções e os papéis nelas configurados. A análise de tais processos é um caminho metodológico que possibilita verificar a diversificação e a diferenciação de suas funções e papéis na rede urbana, os quais demonstrarão a posição e a condição delas nas redes em que se entrelaçam seus agentes produtivos e de consumo.

O entrelaçar de pontos e articulações dessas cidades médias as colocam nas seguintes condições:

- Todas passam pelo processo de intensificação na implantação de agentes e empresas que contribuem para ampliar as interações espaciais interescolares.
- Elas vêm se concretizando como espaços corporativos, o que outrora avançava com menor velocidade, tendo em vista que os capitais envolvidos na produção dessas cidades, bem como seus relacionamentos e interações, atuavam mais em escalas local e regional.

- Esse processo de aumento na atuação das corporações nas cidades sustenta-se e, ao mesmo tempo, impulsiona a concentração e a centralização do capital fixo e produtivo nelas.
- A atuação em escalas nacional e internacional gera lógicas a partir das funções e dos papéis que extrapolam as escalas regionais, articulando-as na rede urbana não somente como espaços produtivos, mas também como espaços integrados à reprodução do capital (ampliação do consumo) no âmbito da globalização.
- Por tudo isto, há um fortalecimento das escalas local e regional à medida que se amplia a interação com as escalas nacional e internacional.

No que tange ao aspecto das redes local/regional, convém ressaltar que elas ampliam a interação espacial entre essas cidades, ao passo que articulam seu processo de renovação tecnológica ante a implantação das grandes redes de capitais nacional e internacional. Isso não ocorre sem a inserção de lógicas e tendências dos arranjos dessas grandes corporações. Esse processo não ocorre apenas na dinâmica empresarial, mas também na urbana, como já demonstraram Santos e Silveira (2001) e Harvey (2005).

Assim, a mudança funcional de ordem econômica nas e das cidades no âmbito da rede depende das ações do capital corporativo e de sua expansão e é definida por estas. A verificação das funções e dos papéis que as cidades desempenham na rede não é explicada sem avaliarmos as atividades que nelas se estabelecem, e, conseqüentemente, a implantação dessas atividades é explicada por meio de processos como o de concentração e de centralização econômica e espacial.

Por último, percebemos que a compreensão sobre os processos de concentração econômica e espacial gera uma questão importante para chegarmos à análise mais ampla sobre a condição das cidades médias na rede urbana: o aumento e a diversificação de empresas comerciais, industriais e de serviços nas cidades de Bauru, Marília e São José do Rio Preto as colocam em interação espacial com outras

escalas, além da regional. Inicia-se, portanto, o processo de inserção ao mercado global, assim como suas lógicas passam a ser espacializadas nessas cidades médias. Trata-se de um cenário de redes empresariais – do comércio, da indústria e/ou dos serviços – que chegam a Bauru, Marília e São José do Rio Preto, bem como àquelas que nascem nelas e buscam a formatação dos mercados nacional e internacional e a articulação com eles: grupos, redes e franquias empresariais inseridos na produção e na circulação da mercadoria em escala global. Essa é uma outra face da concentração econômica e espacial e das interações espaciais interescolares, a qual será debatida no próximo capítulo.

# 4

## CIDADES MÉDIAS: NOVOS TERRITÓRIOS EM/DA GLOBALIZAÇÃO

### Metodologia e perspectivas analíticas

Neste capítulo, tratamos, principalmente, da circulação da produção em Bauru, Marília e São José do Rio Preto, conforme as lógicas advindas das interações entre agentes econômicos de abrangência macroescalar. Embora a metodologia utilizada para análise esteja pautada nos dados e nas informações gerados a partir da balança comercial dessas três cidades, nosso intuito não é enfatizar a teoria da base de exportação.<sup>1</sup>

O que fundamenta o movimento de inserção dessas cidades médias na economia global é justamente o contrário do que pode-

---

1 A teoria da base de exportação foi desenvolvida por Douglass C. North (apud Benitez, 1998) e consiste em relacionar a produção local e regional à comercialização em escala global. Supunha que as exportações seriam o eixo do crescimento e do desenvolvimento local e regional das regiões jovens, tal como destacou Benitez (1998, p.145). Schwartzman (1973) observou que a teoria de North limitava-se aos estudos do desenvolvimento econômico apenas das regiões jovens e que as exportações seriam condição necessária para tal. Por conta disso, esclarecemos que essa teoria não dialoga com o arcabouço teórico-metodológico utilizado neste trabalho, tendo em vista que as exportações a partir das cidades médias resultam da comercialização da produção industrial dessas cidades e complementam-na.

ríamos afirmar apoiados nessa teoria. O desenvolvimento local e regional delas decorre, antes, por articulações geradas entre agentes atuantes nessas escalas. A entrada das empresas locais/regionais no mercado global, bem como a inserção do capital global por parte de grandes grupos empresariais nessas cidades, não acontece sem a interação com os primeiros e também com aqueles que comandam a vida política dessas cidades. Ademais, a produção industrial tem como base o crescimento, inclusive como mercado consumidor, nas escalas regional e nacional.

Os dados e as informações referentes à balança comercial de Bauru, Marília e São José do Rio Preto servirão como apoio para compreendermos as relações entre lógicas, agentes e empresas que atuam em múltiplas escalas. Buscamos essas informações nos bancos de dados organizados pela Secretaria do Comércio do Exterior do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (Secex/MDIC). Os quadros que apresentam os principais ramos, empresas e produtos, além dos países de destino da exportação e origem da importação, foram agrupados a partir das tabelas que estão disponíveis nos bancos de dados dessa instituição. Os mapas também foram organizados a partir desses quadros, com a utilização do programa de mapeamento ArcGIS. Também dispomos de tabelas com a listagem dos 30 países para os quais as empresas de Bauru, Marília e São José do Rio Preto mais exportaram e importaram conforme o período analisado.

Além desses, utilizamo-nos da listagem dos 40 produtos mais exportados e importados por essas cidades, e os respectivos valores, que são apresentados após a análise das listagens dos 100 produtos mais exportados e importados, com seus valores, no estado de São Paulo.

Com tais recursos metodológicos, é possível avaliar entre muitos aspectos: o montante da balança comercial dessas cidades médias – valores gastos com a importação e arrecadados com a exportação, possibilitando-nos conhecer os circuitos produtivos em cada uma destas cidades; os tipos de ramos, produtos e empresas, bem como a especialização e/ou diversificação produtiva nessas cidades; e os

países com os quais elas estabelecem relações – as interações em escala global.

Assim, entre os principais enfoques metodológicos adotados neste capítulo, destacamos as lógicas multi e interesalar geradas a partir das relações entre as empresas, e como a partir delas podemos chegar a um quadro teórico que, de fato, aponte a situação geográfica dessas cidades médias na rede urbana que possibilita suas articulações interesalares.

Tais dados e informações, principalmente aqueles que levam à participação dessas cidades na balança comercial, serão tomados a partir dos circuitos produtivos das redes técnicas e urbanas e das interações espaciais interesalares decorrentes das relações que se estabelecem nessas redes.

As exportações e as importações apontam a concretização dos circuitos produtivos nas redes, tornando-se os *slogans* empresariais e políticos na participação dessas cidades na rede urbana, no que tange à produção e ao consumo. Novamente, não teria nenhum fundamento nos basearmos na teoria da base de exportação, já que a concretização desses circuitos depende, em grande parte, do contexto local/regional dessas cidades médias. Esses dados são, primeiramente, uma forma de avaliarmos as articulações com as lógicas da escala global.

Devemos reforçar que, embora os dados levem à análise da balança comercial e do comércio internacional, não são eles os nossos fundamentos, nem o nosso ponto de chegada. Assim como lembra Gonçalves (2003, p.99), “o comércio exterior (exportações) não é motor nem freio do crescimento econômico. Ele é simplesmente um elemento auxiliar”, embora tenha importância relevante na produção e no consumo.

No caso das cidades médias, as articulações que fomentam o comércio internacional estão, de perto, atreladas àquelas geradas nas escala local e regional, e, por isso, tem maior relevância a análise do quanto essas interações de lógicas advindas de escalas diferentes impactam na constituição das funções e dos papéis desempenhados por essas cidades nas redes.

De acordo com Gonçalves (2003, p.99):

As exportações contribuem para o crescimento econômico na medida em que geram produção e, portanto, renda. As exportações também são importantes como fonte geradora de dívidas estrangeiras, necessárias para a importação de bens, serviços e pagamento da dívida externa. As exportações tendem ainda a ter um efeito pró-modernização da economia, na medida em que produtores domésticos são obrigados a enfrentar o mercado internacional marcado por forte concorrência.

O autor destaca um aspecto importante, que devemos valorizar na análise das lógicas do comércio internacional nas cidades médias, que é o das transformações na base tecnológica das empresas que participam das exportações. E isso não vale somente para as empresas já consolidadas no mercado global, mas também para aquelas que antes atuavam apenas nas escalas local e regional, e quando muito nacional.

Conforme Santos (2007, p.80):

[...] o espaço tem muito de parecido com o mercado. Ambos, por meio do trabalho de todos, contribuem para a construção de uma contrafinalidade que a todos contém funcionalmente e, malgrado eles, os define. Mercado e espaço, forças modeladoras da sociedade como um todo, são conjuntos de pontos que asseguram e enquadram diferenciações desigualadoras, na medida em que são, ambos, criadores de raridade.

Assim, buscamos com este capítulo complementar os contextos das redes conectadas às cidades de Bauru, Marília e São José do Rio Preto, das suas interações espaciais interescales, em que às cidades médias podemos atribuir funções e papéis compreendidos, também, sob o movimento global do capital. Embora não se trata de cidades globais, são elas espaços *em* e *da* globalização.

## **As cidades médias e as lógicas globais: novos espaços corporativos**

O espaço como ambiente e condição para a produção pode ser visto segundo um conjunto de lógicas e articulações constituintes das redes urbanas e das funções e dos papéis das cidades inseridas nessas redes.

As cidades, cada uma, convivem com vantagens e desvantagens que impactam na construção de suas funções e de seus papéis, tanto nas escalas local, regional e nacional, como na escala global. Como ressaltaram Santos e Silveira (2001, p.300):

Todas essas vantagens comparativas que exaltam os índices econômicos obtidos devem, pois, ser contrastadas com o fato de a coerência e, às vezes, o brilho das atividades locais constituírem uma coerência subordinada, dependente de entidades estranhas à área e cujo processo obedece a mandamentos que não têm nem inspiração local nem preocupação com os destinos locais (exceto naquilo que corresponde ao seu interesse privatista e imediato), de modo que o processo de crescimento realizado no lugar pode ser definido como um processo alienado, o que autoriza a considerar tais atividades como especializações não apenas alienígenas, por sua origem, mas alienadas, pelo seu desenvolvimento e destino. Nesse caso, não se trata apenas de uma exteriorização ou abertura – como parece da moda atualmente –, mas de verdadeira alienação. Na realidade, é de um conjunto de alienações que se trata, cada qual atraindo e alimentando a outra.

No processo de interação espacial interescolar das cidades médias, a observação dos autores é importante, porém deve ser ampliada para não encerrarmos o debate na ideia de que a alocação do global em detrimento do local e do regional é o fim do caminho. Tanto as lógicas que partem de agentes e empresas globais como aquelas que são próprias do local ou do regional passam, como destacam os autores, por um conjunto de alienações.

O cenário global é constituído de redes intermináveis de cidades de diferentes tipos funcionais e papéis desempenhados. Dentro dessas redes, há muitas outras redes técnicas e produtivas que vão tecendo uma teia de lógicas, entre as quais se destacam aquelas do cenário global, que mais aparecem nas metrópoles e regiões metropolitanas consolidadas pelo evidente avanço do capital produtivo e tecnológico de empresas globais, parecendo alienar as lógicas do local e do regional em cidades médias. Embora esse movimento ocorra de fato, as cidades médias alcançam, com esse jogo econômico de vantagens e desvantagens, atribuições funcionais na rede urbana que extrapolam as escalas segundo as quais elas são comumente reconhecidas – a local e a regional.

Não podemos esquecer que esse processo de alienação do local/regional por parte do capital global é também malicioso, e suas lógicas podem nos levar a homogeneizar os conteúdos espaciais e, por consequência, o próprio espaço. Isso ocorre, por exemplo, quando pensamos aquelas cidades que estão em curso de ampliação e densificação de suas interações espaciais interescolares na rede urbana, como é o caso de Bauru, Marília e São José do Rio Preto.

As redes urbanas em que se articulam as cidades médias em questão, apontadas no Capítulo 2, bem como as articulações e especializações que vêm se desenhando no setor produtivo dessas cidades, complementam-se a partir das interações espaciais com as lógicas e com o próprio mercado global. Se, antes, parecia forçoso voltar a análise para dizer que essas cidades médias são espaços em e da globalização, atualmente essa ideia aparece com maior evidência.

As cidades médias convivem com essa transformação espacial de lógicas voltadas aos créditos da economia global e de respostas dos interesses dos agentes locais e regionais. Os principais responsáveis por esse movimento são as empresas que atuam em escala global. Isso implica considerar também, no caso das cidades médias de Bauru, Marília e São José do Rio Preto, empresas que se originaram em seus territórios e que acabaram por adquirir padrões de produção e empresariais ditados pelo mercado global. Embora os grandes grupos empresariais globais levem a essas cidades lógicas

que conflitam com a atuação de empresas que ainda funcionam para atender às demandas e aos interesses atinentes aos mercados local e regional, estabelecem-se, entre algumas empresas e grupos empresariais, articulações que são ao mesmo tempo convergentes e conflituosas.

Arroyo (2006, p.82) destaca um aspecto relevante no que se refere à relação da cidade com as interações interescares na economia global:

A cidade é uma realidade dentro de outras duas totalidades – o mundo e a formação socioespacial – que, por sua vez, se expressam e se concretizam na cidade. Esse movimento imbricado determina seu dinamismo, sua espessura, que será maior na medida em que aumenta o número de eventos e de atores envolvidos.

Dessa ótica, os processos que constituem o urbano e sua materialidade – cidades, redes, empresas etc. – parecem muito mais imbricados, sendo assim, também, a interação entre as lógicas de diferentes escalas na rede urbana, seja ela por sobreposição, com ou sem articulação, ou por conflito.

Arroyo (2006, p.79) destaca ainda algumas transformações decorrentes das ações desses agentes sobre o território: a “batalha da competitividade” no exercício do poder, da economia e da política, “a divisibilidade espacial”, “a dissociação geográfica da produção e do consumo, a especialização produtiva dos lugares, a divisão territorial do trabalho”) etc. Trata-se, a nosso ver, de um conjunto de mudanças capazes de transformar a natureza das funções dessas cidades na rede urbana.

As transformações destacadas pela autora refletem o movimento das lógicas que partem das articulações globais e chegam ao local e ao regional. A tônica desse processo são as empresas, os grupos que se organizam em grandes corporações e comandam os destinos da produção e do consumo, assim como detêm capacidades de controlar o desenho da trama das redes urbanas, segundo as escalas e as interações entre elas.

## Outros atributos de um espaço em movimento: do local ao global, do global ao local?

Santos (2008) destaca a importância que as grandes empresas de abrangência global vêm tendo na definição das lógicas tanto de caráter privado como público. Entretanto, o autor considera que “enquanto no ‘mundo’ só o que conta é o global, nos territórios nacionais, tudo conta. Empresas e instituições dos mais diversos níveis, e não só empresas gigantes, convivem no conflito. Convivência necessária, conflito inevitável” (ibidem, p.335).

Concordamos com Santos (2008, p.337, grifo nosso) quando afirma que “não existe um espaço global, mas, apenas, espaços *da* globalização”, ideia que Silveira (2006) utilizou para se referir ao movimento desse processo nas cidades médias, interpretado por Sposito (2009a, p.44) como espaços *em* globalização.

Santos e Silveira (2001, p.299, grifo nosso) destacaram que, “como as exigências produtivas são diferentes segundo os produtos, a expressão *espaço da globalização* acaba por ser genérica”. De nossa parte, propomos o uso de ambas as preposições, pois as cidades médias, e *quicá* qualquer cidade ou território, tanto pode estar em globalização como, ao mesmo tempo, ser da globalização. Esse é um processo que se cria no cenário das lógicas globais, concretiza-se nos territórios, nas cidades e nos lugares tal e como decidem os agentes globais. Estes podem agir conforme seus interesses, mas também pode ser que haja negociações com agentes privados e dos governos das escalas local e regional. Em Bauru, Marília e São José do Rio Preto, ambas as situações são verdadeiras.

Parece-nos uma visão analítica superficial pensar que os territórios como as cidades médias são apenas escolhidos pelos agentes globais à revelia dos agentes privados e públicos desses territórios. Os agentes locais podem não controlar todos os meios para impor restrições ao capital global, mas podem agir ou não em favor desse processo em benefício próprio, pois sabem que o aumento de agentes e empresas globais fomentam a produção e, sobretudo, o consumo em âmbito regional, favorecendo outros ramos da atividade de

produção e outros nichos de consumo que interessam aos capitais de menor abrangência escalar.

Em cidades como Bauru, Marília e São José do Rio Preto, a economia não se caracteriza somente pela imposição das lógicas da globalização, mas também pela mediação entre os interesses de agentes atuantes em cada uma ou em múltiplas escalas. Ao mesmo tempo que os agentes globais precisam expandir seus mercados de produção e consumo, e, por isso, contam com análises especializadas para verificar quais são os territórios potenciais, e neles incluem-se as cidades médias, os agentes das escalas local e regional articulam-se a esse processo sobretudo no que tange às lógicas de reprodução de seus capitais fixos e produtivos, até então restritos não somente ao mercado, mas também às lógicas locais e regionais.

Embora a mediação seja uma realidade, é bem verdade que há uma imposição no processo de interação entre as lógicas de escalas diferentes por parte do capital global, o que justifica dizer que as cidades médias são espaços *da globalização*. Na maior parte das vezes, as ações resultam em sucesso dos agentes atuantes em escala global que pressionam o capital local fazendo com que estes sejam obrigados a submeter parte ou todo seu capital fixo e/ou financeiro. Mesmo nesses casos, devido à profusão e à diversificação das atividades e das articulações geradas, fazem com que as cidades médias sejam colocadas, também, *em globalização*.

Esse é o contexto das cidades médias como Bauru, Marília e São José do Rio Preto, onde a reprodução do capital é também a construção de um ambiente de interações espaciais interescares, agora convivendo os interesses do local e do global como nunca antes (Santos, 2008, p.339).

Um dos pontos altos da globalização é a crescente privatização do território, agregando porções onde, antes, não poderíamos caracterizá-las como territórios do capital global. Santos e Silveira (2001, p.291) identificaram esse processo quando afirmam o seguinte:

Na medida em que essas grandes empresas arrastam, na sua lógica, outras empresas, industriais, agrícolas e de serviços, e tam-

bém influenciam fortemente o comportamento do poder público, na União, nos Estados e nos municípios, indicando-lhes formas de ação subordinadas, não será exagero dizer que estamos diante de um verdadeiro comando da vida econômica e social e da dinâmica territorial por um número limitado de empresas.

Cidades médias como Bauru, Marília e São José do Rio Preto sentem os efeitos de variação do mercado externo como antes não sentiam. A balança comercial nessas cidades flutua conforme os momentos de auge e de crise da economia nacional e internacional, fazendo variar, conseqüentemente, empresas locais, o mercado de trabalho, por meio do emprego formal e informal, o mercado fornecedor de matérias-primas e serviços de apoio aos grandes capitais, o mercado imobiliário etc.

O território dessas cidades passa a ser usado, principalmente, como meio de reprodução do capital, pois, às vezes, embora seja de abrangência local/regional, os agentes e as empresas passam a atuar e a se comportar mediante os moldes do capital global. A superposição dessas lógicas faz surgirem novos agentes que antes tinham um comportamento mercadológico muito mais introspectivo e que agora buscam a ampliação e a aproximação do formato tecnológico e econômico das empresas globais, sendo a inserção no mercado internacional uma das principais medidas. Aproximam-se, na estruturação e na articulação das redes urbanas, a cidade e a empresa.

## **A cidade média e a empresa**

A explosão de inter-relações entre escalas às quais se articulam as cidades médias decorre do movimento imbricado entre a reprodução do capital e a reprodução espacial, por meio da formação de novos territórios corporativos, no qual as funções e os papéis das cidades serão explicados pela atuação do capital empresarial. Dessa vez, a concentração e a centralização incluem um grande número de empresas de abrangência nacional e internacional, seja por em-

presas de redes globais, seja por empresas locais/regionais que vêm adquirindo maior abrangência quanto mais expandem seus capitais e interagem em múltiplas escalas.

A entrada do capital internacional nas cidades médias modifica as condições tecnológicas e produtivas em seus espaços. Ampliam-se as articulações em rede e também as interações em múltiplas escalas. A rede de cidades torna-se cada vez mais heterarquizada, e as cidades, por sua vez, cumprem múltiplas e diferenciadas funções e papéis nessas redes.

Como ressaltou Fisher (2008, p.61):

[...] todo espaço geográfico é objeto de uma dupla estruturação simultânea: de um lado, ele é estruturado pelos diversos níveis administrativos institucionais, de outro lado ele é estruturado pelo sistema de fluxos e das redes relacionais das empresas.

Nem a empresa, nem os territórios ou as cidades cabem mais dentro um “espaço-recipiente”, como resalta o autor.

Um conflito, diante de tais mudanças, decorre do fato de as políticas de desenvolvimento econômico e regional dessas cidades médias estarem também pautadas mediante as estratégias territoriais e financeiras das grandes empresas. Um dos elementos mais elucidativos são as exportações e as importações. É grande o número de empresas presentes nas cidades médias que produzem para o mercado externo. Adiante, passaremos a ilustrar essa realidade multirrelacional.

Outro aspecto relevante é também ressaltado por Fisher (2008, p.67), quando o autor afirma que há uma desconexão entre a empresa e o território, na medida em que o segundo passa a responder às exigências dos agentes empresariais, articulando-se lógicas de escalas diferentes, portanto novas, em sua caracterização produtiva. Isso é muito claro nas cidades médias, quando observamos o processo de concentração e centralização, como é o caso de Bauru, Marília e São José do Rio Preto. Há uma abertura ao capital global ou, ao menos, às lógicas globais que regem a produção e a divisão territorial e social do trabalho.

Elementos como a inovação tecnológica – dos transportes, das comunicações, da produção, das formas de organização das empresas comerciais, industriais e de serviços – reforçam esse cenário. O fim é a ampliação do consumo e da reprodução capitalista – com o sucesso das corporações no espaço.

Diante disso, as exportações e as importações não são meios de sobrevivência das escalas local e regional, mas, sim, os meios pelos quais se ampliam os mercados consumidores e os lucros. Têm relevância por propiciarem relações que agregam às cidades um rol de atividades, funções e papéis, dinamizando o cenário das interações espaciais interescalares.

Santos e Silveira (2001, p.301) ainda lembram que

[...] o fato de o território ser teatro de especializações alienadas, de uma superposição de contextos entre agentes de diferente força e de ser também não apenas o teatro de divisões de trabalho superpostas mas de uma guerra global entre empresas e lugares permite sugerir que o território é também objeto de desarticulações.

Os autores ainda afirmam que as desarticulações são seguidas “por constantes desvalorizações e revalorizações do território” (ibidem). Desse modo, no que se refere aos territórios compreendidos pelas cidades médias sob a perspectiva da globalização, as observações dos autores têm todo sentido, pois, tal como vimos afirmando, é nessas cidades que sobrevivem e se articulam as lógicas geradas em diferentes escalas, promovendo momentos de sobreposição e desarticulações na construção de suas funções e papéis na rede urbana.

### **A circulação da produção: interações espaciais interescalares em Bauru, Marília e São José do Rio Preto**

Em Bauru, Marília e São José do Rio Preto, os circuitos da produção fazem parte de um amplo movimento de reprodução do capital por meio de iniciativas de diferentes agentes econômicos.

Criam-se os circuitos produtivos que se apoiam em redes urbanas ao mesmo tempo que as redefinem em múltiplas escalas. O consumo e a produção passam a ser fruto da interação interescalar, em que as decisões por parte dos agentes e das empresas surgem desde a escala local até a global. Os circuitos produtivos em múltiplas escalas, ao mesmo tempo que atribuem melhores condições aos territórios e às cidades, também aumentam a vulnerabilidade aos desequilíbrios e o jogo de interesses em escala global.

Segundo Santos (1985, p.61), é necessário discutir os circuitos espaciais de produção, já que “Um circuito espacial envolve diversas empresas e ramos e, também, diversos níveis (local, nacional e internacional)”. Assim, compreender um circuito da produção é compreender o formato e as articulações das redes urbanas.

Nesses circuitos espaciais de produção, o capital corporativo se destaca, e, conseqüentemente, realizam-se as interações espaciais interescalares. De acordo com Arroyo (2006, p.79):

Um circuito espacial envolve diversas empresas e ramos e, também, diversos níveis (local, nacional e internacional). Há uma topologia da empresa, enquanto há uma topografia do circuito – e dos círculos de cooperação. Isso significa que o circuito permite agregar a topologia de várias empresas em um mesmo movimento; mas, ao mesmo tempo, permite captar uma rede de relações que se dão ao longo do processo produtivo, atingindo uma topografia que abrange uma multiplicidade de lugares e atores. Ou seja, circuito espacial e topologia de uma empresa poucas vezes se superpõem plenamente, poucas vezes se confundem, a menos que se trate de uma única empresa comandando todas as atividades.

A autora descreve o que para nós é o cenário das interações espaciais interescalares. As empresas, no que diz respeito à produção, são os expoentes máximos desse movimento de articulações entre escalas. Há, de fato, um movimento em diferentes estágios entre a topologia estruturada pelos grandes grupos econômicos e a topografia do circuito. E, ainda, segundo Arroyo (2006, p.81): “Os circui-

tos e os círculos estendem-se. Alargam a dimensão dos contextos, organizam uma trama de relações além das fronteiras nacionais”.

A circulação da produção e, sobretudo, do capital corporativo vem exigindo das cidades médias uma modernização não somente nos padrões tecnológicos, mas também no âmbito das relações empresariais e financeiras adequadas, sobretudo, aos padrões organizativos da globalização.

No caso das cidades médias aqui estudadas, esses circuitos estão, em parte, à mercê dos interesses de grandes grupos empresariais de abrangência internacional, enquanto, ao mesmo tempo, os grupos empresariais locais e regionais articulam-se para se inserir nesse contexto ou para propor a venda ou a associação de suas empresas com esses grupos de atuação global.

Por conta disso, o circuito produtivo, mais do que nunca, passa por um processo que caminha para a ampliação dos nós no espaço de interesses do capital, ampliando as articulações heterárquicas, a nosso ver mais vantajosas que o modelo hierárquico para compreendermos esse processo. Isso ocorre porque o modo de articulação heterárquico permite compreender que as cidades médias, como Bauru, Marília e São José do Rio Preto, embora não sejam globais nos moldes defendidos por Sassen (2002), vêm sendo nós de articulações também de lógicas globais de mercado.

Sassen (2002, p.39, tradução nossa) afirma que

[...] a experiência global é parcial. Não é um guarda-chuva que cobre tudo. Os múltiplos processos que a constituem dão forma específica – mais que universal – às estruturas econômicas, políticas, culturais e subjetivas. Com isso, produzem-se novas temporalidades e espacialidades que coexistem com a espacialidade e a temporalidade dominantes do racional, ainda que diferentes destas. Na interação de suas diferenças, têm aparecido oportunidades estratégicas.

O contexto descrito pela autora tem ampla abrangência não somente territorial, mas também espacial, na medida em que se

constitui a partir do cenário da globalização dos territórios que vão sendo dotados de predicados destinados à reprodução desse processo. É a reprodução do capital em escala global em contrapartida e, ao mesmo tempo, se complementando no modo como se organiza o cenário do local e do regional. Como lembrou Sassen (2002, p.46), é uma “hiperconcentração de atividades e recursos”.

O que nos chama a atenção nesse movimento interescalar é que “os mercados já não são regulados localmente, a produção se origina globalmente e está globalmente organizada” (Amin; Thrift, 2002, p.82, tradução nossa). Isso tem um significado ímpar para compreendermos o modo como em Bauru, Marília e São José do Rio Preto vem se processando a afirmação dos autores. Embora as articulações com os agentes atuantes nas escalas local e regional tenham relevância, a produção, de fato, sobretudo seu padrão de circulação, é regulada em âmbito global, o que implica mudanças na estruturação do capital fixo e produtivo das empresas já presentes nessas cidades médias.

Esse fato reflete-se na constituição das funções e dos papéis das cidades médias na rede urbana, explicado pela inter-relação entre lógicas e interesses estruturados sob contextos escalares diferentes. Nesse quadro, no caso das cidades médias de Bauru, Marília e São José do Rio Preto, ressaltamos a presença delas na rede urbana do estado de São Paulo, pela complexidade técnica e de articulações, e pela forte presença da cidade de São Paulo. Essas cidades médias, à medida que vão se densificando as interações espaciais interesca-lares, tornam-se nós de articulações em múltiplas escalas, colocando-as em interações com os agentes globais e diversificando-se a produção e o consumo.

Com a regulação da produção determinada, em primeira instância, no âmbito global, convém adentrarmos na análise da atuação dos principais ramos, empresas e produtos comercializados em escala global a partir das cidades médias de Bauru, Marília e São José do Rio Preto, levando-se em consideração também o contexto do estado de São Paulo.

## **Exportações e importações: o local e o global em movimento no estado de São Paulo**

Como já verificado anteriormente, o estado de São Paulo tem sua produção inserida no mercado internacional, como podemos observar nas tabelas 38 e 39, que demonstram uma participação já significativa no montante das importações e exportações decorrentes da produção industrial por parte desse estado e das cidades de Bauru, Marília e São José do Rio Preto.<sup>2</sup>

É a atividade industrial das cidades em questão que contribui para o aumento dos valores arrecadados com as exportações (Tabela 38). O crescimento no número de estabelecimentos e na produção, bem como das interações espaciais das empresas com a ampliação das negociações em escala internacional, auxilia na compreensão dos respectivos dados. É destacável o desempenho da cidade de Bauru nas exportações em relação a Marília e São José do Rio Preto, explicado pelas articulações dos agentes privados e públicos que sempre atuaram na direção do desenvolvimento da logística na produção e na distribuição e de um discurso de apoio ao aumento dos papéis vinculados a essa dinâmica, por conta de sua da situação geográfica central no estado de São Paulo.

Em relação aos dados referentes às importações, dispostos na Tabela 39, a diversificação das atividades comerciais, industriais e de serviços contribuiu para o aumento desses valores ao longo da década tomada como referência. Nessa tabela, também podemos perceber que Bauru tem maior êxito, pois os dados apresentados são superiores aos montantes importados durante toda a década. A partir de 2003, a balança comercial da cidade obteve saldos positivos.

---

2 Os dados referentes à história e à presença das empresas nas cidades estudadas foram extraídos dos sítios eletrônicos das respectivas empresas e de material coletado em campo. Os sítios estão todos listados no final do livro, em “Referências bibliográficas”.

Tabela 38 – Bauru, Marília e São José do Rio Preto: valor das exportações em milhões de dólares – de 2001 a 2010

	<b>Bauru</b>	<b>Marília</b>	<b>São José do Rio Preto</b>	<b>Estado de São Paulo</b>
<b>2001</b>	28,0	5,3	6,6	4438,14
<b>2002</b>	25,3	5,3	6,9	4152,15
<b>2003</b>	47,9	11,3	12,6	4853,40
<b>2004</b>	85,9	21,4	17,7	5971,00
<b>2005</b>	84,7	21,9	18,1	5715,78
<b>2006</b>	84,3	26,7	27,4	7256,64
<b>2007</b>	180,2	33,0	31,9	7228,88
<b>2008</b>	186,4	38,2	43,9	8474,20
<b>2009</b>	138,7	24,7	45,5	5935,11
<b>2010</b>	188,9	35,1	44,8	6284,87

Fonte: Adaptada de Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (2011).

Tabela 39 – Bauru, Marília e São José do Rio Preto: valor das importações em milhões de dólares – de 2001 a 2010

	<b>Bauru</b>	<b>Marília</b>	<b>São José do Rio Preto</b>	<b>Estado de São Paulo</b>
<b>2001</b>	68,7	5,8	9,4	5809,05
<b>2002</b>	39,5	5,1	6,9	4408,19
<b>2003</b>	24,5	3,1	7,4	3966,51
<b>2004</b>	21,4	4,8	10,8	4573,08
<b>2005</b>	21,3	6,1	12,4	5499,13
<b>2006</b>	56,5	10,9	15,3	6485,52
<b>2007</b>	67,3	17,9	27,2	8262,00
<b>2008</b>	70,0	21,2	38,5	11226,90
<b>2009</b>	54,3	26,3	28,3	9375,57
<b>2010</b>	98,2	34,7	41,2	14142,11

Fonte: Adaptada de Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (2011).

Embora o montante comercializado no mercado internacional a partir da cidade de Bauru seja maior, em ambas as tabelas, podemos perceber claramente que o valor das exportações e importações é crescente nas três cidades, com pequenas quedas ao longo da década de referência, assim como no estado de São Paulo.

Em Bauru, a balança comercial apresenta déficit apenas em 2001 e 2002, passando para saldos positivos e crescentes nos anos seguintes, com destaque para o ano de 2010. Já em Marília, entre 2003 e 2008, obtinham-se saldos positivos na balança comercial, já que, nos últimos dois anos dessa década, houve uma aproximação entre as cifras. Em São José do Rio Preto, a balança comercial apresenta déficit apenas em 2001 e passa a ter valores positivos sobretudo entre 2003 e 2009, equiparando-se em 2010.

É interessante notar que essas cidades médias, de modo geral, apresentaram superávit em contraponto com os dados apresentados pelo estado de São Paulo que apresentou números positivos apenas entre 2003 e 2006, já que, em 2001 e 2002, e entre 2007 e 2010, os valores com a importação superaram as exportações de forma crescente.

Além disso, os anos e/ou período de déficit e superávit são diferentes entre as três cidades, e também delas em comparação com o estado de São Paulo, o que prova que, embora a produção seja regulada globalmente, as articulações em escala local e regional, e o mercado nacional são fatores, também, consideráveis e de grande relevância nessa análise.

O aumento dos valores que dizem respeito à exportação, a nosso ver, é de extrema importância porque essa atividade amplia não somente as interações espaciais interescares, como também agrega um rol de atividades e funções nessas cidades com a implantação de empresas comerciais, industriais e de serviços, bem como a ampliação e a melhoria das condições gerais de produção.

Um dos fatores que explicam a diferença entre os períodos de déficit e superávit entre as cidades médias de Bauru, Marília e São José do Rio Preto, e o estado de São Paulo, é a diversidade de produtos produzidos para exportação e importação. Nas tabelas 40 e 41, apresentadas a seguir, estão expostas as listas dos 100 produtos mais exportados e importados no estado de São Paulo, o que nos possibilitará comparar com os produtos de maior destaque produzidos para os mesmos fins nas cidades médias estudadas.

No que se refere às exportações nesse estado, destacam-se os açúcares da cana (1 e 3), bem como outros produtos extraídos da cana, como álcool etílico (8 e 60), aviões e veículos aéreos (2, 28 e

34), carnes em geral e partes bovinas, suínas e avícolas (4, 21, 26, 43, 70 e 95), automóveis e partes em geral (5, 13, 18, 35, 36, 37, 41, 53, 55, 56, 71, 92, 93 e 99), combustíveis e lubrificantes (6, 11, 59, 74 e 82), máquinas e tratores para construção de estradas/rodovias e para a construção civil (9, 14, 38, 40 e 72), sucos de laranja (10 e 24), bem como outros produtos listados na tabela.

A forte influência da produção de cana-de-açúcar, fomentada pela implantação de usinas e destilarias no estado de São Paulo, vem modificando, inclusive, a dinâmica e o cotidiano das cidades locais e também as interações interescales delas com as cidades médias e destas com múltiplas escalas. Nas cidades médias, ampliam-se as instituições como sindicatos e empresas empenhados a direcionar a produção ao mercado externo, além do crescimento de cursos técnicos em nível secundário e também de formação universitária, tanto em instituições públicas como privadas, voltados para a formação de mão de obra tecnológica e científica na área. Configuram-se um circuito espacial de produção e círculos de cooperação do agronegócio, tal como identificaram Elias e Pequeno (2010, p.142) para a região de abrangência da cidade média de Mossoró (RN), para outros produtos.

Tabela 40 – São Paulo: principais produtos exportados – 2011

	PRODUTOS	US\$ FOB	PART %
1	Açúcar de cana (bruto)	6.382.004.141	10,65
2	Aviões e veículos aéreos	3.201.026.156	5,34
3	Açúcares de cana, beterraba e sacarose	2.780.455.542	4,64
4	Carnes desossadas e congeladas de bovinos	1.285.647.485	2,15
5	Automóveis com motor a explosão	1.271.964.816	2,12
6	Consumo de bordo (combustíveis)	1.155.199.633	1,93
7	Sucos de laranja não fermentados	1.070.566.891	1,79
8	Álcool etílico não desnaturado com volume	917.942.753	1,53
9	<i>Bulldozers e angledozers</i>	754.547.955	1,26
10	Sucos de laranja congelados e não fermentados	750.350.949	1,25
11	Consumo de bordo (combustíveis e lubrificantes)	712.118.519	1,19
12	Café em grãos (não torrado e não descafeinado)	706.820.903	1,18

*Continua*

Tabela 40 – *Continuação*

	<b>PRODUTOS</b>	<b>US\$ FOB</b>	<b>PART %</b>
13	Chassis com motor para automóveis	694.351.829	1,16
14	Tratores rodoviários para semirreboques	683.745.992	1,14
15	Niveladores	661.514.573	1,10
16	Pasta química de madeira de não coníferas	595.061.655	0,99
17	Papel fibra	529.715.553	0,88
18	Automóveis com motor de explosão	526.734.846	0,88
19	Outros grãos de soja triturados	497.571.002	0,83
20	Caixas de marchas	490.319.985	0,82
21	Pedaços comestíveis e miudezas de frango	427.864.412	0,71
22	<i>Fuel oil</i>	425.439.835	0,71
23	Pneus novos para ônibus ou caminhões	409.598.067	0,68
24	Sucos de laranja não congelados	400.213.375	0,67
25	Partes e acessórios para tratores e veículos	382.071.957	0,64
26	Preparações alimentícias e conservas de bovinos	374.262.547	0,62
27	Automóveis com motor a explosão	373.977.648	0,62
28	Aviões a turbojato	369.050.271	0,62
29	Terminais portáteis de telefonia celular	367.942.105	0,61
30	Chassis com motor a diesel e cabina	359.437.533	0,60
31	Partes e acessórios de carrocerias para veículos automotivos	338.733.435	0,57
32	Café solúvel descafeinado	322.560.059	0,54
33	Pneus novos para automóveis de passageiros	310.956.280	0,52
34	Aviões a turbojato	296.811.137	0,50
35	Motores de explosão para veículos	288.718.292	0,48
36	Partes de motores/geradores	284.634.576	0,48
37	Automóveis com motor a diesel	276.801.123	0,46
38	Escavadoras	275.377.710	0,46
39	Ésteres de sais da lisina	263.096.537	0,44
40	Carregadoras e pás carregadoras	252.728.816	0,42
41	Freios e partes para tratores e veículos	250.191.690	0,42
42	Couros e peles (bovinos)	245.155.853	0,41
43	Carnes desossadas de bovino, frescas ou refrigeradas	231.963.170	0,39
44	Partes para aviões ou helicópteros	221.781.159	0,37

*Continua*

Tabela 40 – Continuação

	PRODUTOS	US\$ FOB	PART %
45	Catodos de níquel não ligado em forma bruta	212.266.447	0,35
46	Fungicidas	210.888.066	0,35
47	Eixos com diferencial para veículos	198.337.867	0,33
48	Virabrequins (cambotas)	195.717.909	0,33
49	Tubos de ferro e aço soldados de seção circular	192.347.920	0,32
50	Aparelhos transmissores de telefonia celular	190.006.368	0,32
51	Sais do ácido glutâmico	188.754.102	0,32
52	Polietilenos sem carga	187.974.195	0,31
53	Amortecedores de suspensão para tratores e veículos	186.154.635	0,31
54	Polipropileno sem carga em forma primária	184.383.391	0,31
55	Rodas partes e acessórios para veículos	184.082.901	0,31
56	Blocos de cilindros e cabeçotes	183.121.008	0,31
57	Barras de ferro e aço dentadas	179.695.082	0,30
58	Chassis com motor a diesel e cabina	178.770.422	0,30
59	Óleos de petróleo ou de minerais betuminosos	168.518.312	0,28
60	Álcool etílico não desnaturado com teor de água	164.097.323	0,27
61	Partes de máquinas e aparelhos para selecionar	162.744.605	0,27
62	Embreagens e suas partes para tratores e veículos	154.691.506	0,26
63	Chapas e tiras de liga de alumínio	152.584.099	0,25
64	Litorinas (automotoras)	145.526.240	0,24
65	Papel Kraft	143.164.407	0,24
66	Motocompressor hermético	140.221.111	0,23
67	Gelatinas e seus derivados	137.924.838	0,23
68	Compostos heterocíclico com cloro	137.903.112	0,23
69	Bagaços e outros resíduos sólidos	136.697.769	0,23
70	Tripas de bovino frescas, congeladas, refrigeradas e salgadas	134.022.810	0,22
71	Pistões ou êmbolos para motores a diesel	133.991.098	0,22
72	Partes de máquinas e aparelhos de terraplanagem	132.680.444	0,22

Continua

Tabela 40 – *Continuação*

	<b>PRODUTOS</b>	<b>US\$ FOB</b>	<b>PART %</b>
73	Ladrilhos de cerâmica vidrados	129.509.042	0,22
74	Coque de petróleo calcinado	128.263.967	0,21
75	Cartuchos para espingardas e carabinas de cano liso	125.590.380	0,21
76	Jogos de fios para velas de ignição e outros fios	119.529.416	0,20
77	Medicamentos com compostos heterocíclico	113.326.364	0,19
78	Lâminas quentes de ferro e aço	112.605.589	0,19
79	Copolímeros de propileno em formas primárias	112.507.767	0,19
80	Subprodutos de terpênicos	110.933.698	0,19
81	Carroçarias para veículos automóveis	110.883.083	0,19
82	Outras gasolinas	110.565.931	0,18
83	Máquinas e aparelhos para colheita	110.411.068	0,18
84	Torneiras e outros dispositivos para canalizações	109.721.972	0,18
85	Matérias vegetais	105.193.622	0,18
86	Quadros com aparelhos interruptores e circuitos elétricos	103.121.563	0,17
87	Papéis revestidos de polietileno	102.900.643	0,17
88	Vagões de passageiros para vias férreas	101.569.544	0,17
89	Óleos essenciais de laranja	101.343.331	0,17
90	Eixos e partes para veículos automóveis	98.630.520	0,16
91	Condutores elétricos para tensão	98.076.766	0,16
92	Partes de outros motores e máquinas motrizes	97.063.655	0,16
93	Caixas de marchas	95.379.234	0,16
94	Papéis de camadas revestidas	93.839.589	0,16
95	Carnes de frango inteiro	92.783.074	0,15
96	Dentifrícios	90.910.511	0,15
97	Polietileno sem carga	90.700.666	0,15
98	Acumuladores elétricos de chumbo	89.630.443	0,15
99	Automóveis com motor de explosão	88.815.202	0,15
100	Inseticidas	87.735.683	0,15
	Demais produtos	18.843.432.242	31,45

Fonte: Adaptada de Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (2011).

No caso de Bauru, três de seus produtos de maior destaque aparecem entre os 100 produtos mais exportados no conjunto do estado de São Paulo, que são: as carnes em geral e produtos extraídos de seu tratamento (4, 21, 26, 42, 43, 70 e 95), os produtos envolvidos na produção de cadernos (17, 65 e 87), as barras de ferro/aço – lâminas quentes e dentadas –, os acumuladores elétricos de chumbo para arranque de motor (98), bem como outros de diferentes configurações (49, 57, 63 e 78).

No que se refere a Marília, dada a clara especialização no setor alimentício, nenhum dos produtos de maior destaque nas exportações dessa cidade aparece entre os 100 que mais foram exportados no conjunto de cidades do estado de São Paulo. Apenas o café (32), entre os 40 mais exportados nessa cidade, aparece na Tabela 40.

Já em São José do Rio Preto, assim como em Bauru, apenas as carnes em geral e produtos extraídos de seu tratamento (4, 21, 26, 42, 43, 70 e 95) estão entre aqueles que mais se destacaram nas exportações do referido ano. Em São José do Rio Preto, vem se fortalecendo a produção de açúcar, bruto e derivado, devido à implantação de usinas e destilarias na sua região de influência, produtos que aparecem como aqueles de maior destaque no conjunto de cidades do estado de São Paulo (1 e 3).

No que tange às importações no estado de São Paulo, os produtos mais adquiridos são: derivados do petróleo (1, 2, 11, 13, 28 e 34), partes de aviões e helicópteros (3, 6 e 31), automóveis e partes em geral (4, 5, 16, 36, 42, 61, 65, 70, 78, 81 e 86), aparelhos e partes de aparelhos para telefonia e telegrafia (7 e 17), circuitos elétricos e eletrônicos (8, 10, 24, 29, 49, 67, 73, 80 e 89), entre outros produtos listados na Tabela 41.

Diante desses dados e informações, podemos observar que os circuitos produtivos são também resultado da participação das empresas presentes nessas cidades, na comercialização mundial. O processo de globalização influencia nas estratégias dos circuitos produtivos que se consolidaram nessas cidades, implicando a definição de suas funções e de seus papéis no que diz respeito às articulações em rede. Os principais ramos, empresas e produtos

Tabela 41 – São Paulo: principais produtos importados – 2011

	<b>PRODUTOS</b>	<b>US\$ FOB</b>	<b>PART %</b>
1	Óleos de petróleo	5.186.691.850	6,31
2	Gasóleo (óleo diesel)	2.702.417.929	3,29
3	Partes para aviões ou helicópteros	1.040.922.223	1,27
4	Caixas de marchas	786.966.092	0,96
5	Automóveis com motor de explosão	773.821.911	0,94
6	Turborreatores de empuxo	763.074.992	0,93
7	Partes de aparelhos de telefonia e telegrafia	727.058.482	0,88
8	Circuitos integrados	634.056.174	0,77
9	Microprocessadores	615.419.850	0,75
10	Circuitos elétricos	590.549.739	0,72
11	Propanos liquefeitos	586.092.325	0,71
12	Medicamentos com compostos heterocíclicos	585.066.713	0,71
13	Querosenes de aviação	580.781.503	0,71
14	Inseticidas	555.756.987	0,68
15	Cloretos de potássio	540.155.219	0,66
16	Partes e acessórios para tratores e veículos	538.933.872	0,66
17	Terminais portáteis de telefonia celular	515.369.388	0,63
18	Hulha betuminosa não aglomerada	493.472.951	0,60
19	Fungicidas	486.792.830	0,59
20	Máquinas e aparelhos de terraplanagem	427.841.674	0,52
21	Naftas para petroquímicas	418.836.898	0,51
22	Trigo	409.800.503	0,50
23	Partes e acessórios para carroçaria	405.358.719	0,49
24	Circuitos integrados monolíticos	388.011.877	0,47
25	Frações do sangue	338.739.075	0,41
26	Álcool etílico	329.636.946	0,40
27	Tela para microcomputadores portáteis	321.207.400	0,39
28	Óleos lubrificantes sem aditivos	317.974.480	0,39
29	Grupos de eletrogênese de energia eólica	305.098.422	0,37
30	Máquinas e aparelhos mecânicos	303.884.864	0,37
31	Turborreatores	298.618.005	0,36
32	Aparelhos receptores para radiodifusores	288.458.985	0,35
33	Borracha natural prensada ou granulada	286.961.386	0,35

Continua

Tabela 41 – *Continuação*

	<b>PRODUTOS</b>	<b>US\$ FOB</b>	<b>PART %</b>
34	<i>Fuel oil</i>	282.754.953	0,34
35	Nitrato de amônio	279.568.007	0,34
36	Eixos e partes para veículos automóveis	275.956.438	0,34
37	Unidades de discos magnéticos	273.668.818	0,33
38	Pigmentos tipo rutilo	238.642.844	0,29
39	Memórias digitais montadas	232.964.209	0,28
40	Medicamentos com compostos heterocíclicos.	232.180.525	0,28
41	Litorinas (automotoras)	231.684.006	0,28
42	Veículos para movimento de carga	226.480.549	0,28
43	Herbicidas	225.488.091	0,27
44	Obras de plástico	223.073.589	0,27
45	Compostos heterocíclicos.	216.198.543	0,26
46	Partes e acessórios para máquinas automáticas	205.056.554	0,25
47	Enxofre a granel	204.325.229	0,25
48	Instrumentos, aparelhos e máquinas de medida	203.428.186	0,25
49	Circuito integrado monolítico	202.128.009	0,25
50	Polieterpolióis	199.445.913	0,24
51	Medicamentos contendo produtos para fins terapêuticos	193.837.667	0,24
52	Motores a diesel e semidiesel	190.085.393	0,23
53	Acumuladores elétricos	189.937.089	0,23
54	Dispositivos de cristais líquidos	185.727.297	0,23
55	Circuito impresso	184.403.816	0,22
56	Conversores elétricos estáticos	183.495.929	0,22
57	Cartuchos de revelador	174.853.440	0,21
58	Medicamento com ciclosporina	171.476.210	0,21
59	Parafusos, pinos e pernos	171.269.031	0,21
60	Obras de ferro ou aço	170.325.953	0,21
61	Partes para motores a diesel e semidiesel	165.095.752	0,20
62	Compostos heterocíclico com flúor	160.311.493	0,20
63	Pasta química de madeira de conífera	159.843.565	0,19
64	Coque de petróleo não calcinado	159.531.293	0,19

Tabela 41 – *Continuação*

	<b>PRODUTOS</b>	<b>US\$ FOB</b>	<b>PART %</b>
65	Caixas de transmissão e redutores	156.245.750	0,19
66	Vagões de passageiros para vias férreas	154.456.056	0,19
67	Condutores elétricos	152.821.949	0,19
68	Compostos heterocíclicos contendo ciclo triazol	151.334.147	0,18
69	Controladores eletrônicos automáticos para veículos	149.753.095	0,18
70	Juntas, gaxetas e semelhantes de borrachas	149.050.727	0,18
71	Aparelhos mecânicos para projetar	147.871.543	0,18
72	Máquinas digitais para procurar dados	147.511.035	0,18
73	Aparelhos para interrupção para circuitos elétricos	147.344.500	0,18
74	Reagentes de diagnóstico	147.263.575	0,18
75	Livros, brochuras e impressos semelhantes	145.689.215	0,18
76	Árvores de transmissão e manivelas	145.110.463	0,18
77	Motores e geradores	144.497.729	0,18
78	Engrenagens e rodas de fricção	143.112.057	0,17
79	Obras de alumínio	142.865.219	0,17
80	Interruptores de circuitos elétricos	141.101.916	0,17
81	Partes para motores de explosão	141.037.067	0,17
82	Máquinas digitais de dados	140.770.975	0,17
83	Cartuchos de tinta	139.312.363	0,17
84	Instrumentos e aparelhos automáticos para regulação	137.938.844	0,17
85	Placas-mãe montadas	136.620.315	0,17
86	Freios e partes para tratores	136.288.647	0,17
87	Lâmpadas e tubos de descarga	135.572.532	0,17
88	Máquinas e aparelhos para empacotar e embalar	135.158.753	0,16
89	Circuitos impressos para máquinas automáticas	134.648.700	0,16
90	Servo-assistidas para torque	131.654.148	0,16
91	Amoníaco anidro	130.817.421	0,16
92	Válvulas para transmissões óleo-hidráulicas	129.668.850	0,16
93	Gasolinas	127.215.874	0,15

*Continua*

Tabela 41 – *Continuação*

	PRODUTOS	US\$ FOB	PART %
94	Unidade digital de base microprocessadora	125.343.565	0,15
95	Rolamentos de esferas	124.002.343	0,15
96	Ureia com teor de nitrogênio	123.286.241	0,15
97	Ácidos fosfóricos	122.525.658	0,15
98	Álcool etílico desnaturado	119.155.666	0,15
99	Instrumentos e aparelhos para medicina	118.792.724	0,14
100	Máquinas e aparelhos elétricos com função própria	118.366.419	0,14
	Demais produtos	47.229.570.736	57,48

Fonte: Adaptada de Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (2011).

que se destacam nessas cidades envolvidos com a circulação global obedecem às articulações na escala internacional e, em grande parte, dependem das articulações estabelecidas nas escalas local e regional. Por isso, diferenciam-se entre as cidades e também, de certo modo, no contexto do estado de São Paulo.

### **Exportações e importações em Bauru: os circuitos da produção, os produtos, as empresas, a especialização e a circulação**

Na cidade de Bauru, não se caracteriza a especialização em um único ramo, no que concerne às exportações e às importações. Além disso, no conjunto da rede urbana do estado de São Paulo, Bauru pode ser vista como uma cidade média cuja produção não está entre as atividades econômicas de maior destaque nesse estado.

No que se refere aos produtos exportados por Bauru, há uma diversidade no universo apresentado na Tabela 42. Destacam-se produtos como barras de ferro e aço, acumuladores elétricos de chumbo, produtos gráficos como cadernos e livros de registros e contabilidade, gomas de mascar e doces como caramelos e confeitos, carnes e miudezas comestíveis de bovino, e plásticos no formato de utensílios para uso doméstico.

Tabela 42 – Bauru: principais produtos exportados – 2011

	<b>PRODUTOS</b>	<b>US\$ FOB</b>	<b>PART%</b>
1	Barras de ferro e aço	98.064.472	41,94
2	Acumuladores elétricos de chumbo	25.881.424	9,91
3	Gomas de mascar sem cacau revestidas de açúcar	16.444.690	7,03
4	Carnes desossadas de bovino frescas ou refrigeradas	12.741.703	5,45
5	Barras de ferro e aço	10.305.569	4,41
6	Carnes desossadas de bovino congeladas	9.906.197	4,24
7	Cadernos	6.087.675	2,60
8	Abacates frescos ou secos	5.274.359	2,26
9	Obras forjadas, estampadas, de ferro ou aço	4.357.681	1,86
10	Perfis de ferro e aço em L	4.075.355	1,74
11	Artigos de plástico de mesa e cozinha	3.857.419	1,65
12	Gomas de mascar sem açúcar	2.862.399	1,22
13	Caramelos, confeitos, pastilhas e produtos semelhantes sem açúcar	2.294.104	0,98
14	Barras de ferro e aço de seção transversal retangular	2.199.148	0,94
15	Motor elétrico de corrente alternada trifásico	2.133.327	0,91
16	Máquinas para trabalhar borracha e plástico	1.966.501	0,84
17	Livros de registro, de contabilidade e blocos de notas	1.614.960	0,69
18	Artigos de plástico para higiene	1.341.376	0,57
19	Pedras preciosas e semipreciosas	1.321.443	0,57
20	Recipientes de plástico para acumuladores elétricos	1.307.439	0,56
21	Tripas de bovinos, frescas, congeladas, salgadas e defumadas	1.261.325	0,54
22	Fusíveis e corta-circuitos de fusíveis	1.202.978	0,51
23	Partes de máquinas e aparelhos para preparar e fabricar alimentos	1.145.052	0,49
24	Miudezas comestíveis de bovino congeladas	1.091.937	0,47
25	Calçados	981.237	0,42
26	Barras de ferro e aço de seção circular	797.637	0,34
27	Partes de bombas para líquidos	796.666	0,34
28	Sementes, frutos e esporos para sementeira	725.525	0,31

Continua

Tabela 42 – *Continuação*

	<b>PRODUTOS</b>	<b>US\$ FOB</b>	<b>PART%</b>
29	Artigos e aparelhos de prótese dentária	604.787	0,26
30	Perfis de ferro e aço em L e T	541.331	0,23
31	Motor elétrico de corrente alternada trifásico	491.424	0,21
32	Tecidos impregnado revestido com poliuretano	450.929	0,19
33	Papéis de celulose revestidos, impregnados em rolos	441.098	0,19
34	Joalheria de ouro	426.483	0,18
35	Eletrobombas submersíveis	396.123	0,17
36	Perfis de ferro e aço de seção em U	378.866	0,16
37	Obras de madeira	319.250	0,14
38	Máquinas e aparelhos de impressão flexográfica	300.000	0,13
39	Tecido impregnado e revestido com policloreto de vinila	298.779	0,13
	Demais produtos	7.127.886	3,05

Fonte: Adaptada de Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (2011).

Podemos perceber que, embora haja uma diversidade nos tipos de produtos, confirmam-se a formação e o fortalecimento do circuito produtivo pautado em atividades econômicas que são complementares. Destacam-se, no valor exportado, barras de ferro e aço (1, 9, 10, 14, 26 e 30), bem como outros produtos também da metalurgia, tais como máquinas para a produção de borracha e plásticos (16) e máquinas para preparação de alimentos (23); manipulação de plásticos, principalmente de utensílios para uso doméstico e para higiene pessoal (11); e produção de recipientes de plástico para acumuladores elétricos (20), produto utilizado na produção destes por empresas presentes na cidade. Além deles, há ainda outros produtos de destaque, como abacates frescos ou secos (8), pedras preciosas/semibrutas (20), calçados (25) e tecido impregnado/revestido com poliuretano e policloreto de vinila (32 e 39).

Os itens que aparecem na Tabela 43 compõem a lista daqueles mais importados pela cidade de Bauru. Não somente são destinados à produção daquelas empresas que mais exportam, como

também confirmam, de modo geral, a formação de circuitos produtivos nessa cidade. Quando se observam os dados de importação, podemos perceber que os tipos de produtos mais comercializados pertencem aos ramos de maior destaque nessa cidade e àqueles produtos identificados na Tabela 43: preparações para a produção da goma de mascar e dos confeitos (1, 3, 5, 7, 12, 17, 23 e 34), chumbo, principalmente, e outros produtos para as indústrias de acumuladores elétricos para arranque de motor (4, 6, 9, 13, 20 e 36), além de máquinas e produtos que, direta ou indiretamente, servem aos principais ramos nessa cidade, como as máquinas para fabricá-los e outros itens (2, 13, 14, 16, 17, 21, 24, 28, 31 e 32).

Tabela 43 – Bauru: principais produtos importados – 2011

	<b>PRODUTOS</b>	<b>US\$ FOB</b>	<b>PART %</b>
1	Preparadores à base de borracha para fabricar gomas de mascar	21.440.734	13,93
2	Máquinas e aparelhos para empacotar e embalar mercadorias	18.393.188	11,95
3	Gomas de mascar sem açúcar	11.521.207	7,49
4	Formas brutas de chumbo refinado	6.556.242	4,26
5	Gomas de mascar sem cacau revestidas de açúcar	4.510.449	2,93
6	Formas brutas de chumbo	4.260.772	2,77
7	Preparações alimentícias	3.774.697	2,45
8	Vestuário e seus acessórios de plástico, incluindo luvas	3.439.584	2,24
9	Chumbo refinado eletrolítico em lingotes	2.761.770	1,79
10	Copolímeros de propileno em formas primárias	2.522.611	1,64
11	Partes e acessórios de tornos para metais	2.490.733	1,62
12	Misturas de matéria básica para indústria alimentar de bebidas	2.472.777	1,61
13	Chapas de polímero etileno	2.180.270	1,42
14	Aparelhos e dispositivos para modificar temperatura	2.150.885	1,40
15	Éteres e ésteres de açúcares e seus sais	2.096.137	1,36
16	Lâminas de ferro e aço revestidos de alumínio silício	1.976.804	1,28

*Continua*

Tabela 43 – *Continuação*

	<b>PRODUTOS</b>	<b>US\$ FOB</b>	<b>PART %</b>
17	Máquinas e aparelhos para indústrias de confeitaria	1.909.841	1,24
18	Tecido impregnado e revestido com poliuretano	1.661.475	1,08
19	Motores elétricos de corrente alternada monofásico	1.590.059	1,03
20	Trocadores, permutadores de calor, tubulares e metálicos	1.339.606	0,87
21	Aparelhos para filtrar ou depurar gases	1.337.029	0,87
22	Policloreto de vinila obtido em processo de emulsão	1.298.850	0,84
23	Mentol	1.278.367	0,83
24	Máquinas de moldar e vaziar para metalurgia	1.041.659	0,68
25	Cadernos	1.015.309	0,66
26	Óleo essencial de hortelã e pimenta	980.851	0,64
27	Malas, maletas e pastas de matérias têxteis	954.305	0,62
28	Máquinas e aparelhos mecânicos com função própria	942.366	0,61
29	Partes e acessórios de máquinas e ferramentas para aplainar	933.940	0,61
30	Papéis cuchê leves	928.970	0,60
31	Chapas de poliuretanos alveolares	926.927	0,60
32	Máquinas e aparelhos para brochura ou encadernação	875.323	0,57
33	Motor elétrico de corrente alternada trifásico	870.739	0,57
34	Bombons, caramelos, confeitos e pastilhas sem cacau	859.103	0,56
35	Papéis gofrados na face recoberta ou revestida	821.377	0,53
36	Chumbo com antimônio (predominante em forma bruta)	809.444	0,53
37	Amidas cíclicas, seus derivados e sais	776.545	0,50
38	Classificadores, capas para encadernação, de papel ou cartão	733.210	0,48
39	Papéis para escrita em rolos	725.294	0,47
40	Artigos de bolsos e bolsas de plástico e materiais têxteis	656.034	0,43
	Demais produtos	36.073.564	23,44

Fonte: Adaptada de Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (2011).

Os ramos e os produtos complementam-se formando os circuitos produtivos presentes na cidade de Bauru e, ao mesmo tempo, também ajudam a definir as funções e os papéis dessa cidade na rede urbana, com novas articulações, principalmente na escala global.

Fica clara, ainda, a articulação entre a cidade e a empresa, pois são elas as responsáveis pela definição dos circuitos produtivos. Trata-se daquelas empresas preexistentes na cidade que, ao se inserirem no mercado, acabam por atrair outras de mesmo ramo ou ramos complementares. No caso de Bauru, há maior diversidade na produção industrial, fruto da forte presença de empresas que atuam em ramos diferenciados e que são as mais representativas na cidade. Algumas se confundem com sua história e outras fazem parte do processo de abertura ao mercado global, tanto na comercialização como na inserção de lógicas próprias dessa escala.

Dentre as empresas que constam na Quadro 1 apresentado a seguir, as indústrias Tudor, Ajax, Plasútil e Mondelli surgem a partir de capitais locais e continuam a se caracterizar como tal, embora tenham aberto à participação no mercado de ações e títulos. As empresas CPA Ferro e Aço e a Tilibra S. A. também foram implantadas por iniciativas de empresários dessa cidade, entretanto foram adquiridas por grupos de atuação global, como veremos adiante. Ambos são grupos inseridos no mercado internacional, e a ArcelorMittal é o maior grupo metalúrgico em escala global. Dentre as empresas de destaque na cidade de Bauru, somente a Kraft Foods-Cadbury Brasil implantou-se na cidade por estratégias do grupo, quando adquiriu o espaço físico da antiga Q-Refresko que havia se consolidado no país na produção de refresco em pó.

O Grupo Ajax Ltda. atua em Bauru desde 1994, produzindo acumuladores elétricos, popularmente conhecidos como baterias para automóveis, além de contar com empresas de outros ramos como a construção civil, por meio de uma construtora, e fábrica de pré-moldados, descartáveis e confecções.

Quadro 1 – Bauru: exportação e países de destino – 2011 (em US\$)

ACUMULADORES AJAX LTDA.			
ACIMADOS 50 MILHÕES	ENTRE 10 E 50 MILHÕES	ENTRE 1 E 10 MILHÕES	ATÉ 1 MILHÃO
-	-	FRANÇA, PARAGUAIE URUGUAI	ÁFRICA DO SUL, CHILE, CUBA, ESPANHA, ITÁLIA E REPÚBLICA DOMINICANA
ARCELORMITTAL BRASIL S. A.			
ACIMADOS 50 MILHÕES	ENTRE 10 E 50 MILHÕES	ENTRE 1 E 10 MILHÕES	ATÉ 1 MILHÃO
BOLÍVIA	-	-	PARAGUAIE
CADBURY BRASIL INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE ALIMENTOS LTDA.			
ACIMADOS 50 MILHÕES	ENTRE 10 E 50 MILHÕES	ENTRE 1 E 10 MILHÕES	ATÉ 1 MILHÃO
-	-	ARGENTINA, PARAGUAIE URUGUAI	ANGOLA, CHILE, COLÔMBIA, COSTA RICA, ESPANHA, EQUADOR, ESTADOS UNIDOS E PERU
INDÚSTRIAS TUDOR SP DE BATERIAS LTDA.			
ACIMADOS 50 MILHÕES	ENTRE 10 E 50 MILHÕES	ENTRE 1 E 10 MILHÕES	ATÉ 1 MILHÃO
-	-	ÁFRICA DO SUL, ARGENTINA, CHILE E URUGUAI	BOLÍVIA, ITÁLIA E PARAGUAIE

Continua

Quadro 1 – Continuação

KRAFT FOODS BRASIL LTDA.		
ACIMA DOS 50 MILHÕES	ENTRE 10 E 50 MILHÕES	ENTRE 1 E 10 MILHÕES
-	-	ARGENTINA
		ATÉ 1 MILHÃO
		ANGOLA, CHILE, COLÔMBIA, EQUADOR, ESTADOS UNIDOS, PARAGUAI E PERU
MONDELLI INDÚSTRIA DE ALIMENTOS S. A.		
ACIMA DOS 50 MILHÕES	ENTRE 10 E 50 MILHÕES	ENTRE 1 E 10 MILHÕES
-	-	ARÁBIA SAUDITA, ARGÉLIA, CINGAPURA, FILIPINAS E HONG-KONG
		ANGOLA, EGITO, FRANÇA, ITÁLIA E PERU
PLASÚTIL – INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE PLÁSTICOS LTDA.		
ACIMA DOS 50 MILHÕES	ENTRE 10 E 50 MILHÕES	ENTRE 1 E 10 MILHÕES
-	-	ARGENTINA
		ATÉ 1 MILHÃO
		ANGOLA, BOLÍVIA, CHILE, COLÔMBIA, COSTA RICA, CUBA, EQUADOR, FRANÇA, MÉXICO, PARAGUAI, PERU, PORTO RICO, REINO UNIDO, REPÚBLICA DOMINICANA, URUGUAI E VENEZUELA.
TILIBRA PRODUTOS DE PAPELARIA LTDA.		
ACIMA DOS 50 MILHÕES	ENTRE 10 E 50 MILHÕES	ENTRE 1 E 10 MILHÕES
-	-	CHILE E PARAGUAI
		ATÉ 1 MILHÃO
		ARGENTINA, BOLÍVIA, CANADÁ, COLÔMBIA, COSTA RICA, EQUADOR, ESTADOS UNIDOS, MÉXICO, PERU, PORTO RICO, REPÚBLICA DOMINICANA, URUGUAI E VENEZUELA

Fonte: Adaptado de Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (2011).

Na produção de acumuladores, é uma das principais do país. Essa empresa exportou em 2011 para dez países. Somente três deles são da América do Sul, porém Paraguai e Uruguai estão entre os quatro que mais compraram, destacando-se no intervalo entre um e dez milhões de dólares, além da França. Os outros seis países listados no Quadro 2 compraram montantes equivalentes até um milhão de dólares. Os países para os quais essa empresa importou são praticamente os mesmos para os quais exportou, e a China e os Estados Unidos são os países que mais compraram num intervalo entre 1 e 10 milhões.

Outra empresa de destaque na cidade é a ArcelorMittal Brasil S. A., presente no país e em mais de 60 países. É o grupo que domina o setor siderúrgico no mundo. Em Bauru, adquiriu a Central Paulista de Distribuição de Aço (CPA) Ferro e Aço e atua como distribuidora desde as escalas local e regional até a internacional. A CPA-ArcelorMittal, unidade de Bauru, exportou em 2011 somente para dois países – Bolívia e Paraguai –, mas para o primeiro os valores passaram dos 50 milhões de dólares. Essa empresa não importou nenhum produto em 2011.

O Grupo Kraft Foods-Cadbury Brasil<sup>3</sup> atua em Bauru desde que a Kraft, estadunidense, adquiriu a Q-Refresko em 1993, empresa que era a líder no país na produção de bebidas em pó.<sup>4</sup> Em 2004, a Adams transferiu sua planta produtiva de São Paulo para Bauru, onde já funcionava a antiga Q-Refresko. A Kraft Foods e Cadbury Brasil, que, em Bauru, fazem parte da mesma planta produtiva, exportaram em 2011 para 12 países, sendo Argentina,

---

3 Embora nos quadros essas empresas apareçam separadamente, fazem parte de um mesmo grupo, por isso serão avaliadas conjuntamente.

4 Em 1996, a Kraft assumiu também o controle da Lacta S. A., tornando-se líder na produção de chocolates. Em 2010, a Kraft Foods adquire mundialmente todo o Grupo Cadbury, empresa que está presente no Brasil desde 1944, ainda com o nome de Adams. Até 1964, esta empresa pertencia à American Chicle Company. Em 1964, foi adquirida pela empresa Warner Lambert, e, em 1999, o Grupo Pfizer comprou esta última. Em 2003, a Adams passou a integrar a Cadbury.

Quadro 2 – Bauru: importação e países de origem – 2011 (em US\$)

ACUMULADORES AJAX LTDA.		
ACIMA DOS 50 MILHÕES	ENTRE 10 E 50 MILHÕES	ENTRE 1 E 10 MILHÕES
-	-	CHINA E ESTADOS UNIDOS
		EQUADOR, ESPANHA, HONG KONG, ITÁLIA, MÉXICO, REINO UNIDO E TAIWAN (FORMOSA)
ARCELORMITTAL BRASIL S. A.		
ACIMADOS 50 MILHÕES	ENTRE 10 E 50 MILHÕES	ENTRE 1 E 10 MILHÕES
-	-	-
		ATÉ 1 MILHÃO
CADBURY BRASIL INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE ALIMENTOS LTDA.		
ACIMADOS 50 MILHÕES	ENTRE 10 E 50 MILHÕES	ENTRE 1 E 10 MILHÕES
-	ARGENTINA	COLÔMBIA, ESTADOS UNIDOS, MÉXICO E PAÍSES BAIXOS (HOLANDA)
		ÁUSTRIA, CHINA, FRANÇA, ITÁLIA, JAPÃO, PARAGUAI, REINO UNIDO E TURQUIA
INDÚSTRIAS TUDOR SP DE BATERIAS LTDA.		
ACIMADOS 50 MILHÕES	ENTRE 10 E 50 MILHÕES	ENTRE 1 E 10 MILHÕES
-	-	ÁFRICA DO SUL, ARGENTINA E REINO UNIDO
		CHINA, ESTADOS UNIDOS, FINLÂNDIA, FRANÇA, ITÁLIA E TAIWAN (FORMOSA)

Continua

Quadro 2 – Continuação

KRAFT FOODS BRASIL LTDA.		
ACIMADOS 50 MILHÕES	ENTRE 10 E 50 MILHÕES	ENTRE 1 E 10 MILHÕES
-	-	ARGENTINA, COLÔMBIA, ESTADOS UNIDOS, ITÁLIA, MÉXICO E PAÍSES BAIXOS (HOLANDA)
		ATÉ 1 MILHÃO
		FRANÇA, IRLANDA, PARAGUAI, REINO UNIDO E TURQUIA
MONDELLI INDÚSTRIA DE ALIMENTOS S. A.		
ACIMADOS 50 MILHÕES	ENTRE 10 E 50 MILHÕES	ENTRE 1 E 10 MILHÕES
-	-	-
		ATÉ 1 MILHÃO
		ESTADOS UNIDOS
PLASÚTIL – INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE PLÁSTICOS LTDA.		
ACIMADOS 50 MILHÕES	ENTRE 10 E 50 MILHÕES	ENTRE 1 E 10 MILHÕES
-	-	REPÚBLICA DA COREIA (DO SUL) E ESPANHA
		CHINA, ESTADOS UNIDOS, ITÁLIA, JAPÃO, PORTUGAL, TAIWAN (FORMOSA) E TURQUIA
		ATÉ 1 MILHÃO
TILIBRA PRODUTOS DE PAPELARIA LTDA.		
ACIMADOS 50 MILHÕES	ENTRE 10 E 50 MILHÕES	ENTRE 1 E 10 MILHÕES
-	-	CHINA
		ARGENTINA, ESPANHA, ESTADOS UNIDOS, FRANÇA, HONG KONG, ITÁLIA, JAPÃO, MÉXICO, PAÍSES BAIXOS (HOLANDA), REINO UNIDO, TAIWAN (FORMOSA), TURQUIA E URUGUAI
		ATÉ 1 MILHÃO

Fonte: Adaptado de Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (2011).

Paraguai e Uruguai os principais compradores. Também aparecem Estados Unidos e países da América Central, como Costa Rica, e da África, como Angola. No que se refere às importações, os países de maior destaque são Argentina, no intervalo entre 10 e 50 milhões de dólares, Estados Unidos, México, Holanda e Colômbia, no intervalo de 1 a 10 milhões, entre outros que podemos observar no Quadro 2, num total de 14 países.

Outra empresa de relevância em Bauru é as Indústrias Tudor SP de Baterias Ltda., fundada em 1993 por um grupo de empresários brasileiros. Atualmente, possui duas plantas produtivas, uma em Bauru e outra em Governador Valadares (MG). A Indústrias Tudor SP de Baterias Ltda. e a Ajax Ltda. produzem acumuladores elétricos de chumbo para arranque de motor. A Tudor exportou para sete países, dos quais cinco são da América do Sul (Argentina, Bolívia, Chile, Paraguai e Uruguai), estando, ainda, a África do Sul entre os maiores compradores no intervalo entre 1 e 10 milhões. No que se refere às importações, essa empresa estabeleceu negociações com nove países. Destacam-se Argentina, África do Sul e Reino Unido como os três países que mais venderam produtos para essa empresa.

A empresa Mondelli Indústria de Alimentos S. A. também se destacou entre aquelas que mais exportaram a partir da cidade de Bauru. Iniciou-se como uma fábrica pequena que produzia linguiça e, em 1978, inaugurou seu primeiro matadouro, constituindo-se, então, como um frigorífico. Em 1988, já conquistada ampla distribuição no território brasileiro, inicia a comercialização com o mercado externo e, em 1993, inaugura sua produção de embutidos. Exportou em 2011 para nove países, dos quais Arábia Saudita, Argélia, Cingapura, Filipinas e Hong Kong são os principais compradores, chegando ao intervalo de 1 a 10 milhões. No caso dessa empresa, dada a natureza de produtos como a carne, que tem o Brasil como um grande produtor, a importação é baixa. Ocorreu em 2011 somente dos Estados Unidos, abaixo de um milhão.

Em 2011, também se destacou em Bauru a produção de plásticos no formato de utensílios para uso doméstico, por conta da atuação da Plasútil Indústria e Comércio de Plásticos Ltda., fundada em 1998 por um grupo de empresários bauruense, e, atualmente, uma das mais importantes do ramo no país. Além da destacável importância em território e mercado nacionais, essa empresa exportou em 2011 para 17 países, dos quais nove são da América do Sul, e o maior comprador foi a Argentina no intervalo entre 1 e 10 milhões. No que tange às importações, foi menor o número de países, com destaque para a República da Coreia do Sul e Espanha, no intervalo de 1 a 10 milhões, bem como outros países no intervalo de até 1 milhão, como é possível observar no Quadro 2.

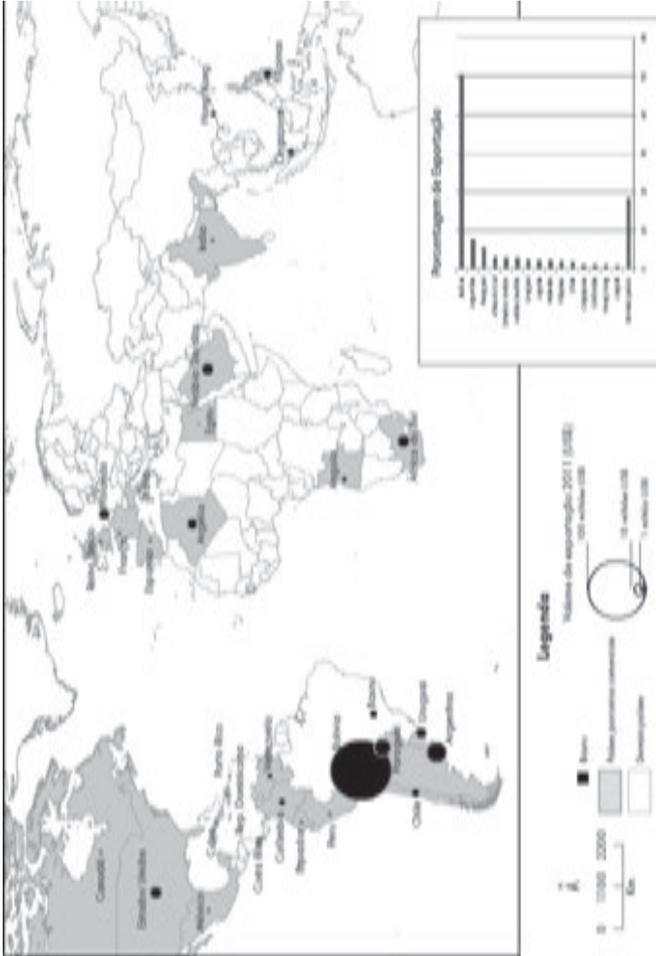
Outra atividade econômica que se destaca em Bauru é o setor gráfico, cujo maior representante é a Empresa Tilibra Produtos de Papelaria, fundada na década de 1920 como uma papelaria. Na década de 1940, passou a produzir materiais escolares e de escritório. A partir de década de 1980, estabeleceu acordos com grandes marcas para a produção e comercialização de seus produtos. Na década de 1990, entra para o *ranking* de grandes marcas da revista *Exame* e, até 2004, foi de capital local. Manteve sua gestão e capital como empresa familiar até 2004, quando a maior parte das ações foi adquirida pelo Grupo Meadwestvaco (MWV) de capital estadunidense. Essa empresa exportou em 2011 para 15 países, sendo nove deles da América do Sul, tendo Paraguai e Chile como os maiores compradores no intervalo entre 1 e 10 milhões. Aparecem ainda Estados Unidos e alguns países da América Central. É também uma empresa importadora e de maior destaque na cidade, comprando em 2011 de 13 países, além de Hong Kong, sendo a China o principal fornecedor no intervalo entre 1 e 10 milhões. É interessante notar que aparece somente um país da América do Sul – Uruguai – como fornecedor de produtos a essa atividade econômica.

O cenário configurado pelas negociações no mercado global por parte das principais empresas industriais de Bauru pode ser visua-

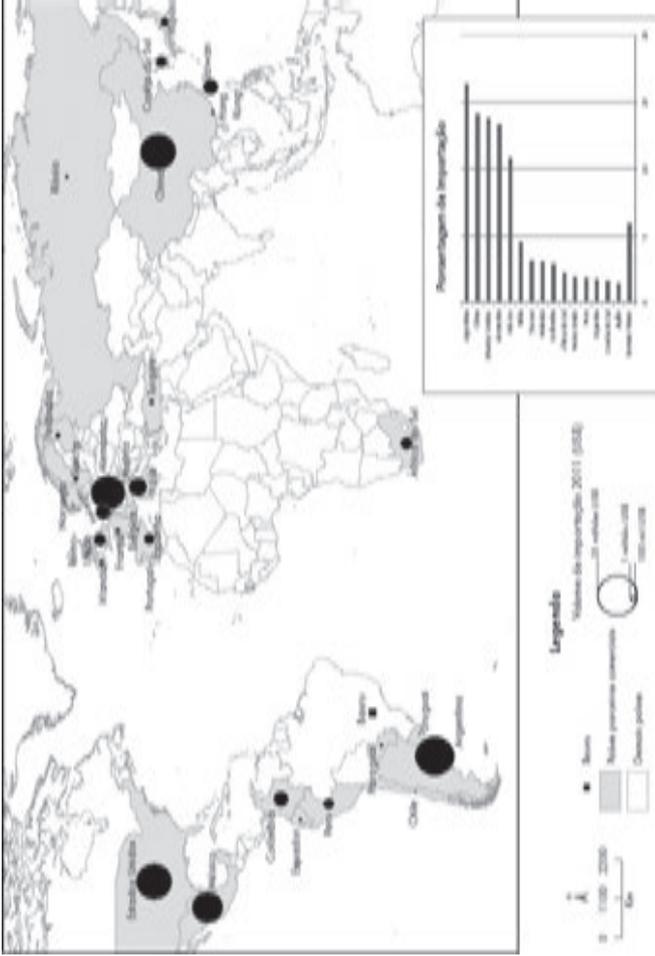
lizados nos mapas 11 e 12, nos quais podemos observar o universo das relações estabelecidas por meio das exportações e importações em Bauru no ano de 2011 e o conjunto de países com os quais as empresas dessa cidade estabeleceram negociações.

Destaca-se, nas exportações, a Bolívia, cujo montante comprado foi de 50,44% do total exportado. Ressalta-se ainda, no Mapa 11, a Argentina que comprou 7,87% da produção total e o Paraguai que comprou 5,78%. Os outros países também são de grande relevância para nossa análise, levando em consideração a diversificação das interações espaciais, tendo em vista o número de países com os quais as empresas presentes em Bauru estabeleceram acordos comerciais internacionais.

No Mapa 12, podemos perceber que, no caso das importações, as interações espaciais foram um pouco mais destacadas com um grupo de cinco países (Argentina, China, Estados Unidos, Alemanha e México), nos quais as empresas localizadas em Bauru buscaram produtos para sua produção. De maneira geral, tanto nas exportações como nas importações, as empresas presentes na cidade de Bauru mantiveram relações comerciais com um mesmo grupo de países. Entretanto, no caso das importações, o montante foi mais distribuído entre os países destacados no Mapa 12, principalmente os cinco já citados. Os do continente europeu destacaram-se mais nas importações na balança comercial de Marília, além de China e Rússia que não mantiveram relações comerciais com as empresas presentes nessa cidade.



Mapa 11 – Baurur: exportação e países de destino – 2011 (em US\$)  
 Fonte: Seceex/Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (2011). Organização dos dados: Márcio José Catalan e Rafael Catão. Elaboração dos mapas: Rafael Catão.



Mapa 12 – Bauru: importação e países de origem – 2011 (em US\$)  
Fonte: Secex/Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (2011). Organização dos dados: Márcio José Catelan e Rafael Catão. Elaboração dos mapas: Rafael Catão.

## Exportações e importações em Marília: os circuitos da produção, os produtos, as empresas, a especialização e a circulação

Em Marília, ao observarmos a Tabela 44, percebemos claramente a especialização do circuito produtivo no setor alimentício. Ressaltam-se, em valores exportados, produtos à base de chocolate (1, 4, 7, 8, 12, 15, 20 e 24), com diversificação em espécie; produtos como as bolachas, biscoitos, *wafers* e *waffles* (2, 5 e 11) também estão entre aqueles que mais são comercializados no universo da internacionalização da produção e da distribuição; e, confirmando a especialização nesse setor, aparecem ainda outros produtos de destaque, como os amendoins e as frutas e sementes em conserva (3 e 9).

Entretanto, essa tabela também mostra que há produção e comercialização internacional de produtos que, embora não sejam de grande monta em valores arrecadados, demonstram que a cidade de Marília também vem produzindo, em menor escala, pelo menos no que tange ao mercado internacional, produtos diferentes daqueles do setor alimentício. Destacam-se a produção e a exportação de máquinas e aparelhos mecânicos para a indústria (13, 16, 26, 27 e 29) e a manipulação de cortes de madeiras (6, 10, 14 e 34). Além destes, também podemos observar uma variedade de produtos que vêm sendo comercializados em menor quantidade, como gomas de mascar, café, artigos em cerâmica etc.

No que se refere à importação de produtos para a produção industrial, conforme a Tabela 45, destacam-se produtos utilizados na indústria de bebidas como frascos de vidro e plástico (1), aparelhos para a preparação delas (5 e 17) e peixes congelados (2, 3, 9, 21, 35 e 38). Quanto aos produtos utilizados na produção industrial dos alimentos de destaque nessa cidade, aparecem castanhas em geral (7, 19 e 27), gorduras vegetais e óleos hidrogenados (12), materiais proteicos e derivados (36) e frutas congeladas preparadas (34). Um fator que explica a baixa taxa de importação exatamente na ati-

vidade econômica que mais se destaca nessa cidade refere-se ao fato de a maior parte da matéria-prima ser produzida no Brasil e, principalmente, em âmbito regional, como é o caso da produção de amendoim.

Diversos outros produtos ainda se destacam, como as máquinas utilizadas para panificação (4), embalagem de mercadorias (8), manipulação de vidro em temperatura fria (18), punção e chanfradura de metais (24), elevação de carga e descarga (30), além de outros produtos que podemos observar na Tabela 45.

Tabela 44 – Marília: principais produtos exportados – 2011

	PRODUTOS	US\$ FOB	PART %
1	Bombons, caramelos, confeitos e pastilhas sem cacau	10.751.671	32,32
2	Bolachas e biscoito adicionados de edulcorantes	4.463.140	13,42
3	Amendoins preparados ou conservados	2.993.306	9,00
4	Chocolates e preparações alimentícias contendo cacau	2.865.804	8,62
5	<i>Waffles e wafers</i>	2.753.410	8,28
6	Madeiras serradas e cortadas em folhas	1.330.675	4,00
7	Preparações alimentícias com cacau recheadas em tabletes	1.236.866	3,72
8	Outros produtos de confeitaria sem cacau	1.183.722	3,56
9	Frutas de casca rija	958.617	2,88
10	Madeira de cerejeira serrada	736.423	2,21
11	Bolachas	730.535	2,20
12	Chocolate não recheados em tabletes em barras e paus	414.331	1,25
13	Partes de aparelhos mecânicos para projetar	341.668	1,03
14	Madeira de cedro serrada e cortada em folhas	309.618	0,93
15	Chocolate branco sem cacau	250.602	0,75
16	Máquinas para aglomerar e moldar combustíveis de minérios sólidos	186.948	0,56

*Continua*

Tabela 44 – *Continuação*

	<b>PRODUTOS</b>	<b>US\$ FOB</b>	<b>PART %</b>
17	Porta-peças para outras máquinas e ferramentas	163.911	0,49
18	Aparelhos com motores elétricos	137.351	0,41
19	Aparelhos manuais para projetar e produtos de combate a pragas	121.237	0,36
20	Preparações alimentícias sem cacau em blocos e barras	96.517	0,29
21	Gomas de mascar sem cacau revestidas de açúcar	91.478	0,28
22	Torradas, pão torrado e produtos semelhantes torrados	89.873	0,27
23	Obras de couro natural ou reconstituído	74.463	0,22
24	Chocolates recheado em tabletes, barras e paus	64.166	0,19
25	Instrumentos, aparelhos e modelos para demonstração e ensino	62.690	0,19
26	Partes de máquinas e aparelhos mecânicos com função própria	62.476	0,19
27	Prensas hidráulicas para metais	56.073	0,17
28	Artefatos domésticos de ferro fundido, ferro e aço	53.342	0,16
29	Máquinas e aparelhos para debulha	46.186	0,14
30	Guinchos e cabrestantes	42.937	0,13
31	Aparelhos para cozinhar e aquecer pratos a combustão sólidos	36.762	0,11
32	Obras de plásticos	34.104	0,10
33	Café torrado não descafeinado	32.566	0,10
34	Madeiras tropicais serradas e cortadas	32.270	0,10
35	Artigos semelhantes a caixas e engradados de plástico	30.026	0,09
36	Aparelhos e artefatos de cerâmica para uso químico-técnico	27.663	0,08
37	Máquinas e aparelhos para agricultura e horticultura	26.130	0,08
38	Macacos hidráulicos	24.790	0,07
39	Tubos de plástico	24.393	0,07
40	Obras forjadas estampadas de ferro ou aço	24.245	0,07
	Demais produtos	299.632	0,90

Fonte: Adaptada de Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (2011).

Tabela 45 – Marília: principais produtos importados – 2011

	PRODUTOS	US\$ FOB	PART%
1	Garrações, garrafas, frascos e artigos semelhantes de plástico	9.923.810	19,33
2	Filé de merluza congelado	7.502.409	14,62
3	Outros filés congelados de peixes	4.544.236	8,85
4	Máquinas e aparelhos para indústria de panificação e pastelaria	3.483.891	6,79
5	Aparelhos e dispositivos para preparação de bebidas quentes	3.322.438	6,47
6	Alhos frescos ou refrigerados	3.019.600	5,88
7	Avelãs frescas ou secas sem casca	2.954.367	5,76
8	Máquinas e aparelhos para empacotar e embalar mercadorias	2.433.329	4,74
9	Tubarões azuis congelados em pedaços sem pele	1.507.303	2,94
10	Pneus novos para automóveis de passageiros	1.312.514	2,56
11	Reagentes de diagnósticos de laboratório	1.143.995	2,23
12	Gorduras e óleos vegetais	1.038.975	2,02
13	Máquinas para limpeza e seleção de grãos	603.201	1,18
14	Artigos e aparelhos ortopédicos	477.342	0,93
15	Pneus novos de borracha	413.989	0,81
16	Empilhadeiras para movimento de carga com dispositivo de elevação	380.126	0,74
17	Partes de aparelhos e dispositivos para preparar bebidas quentes	336.836	0,66
18	Máquinas para trabalhar vidro a frio	334.902	0,65
19	Amêndoas secas ou frescas sem casca	333.238	0,65
20	Complementos alimentares	273.198	0,53
21	Curimatãs e peixes congelados, exceto filés	261.800	0,51
22	Serviços de mesas e artigos de plástico de mesa e cozinha	259.194	0,50
23	Farinha de trigo	250.497	0,49
24	Máquinas e ferramentas com comando numérico para puncionar e chanfrar metais	246.232	0,48
25	Caixotes, caixas, engradados e barricas de madeira	241.193	0,47
26	Obras de ferro ou aço	237.788	0,46
27	Grãos de amendoins descascados não cozidos e não torrados	235.500	0,46

Continua

Tabela 45 – *Continuação*

	<b>PRODUTOS</b>	<b>US\$ FOB</b>	<b>PART%</b>
28	Partes de reboques e semirreboques	181.496	0,35
29	Rodas e partes e acessórios de rodas para veículos automóveis	148.163	0,29
30	Máquinas e aparelhos de elevação de carga e descarga	141.721	0,28
31	Cromatógrafos de fase líquida	137.109	0,27
32	Meios de cultura para desenvolvimento de micro-organismos	134.721	0,26
33	Outras chapas	126.081	0,25
34	Morangos congelados não cozidos e cozidos a vapor d'água	125.691	0,24
35	Piaus e peixes congelados, exceto filés	121.950	0,24
36	Materiais proteicos seus derivados e pó de peles	120.004	0,23
37	Distribuidores de conexões para redes	119.552	0,23
38	Filés de tubarões-azuis congelados	113.758	0,22
39	Aparelhos de raios X para radiografia	112.890	0,22
40	Rodízios com armação de metais comuns	101.061	0,20
	Demais produtos	2.571.769	5,01

Fonte: Adaptada de Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (2011).

Em Marília, é clara a especialização no setor alimentício, e isso não difere no que se refere à balança comercial dessa cidade. Tanto para as exportações como para as importações, há a mesma especialização. Destacam-se, nessa cidade, cinco empresas de maior participação na balança comercial, como podemos observar nos quadros 3 e 4.

Uma delas é a empresa Bell S. A. Chocolates, fundada por um empresário de Marília em 1976. Em 1984, sua planta produtiva foi transferida para uma instalação maior, onde vem ampliando sua produção e desenvolvendo sua tecnologia. Exportou em 2011 para 12 países, sendo a metade da América do Sul, além da África do Sul, Arábia Saudita, Austrália, Cuba, Estados Unidos e Panamá. No que se refere às importações, essa empresa comprou apenas de três países: Itália, Holanda e Malásia. Tanto o montante de comercialização nas exportações como o das importações estão no intervalo de até 1 milhão de dólares.

Quadro 3 – Marília: exportação e países de destino – 2011 (em US\$)

<b>BEL S. A.</b>			
<b>ACIMA DOS 50 MILHÕES</b>	<b>ENTRE 10 E 50 MILHÕES</b>	<b>ENTRE 1 E 10 MILHÕES</b>	
-	-	-	<b>ATÉ 1 MILHÃO</b>  ÁFRICA DO SUL, ARÁBIA SAUDITA, ARGENTINA, AUSTRÁLIA, CHILE, COLÔMBIA, CUBA, ESTADOS UNIDOS, PANAMÁ, PERU, URUGUAIE VENEZUELA
<b>CARINO INGREDIENTES LTDA.</b>			
<b>ACIMA DOS 50 MILHÕES</b>	<b>ENTRE 10 E 50 MILHÕES</b>	<b>ENTRE 1 E 10 MILHÕES</b>	
-	-	VENEZUELA	<b>ATÉ 1 MILHÃO</b>  ARGENTINA, CHILE, MÉXICO E PERU
<b>DORI ALIMENTOS LTDA.</b>			
<b>ACIMA DOS 50 MILHÕES</b>	<b>ENTRE 10 E 50 MILHÕES</b>	<b>ENTRE 1 E 10 MILHÕES</b>	
-	-	CANADÁ, ESTADOS UNIDOS E URUGUAI	<b>ATÉ 1 MILHÃO</b>  ÁFRICA DO SUL, ANGOLA, ARGENTINA, AUSTRÁLIA, BOLÍVIA, CHILE, COLÔMBIA, CUBA, ISRAEL, JAMAICA, PANAMÁ, PORTO RICO, REPÚBLICA DOMINICANA, SURINAME E VENEZUELA

Continua

Quadro 3 – Continuação

MANIBOM ALIMENTOS LTDA.			
ACIMA DOS 50 MILHÕES	ENTRE 10 E 50 MILHÕES	ENTRE 1 E 10 MILHÕES	ATÉ 1 MILHÃO
-	-	PERU	ARGENTINA, JAMAICA E MÉXICO
MARILAN ALIMENTOS S. A.			
ACIMA DOS 50 MILHÕES	ENTRE 10 E 50 MILHÕES	ENTRE 1 E 10 MILHÕES	ATÉ 1 MILHÃO
-	-	ANGOLA	ÁFRICA DO SUL, ARGENTINA, AUSTRÁLIA, BOLÍVIA, CHILE, COLÔMBIA, COSTA RICA, CUBA, ESTADOS UNIDOS, HAITI, ISRAEL, JAPÃO, KWAIT, LÍBIA, MÉXICO, MOÇAMBIQUE, PANAMÁ, PARAGUAI, PORTUGAL, REPÚBLICA DOMINICANA, SURINAME, URUGUAIE VENEZUELA

Fonte: Adaptado de Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (2011).

Quadro 4 – Marília: importação e países de origem – 2011 (em US\$)

<b>BEL S. A.</b>			
ACIMA DOS 50 MILHÕES	ENTRE 10 E 50 MILHÕES	ENTRE 1 E 10 MILHÕES	ATÉ 1 MILHÃO
–	–	–	ITÁLIA, MALÁSIA E PAÍSES BAIXOS (HOLANDA)
<b>CARINO INGREDIENTES LTDA.</b>			
ACIMA DOS 50 MILHÕES	ENTRE 10 E 50 MILHÕES	ENTRE 1 E 10 MILHÕES	ATÉ 1 MILHÃO
–	–	TURQUIA	ARGENTINA, CHILE E ESTADOS UNIDOS
<b>DORI ALIMENTOS LTDA.</b>			
ACIMA DOS 50 MILHÕES	ENTRE 10 E 50 MILHÕES	ENTRE 1 E 10 MILHÕES	ATÉ 1 MILHÃO
–	–	–	ARGENTINA, ESTADOS UNIDOS, FRANÇA E TURQUIA
<b>MANIBOM ALIMENTOS LTDA.</b>			
ACIMA DOS 50 MILHÕES	ENTRE 10 E 50 MILHÕES	ENTRE 1 E 10 MILHÕES	ATÉ 1 MILHÃO
–	–	–	BÉLGICA, ESTADOS UNIDOS E TURQUIA
<b>MARILAN ALIMENTOS S. A.</b>			
ACIMA DOS 50 MILHÕES	ENTRE 10 E 50 MILHÕES	ENTRE 1 E 10 MILHÕES	ATÉ 1 MILHÃO
–	–	–	ARGENTINA, FRANÇA E PAÍSES BAIXOS (HOLANDA)

Fonte: Adaptado de Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (2011).

O Grupo Carino Ingredientes Ltda. também se destaca no ramo alimentício. Fundado em 1993 por empreendedores oriundos da indústria de alimentos, é especializado no fornecimento de ingredientes para os segmentos de chocolates, sorvetes, biscoitos, cereais, bebidas, confeitos e *snacks*. Considera a localização em Marília como estratégica no estado de São Paulo, tendo em vista que a cidade é um polo de alimentos que necessita de seus ingredientes, além da produção agrícola regional de amendoins e açúcar. Estabelece parcerias também com grandes empresas alimentícias do Brasil e do mundo, tais como Nestlé, Kraft Foods, Unilever, Hershey's, Arcor, Danone, Dr. Oetker e McDonald's. Essa empresa exportou, em 2011, para cinco países, dos quais quatro são da América do Sul. A distribuição é maior para a Venezuela, no intervalo entre 1 e 10 milhões. As importações vieram da Turquia, no intervalo entre 1 e 10 milhões de dólares, e da Argentina, do Chile e dos Estados Unidos, com montantes gastos de até 1 milhão de dólares.

Faz parte desse grupo a empresa Manibom Alimentos, especializada na seleção, torrefação e processamento de amendoins e *nuts*. Essa empresa exportou para quatro países: Peru, no intervalo entre 1 e 10 milhões, e Argentina, Jamaica e México, com valores de até 1 milhão de dólares. As negociações de importações deram-se com três países – Bélgica, Estados Unidos e Turquia –, todas no intervalo de até 1 milhão.

A Dori Alimentos Ltda. é outra empresa de grande relevância na produção industrial desse ramo na cidade Marília. Fundada em 1967, passou a ser uma empresa limitada em 1982. Possui a matriz, uma filial cerealista e um centro de distribuição, todos localizados em Marília, além de duas filiais – em Rolândia (PR) e Fortaleza (CE). Além destas, mantém filiais comerciais em várias cidades no país. Exportou em 2011 para 18 países, dentre os quais Canadá, Estados Unidos e Uruguai que estão no intervalo entre 1 e 10 milhões. É destacável o número de países para onde essa empresa exporta sua produção. No que se refere à importação, essa empresa importou apenas de quatro países, sendo muito inferior às exportações.

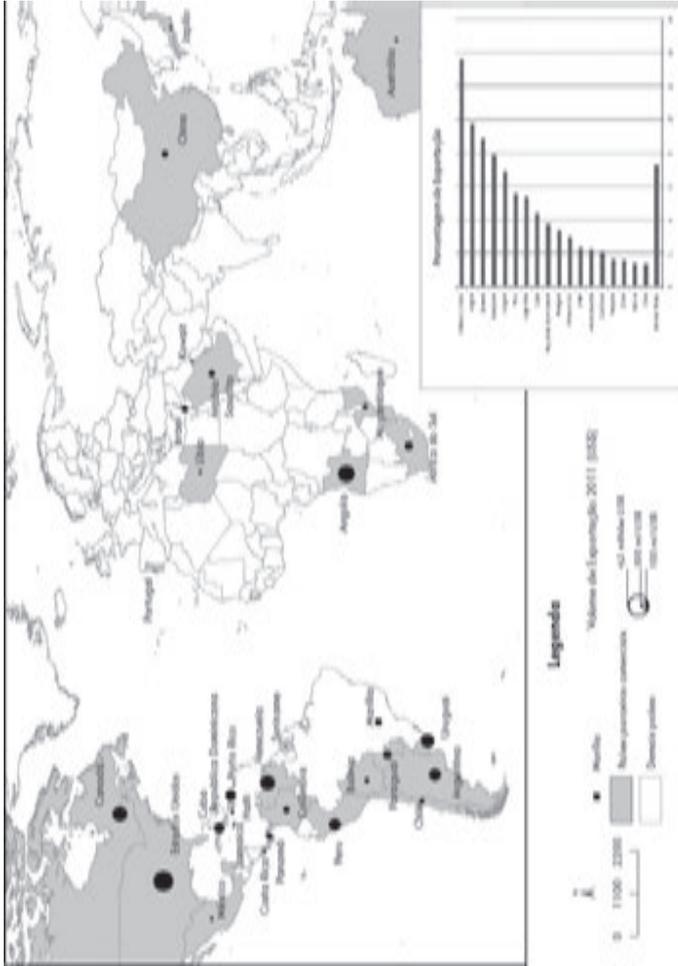
Os países que fornecem os produtos necessários a essa empresa são Argentina, Estados Unidos, França e Turquia, todos no intervalo de até 1 milhão.

Outra empresa de importância é a Marilan Alimentos S. A., fundada em 1957 por um empresário de Marília. Além da matriz nessa cidade, a Marilan possui centros de distribuição e nove gerências regionais nas cidades de Ananindeua (PA), Brasília (DF), Goiânia (GO), Osasco (SP), Paulista e Recife (PE), Rondonópolis (MT), Salvador e Vitória da Conquista (BA). Em 2011, exportou para 24 países, dos quais sete fazem parte da América do Sul. O país para o qual mais exportou foi Angola, no intervalo de 1 a 10 milhões. Assim como a empresa anterior, importou de poucos, apenas três países, que são Argentina, Holanda e França.

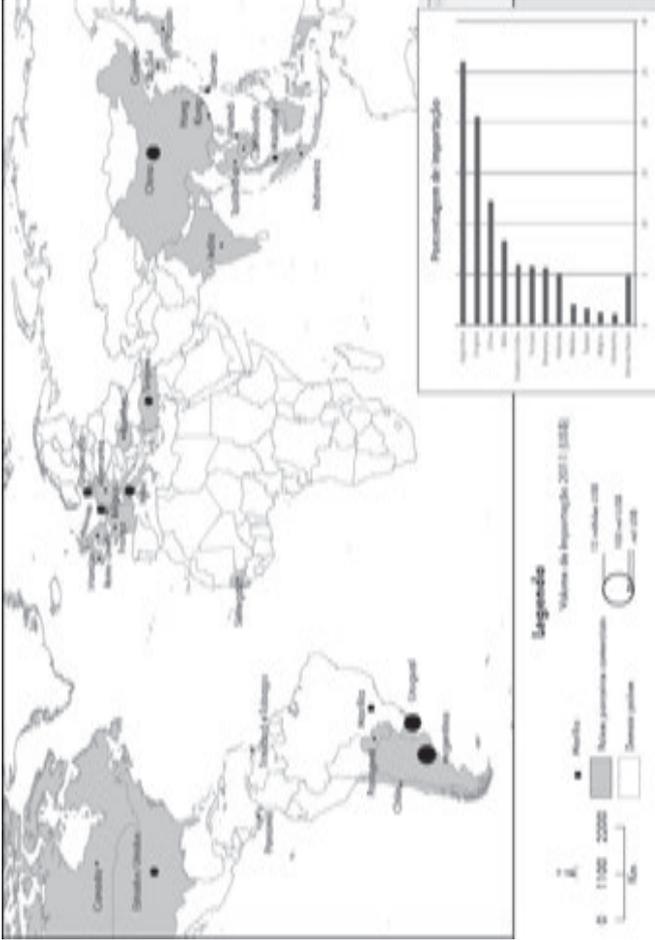
Essas principais empresas e também outras de menor potencial produtivo têm exportado, como podemos observar no Mapa 13, para muitos países, com destaque para cinco deles, para os quais elas destinaram um pouco mais de 50% da produção comercializada internacionalmente em 2011.

No que tange às importações, Argentina, Uruguai e China foram os países com os quais as empresas de Marília buscaram produtos para a sua produção, dos quais vieram mais de 50% dos produtos, como vemos Mapa 14. Podemos ainda observar a diversidade de países que mantiveram negociações e interações no mercado internacional com essa cidade.

Ao compararmos os mapas, ressaltam os países que foram apenas compradores, como é o caso dos países da América Central e do continente africano, em contrapartida daqueles que tanto venderam sua produção industrializada de bens e itens que compõem uma linha de produção industrial, no caso de Marília, principalmente, a preparação de alimentos como biscoitos, bolachas, chocolates etc., como compraram a produção das empresas presentes nessa cidade, como China, Estados Unidos e países da América do Sul, embora estes últimos, sobretudo, Paraguai e Uruguai, tenham importado uma quantia bem superior às suas exportações com essa cidade.



Mapa 13 – Marília: exportação e países de destino – 2011 (em US\$)  
 Fonte: adaptado de Secex/Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (2011).



Mapa 14 – Marília: importação e países de origem – 2011 (em US\$)

Fonte: adaptado de Seceex/Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (2011). Organização dos dados: Márcio José Catelan e Rafael Catão. Elaboração do mapa: Rafael Catão.

## Exportações e importações em São José do Rio Preto: os circuitos da produção, os produtos, as empresas, a especialização e a circulação

Em São José do Rio Preto, de acordo com a Tabela 46, podemos observar os valores arrecadados com a exportação dos produtos que mais foram comercializados: as carnes e miudezas comestíveis de bovino, suíno e aves, e produtos originados a partir do abate destes animais, como o couro, são aqueles que mais aparecem tanto em valores como em variedade de produtos (1, 4, 5, 8, 10, 11, 12 e 19); os artigos e aparelhos ortopédicos (2); as mudas de plantas, principalmente as ornamentais (3 e 18); além dos aparelhos e equipamentos de saúde, principalmente cardiológicos (7, 14, 16, 22, 23, 27 e 29). Como podemos perceber, ainda há uma série de produtos de diversos ramos que foram exportados a partir dessa cidade.

Tabela 46 – São José do Rio Preto: principais produtos exportados – 2011

	PRODUTOS	US\$ FOB	PART%
1	Miudezas comestíveis de bovino congeladas	6.778.446	36,99
2	Artigos e aparelhos ortopédicos	2.267.707	12,37
3	Mudas de plantas ornamentais	1.730.939	9,44
4	Miudezas comestíveis de suíno congeladas	828.355	4,52
5	Tripas de bovinos frescas, congeladas, defumadas e salgadas	783.025	4,27
6	Móveis de madeira para quartos de dormir	502.348	2,74
7	Instrumentos e aparelhos para transfusão de sangue	444.411	2,42
8	Línguas de bovino congeladas	400.545	2,19
9	Motores elétricos de corrente contínua	360.865	1,97
10	Pedaços e miudezas comestíveis de frango congelados	327.423	1,79
11	Tripas de suínos frescas, congeladas, salgadas e defumadas	275.721	1,50
12	Couro e peles de bovinos	246.099	1,34
13	Móveis de madeira	242.848	1,33
14	Válvulas cardíacas	226.246	1,23

*Continua*

Tabela 46 – *Continuação*

	<b>PRODUTOS</b>	<b>US\$ FOB</b>	<b>PART%</b>
15	Máquinas e aparelhos para trabalhar borracha e plástico	215.200	1,17
16	Válvulas redutoras de pressão	205.027	1,12
17	Aparelhos para filtrar ou depurar água	195.690	1,07
18	Bulbos, tubérculos, vegetação em flor e muda de chicória	156.747	0,86
19	Produtos de origem animal impróprios para consumo humano	156.419	0,85
20	Fogos de artifício	156.124	0,85
21	Reservatórios de ferro e aço	133.000	0,73
22	Cateter tipo balão	123.500	0,67
23	Sondas, cateteres e cânulas	108.013	0,59
24	Carroçarias para automóveis	91.350	0,50
25	Máquinas operadas por <i>laser</i>	77.911	0,43
26	Lustres e aparelhos elétricos de metal comum para parede e teto	71.662	0,39
27	Instrumentos e aparelhos para medida e controle da pressão	67.984	0,37
28	Aparelhos elétricos de iluminação de outros materiais	63.467	0,35
29	Instrumentos e aparelhos para medicina e cirurgia	56.098	0,31
30	Quadros com interruptores e circuitos elétricos	55.800	0,30
31	Ventiladores	52.080	0,28
32	Aparelhos de cobre para cozinhar e aquecer	51.595	0,28
33	Partes de bombas para líquidos	45.334	0,25
34	Partes de torneiras e outros dispositivos para canalizações	43.671	0,24
35	Partes de máquinas e aparelhos mecânicos com função própria	40.900	0,22
36	Colchões	36.461	0,20
37	Colchões de borracha e plástico	32.078	0,18
38	Móveis de madeira para cozinhas	30.872	0,17
39	Obras de plásticos	30.586	0,17
40	Farinhas, sêmolas e pós de sagu, de raízes e tubérculos	29.383	0,16
	Demais produtos	584.904	3,19

Fonte: Adaptada de Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (2011).

Tabela 47 – São José do Rio Preto: principais produtos importados – 2011

	<b>PRODUTOS</b>	<b>US\$ FOB</b>	<b>PART%</b>
1	Construções, chapas e barras de alumínio	7.000.718	14,46
2	Máquinas e ferramentas para corte de chapa de metal	3.748.928	7,74
3	Fluoreto de hidrogênio (ácido fluorídrico)	1.759.762	3,63
4	Chapas e tiras de ligas de alumínio	1.746.253	3,61
5	Partes de reboques e semirreboques	1.622.363	3,35
6	Máquinas e aparelhos mecânicos com função própria	1.299.209	2,68
7	Armações de metal comuns para óculos	970.852	2,01
8	Tubo capilar semipermeável de polipropileno para hemodiálise	962.148	1,99
9	Macacos manuais	831.196	1,72
10	Câmeras de TV com três ou mais captadores de imagem	797.585	1,65
11	Máquinas e ferramentas para cisalhar metais com comando numérico	745.763	1,54
12	Moldes para moldagem de borracha e plástico	715.332	1,48
13	Papéis e cartões para escrita	698.278	1,44
14	Máquinas e ferramentas para arquear e enrolar metais com comando numérico	694.574	1,43
15	Partes de aparelhos para filtrar ou depurar líquidos	643.477	1,33
16	Aparelhos de raios X para uso médico, cirúrgico e veterinário	628.032	1,30
17	Tornos horizontais para trabalhar metais com comando numérico	580.109	1,20
18	Circuitos integrados digitais	494.413	1,02
19	Artigos e aparelhos ortopédicos	488.278	1,01
20	Chapas de plásticos com suporte ou reforço	482.359	1,00
21	Fios de ligas e aços de silício-manganês	405.416	0,84
22	Aparelhos para filtrar ou depurar água	395.607	0,82
23	Flores, folhagens e frutos	393.498	0,81
24	Câmaras de ar de borracha para pneus de automóveis	351.058	0,73
25	Sondas, cateteres e cânulas	344.661	0,71

Continua

Tabela 47 – Continuação

	PRODUTOS	US\$ FOB	PART%
26	Acessórios para tratores e veículos automóveis	339.989	0,70
27	Centros de usinagem para trabalhar metais	334.210	0,69
28	Compressores de ar estacionários de pistão	330.270	0,68
29	Automóveis com motor de explosão de até seis passageiros	329.449	0,68
30	Máquinas e ferramentas para cisalhar metais	329.243	0,68
31	Máquinas e ferramentas para forjar e estampar metais e martelos	305.647	0,63
32	Tubos de plásticos não reforçados sem acessórios	272.487	0,56
33	Aviões a hélice	266.463	0,55
34	Rolamentos de roletes cônicos	261.360	0,54
35	Aparelhos elétricos de iluminação	258.916	0,53
36	Motores hidráulicos de movimento retilíneo	252.312	0,52
37	Revestimentos de pavimentos, paredes e tetos	238.073	0,49
38	Óculos de sol	236.568	0,49
39	Tecidos de outras fibras acrílicas ou modacrílicas	234.319	0,48
40	Máquinas automáticas para procura de dados sob forma de sistemas	233.365	0,48
	Demais produtos	15.398.269	31,80

Fonte: Adaptada de Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (2011).

No que se refere às importações (Tabela 47), assim como em Marília, os produtos que mais foram adquiridos pelas empresas não dizem respeito à produção industrial dos ramos que mais se destacaram na cidade com as exportações. Em São José do Rio Preto, no volume importado no ano de 2011, aparecem com ênfase os produtos da indústria metalúrgica, como chapas e barras de alumínio, máquinas para corte de metais em geral, sobretudo com corte a *laser*, além de equipamentos em geral ligados à produção de carroçarias para caminhões (1, 2, 4, 5, 6, 9, 11, 14, 17, 21, 27, 30, 34 e 36), fomentados pela empresa Facchini S. A., que os utilizam em sua produção. Embora, em 2011, ela não apareça como uma das principais exportadoras, destaca-se como uma empresa de relevân-

cia na produção industrial dessa cidade, sendo uma das empresas de domínio nesse ramo em território brasileiro.

Dentre os ramos de maior destaque com o comércio exterior nessa cidade, somente a produção de aparelhos e equipamentos de saúde, sobretudo da área cardiológica, fomentou as importações de produtos, tais como tubos capilares, moldes de borracha e plástico, aparelhos de raios X, sondas, cateteres e cânulas (8, 12, 16 e 25), além de outros produtos diversos.

Em São José do Rio Preto, cinco empresas participaram de forma efetiva na balança comercial do ano analisado (quadros 5 e 6). Assim, como Bauru e diferentemente de Marília, São José do Rio Preto possui uma maior diversidade e equilíbrio entre os ramos e os produtos no que se refere à produção industrial e à circulação destes em sua balança comercial.

Quadro 5 – São José do Rio Preto: exportação e países de destino – 2011 (em US\$)

AGROMASS BRASIL AGROPECUÁRIA – IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO		
ACIMA DOS 50 MILHÕES	ENTRE 10 E 50 MILHÕES	ENTRE 1 E 10 MILHÕES
–	–	HONG KONG
ATÉ 1 MILHÃO		
VIETNÃ		
ATHENA MUDAS LTDA.		
ACIMA DOS 50 MILHÕES	ENTRE 10 E 50 MILHÕES	ENTRE 1 E 10 MILHÕES
–	–	–
ATÉ 1 MILHÃO		
ESTADOS UNIDOS, JAPÃO, PAÍSES BAIXOS (HOLANDA) E REINO UNIDO		
BRAILE BIOMÉDICA INDÚSTRIA COMÉRCIO E REPRESENTAÇÕES LTDA.		
ACIMA DOS 50 MILHÕES	ENTRE 10 E 50 MILHÕES	ENTRE 1 E 10 MILHÕES
–	–	–
ATÉ 1 MILHÃO		
ANGOLA, ARGENTINA, BOLÍVIA, COLÔMBIA, LETÔNIA, PARAGUAI, PERU, REINO UNIDO, RÚSSIA, URUGUAI E VENEZUELA		
SZR – EMPRESARIAL INDUSTRIAL E EXPORTADORA DE SUBPRODUTOS		
ACIMA DOS 50 MILHÕES	ENTRE 10 E 50 MILHÕES	ENTRE 1 E 10 MILHÕES
–	–	HONG KONG
ATÉ 1 MILHÃO		
3M DO BRASIL LTDA.		
ACIMA DOS 50 MILHÕES	ENTRE 10 E 50 MILHÕES	ENTRE 1 E 10 MILHÕES
–	–	–
ATÉ 1 MILHÃO		
ÁFRICA DO SUL, BOLÍVIA, CHILE, COLÔMBIA, EQUADOR, ESPANHA, ESTADOS UNIDOS, MÉXICO, PARAGUAI, PERU, POLÔNIA, REINO UNIDO, TAIWAN (FORMOSA), VENEZUELA E VIETNÃ		

Fonte: Adaptado de Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (2011).

Quadro 6 – São José do Rio Preto: importação e países de origem – 2011 (em US\$)

AGROMASS BRASILEIRO AGRICOLA – IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO		
ACIMA DOS 50 MILHÕES	ENTRE 10 E 50 MILHÕES	ENTRE 1 E 10 MILHÕES
-	-	-
CHINA		
ATHENA MUDAS LTDA.		
ACIMA DOS 50 MILHÕES	ENTRE 10 E 50 MILHÕES	ENTRE 1 E 10 MILHÕES
-	-	-
PAÍSES BAIXOS (HOLANDA)		
BRAILE BIOMÉDICA INDÚSTRIA COMÉRCIO E REPRESENTAÇÕES LTDA.		
ACIMA DOS 50 MILHÕES	ENTRE 10 E 50 MILHÕES	ENTRE 1 E 10 MILHÕES
-	-	-
CHINA, DINAMARCA, ITÁLIA, PORTO RICO E PORTUGAL		
SZR – EMPRESARIAL INDUSTRIAL E EXPORTADORA DE SUBPRODUTOS		
-	-	-
3M DO BRASIL LTDA.		
ACIMA DOS 50 MILHÕES	ENTRE 10 E 50 MILHÕES	ENTRE 1 E 10 MILHÕES
-	-	-
ESTADOS UNIDOS, REINO UNIDO E JAPÃO		

Fonte: Adaptado de Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (2011).

Uma das empresas que se destacaram no contexto das relações da cidade de São José do Rio Preto com o mercado global em 2011 foi a Agromass Brasil Agropecuária – Exportação e Importação, especializada em serviços de consultoria e assessoria em comércio exterior, voltada para a importação de mercadorias em geral da China e exportação de carnes e miúdos de bovinos, suínos e aves. Sediada em São José do Rio Preto, atua no setor de serviços e também possui uma filial – planta produtiva –, localizada em Catalão (GO). Destaca-se, principalmente, na produção de miúdos bovinos destinados ao mercado de Hong Kong e China, explicado pela prestação de serviços à empresa SZR – Empresarial Industrial e Exportadora de Subprodutos, que atua há dez anos e possui relações, além do mercado asiático, com o Oriente Médio, França, Egito, Rússia, Paraguai, entre outros. Esta última empresa articula-se com as grandes feiras internacionais, como a Anuga na Alemanha, a Sial em Paris, Gulf Fair em Dubai e WorldFood na Rússia. A Agromass Brasil comercializa também produtos de outros ramos, como os relativos aos transportes por articulação, com a empresa do Grupo Brascorsi, além de operar a logística na comercialização de *containers reefers e dry*, para todo território nacional, produzidos pela empresa Facchini S.A. Aparece como importadora da China no montante de até 1 milhão, como podemos observar no Quadro 6.

Em São José do Rio Preto, outro ramo que se destaca é o da produção de mudas de espécies utilizadas como ornamentais. A Athena Mudas Ltda., empresa de maior relevância no montante comercializado, foi fundada em 1998 e produz cerca de 300 variedades já patenteadas, além de outras que compõem seu portfólio de vendas. Essa empresa está entre as maiores fornecedoras da América do Sul. No período analisado, exportou para quatro países: Estados Unidos, Holanda, Japão e Reino Unido. Embora seja uma das maiores da América do Sul, não estabeleceu negociações com países desse continente, no que se refere ao período de análise. Quanto às importações, estabeleceu negociações de compra de produtos apenas com a Holanda, o que é justificado pela natureza dos produtos comercializados, que são espécies de plantas genuinamente brasileiras.

Outra empresa de grande destaque nessa cidade é a Braille Bio-médica Indústria e Representações Ltda., fundada em 1977 por iniciativa do cirurgião cardiovascular Prof. Dr. Domingo Braille, precursor e idealizador no Brasil das válvulas cardíacas biológicas de pericárdio bovino. Hoje é um avançado polo fabricante de produtos médico-cirúrgico-hospitalares. Essa empresa possui as seguintes divisões de produtos: cardiovascular, biológica e soluções, eletromédica, endovascular e oncologia, frutos da tecnologia agregada e aplicada a outras áreas da medicina. No período analisado, exportou para 11 países, dos quais sete são da América do Sul. No que se refere às importações, são seis os países fornecedores, como China, Dinamarca, Itália, Porto Rico e Portugal, e a maior parte do montante importado foi comercializada com os Estados Unidos.

Como já apontamos anteriormente, outra empresa que se destacou foi a SZR – Empresarial Industrial e Exportadora de Subprodutos, fundada em 1999 com o nome “fantasia” de “Destak”. Em 2000, foi feita uma parceria com a China, o que garantiu a distribuição dos produtos no continente asiático. Em 2004, foi instalada uma filial na cidade de Quintana, na região de São José do Rio Preto, com o intuito de produzir envoltórios de suíno, bovino e caprinos. Em 2007, o grupo expandiu o capital em outros dois setores: uniformes profissionais e embalagens plásticas. Entretanto, a atividade principal na comercialização, especialmente na exportação, é de miúdos de bovinos, além do mercado interno com representação e assessoria. Essa empresa, como podemos observar no Quadro 5, devido a acordos estabelecidos por ela no período analisado, exportou todo o montante para Hong Kong e, por isso, não aparece como empresa importadora, já que o Brasil é um grande produtor de carne, assim como a região de São José do Rio Preto.

Destacou-se, em 2011, também a empresa Abzil Indústria e Comércio Ltda., fundada em 1992, sendo, em 2007, incorporada pelo grupo estadunidense 3M Unitek – divisão de produtos ortodônticos. Atualmente, é uma importante produtora nacional desse ramo na cidade de São José do Rio Preto. Como podemos observar no Quadro 5, a empresa 3M do Brasil exportou para 15 países, dos

quais sete são da América do Sul, além dos Estados Unidos, África do Sul, Taiwan, entre outros. As importações decorreram das relações com três países que são Estados Unidos, Japão e Reino Unido.

Os mapas 15 e 16 mostram a diversidade de países para os quais as empresas de São José do Rio Preto exportaram e importaram.

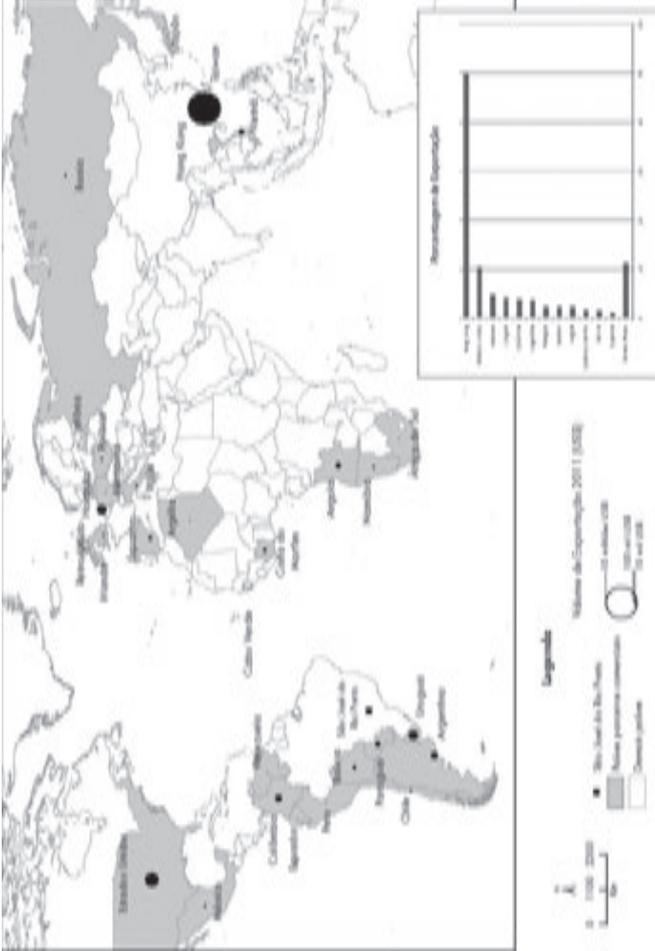
É clara, no resultado, a participação de Hong Kong, destino de quase 50% das exportações dessa cidade.<sup>5</sup> Aparecem ainda os Estados Unidos, responsáveis pela compra de um pouco mais de 10%, além de outros países listados.

Também no que se refere às importações, a China é responsável pelo fornecimento de pouco mais de 50% do(s) produto(s) para as empresas de São José do Rio Preto, além dos Estados Unidos com um pouco mais de 12% e outros países listados no mapa 16.

As estratégias desenvolvidas pela empresa SZR – Empresarial Industrial e Exportadora de Subprodutos definiram 50% do montante da balança comercial na cidade de São José do Rio Preto, em 2011. A outra parte está dividida entre os países destacados nos mapas 15 e 16 de forma mais equilibrada, tanto para as exportações como para as importações.

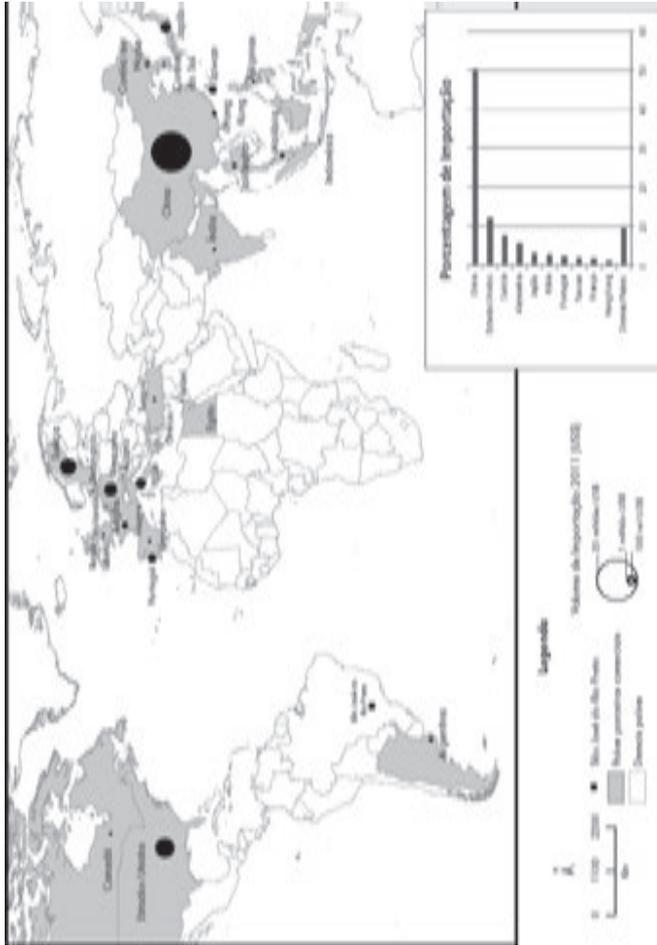
---

5 Esse resultado, como apontamos anteriormente, advém das negociações entre as empresas SZR – Empresarial, Industrial e Exportadora de Subprodutos e Agromass Brasil Agropecuária – Importação e Exportação que estabeleceram acordo com Hong Kong para que a China compre toda a produção disponibilizada ao mercado internacional.



Mapa 15 – São José do Rio Preto: exportação e países de destino – 2011 (em US\$)

Fonte: Secex/Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (2011). Organização dos dados: Márcio José Catalan e Rafael Catão. Elaboração do mapa: Rafael Catão.



## As cidades estudadas e as suas interações espaciais internacionais

Cidades médias como Bauru, Marília e São José do Rio Preto absorvem investimentos de capitais, como também os geram. Nesse movimento, amplia-se a complexidade de suas funções e de seus papéis na rede, de modo que elas se concretizam como nós de interação interescalar.

A especialização em alguns ramos ou em poucos produtos, os tipos de produtos, a capacidade produtiva das empresas, a qualidade tecnológica agregada à produção e a gerência da comercialização com foco no mercado externo e em múltiplas escalas acabam por gerar um quadro de mudanças no modo como se considera a posição delas na rede urbana. Tais transformações ocorrem sem que elas deixem de cumprir os papéis que há décadas desempenham em âmbito regional. Quanto mais as articulações com agentes da escala global se fortalecem, mais elas se consolidam como centros regionais, e mais elas se tornam nós de articulações do capital global.

As empresas ampliam os fluxos interescares, transformam as conexões e seus graus de importância na rede e promovem maior fluidez econômica e territorial. Podemos considerar que essas cidades médias vêm se tornando, em pouco tempo, territórios produtivos cujo movimento interescalar das lógicas empresariais se concretiza como espaços corporativos da e em globalização.

A sobreposição de lógicas de múltiplas escalas é fator decisivo na definição das funções e dos papéis das cidades médias na rede urbana. A convivência de lógicas e interesses de agentes econômicos atrelados a escalas diferentes atribui a essas cidades médias um grau de complexidade, em suas relações com outros espaços, que extrapola os modelos hierárquicos que as arranjam em níveis e subníveis de importância, valorizando mais a estruturação territorial que as articulações interescares como metodologia de análise.

O fato de serem espaços da e em globalização significa que estão em pleno movimento de constituição como territórios produtivos

e de consumo, e isso implica considerar que há um ritmo em sua estruturação espacial e em suas articulações. De modo geral, um e outro são combinados, porque os agentes econômicos globais buscam territórios especializados – lembremo-nos da seletividade espacial –, e isso não ocorre de forma alheia à capacidade técnica e informacional das redes envolvidas na reprodução do capital.

As articulações entre agentes de múltiplas escalas trazem aos territórios que lhes dão sustentação e expressão conteúdos que antes não faziam parte da dinâmica dessas cidades, como é o caso das negociações e da formação de circuitos produtivos direcionados ao mercado externo. Embora a produção para o mercado externo sempre tenha estado nas pautas do capital empresarial dessas cidades, agora resulta dessas articulações, com o capital global, modelos e padrões produtivos internacionais aplicados em sua produção, em sua comercialização e em seu consumo.

Assim, completamos a análise do conjunto de articulações a partir dos agentes econômicos que envolvem as cidades médias e as colocam no passo das interações espaciais interescolares. Diante desse contexto, falta ainda explicitar de forma mais concreta como, com essa complexidade, podemos pensar a definição das funções e dos papéis das cidades médias de Bauru, Marília e São José do Rio Preto na rede urbana. E a partir disso, pensarmos a relação entre posição e condição dessas cidades nas redes de cidades e nas múltiplas escalas de atuação.

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

## **A heterarquia urbana como perspectiva analítica**

As cidades médias é uma realidade presente na rede urbana, cujas funções e papéis desempenhados em múltiplas escalas vêm promovendo uma maior diversificação dos padrões de estruturação, de articulação nas redes em que elas estão inseridas e dos processos que as conformam.

A escala em que se consideram os padrões de estruturação e de articulação dessas redes é primordial para verificarmos o modo como as funções e os papéis são definidos em seu processo de interações espaciais. Tal como desenvolvemos nesta obra, diversas dinâmicas no bojo do processo de reprodução capitalista estão em curso. Para fazer a leitura delas, adotamos categorias e/ou conceitos relevantes para estabelecermos um debate sobre a presença e a participação das cidades médias na rede de cidades, tais como: a perspectiva das interações espaciais interescalares; a diferenciação, a especialização e a diversificação das atividades econômicas; a capacidade que elas possuem atualmente de articular uma rede regional de influências e de promover processos de concentração econômica e espacial; e o processo de fortalecimento da atuação delas em múltiplas escalas. À medida que nós de interações espaciais interescala-

res aparecem e se complexificam diante das articulações produtivas e da circulação da produção em múltiplas escalas, amplia-se nelas a diversificação funcional. Numa mesma rede regional, por exemplo, há cidades com diferentes funções, como vimos no caso das redes de influência das cidades médias de Bauru, Marília e São José do Rio Preto. Procuramos, entretanto, mostrar que essa diversidade de cidades, muitas vezes tomadas do ponto de vista hierárquico, por subordinação de uma em relação à outra, dadas as diferentes funções e papéis que cada uma acaba por ter, pode ser olhada, também, pela proposição metodológica da heterarquia urbana, com base na qual identificamos articulações de complementaridade entre as cidades de diferentes funções no âmbito da rede.

A heterarquia urbana aparece a partir da consideração de que o espaço, e tudo o que resulta do processo de apropriação nele, ganha sentido na perspectiva das interações espaciais interescares, que não respondem apenas aos fluxos territoriais, mas a uma articulação ampla das relações espaciais. A heterarquia urbana é uma possibilidade de mostrarmos o diverso na natureza complexa da rede urbana hierarquizada. Traduz-se numa perspectiva metodológica do espaço relacional, em que o espaço dos fluxos e das redes se articula com o espaço dos lugares.

Cidades médias que concentram e centralizam muitas atividades também dependem de cidades de menor complexidade funcional quando são pensadas as agendas de implantação das atividades econômicas, sociais e culturais. Em sua relação com a metrópole – no caso deste livro, a de São Paulo –, a subordinação é relativa, porque, de um lado, esta se caracteriza pela presença de atividades de maior complexidade técnica, produtiva e de consumo, e, de outro, há relações de complementaridade com as cidades médias e locais, à medida que todas elas vão adquirindo diferentes funções e papéis na rede.

Há então um processo de integração escalar, seguido de diferenciação e diversificação funcionais, ainda hierarquizada, fruto da reprodução do capital que não é homoganeamente distribuído no espaço. Entretanto, esse processo de diferenciação e diversificação funcionais, tão presente quando olhamos para as cidades médias

paulistas de Bauru, Marília e São José do Rio Preto, comprova também a heterarquia existente na rede urbana, à medida que tais cidades ganham importância devido a esses dois processos que revelam a rede urbana com uma entidade espacial múltipla.

As cidades de Bauru, Marília e São José do Rio Preto são médias pela sua condição de encruzilhada das horizontalidades e das verticalidades, como já apontamos anteriormente. Essas cidades podem ser consideradas “médias”, a nosso ver, porque evidenciam, em suas funções e papéis na rede urbana, os seguintes pontos:

- Elas têm uma geografia das interações espaciais.
- Há uma relação dialógica na articulação entre as escalas, em que a junção de lógicas da escalas local/regional com as lógicas da escala global gera uma condição que supera a ideia de intermediação simples, porque se trata, na verdade, de nós na rede urbana com funções e papéis próprios.
- Há uma forte relação entre a dimensão quantitativa – por meio da qual se evidenciam suas grandezas – e a qualitativa, pois se evidenciam suas especificidades na rede urbana quando se valoriza a diferenciação funcional entre as cidades.
- Por fim, destaca-se sua condição multidirecional e em múltiplos níveis na rede urbana, o que garante a hierarquia e a heterarquia.

As cidades são, por natureza, fruto da interação entre as escalas geográficas dada a concentração não somente de recursos econômicos, públicos e privados, além de esforços políticos, mas também de lógicas globais decorrentes das decisões dos agentes econômicos, com vistas ao processo de reprodução do capital. No caso das cidades médias paulistas, elas sempre tiveram forte relação, principalmente no que se refere à produção industrial, com o destino do capital produtivo e fixo presente na cidade de São Paulo e em sua região metropolitana, o que, de fato, explica o processo de desconcentração dessa região em direção àquelas cidades.

Atualmente, as cidades médias são compreendidas também à luz das ações e iniciativas que nascem em seus próprios espaços,

seja por agentes, cuja origem e atuação têm abrangência nas escalas local e regional, seja pela articulação com agentes e empresas de outras escalas, principalmente a global. Essa mudança e essa complexidade das articulações respondem à formação e definição de suas funções e papéis na rede urbana, tanto em escala regional como nas escalas nacional e internacional.

Os agentes corporativos, principalmente aqueles já inseridos na reprodução global do capital, não medem esforços para incorporar novos espaços, a partir de suas lógicas espaciais, tendo em vista custos de localização e produção, bem como interesses de ampliação de seus mercados. O aumento da participação dessas cidades médias na rede em múltiplas escalas demonstra claramente um movimento caracterizado pelas vontades e pelos interesses desses agentes, o implica, sobremaneira, a redefinição das funções e dos papéis dessas cidades no âmbito da rede urbana.

Por conta disso, o pensamento mais comumente difundido de que a globalização definiria os nós no espaço, hierarquizando as redes, no que se refere às funções e aos papéis das cidades médias, tem se apresentado com força, entretanto buscamos mostrar também que estamos diante de um processo de complexas relações a partir das quais se produzem, ao mesmo tempo, múltiplas condições na hierarquia da rede urbana. A condição hierárquica na rede urbana está presente no arranjo das atividades econômicas, sejam elas de produção, de circulação ou de consumo. É por meio dessa diferenciação quantitativa e qualitativa de atividades comerciais, industriais e de serviços que podemos tomar as cidades na rede em níveis diferentes de complexidade. Mas é também por meio dessa condição que as cidades devem ser pensadas para além da hierarquia urbana, não somente as médias, mas também as locais e as metrópoles, dado que a rede urbana também é diversidade e que sua existência depende da diferenciação. Essa diferenciação é reconhecida no crescente processo de interações espaciais interescolares que qualifica as funções e os papéis que as cidades médias vão exercer nas redes urbanas às quais elas são articuladas.

A globalização, com a chegada de empresas transnacionais em espaços onde antes não haviam estado, de fato, tem contribuído para uma maior estratificação da hierarquia urbana, tornando mais visíveis os espaços de acúmulo e coexistência de instituições, fluxos e, principalmente, de lógicas voltadas à reprodução desse capital. Nas cidades médias, convivem nesse processo, de modo combinado tanto quanto contraditório, as lógicas características das escalas local/regional e a atuação dos agentes e lógicas globais. É um contexto de ampliação das funções e dos papéis de articulações heterárquicas nas redes de cidades.

A heterarquia urbana é, tendo em vista o enfoque adotado, uma perspectiva analítica de valorização das funções e dos papéis de cada cidade na rede urbana, conforme a escala e as interações espaciais que se processam nas redes em que as cidades estão inseridas.

As cidades médias, nesse contexto de articulações heterárquicas, tornam-se parte de uma teia de relações mais intensa e, ao mesmo tempo, muito mais fluidas e vulneráveis às transformações advindas das lógicas globais. Como destacam Santos e Silveira (2001, p.290), temos hoje, na produção do território, “divisões do trabalho superpostas”, porque, segundo esses autores, cada empresa, ou ainda cada atividade, pode produzir sua própria divisão do trabalho. A superposição dá-se por conta de lógicas advindas de diferentes escalas:

Cada empresa, cada atividade necessita de pontos e áreas que constituem a base territorial de sua existência, como dados da produção e da circulação e do consumo: a respectiva divisão do trabalho terá essa manifestação geográfica. (Santos; Silveira, 2001, p.290).

Esse contexto, de acordo com os autores, constitui uma trama segundo a qual a topologia é produzida por tais interações de lógicas interescales. É o pano de fundo da heterarquia urbana na qual as topologias são formadas por lógicas que se retroalimentam e que, portanto, são, por essa superposição, todas as cidades de extrema importância à produção, à circulação e ao consumo.

Desse modo, no espaço banal e corporativo, quanto mais se ampliam as interações espaciais interescalares e se adaptam espaços à reprodução do capital global, observam-se os seguintes fatores:

- A quantidade de centros de importância é ampliada.
- Há o aumento das redes de influências regionais das cidades médias, e transformação destas em espaços de competitividade.
- Ampliam-se as estratégias advindas das macroescalas, como também as estratégias de ação nessas redes de influências regionais, promovendo mais e mais interações territoriais e espaciais.
- Há o aumento da maleabilidade na configuração hierárquica da rede urbana, ao passo que centros urbanos de funcionalidade reconhecidamente regional tornam-se pontos estratégicos também às lógicas nacional e internacional.

As funções e os papéis das cidades médias na rede urbana passam a comprovar a existência da heterarquia urbana nesse sistema, porque são estruturados pela multiplicidade de lógicas presentes em mais de uma escala. Essas cidades são nós de encontro e de interações de escalas na rede, tal como as cidades de Bauru, Marília e São José do Rio Preto.

Para Sposito (2001, p.637, grifo da autora), no contexto atual, as cidades médias também desempenham papéis por meio e no âmbito de redes técnicas, as quais promovem relações espaciais que territorialmente podem se estabelecer em contínuo ou descontínuo:

[...] sobrepõem-se os fluxos decorrentes do consumo de bens e serviços à distância, ampliando-se, de um lado, o papel das cidades médias, cujos atores econômicos e políticos mostram capacidade de oferecer bens e produtos mais qualificados e/ou mais baratos, competindo com outras cidades médias ou mesmo de maior importância na hierarquia urbana, gerando um espaço que se organiza em redes estruturadas pelos múltiplos fluxos possíveis desenhados pela comunicação por satélite. Essas redes podem reforçar relações

que já haviam se estabelecido em períodos técnico-informacionais anteriores, constituindo a rede urbana organizada hierarquicamente, mas podem, também, subverter a ordem-tamanho dessa rede urbana, já que as relações de concorrência ou complementariedade podem se dar entre cidades de mesma importância. Num caso ou noutro, a configuração em múltiplas *redes* é conformada com *descontinuidade territorial*.

Podemos ressaltar dois aspectos importantes, a partir desse ex-certo, para pensarmos as cidades médias por meio de suas funções e de seus papéis: a sobreposição de tempos, quando a autora considera as relações estabelecidas em “períodos técnico-informacionais anteriores” e as articulações entre cidades que desempenham papéis análogos na rede, fazendo com que essas interações espaciais interescares sejam constituídas por relações de concorrência e/ou complementariedade, pois passam a ser territórios em que os agentes econômicos buscam instalar-se e comandar dinâmicas em favor deles.

Por isso, as cidades médias estudadas foram tomadas como encruzilhada das horizontalidades e das verticalidades. No que tange às horizontalidades, quando se consideram as funções e os papéis das cidades médias, podemos destacar os seguintes pontos: 1. a atuação na extensão territorial ou as relações com contiguidade territorial; 2. a maior interação no conjunto de cidades que compõem a escala regional, ainda que se estabeleça certa dependência dos centros urbanos locais em relação às cidades médias; 3. o reforço na constituição de um centro de comando regional, cuja interação é dada por forças centrípeta em relação ao centro de maior complexidade funcional; 4. a maior dependência da produção e do consumo em âmbito regional; 5. a complementariedade na interação entre os centros urbanos que compõem a escala regional, dada a diferenciação de atividades e funções que cada um possui; e 6. a subordinação que é caracterizada mais pela quantidade e diversificação de atividades e funções desenvolvidas por um ou mais centros.

No que se refere às atividades e às funções articuladas nas e pelas verticalidades, nas cidades médias, estabelecem-se as seguin-

tes relações: 1. extensão espacial ou descontinuidades integradas por relações econômicas, políticas etc.; 2. as interações espaciais dão-se entre as escalas geográficas, articulando-as; 3. duplo processo de diversificação e coexistência de centros com características funcionais de mesma natureza na produção, no consumo e na constituição na rede urbana; 4. relações de “cooperação mais amplas, tanto econômica, política, como geograficamente” (Santos, 2008, p.192); 5. (re)arranjo logístico no âmbito da circulação da produção dessas cidades médias; e 6. caracterização dessas cidades médias como espaço onde há interação de dinâmicas advindas do funcionamento organizacional de escalas suprarregionais, incluída na “ordem global”.

Sposito (2005, p.223) identificou o processo de transformação das funções e dos papéis das cidades médias na rede urbana paulista, quando afirmou que a

[...] concentração e a centralização do capital propiciaram movimentos de concentração, desconcentração e reconcentração espacial dos capitais fixos no conjunto do Estado de São Paulo, e centralização espacial dos capitais produtivos e financeiros na metrópole paulista [...].

Se o movimento das interações espaciais vem gerando “concentração, desconcentração e reconcentração espacial dos capitais fixos no conjunto do Estado de São Paulo”, encontramos, nessas cidades médias, os meios e os resultados dessa *reconcentração espacial*. Ocorre que a condição atual de Bauru, Marília e São José do Rio Preto também nos mostra que a reconcentração espacial a partir da metrópole paulista e de sua região metropolitana passou a atingir tal estágio de organização das atividades econômicas nessas cidades médias, que vem gerando a atração de investimentos e/ou estabelecendo lógicas do capital de abrangência escalar global. Sendo assim, tendo em vista o número de empresas que vêm se instalando nessas cidades médias, como, sobretudo, o número daquelas cujo capital é de origem local/regional e tem ampliado seu capital fixo e

produtivo, bem como as escalas de circulação de sua produção, não podemos considerar que o movimento é apenas de reconcentração, mas também de concentração espacial a partir de suas próprias dinâmicas, agentes e articulações político-econômicas.

Muitas das ações advêm das iniciativas locais, claro que *pari passu* às lógicas globais de reprodução do capital, como vimos no caso das franquias.

Nas três cidades pesquisadas, ressalta-se a implantação de franquias que estão presentes, principalmente, nos principais *shopping centers*, além do aumento das redes de supermercados e lojas de departamentos. Esse movimento, que mostra as interações espaciais dessas e nessas cidades, depende, então, dos arranjos e das formas de ação das empresas, geralmente advindos daquelas que atuam nas macroescalas, mas também dizem respeito às estratégias que agentes locais encontram para se articular a esse movimento, o que para nós complexifica as muitas direções do processo de concentração espacial e econômica das e nas cidades médias.

No conjunto do estado de São Paulo, a desconcentração é uma ideia comumente utilizada para designar a transferência de capital produtivo e fixo de uma cidade para outra, a partir da hierarquia urbana. Ela pode ser substituída e/ou complementada pela ideia do processo de diferenciação das funções e dos papéis entre as cidades, como ocorre claramente entre a metrópole paulista em relação às cidades médias. Todas ainda são centros de produção e consumo, mas se diferenciam em outras atividades como a gestão do capital financeiro, atividade que aparece como uma das características das funções e dos papéis da cidade de São Paulo. E sendo assim, a relação entre essas cidades na rede urbana não é de subordinação, mas de complementaridade de funções e papéis na rede urbana.

As funções e os papéis de cidades médias com o perfil econômico de Bauru, Marília e São José do Rio Preto formam-se, então, a partir da interação das lógicas e de agentes de escalas diferentes, atualmente, sem que para isso seja necessário seguir o percurso hierárquico da rede urbana. Uma empresa de abrangência global pode se instalar diretamente no território das cidades médias sem passar

pela metrópole, ou mesmo nas cidades locais, no caso das agroindústrias. Do mesmo modo, empresas presentes nas cidades médias participam da circulação global da produção e necessariamente não dependem da metrópole para que as negociações se realizem. Confirmando essa hipótese, nas cidades médias estudadas, vimos a presença de instituições públicas e privadas que atuam na área de comércio exterior, assim como é crescente a preparação de pessoal especializado. Com a ampliação da produção e do consumo, busca-se cada vez mais a participação no mercado nacional e, sobretudo, internacional, gerando nessas cidades médias iniciativas de gestão do capital por parte das empresas, como é possível perceber assistindo ao movimento na implantação de grupos empresariais, principalmente comerciais, por meio do sistema empresarial em rede.

Todavia, mesmo as redes técnicas e de cidades estabelecidas por agentes das escalas nacional e, principalmente, global, nas quais as cidades adquirem funções e papéis como lócus da produção e da expansão do capital corporativo, não escapam a uma certa subordinação a esses agentes. Já em suas redes de influência regional, elas têm funções e papéis mais centralizadores, comandando, em parte, o destino de suas regiões. Tanto em uma escala como em outra, suas relações passam por uma hierarquização determinada por níveis técnicos, expressa pela quantidade e capacidade de atender às formas de reprodução da vida e do capital ditados pela globalização. Mas também fica clara a existência de uma teia de relações complexas e interativas que articulam as funções e os papéis dessas cidades médias, segundo interações mais heterárquicas.

A perspectiva metodológica que toma a realidade relacional das interações espaçotemporais oferece mais condições teóricas à análise das funções e dos papéis das cidades nas redes. As transformações no espaço, nas redes técnicas, nas cidades e mesmo na condição delas nas redes de cidades ocorrem via esse processo relacional, imprimindo no espaço maior articulação dos conteúdos da escala global em escalas de menor abrangência como a local e a regional.

Assim, dentre nossas considerações, dois pontos são conclusivos no debate proposto neste livro:

- A diferenciação funcional entre as cidades na rede urbana é um caminho metodológico para enxergarmos com maior clareza as funções e os papéis exercidos por cada cidade nas redes, conforme a inserção escalar delas.
- A rede urbana não pode ser tomada exclusivamente pelo viés metodológico hierárquico, levando em consideração a complexidade com a qual o capital se reproduz no espaço.

Sendo assim, as cidades médias, lidas pelas interações espaciais interescalares, possuem funções e papéis em múltiplas escalas, em que as articulações resultam, simultaneamente, numa posição hierarquia e numa condição heterárquica na rede. Assim, a rede urbana, observada no âmbito da hierarquia urbana, não corresponde completamente à natureza dinâmica, complexa e, principalmente, interativa dos pares dialéticos presentes nas relações entre as cidades, bem como na construção de suas funções e papéis.

As interações espaciais interescalares referem-se a uma perspectiva que retrata o movimento multiescalar no espaço. As cidades médias, a nosso ver, expressam tal perspectiva à medida que se constituem como pontos receptores dos agentes, das empresas e das lógicas advindos das macroescalas, e, também, como nós ativos cuja articulação com tais escalas é capaz de produzir novas formas de pensarmo-las na rede urbana.

Com este livro apresentamos, portanto, não somente uma proposta metodológica da heterarquia urbana, como convidamos o leitor a se aproximar do par hierarquia-heterarquia para pensarmos o complexo cenário das funções e dos papéis das cidades médias na rede urbana, e da própria rede urbana, abarcando os estudos comparativos das muitas tipologias de cidades, considerando o movimento da sociedade e do capital no espaço, em suas articulações complexas e multivetoriais. Assim, deixamos para o debate a leitura não somente da posição, como também da condição das cidades médias no âmbito do processo de urbanização e da constituição das redes urbanas que se formam de acordo com as interações espaciais interescalares.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMIN, A.; THRIFT, N. Repensando la teoría urbana: las ciudades y las economías de distancia. In: SUBIRATS, J. (Org.) *Redes, territorios y gobierno: nuevas respuestas locales a los retos de la globalización*. Barcelona: Diputación Barcelona, 2002. p.81-107.
- AMORIM FILHO, O. B. Origens, evolução e perspectivas dos estudos sobre as cidades médias. In: SPOSITO, M. E. B. (Org.) *Cidades médias: espaços em transição*. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p.69-87.
- ARAÚJO, T. B. et al. Tipologias das cidades brasileiras. In: BITOUN, J.; MIRANDA, L. (Org.). Rio de Janeiro: Letra Capital/Observatório das Metrôpoles, 2009.
- ARROYO, M. M. Dinâmica territorial, circulação e cidades médias. In: SPOSITO, E. et al. *Cidades médias: produção do espaço urbano e regional*. São Paulo: Expressão Popular, 2006. p.71-85.
- BARRÁGAN, F. M. Los conceptos de jerarquía y heterarquía en el análisis de desarrollo local. In: ROSALES, R. (Org.). *Desarrollo local: teoría e practicas socioterritoriales*. México: Metropolitana Istadalapa, 2007. p.75-97.
- BELLET SANFELIU, C. Del concepto ciudad media al de ciudad intermedia en los tiempos la globalización. In: BELLET SANFELIU, C.; SPOSITO, M. E. B. (Org.) *Las ciudades medias o intermedias en un mundo globalizado*. Lleida: Universitat de Lleida, 2009.
- BELLET SANFELIU, C.; LLOP TORNÉ, J. M. Ciudades intermedias y urbanización mundial: presentación del Programa de Trabajo de La

- Unión Internacional de Arquitectos (UIA). \_\_\_\_\_. *Ciudades intermedias: urbanización y sostenibilidad*. Lleida: Mileno, 2000. p.325-347.
- \_\_\_\_\_. M. Miradas a otros espacios urbanos: ciudades intermédias. *Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales Scripta Nova*, n.165, 2004. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/nova.htm>. Acesso em: abril de 2010.
- BELLET SANFELIU, C.; SPOSITO, M. E. B. Introdução. In: \_\_\_\_\_. (Org.) *Las ciudades medias o intermedias en un mundo globalizado*. Lleida: Universitat de Lleida, 2009.
- BENITEZ, R. M. O capital social fixo como insumo do desenvolvimento regional. *Revista Econômica do Nordeste*, Fortaleza, v.29, n.2, p.143-57, 1998.
- BENKO, G. A recomposição dos espaços. *Interações – Revista Internacional de Desenvolvimento Local*, Campo Grande, v.1, n.2, p.7-12, 2001.
- BENKO, G. *Economia, espaço e globalização na aurora do século XXI*. São Paulo: Hucitec, Annablume, 2002.
- BOLÇONE, O. J.; LEME, E. M. M. de T. (Org.) *Conjuntura econômica de São José do Rio Preto 2009*. São José do Rio Preto: Secretaria Municipal de Planejamento e Gestão Estratégica, 2009. v.18.
- BOMTEMPO, D. C. *Dinâmica territorial, atividade industrial e cidade média: as interações espaciais e os circuitos espaciais da produção das indústrias alimentícias de consumo final instaladas na cidade de Marília – SP*. Presidente Prudente, 2011. 455f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.
- BRANDÃO, C. A. *Território e desenvolvimento: as múltiplas escalas entre o local e o global*. Campinas: Editora Unicamp, 2007.
- BRUNET, R. La composition des modèles dans l’analyse spatiale. *L’Espace Géographique*, n.4, p.253-65, 1980.
- \_\_\_\_\_. La cartes modèle e les corèmes. *Mappemonde*, n.4, p.2-6, 1986.
- CAMAGNI, R. Organisation économique et reseux de villes. In: SAL-LEZ, A. (Org.) *Lês villes, lieux d’Europe*. Paris: Datar, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Economía urbana*. Barcelona: Antonio Bosh, 2004.
- CAPEL, H. El modelo de la base económica urbana. *Revista de Geografía*, v.3, n.1-2, p.5-39, 1969. Disponível em: <<http://www.raco.cat/index.php/RevistaGeografia/article/view/45629/56620>>. Acesso em: julho de 2011.
- CARLOS, A. F. A. Dinâmica do desenvolvimento socioeconômico de São Paulo: bases para análise. In: BRANDÃO, C. A. et al. (Org.) *Regiões*

- e cidades, cidades nas regiões: o desafio urbano-regional*. São Paulo: Editora Unesp, Anpur, 2003. p.439-48.
- \_\_\_\_\_. A urbanização da sociedade: questões para o debate. In: OLIVEIRA, M. P. de et al. (Org.) *O Brasil, a América Latina e o mundo: espacialidades contemporâneas*. Rio de Janeiro: Lamparina, Faperj, Anpege, 2008a. p.49-60.
- \_\_\_\_\_. *A urbanização da sociedade: um desafio à reflexão*. *Cidades*, Presidente Prudente, v.5, n.8, p.183-8, 2008b.
- CASTELO BRANCO, M. L. Cidades médias no Brasil. In: SPOSITO, E. et al. *Cidades médias: produção do espaço urbano e regional*. São Paulo: Expressão Popular, 2006. p.245-77.
- CATELAN, M. J. Produção do espaço urbano em Bauru: do subterrâneo à superfície. Presidente Prudente, 2008. 148f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.
- \_\_\_\_\_. Transformações na rede urbana: interações econômicas e espaciais entre cidades médias do Estado de São Paulo. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA – SIMPURB, 11., 2009, Brasília. *Anais...* Universidade de Brasília, Brasília, 2009.
- \_\_\_\_\_. A urbanização e a cidade corporativas: mudança nos padrões de gerência das cidades brasileiras. In: COLOQUIO INTERNACIONAL DE GEOCRÍTICA, 11., 2010, Buenos Aires. *Anais...* Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2010.
- CHEPTULIN, A. *A dialética materialista: categorias e leis da dialética*. São Paulo: Alfa-Omega, 1982.
- CONPANS, R. *Empreendedorismo urbano: entre o discurso e a prática*. São Paulo: Editora Unesp, 2005.
- CORRÊA, R. L. A organização regional do espaço brasileiro. *Revista Geosul*, Florianópolis, ano 4, n.8, p.7-16, 1989.
- \_\_\_\_\_. Interações espaciais. In: CASTRO, I. E. de et al. *Explorações geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- \_\_\_\_\_. O estudo da rede urbana: uma proposição metodológica. In: \_\_\_\_\_. *Estudos sobre a rede urbana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. p.15-57.
- \_\_\_\_\_. A rede urbana brasileira e a sua dinâmica: algumas reflexões e questões. In: SPOSITO, M. E. B. (Org.) *Urbanização e cidades: perspectivas geográficas*. Presidente Prudente: s. n, 2001. p.359-68.
- \_\_\_\_\_. Construindo o conceito de cidade média. In: SPOSITO, M. E. B (Org.) *Cidades médias: espaços em transição*. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p.23-33.

- DAVIDOVITCH, F. Escalas de urbanização: uma perspectiva geográfica do sistema urbano brasileiro. *Revista Brasileira de Geografia*, n.40, p.51-82, jan./mar. 1977.
- DEMATTEIS, G. Il fenomeno urbano: lineamenti generali. In: CORI, B. et al. *Geografia urbana*. Torino: Libreria, 1993. p.48-104.
- \_\_\_\_\_. De las regiones-área a las regiones-red. Formas emergentes de gobernabilidad regional. In: SUBIRATS, J. *Redes, territorios y gobiernos: nuevas respuestas locales a los retos de la globalización*. Barcelona: Uimp, 2002. p.163-75.
- \_\_\_\_\_. En la encrucijada de la territorialidad urbana. *Revista Bitácora Urbano Territorial*, Bogotá, v.1, n.10, p.53-63, 2006.
- DOMÈNECH, R. B. Redes de ciudades y externalidades. *Revista Investigaciones Regionales*, Alcalá de Henares, n.4, p.5-27, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Redes de ciudades y externalidades*. Barcelona, 2003. 360f. Tese (Doutorado) – Departament d’Economia Aplicada, Universitat Autònoma de Barcelona.
- DREIFUSS, R. Heterarquia política-estratégica e heterotopia tecnoprodutiva. *Ensaio*, Porto Alegre, v.17, 1996. p. 22-33.
- \_\_\_\_\_. *A época das perplexidades: mundialização, globalização e planetarização – novos desafios*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- EGLER, C. A. G. Questão regional e gestão do território no Brasil. In: CASTRO, I. E. de et al. (Org.) *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertran, 2006. p.207-38.
- ELIAS, D.; PEQUENO, R. Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional: Passo Fundo e Mossoró. In: SPOSITO, M. E. B. et al. (Org.) *Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional: Chillán e Marília*. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p.101-283.
- FELDMAN, S. Política urbana e regional em cidades não metropolitanas. In: BRANDÃO, C. A. et al. (Org.) *Cidades nas regiões. Regiões nas cidades*. São Paulo: Unesp, Anpur, 2003. p.105-13.
- FELIPE JUNIOR, N. F. *A Hidrovia Tietê-Paraná e a intermodalidade no Estado de São Paulo*. Presidente Prudente, 2008. 288f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.
- FISHER, A. Indústria: ordenamento do território e transporte: a contribuição de André Fisher. In: FIRKOWISKI, O. L. C.; SPOSITO, E. S. São Paulo: Expressão Popular, 2008. p.17-105.
- FURTADO, C. *O longo amanhecer: reflexões sobre a formação do Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

- GIRALDI COCCO, R. *Interações espaciais e sistemas de transporte público: uma abordagem para Bauru, Marília e Presidente Prudente*. Presidente Prudente, 2011. 265f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.
- GIRARDI, E. P. *Proposição teórica-metodológica de uma cartografia geográfica crítica e sua aplicação no desenvolvimento do atlas da questão agrária brasileira*. Presidente Prudente, 2008. 347f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.
- GOMES, P. C. da C. Um lugar para a geografia: contra o simples, o banal e o doutrinário. In: MENDONÇA, F. et al. (Org.) *Espaço e tempo: complexidades e desafios do pensar e do fazer geográfico*. Curitiba: Ademadan, 2009. p.13-30.
- GONÇALVES, R. O nó econômico. In: SADER, E. (Org.) *Os porquês da desordem mundial: mestres explicam a globalização*. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- HARVEY, D. *La condición de la posmodernidad: investigación sobre los orígenes del cambio cultural*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1998.
- \_\_\_\_\_. *A produção capitalista do espaço*. São Paulo: Annablume, 2005.
- IANNI, O. *Teorias da globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Região de influência das cidades 2007*. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.
- JOHNSTON, R. J. (Ed.) *The dictionary of human geography*. London: Blacwell, 1994.
- LEÃO, C. de S. *A inserção de pequenas cidades na rede urbana: o caso das cidades na Região de Governo de Dracena*. Presidente Prudente, 2011. 141f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.
- LEFEBVRE, H. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- \_\_\_\_\_. Cisão territorial da indústria e integração regional no estado de São Paulo. In: GALVÃO, A. C. et al. (Org.) *Regiões e cidades, cidades nas regiões: o desafio urbano regional*. São Paulo: Unesp, Anpur, 2003. p.465-75.
- \_\_\_\_\_. Reconhecendo metrópoles: território e sociedade. In: SILVA, C. A. da et al. (Org.) *Metrópole: governo, sociedade e território*. Rio de Janeiro: DP&A, Faperj, 2006. p.41-57.

- LENCIONI, S. Cisão territorial da indústria e integração regional no Estado de São Paulo. In: BRANDÃO, C. A. et al. (Org.) *Cidades nas regiões. Regiões nas Cidades*. São Paulo: Unesp, Anpur, 2003. p.465-75.
- \_\_\_\_\_. Redes, coesão e fragmentação do território metropolitano. In: COLOQUIO INTERNACIONAL DE GEOCRÍTICA, 11., 2010, Buenos Aires. *Anais...* Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2010.
- LU, M. *Planejamento regional-urbano e análise de sistemas: formalização de um modelo “articulativo”*. São Paulo: IPE, USP, 1984.
- MARTINS, S. Crítica à economia política do espaço. In: CARLOS, A. F. A. et al. (Org.) *O espaço no fim de século: a nova raridade*. São Paulo: Contexto, 1999.
- MARTINUCI, O. da S. *Circuitos e modelos da desigualdade social intra-urbana*. Presidente Prudente, 2008. 146f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.
- MASSEY, D. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- MELAZZO, S. E. Marília: especialização industrial e diversificação do consumo. Trajetórias de uma cidade média. In: SPOSITO, M. E. B. et al. (Org.) *Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional: Chillán e Marília*. São Paulo: Expressão Popular, 2012. p.161-279.
- NEGRI, B. et al. A sociedade urbana: 1956-1980. In: \_\_\_\_\_. *A interiorização do desenvolvimento econômico do estado de São Paulo*. Campinas: Fecamp, 1987. p.86-157.
- OLIVEIRA, F. O Estado e o urbano. *Revista Espaço e Debates*, São Paulo, v.2, n.6, p.36-54, 1982.
- PELEGRINA, G. R.; ZANLOCHI, T. S. *Ferrovia e urbanização: o caso de Bauru*. Bauru: universidade de Sagrado Coração, 1991.
- PEREIRA, A. P. C. *Transporte aéreo regional no estado de São Paulo*. Presidente Prudente, 2010. 261f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.
- ROCHEFORT, M. *Redes e sistemas: ensinando sobre o urbano e a região*. São Paulo: Hucitec, 1998.
- ROMA, C. M. *Segregação socioespacial em cidades pequenas*. Presidente Prudente, 2008. 144f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

- REICHSTUL, D.; LIMA, G. T. Causalidade Entre Crédito Bancário e Nível de Atividade Econômica na Região Metropolitana de São Paulo: Algumas Evidências Empíricas. *Revista Estudos Econômicos*, São Paulo, v. 36, n. 4, p. 779-801, 2006.
- RUIZ, C. H. et al. Transformaciones urbanas en la ciudad de Chillán, Chile: lo local y lo tradicional frente a la influencia global. In: SPOSITO, M. E. B. et al. (Org.) *Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional: Chillán e Marília*. São Paulo: Expressão Popular, 2012. p.25-159.
- SÁNCHEZ, J.-E. La gobernanza desde la óptica del poder y las escalas. In: WARNER, G. Y. et al. (Org.) *Ciudad, poder, gobernanza*. Santiago: Eure Libros, 2005. p.21-52.
- SANTOS, M. *Por uma geografia nova*. São Paulo: Hucitec, 1978
- \_\_\_\_\_. *Manual de geografia urbana*. São Paulo: Hucitec, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Espaço e método*. São Paulo: Nobel, 1985.
- \_\_\_\_\_. Espaço e sociedade no Brasil: a urbanização recente. *Revista Geo-Sul*, Florianópolis, v.3. n.5, p.85-100, 1988.
- \_\_\_\_\_. *A urbanização brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1993.
- SANTOS, M. *Por uma economia política da cidade*. São Paulo: Hucitec, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional*. São Paulo: Afiliada, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Por uma outra globalização*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- \_\_\_\_\_. *O espaço do cidadão*. São Paulo: Edusp, 2007.
- \_\_\_\_\_. *A natureza do espaço*. São Paulo: Edusp, 2008.
- SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SASSEN, S. *La ciudad global: la desnacionalización del tiempo y el espacio*. Barcelona: Diputació de Barcelona, 2002.
- SCHWARTZMAN, J. *A teoria da base de exportação como teoria do desenvolvimento regional*. Belo Horizonte, 1973. Dissertação (Mestrado) – Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <[http://www.cedeplar.ufmg.br/economia/dissertacoes/1978\\_1972/Jacques\\_Schwartzman.pdf](http://www.cedeplar.ufmg.br/economia/dissertacoes/1978_1972/Jacques_Schwartzman.pdf)>. Acesso em: 20 nov. 2011.
- SECRETARIA DE ECONOMIA E PLANEJAMENTO E COORDENADORIA DE AÇÃO REGIONAL. *Cidades médias e desenvolvimento industrial: uma proposta de descentralização metropolitana*. São Paulo: Secretaria de Economia e Planejamento, 1978.

- SELINGARDI-SAMPAIO, S. Indústria e território em São Paulo: a estruturação do Multicomplexo Territorial Industrial Paulista – 1950/2005. Campinas: Alínea, 2009.
- SILVEIRA, M. L. Uma situação geográfica: do método à metodologia. *Revista Território*, Rio de Janeiro, ano IV, n.6, p.21-28, jan./jun. 1999.
- \_\_\_\_\_. *O espaço geográfico: da perspectiva geométrica à perspectiva existencial*. *Revista Geosp – Espaço e Tempo*, São Paulo, n.19, p.81-91, 2006.
- \_\_\_\_\_. O espaço banal e técnica contemporânea: além das demandas do príncipe. Presidente Prudente: Universidade Estadual Paulista, 15 mar. 2010. (Aula inaugural no Programa de Pós-Graduação em Geografia).
- SMITH, N. Desenvolvimento desigual: natureza, capital e a produção do espaço. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 1988.
- SOBARZO, O. As cidades médias e a urbanização contemporânea. *Cidades*, Presidente Prudente, v.5, n.8, p.277-92, jun./dez. 2008.
- \_\_\_\_\_. Passo Fundo: uma cidade média do sul do Brasil na encruzilhada das horizontalidades e das verticalidades. In: BELLET SANFELIU, C.; SPOSITO, M. E. B. (Org.) *As ciudades médias e intermédias num mundo globalizado*. Lleida: Universitat de Lleida, 2009. p.145-8.
- SOBARZO, O. Passo Fundo: cidade média com funções comerciais, de serviços e de apoio ao agronegócio. In: SPOSITO, M. E. B. et al. (Org.) *Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional*: Chillán e Marília. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p.29-100.
- SPOSITO, E. S. Reestruturação produtiva e reestruturação urbana no estado de São Paulo. *Scripta Nova*, Barcelona, v.11, n.245, ago. 2007.
- \_\_\_\_\_. *Redes e cidades*. São Paulo: Editora Unesp, 2008.
- SPOSITO, M. E. B. As cidades médias e os contextos econômicos contemporâneos. In: \_\_\_\_\_. (Org.) *Urbanização e cidades: perspectivas geográficas*. Presidente Prudente: s. n., 2001. p.359-68.
- \_\_\_\_\_. *O chão em pedaços: urbanização, economia e cidades no Estado de São Paulo*. Presidente Prudente, 2005. 508 f. Tese (Livres-Docência) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.
- \_\_\_\_\_. Urbanização da sociedade e novas espacialidades urbanas. In: OLIVEIRA, M. P. de et al. (Org.) *O Brasil, a América Latina e o mundo: espacialidades contemporâneas (II)*. Rio de Janeiro: Lamparina, Faperj, Anpege, 2008. p.61-72.

- \_\_\_\_\_. Globalização, consumo e papéis intermediários de cidades médias no Brasil. In: BELLET SANFELIU, C.; SPOSITO, M. E. B. (Org.) *Las ciudades medias o intermedias en un mundo globalizado*. Lleida: Universitat de Lleida, 2009a. p.41-69
- \_\_\_\_\_. Urbanização difusa e cidades dispersas: perspectivas espaço-temporais contemporâneas. In: REIS FILHO, N. G. (Org.) *Dispersão urbana: diálogo sobre pesquisas*. São Paulo: Via das Artes, 2009b. p.38-54.
- \_\_\_\_\_. Lógicas econômicas e práticas espaciais contemporâneas: cidades médias e consumo. Projeto de Pesquisa Temático da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Universidade Estadual Paulista/Câmpus de Presidente Prudente, 2012.
- SPOSITO, M. E. B. et al. Um estudo das cidades médias brasileiras: uma proposta metodológica. In: SPOSITO, M. E. B. (Org.) *Cidades médias: espaços em transição*. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p.35-67.
- THERY, H. Modelização gráfica para a análise regional: um método. *Geosp*, São Paulo, n.15, p.179-88, 2004.
- \_\_\_\_\_. A dimensão temporal da modelização gráfica. *Geosp*, São Paulo, n.17, p.171-83, 2005.
- ULLMAN, E. L. *Geography as spatial interaction*. Seattle, London: University of Washington Press, 1980.
- VITTE, C. de C. S.; SENHORAS, E. M. A construção escalar do regionalismo transnacional. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL, 12., *Anais...* Belém do Pará, 2007.
- WHITACKER, A. M. *Reestruturação urbana e centralidade em São José do Rio Preto*. Presidente Prudente, 2003. 237f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.
- \_\_\_\_\_. Uma discussão sobre a morfologia urbana e a articulação de níveis diferentes de urbanização. In: SPOSITO, M. E. B. (Org.) *Cidades médias: espaços em transição*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.
- ZANDONADI, J. C. *Novas centralidades e novos habitats: caminhos para a fragmentação urbana em Marília (SP)*. Presidente Prudente, 2008. 251f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

## Sítios eletrônicos consultados

- ACUMULADORES AJAX LTDA. Bauru. Apresenta informações sobre a empresa. Disponível em: <[www.ajax.com.br](http://www.ajax.com.br)>. Acesso em: jan./ fev. 2012.
- AGROMASS BRASIL AGROPECUÁRIA – IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO. São José do Rio Preto. Apresenta informações sobre a empresa. Disponível em: <[www.agromassbrasil.com.br](http://www.agromassbrasil.com.br)>. Acesso em: jan./fev. 2012.
- ARCELORMITTAL BRASIL S. A./CPA. Bauru. Apresenta informações sobre a empresa. Disponível em: <[www.cpabauru.com.br](http://www.cpabauru.com.br)>. Acesso em: jan./fev. 2012.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE SUPERMERCADOS – ABRAS. São Paulo. Apresenta dados e informações sobre o ramo de super e hipermercados no Brasil. Disponível em: <<http://www.abrasnet.com.br/>>. Acesso em: maio 2010-fev. 2011.
- ATHENA MUDAS LTDA. São José do Rio Preto. Apresenta informações sobre a empresa. Disponível em: <[www.athenamudas.com.br](http://www.athenamudas.com.br)>. Acesso em: jan./fev. 2012.
- BANCO CENTRAL DO BRASIL. Brasília. Apresenta informações sobre a economia e sistema financeiro do Brasil. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/>>. Acesso em: 23 maio 2011.
- BAURU SHOPPING. Bauru. Apresenta informações sobre a estrutura e o funcionamento do empreendimento. Disponível em: <<http://www.baurushopping.com.br/>>. Acesso em: 1<sup>o</sup> mar. 2011.
- BEL S. A. Marília. Apresenta informações sobre a empresa. Disponível em: <[www.bel.com.br](http://www.bel.com.br)>. Acesso em: jan./fev. 2012.
- BRAILE BIOMÉDICA INDÚSTRIA COMÉRCIO E REPRESENTAÇÕES LTDA. São José do Rio Preto. Apresenta informações sobre a empresa. Disponível em: <[www.braille.com.br](http://www.braille.com.br)>. Acesso em: jan./fev. 2012.
- CADBURY BRASIL/KRAFT FOODS BRASIL LTDA. Bauru. Apresenta informações sobre a empresa. Disponível em: <[www.kraftfoods-company.com/br](http://www.kraftfoods-company.com/br)>. Acesso em: jan./fev. 2012.
- CARINO IGREDIENTES LTDA. Apresenta informações sobre a empresa. Disponível em: <[www.carino.com.br](http://www.carino.com.br)>. Acesso em: jan./ fev. 2012.
- CENTRO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo. Apresenta informações sobre aprendizagem industrial. Disponível em: <<http://www.ciesp.com.br>> Acesso em: 26 mar. 2011.

- DORI ALIMENTOS LTDA. Marília. Apresenta informações sobre a empresa. Disponível em: <[www.dori.com.br](http://www.dori.com.br)>. Acesso em: jan./fev. 2012.
- FACCHINI S. A. São José do Rio Preto. Apresenta informações sobre a empresa. Disponível em: <[www.facchini.com.br](http://www.facchini.com.br)>. Acesso em: mar. 2012.
- FACULDADE DE MEDICINA DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO. São José do Rio Preto. Apresenta dados e informações da Faculdade de Medicina. Disponível em: <<http://www.famerp.br/>>. Acesso em: 12 abr. 2011.
- FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BANCOS. São Paulo. Apresenta dados e informações sobre o setor bancário e financeiro do Brasil. Disponível em < <http://www.febraban.org.br/>> Acesso em: jun. 2010-mar. 2011.
- FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo. Apresenta informações sobre as indústrias do Brasil e do estado de São Paulo industrial. Disponível em: <[www.fiesp.com.br](http://www.fiesp.com.br)>. Acesso em: 26 mar. 2011.
- FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS – SEADE. São Paulo. Banco de dados e de informações socioeconômicos do estado e dos municípios de São Paulo. Disponível em: < <http://www.seade.gov.br/>>. Acesso em: fev. 2011.
- GRUPO PÃO DE AÇUCAR. São Paulo. Apresenta dados e informações do Grupo Makro e sua rede de hiper e supermercados. Disponível em: < <http://www.grupopaodeacucar.com.br>>. Acesso em: mar. 2011.
- HOSPITAL DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO/FACULDADE ONDONTOLOGIA DE BAURU. Bauru. Apresenta dados e informações sobre a Faculdade de Odontologia de Bauru. Disponível em: <<http://www.fob.usp.br/>>. Acesso em: 12 abr. 2011.
- HOSPITAL DAS CLÍNICAS DA FACULDADE DE MEDICINA DE MARÍLIA. Marília. Apresenta dados e informações sobre a estrutura e funcionamento do hospital. Disponível em: < <http://www.famema.br/hc/>>. Acesso em: 12 abr. 2011.
- HOSPITAL DAS CLÍNICAS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Botucatu. Apresenta dados e informações sobre a estrutura e funcionamento do hospital. Disponível em: <[www.hc.fmb.unesp.br](http://www.hc.fmb.unesp.br)>. Acesso em: 12 abr. 2011.
- HOSPITAL ESTADUAL BAURU DA UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Bauru. Apresenta dados e informações sobre a

- estrutura e funcionamento do hospital. Disponível em: <<http://www.heb.bauru.unesp.br/>>. Acesso em: 12 abr. 2011.
- INDÚSTRIAS TUDOR SP DE BATERIAS LTDA. Bauru. Apresenta informações sobre a empresa. Disponível em: <[www.tudor.com.br](http://www.tudor.com.br)>. Acesso em: jan./fev. 2012.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Brasília. Apresenta dados e informações socioeconômicos do território brasileiro. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em: de 2009 a 2012.
- \_\_\_\_\_. Brasília. Apresenta a quantidade de população dos censos demográficos de 2000 e 2010 por municípios do Brasil. Disponível em: <[http://www.censo2010.ibge.gov.br/dados\\_divulgados/index.php?uf=35](http://www.censo2010.ibge.gov.br/dados_divulgados/index.php?uf=35)>. Acesso em: maio 2012.
- INSTITUTO DO CORAÇÃO DE RIO PRETO. São José do Rio Preto. Apresenta dados e informações sobre a estrutura e funcionamento do hospital. Disponível em: <<http://www.institutodocoracao.com.br/>>. Acesso em: 12 abr. 2011.
- MARÍLIA ALIMENTOS LTDA. Marília. Apresenta informações sobre a empresa. Disponível em: <[www.marilan.com.br](http://www.marilan.com.br)>. Acesso em: jan./fev. 2012.
- MARÍLIA SHOPPING. Marília. Apresenta informações sobre a estrutura e o funcionamento do empreendimento. Disponível em: <<http://site.mariliashopping.com.br/>>. Acesso em: 2 mar. 2011.
- MINISTÉRIO DA FAZENDA/SERVIÇO FEDERAL DE PROCESSAMENTO DE DADOS – SERPRO. Brasília. Apresenta dados e informações sobre as políticas econômicas no Brasil. Disponível em: <[www.glossarioce.serpro.gov.br](http://www.glossarioce.serpro.gov.br)>. Acesso em: mar. 2011.
- MINISTÉRIO DA PREVIDÊNCIA SOCIAL. Brasília. Apresenta dados e informações sobre as políticas da previdência social no Brasil. Disponível em: <<http://www.mpas.gov.br/>>. Acesso em: mar. 2011.
- MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR. Brasília. Apresenta por meio da Secretaria do Comércio Exterior (Secex) dados e informações sobre a balança comercial brasileira. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br/>>. Acesso em: 12, 13 e 15 fev. 2011.
- MONDELLI INDÚSTRIA DE ALIMENTOS LTDA. Bauru. Apresenta informações sobre a empresa. Disponível em: <[www.mondelli.com.br](http://www.mondelli.com.br)>. Acesso em: jan./fev. 2012.

- PESQUISA DE INVESTIMENTOS ANUNCIADO DO ESTADO DE SÃO PAULO – PIESP/SEADE. São Paulo. Disponível em: <<http://www.seade.gov.br/ produtos/piesp/consultabanco.php>>. Acesso em: fev./mar. 2011.
- PLASÚTIL – INDÚSTRIA E COMÉRCIO LTDA. Bauru. Apresenta informações sobre a empresa. Disponível em: <[www.plasutil.com.br](http://www.plasutil.com.br)>. Acesso em: jan./fev. 2012.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE BAURU. Bauru. Apresenta informações da estrutura administrativas e gerais sobre as cidades. Disponível em: <<http://www.bauru.sp.gov.br/>>. Acesso em: abr. 2011.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE MARÍLIA. Marília. Apresenta informações administrativas e gerais sobre as cidades. Disponível em: <<http://www.mari lia.sp.gov.br/prefeitura/index.html>>. Acesso em: abr. 2011.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO. São José do Rio Preto. Apresenta informações administrativas e gerais sobre as cidades. Disponível em: < <http://www.riopreto.sp.gov.br/ PortalGOV/cache/home.html>>. Acesso em: abr. 2011.
- REDE DE PESQUISADORES SOBRE CIDADES MÉDIAS – ReCiMe. Presidente Prudente. Disponível em: <[www.recime.org.br](http://www.recime.org.br)>. Acesso em: 2010-2011.
- RIO PRETO SHOPPING. São José do Rio Preto. Apresenta informações sobre a estrutura e o funcionamento do empreendimento. Disponível em: <<http://www.riopretoshopping.com.br/>>. Acesso em: 3 mar. 2011.
- SECRETARIA DA SAÚDE DO ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo. Apresenta informações sobre os departamentos regionais de saúde. Disponível em: < <http://www.saude.sp.gov.br/>>. Acesso em: 14 maio 2011.
- SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS – SEBRAE. São Paulo. Apresenta dados e informações sobre a atuação das micro e pequenas empresas no Brasil. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/>>. Acesso em: 20 fev. 2011.
- SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM COMERCIAL. São Paulo. Apresenta dados e informações sobre o conhecimento aplicado ao desenvolvimento do comércio e dos serviços. Disponível em: <<http://www.senac.br/>>. Acesso em: 24 fev. 2011.
- SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM INDUSTRIAL – SENAI. São Paulo. Apresenta dados e informações sobre o conhe-

- cimento aplicado ao desenvolvimento industrial. Disponível em: <<http://www.senai.br>>. Acesso em: 20 fev. 2011.
- SUPERMERCADOS CONFIANÇA. Bauru. Apresenta dados e informações do Grupo Confiança e de sua rede de hiper e supermercados. Disponível em: <<http://www.confianca.com.br/confianca/pt/index.php>>. Acesso em: jul. 2010-fev. 2011.
- SUPERMERCADOS KAWAKAMI. Marília. Apresenta dados e informações do Grupo Kawakami e de sua rede de hiper e supermercados. Disponível em: <<http://www.kawakami.com.br/>>. Acesso em: jul. 2010.
- SUPERMERCADOS MAKRO/BRASIL. São Paulo. Apresenta dados e informações do Grupo Makro e de sua rede de hiper e supermercados. Disponível em: <<http://www.makro.com.br/site/makro/>>. Acesso em: mar. 2011.
- SUPERMERCADOS TAUSTE. Marília. Apresenta dados e informações do Grupo Makro e de sua rede de hiper e supermercados. Disponível em: <<http://www.tauste.com.br/>>. Acesso em: jul. 2010.
- SUPERMERCADOS WALMART/BRASIL. São Paulo. Apresenta dados e informações do Grupo Wal Mart/Brasil e de sua rede de hiper e supermercados. Disponível em: <<http://www.walmartbrasil.com.br/>>. Acesso em: mar. 2011.
- SZR – EMPRESARIAL INDUSTRIAL E EXPORTADORA DE SUBPRODUTOS. São José do Rio Preto. Apresenta informações sobre a empresa. Disponível em: <[www.szr.com.br](http://www.szr.com.br)>. Acesso em: jan./fev. 2012.
- TILIBRA PRODUTOS DE PAPELARIA LTDA. Bauru. Apresenta informações sobre a empresa. Disponível em: <[www.tilibra.com.br](http://www.tilibra.com.br)>. Acesso em: jan./fev. 2012.
- TNT EXPRESS/MERCÚRIO. Bauru e Marília. Apresenta dados e informações do Grupo TNT Express e de sua rede de transportadoras no Brasil e no mundo. Disponível em: <<http://www.tnt.com/express>>. Acesso em: mar. 2011.

SOBRE O LIVRO

*Formato: 14 x 21 cm*

*Mancha: 23,7 x 42,5 paicas*

*Tipologia: Horley Old Style 10,5/14*

EQUIPE DE REALIZAÇÃO

*Coordenação Geral*

Marcos Keith Takahashi



ISBN 978-85-7983-460-8



9 788579 834608

**CULTURA**  
**ACADÊMICA**   
*Editora*